

Mentiras sobre

Jesus

Desafio para o diálogo religioso

José Pinheiro de Souza

Mentiras sobre

Jesus

Desafio para o diálogo religioso

Fortaleza - 2011

Mentiras sobre Jesus - Desafio para o diálogo religioso

©2011 Copyright by José Pinheiro de Souza

Contato com o autor:

E-mail: jpinheirosouza@uol.com.br

Site: www.professorpinheiro.com

Blog: www.jpinheirosouza.blog.uol.com.br

Capa: Mônica Costa

Diagramação: Franciana Pequeno

Ilustração da Capa: Carlos Henrique (Guabiras)

Revisão de Texto: Prof. José Alves Fernandes

S 719 c Souza, José Pinheiro de

Mentiras sobre Jesus: desafio para o diálogo religioso / José Pinheiro de Souza. – Fortaleza: Gráfica LCR, 2011.

240p.

Inclui referências bibliográficas e apêndices.

ISBN 978-85-7915-059-3

Disponível no site www.professorpinheiro.com

1. Religião – ecumenismo. 2. Diálogo inter-religioso.
3. Cristianismo. 4. Espiritismo. I. Título

CDU: 261.8

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	11
NÃO IMPORTA O CAMINHO	12
CREDO MACROECUMÊNICO	13
ABREVIATURAS E SIGLAS	14
APRESENTAÇÃO	15
PREFÁCIO	21
INTRODUÇÃO	33
AS 100 PERGUNTAS E RESPOSTAS	43
1. TODAS AS PASSAGENS EVANGÉLICAS ATRIBUÍDAS A JESUS SÃO LITERAL E HISTORICAMENTE VERDADEIRAS?	43
2. JESUS AFIRMOU QUE OS CRISTÃOS SÃO “O SAL DA TERRA” E “A LUZ DO MUNDO”?	44
3. JESUS AFIRMOU SER “O CAMINHO, A VERDADE E A VIDA” E QUE NINGUÉM IRIA AO PAI A NÃO SER POR ELE?	45
4. JESUS PREGOU SOBRE O “INFERNO ETERNO”?	47
5. JESUS FOI TENTADO PELO DIABO, PASSOU GRANDE PARTE DE SUA VIDA PÚBLICA “EXPULSANDO DEMÔNIOS” DO CORPO DAS PESSOAS E, APÓS SUA MORTE, “DESCEU AOS INFERNOS” ?	51
6. O “JESUS HISTÓRICO” É IDÊNTICO AO “CRISTO DA FÉ”?	52
7. JESUS COSTUMAVA FAZER DECLARAÇÕES EXCLUSIVISTAS, INICIANDO DIÁLOGOS NA 1ª PESSOA DO SINGULAR (“EU SOU”)?	53
8. JESUS FOI O ÚNICO QUE ENSINOU E VIVEU A VERDADEIRA RELIGIÃO (O AMOR)?	55
9. O EXCLUSIVISMO ATRIBUÍDO A JESUS NOS EVANGELHOS É VERDADEIRO?	55
10. O VERSÍCULO “CONHECEREIS A VERDADE E A VERDADE VOS LIBERTARÁ” (JOÃO 8,32) É DE AUTORIA EXCLUSIVA DE JESUS?	55
11. O VERSÍCULO “EU SOU O PRINCÍPIO E O FIM, O ALFA E O ÔMEGA” (APOCALIPSE 1,8) TAMBÉM É DE AUTORIA EXCLUSIVA DE JESUS?	56
12. A CHAMADA “REGRA DE OURO” (MATEUS 7,12) TAMBÉM É DE AUTORIA EXCLUSIVA DE JESUS?	56
13. JESUS DISSE QUE NÃO DEVEMOS JULGAR O PRÓXIMO PARA NÃO SERMOS JULGADOS?	56

14. JESUS PEDE PARA NÃO OLHARMOS O “CISCO” QUE ESTÁ NO OLHO DO NOSSO IRMÃO, QUANDO NÃO PERCEBEMOS A “TRAVE” QUE ESTÁ NO NOSSO?	58
15. OS DOGMAS BÁSICOS DO CRISTIANISMO FORAM INSTITUÍDOS POR JESUS?	59
16. A DOCTRINA DOS CRISTÃOS DOGMÁTICOS É A MESMA DE JESUS?	59
17. JESUS PROFERIU MALDIÇÕES?	60
18. JESUS PREGOU CONTRA “FALSOS PROFETAS” OU “FALSOS MESSIAS”?	60
19. JESUS É O AUTOR DE VÁRIAS PASSAGENS AGRESSIVAS (OU VINGATIVAS) ATRIBUÍDAS A ELE NOS EVANGELHOS?	62
20. JESUS DECLAROU QUE SE TIVERMOS FÉ COMO UM GRÃO DE MOSTARDA PODEREMOS TRANSPORTAR MONTANHAS DE UM LUGAR PARA OUTRO?	65
21. A DEFINIÇÃO DE “CRISTÃO” DADA POR JESUS É A MESMA QUE É DADA PELOS CRISTÃOS DOGMÁTICOS?	67
22. PODEMOS SABER, COM ABSOLUTA CERTEZA, AS “PALAVRAS EXATAS” QUE JESUS FALOU NOS EVANGELHOS?	68
23. COMO PRETENDER, ENTÃO, CONHECER O “JESUS HISTÓRICO”, SE NÃO TEMOS CERTEZA ABSOLUTA DO QUE ELE DISSE E FEZ?	69
24. QUER DIZER, ENTÃO, QUE A MAIOR PARTE DO QUE SE ATRIBUI A JESUS NOS EVANGELHOS NÃO PASSA DE MITO? ...	70
25. JESUS É LITERALMENTE “DEUS CONOSCO” (“DEUS ENCARNADO” E “FILHO DE DEUS”)?	70
26. O MITO DA ENCARNAÇÃO DIVINA DE JESUS DEVE SER INTERPRETADO LITERALMENTE?	72
27. JESUS DECLAROU “SER DEUS”?	73
28. JESUS NASCEU DE UM PARTO VIRGINAL E MIRACULOSO? ...	76
29. A PROFECIA DE ISAÍAS (7,14) É PROVA DO NASCIMENTO VIRGINAL E DA DIVINDADE DE JESUS?	77
30. A MÃE DE JESUS É TAMBÉM A “MÃE DE DEUS”?	79
31. JESUS É “DEUS O FILHO” (SEGUNDA PESSOA DA TRINDADE)? ...	82
32. QUANTOS ERROS OU MENTIRAS CONTÉM O DOGMA DA TRINDADE CRISTÃ?	84
33. JESUS NASCEU EM BELÉM?	86
34. AS PASSAGENS EVANGÉLICAS QUE NARRAM O NASCIMENTO E A INFÂNCIA DE JESUS SÃO NARRATIVAS HISTÓRICAS?	88
35. JESUS RESSUSCITOU FISICAMENTE?	89
36. JESUS RESSUSCITOU LÁZARO, O FILHO DA VIÚVA DE NAIM E A FILHA DE JAIRO?	92

37. JESUS SUBIU AO CÉU, SENTOU-SE À DIREITA DE DEUS, DE ONDE RETORNARÁ PARA JULGAR A HUMANIDADE?	95
38. OS DOGMAS CATÓLICOS SOBRE A NATUREZA DE JESUS SÃO VERDADES ABSOLUTAS, OU RELATIVAS?	97
39. A CRENÇA NA DIVINDADE DE JESUS FAZ BEM, OU MAL, AO DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO?	100
40. A DOCTRINA DE PAULO É IDÊNTICA À DE JESUS?	101
41. O JESUS DE PAULO É IDÊNTICO AO JESUS HISTÓRICO?	102
42. O JESUS HISTÓRICO É IDÊNTICO AO “CRISTO CÓSMICO” (“DEUS DENTRO DE NÓS”)?	102
43. A DOCTRINA CRISTÃ PAULINA É ORIGINAL?	107
44. JESUS É O ÚNICO DEUS-HOMEM “SALVADOR”?	107
45. JESUS É APENAS UM MITO?	108
46. JESUS PROMETEU QUE LOGO RETORNARIA PARA JULGAR A HUMANIDADE?	109
47. JESUS FEZ “MILAGRES” NO DOMÍNIO DA NATUREZA PARA PROVAR QUE ELE ERA DEUS?	109
48. SOMENTE OS MILAGRES ATRIBUÍDOS A JESUS TÊM VALOR HISTÓRICO?	110
49. JESUS FOI A REVELAÇÃO ABSOLUTA, EXCLUSIVA E DEFINITIVA DE DEUS À HUMANIDADE?	112
50. O JESUS DO NOVO TESTAMENTO E DAS VÁRIAS DENOMINAÇÕES CRISTÃS (E NÃO CRISTÃS) É O MESMO? ...	113
51. O “JESUS MÍTICO” (O “CRISTO DA FÉ”) É O ÚNICO “SALVADOR” DA HUMANIDADE?	116
52. A IGREJA CATÓLICA ESTÁ CERTA, AO AFIRMAR QUE O NÚCELO CENTRAL DA PREGAÇÃO DE JESUS FOI O DE SUA UNICIDADE E UNIVERSALIDADE SALVÍFICA?	120
53. JESUS DISSE QUE PEDRO ERA A PEDRA SOBRE A QUAL ELE EDIFICARIA A SUA IGREJA?	124
54. QUER DIZER, ENTÃO, QUE A PASSAGEM DE MATEUS SOBRE A FUNDAÇÃO DA IGREJA DE CRISTO É TOTALMENTE FALSA?	126
55. SE A IGREJA CATÓLICA É A ÚNICA VERDADEIRA, TODAS AS OUTRAS IGREJAS E DEMAIS RELIGIÕES SÃO FALSAS? ..	127
56. É MENTIRA MESMO ATRIBUIR A JESUS A FUNDAÇÃO DE UMA NOVA RELIGIÃO OU IGREJA?	127
57. A IGREJA CATÓLICA É MESMO A ÚNICA “IGREJA DE JESUS E DE DEUS”?	130
58. JESUS INSTITUIU O SACRAMENTO DA EUCARISTIA?	131
59. O APÓSTOLO PAULO ACREDITAVA NA PRESENÇA FÍSICA DE JESUS NA EUCARISTIA?	133

60. A CEIA EUCARÍSTICA CATÓLICA FOI TRANSFORMADA, DEPOIS, NUM RITO PAGÃO DE ANTROPOFAGIA E TEOFAGIA?	135
61. JESUS REALIZOU O MILAGRE DA “TRANSUBSTANCIAÇÃO”?	136
62. JESUS AFIRMOU QUE A COMUNHÃO EUCARÍSTICA É NECESSÁRIA PARA A SALVAÇÃO DE TODOS?	137
63. JESUS AFIRMOU QUE ESTAVA FISICAMENTE PRESENTE NA EUCARISTIA?	138
64. POR QUE JESUS NÃO PODE ESTAR FISICAMENTE PRESENTE NA EUCARISTIA, COM SEU CORPO, ALMA E DIVINDADE?	139
65. OS MILAGRES EUCARÍSTICOS COMPROVAM A “TRANSUBSTANCIAÇÃO”?	140
66. JESUS INSTITUIU O SACRAMENTO DA CONFISSÃO?	142
67. JESUS INSTITUIU O SACRAMENTO DO BATISMO?	143
68. JESUS INSTITUIU E PREGOU O DOGMA DA TRINDADE?	146
69. JESUS PARTICIPOU DA FAMOSA NARRATIVA DA MULHER FLAGRADA EM ADULTÉRIO (JOÃO 8,1-11)?	147
70. JESUS FOI UM PREGADOR ESCATOLÓGICO APOCALÍPTICO? ...	148
71. PARA JESUS, O “REINO DE DEUS” SIGNIFICAVA A IMINENTE INTERVENÇÃO APOCALÍPTICA DE DEUS?	151
72. A PARÁBOLA DOS TRABALHADORES DA VINHA (MATEUS 20,1-16) É DE AUTORIA DE JESUS?	152
73. A PARÁBOLA DA FIGUEIRA (MARCOS 13,28-32) É DE AUTORIA DE JESUS?	154
74. A PARÁBOLA DOS VINHATEIROS HOMICIDAS (MARCOS 12, 1-12; MATEUS 21,33-46; LUCAS 20,9-19) É DE AUTORIA DE JESUS?	154
75. A PARÁBOLA DAS DEZ VIRGENS (MATEUS 25,1-13) É DE AUTORIA DE JESUS?	155
76. A PARÁBOLA DO MAU RICO E DO POBRE LÁZARO (LUCAS 16,19-31) É DE AUTORIA DE JESUS?	155
77. A PARÁBOLA DA VIÚVA POBRE (MARCOS 12,41-44) É DE AUTORIA EXCLUSIVA DE JESUS?	156
78. A PARÁBOLA DO JOIO (MATEUS 13,24-30) É DE AUTORIA DE JESUS?	157
79. A PARÁBOLA DA REDE (MATEUS 13,47-50) É DE AUTORIA DE JESUS?	158
80. A PARÁBOLA DOS TALENTOS (MATEUS 25,14-30) É DE AUTORIA DE JESUS?	158
81. A PARÁBOLA DO MORDOMO (MATEUS 24,45-51) É DE AUTORIA DE JESUS?	158
82. O DISCURSO ESCATOLÓGICO SOBRE O JUÍZO FINAL (MATEUS 25,31-46) É DE AUTORIA DE JESUS?	159

83. O RETORNO FÍSICO DE JESUS PARA JULGAR A HUMANIDADE É VERDADE OU MENTIRA?	160
84. NO ENCONTRO COM NICODEMOS (JOÃO 3,3-10), JESUS FALOU DA NECESSIDADE DO “BATISMO”, OU DA “REENCARNAÇÃO”?	162
85. OS RELATOS DA PAIXÃO-RESSURREIÇÃO DE JESUS SÃO FATOS HISTÓRICOS?	164
86. JESUS ANUNCIOU SUA MORTE E RESSURREIÇÃO?	166
87. O Credo APOSTÓLICO REFERE-SE AO JESUS HISTÓRICO? ...	168
88. JESUS FOI MORTO PELOS JUDEUS?	169
89. JESUS FOI O NOSSO “BODE EXPIATÓRIO”?	170
90. AS PASSAGENS DO “SERVO SOFREDOR” (ISAÍAS 53) REFEREM-SE AO SOFRIMENTO DE JESUS?	173
91. DEUS “AUTOESVAZIOU-SE” NA PESSOA DE JESUS?	175
92. O JESUS DA FÉ DOGMÁTICA É UMA FIGURA RELIGIOSA “EXCLUSIVA”, OU É UM MITO IMPORTADO DAS RELIGIÕES PAGÃS?	178
93. O JESUS DA FÉ DOGMÁTICA NADA TEM A VER COM O “DEUS HÓRUS” DO EGITO ANTIGO?	182
94. O “CRISTO DA FÉ” POUCO TEM A VER COM O “DEUS MITRA” DA PÉRSIA?	183
95. O “JESUS HISTÓRICO” E O “CRISTO DA FÉ” NADA TÊM A VER COM O DEUS HINDU KRISHNA?	183
96. EXISTE POUCA SEMELHANÇA ENTRE JESUS E BUDA?	186
97. QUE OUTRAS COMPARAÇÕES SÃO FEITAS ENTRE BUDA E JESUS?	187
98. JESUS AINDA PODE SER VISTO COMO UM RELIGIOSO EXCLUSIVO?	190
99. A DOCTRINA AUTÊNTICA DE JESUS É A QUE SE ACHA RESUMIDA NA EPÍSTOLA AOS ROMANOS?	193
100. QUAL É A SÍNTESE DO CÓDIGO DE MORAL (OU DE ÉTICA) UNIVERSAL AUTENTICAMENTE ENSINADO POR JESUS NO SERMÃO DA MONTANHA?	194
CONCLUSÃO	197
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	199
APÊNDICE A: PALESTRA SOBRE O “PAULINISMO”	207
APÊNDICE B: PALESTRA SOBRE O “ECUMENISMO”	221
APÊNDICE C: SUMÁRIO DAS MATÉRIAS PUBLICADAS NO BLOG DO PINHEIRO: DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO	231

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos às seguintes pessoas e/ou instituições:

Centro Espírita Simples Como a Fé, Fortaleza-Ceará, na pessoa de seu Presidente, Sr. Salim Ibraim Said, pela autorização que me concedeu para fazer o lançamento deste livro nessa casa espírita, no dia 15 de abril de 2011.

Minha esposa, Iaci, por me haver inspirado com suas palavras e seu testemunho de vida a ideia maior de meus livros ecumênicos de que a verdadeira religião é a prática do amor.

Meus agradecimentos especiais aos que fizeram revisões no texto original deste livro: o escritor judeu Vicente Francimar de Oliveira e o Professor José Alves Fernandes (membro da Academia Cearense de Letras e da Academia Cearense da Língua Portuguesa), principal responsável pela revisão textual desta obra.

Meus sinceros agradecimentos ao escritor espírita José Lázaro Boberg, pela excelente Apresentação deste livro.

Meu muito obrigado a Franciana Pequeno da Silva, pelo suporte na digitação eletrônica e diagramação desta obra (PageMaker), a Mônica Costa, pela elaboração da capa, e a Carlos Henrique (Guabiras), pela ilustração da capa.

Não posso esquecer-me de agradecer a Deus, a Jesus e a outros amigos espirituais, por terem me dado inspiração e coragem de escrever este livro, de natureza bastante polêmica, mas cujo objetivo último é contribuir para a verdadeira paz e fraternidade entre todas as pessoas, independentemente de suas crenças religiosas.

NÃO IMPORTA O CAMINHO

Um juiz passava por uma estrada e encontrou um preto velho enrolando seu cigarro de palha e cumprimentando a todos que por ali passavam, dizendo:

– “Deus te abençoe, meu filho! Deus te acompanhe! Deus te guie! Deus te proteja!”

O juiz, um tanto curioso, perguntou-lhe:

– “O Senhor sabe onde Deus está?”

E o preto velho respondeu-lhe:

– “O Senhor sabe onde Ele não está?”

O juiz, não satisfeito com a resposta, retrucou:

– “O Senhor deve ser muito religioso! Qual é a sua religião?”

E o preto velho respondeu-lhe:

– “Quando vou levar trigo à cidade, posso ir pela rodovia, pela montanha, ou pela estrada do rio, mas, quando chego lá, o patrão não quer saber por onde vim. Ele quer saber se o trigo é de boa qualidade!”

(Autor desconhecido)

Moral da história e sua aplicação a esta obra: Quando formos prestar contas a Deus de nossa vida, Ele não vai querer saber se professamos Religião A, B ou C, mas **se nossas obras foram de boa qualidade!** Ou seja, **para Deus, não importa a religião que se professa, mas o amor que se pratica!** Esta é a chamada tese pluralista da **equivalência funcional** (mas não **doutrinal**) de todas as religiões, defendida neste livro, em oposição aos pontos de vista religiosos que sustentam a exclusividade, unicidade e superioridade de **UM CAMINHO**, isto é, de uma religião em relação às demais. Por essa tese, o catolicismo é tão bom, válido e verdadeiro para os católicos, quanto o judaísmo o é para os judeus, o budismo para os budistas, o espiritismo para os espíritas e assim por diante. Essa tese não afirma, porém, que todas as religiões são igualmente verdadeiras do ponto de vista de suas crenças, de seus dogmas ou de seus mitos, uma vez que, em questões de doutrina, elas se contradizem em muitos pontos. Daí, a necessidade do diálogo religioso aberto e sincero para se saber quem está com a verdade em assuntos doutrinários.

CREDO MACROECUMÊNICO

CREMOS QUE SOMOS TODOS IRMÃOS,
FILHOS DO MESMO PAI.
CREMOS NO AMOR UNIVERSAL,
ENSINADO POR JESUS E POR TODOS
OS MENSAGEIROS DA PAZ,
ENVIADOS POR DEUS
AO LONGO DA HISTÓRIA HUMANA.
CREMOS QUE,
SOMENTE VIVENDO UNIDOS NO AMOR,
EVITANDO QUALQUER ATO DE VIOLÊNCIA
E DISCRIMINAÇÃO CONTRA QUEM QUER QUE SEJA,
PODEREMOS CONSTRUIR UM MUNDO MELHOR,
DE PAZ E FRATERNIDADE.
CREMOS QUE “NÃO IMPORTA O CAMINHO”, ISTO É,
QUE TODAS AS RELIGIÕES
SÃO CAMINHOS VÁLIDOS
NA BUSCA DA VERDADE,
DA PERFEIÇÃO
E DO CRESCIMENTO ESPIRITUAL.
CREMOS QUE
TODO REINO DIVIDIDO PERECERÁ.
CREMOS NO DIÁLOGO FRATERNAL
COMO MEIO DE ESCLARECIMENTO E DE
BUSCA COMUM DA VERDADE RELIGIOSA,
PARA QUE TODOS SEJAMOS UM.
AMÉM.

José Pinheiro de Souza

ABREVIATURAS E SIGLAS

a.C.	Antes de Cristo
d.C.	Depois de Cristo
apud	Citado por (Junto a)
Cf.	Confira (ou confronte)
Ibid.	Ibidem (na mesma obra)
Id.	Idem (o mesmo autor ou a mesma autora)
Op. Cit.	Obra citada
AT	Antigo Testamento
NT	Novo Testamento
SJ	Seminário de Jesus

DICIONÁRIOS DE RELIGIÕES

- DER *Dicionário Enciclopédico das Religiões* (de Hugo SCHLESINGER e Humberto PORTO, Volumes I e II. Petrópolis, Vozes, 1995.
- DRCO *Dicionário de Religiões, Crenças e Ocultismo* (de autoria de George A. MATHER e Larry A. NICHOLS. São Paulo, Vidas, 2000, publicado originalmente nos Estados Unidos, em 1993.

DICIONÁRIOS DA LÍNGUA PORTUGUESA

- HOUAISS HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- AURÉLIO FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed., rev. aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Observação: As citações bíblicas contidas neste livro seguem o texto da *BÍBLIA DE JERUSALÉM*, São Paulo, Edições Paulinas, 1981.

APRESENTAÇÃO

Tomei contato, pela primeira vez, com os ensinamentos do escritor José Pinheiro de Souza, ao receber de presente, do também escritor José Reis Chaves, o livro *Paulinismo*. Isto ocorreu quando lançava, pela Editora Chico Xavier, numa série de palestras que proferi em Belo Horizonte e adjacências, o livro *O Evangelho de Tomé – O elo perdido*. Depois da leitura do livro, empolgado com as informações, tomei a liberdade de entrar em contato com o autor, expedindo comentários sobre o excelente teor de seu trabalho, todo ele bem exposto didaticamente e calcado em pesquisas fidedignas de eminentes desbravadores da vida de Jesus.

Aquilo caiu como uma luva em minhas mãos, pois desde muito tempo, tenho buscado constantemente, em várias fontes de pesquisas, encontrar os verdadeiros ensinamentos sobre Jesus de Nazaré. A leitura da obra aguçou-me, ainda mais, o espírito pesquisador. Mas não ficou por aí, pois, em seguida, recebi do autor seus outros livros escritos anteriormente, todos desenvolvendo a mesma linha de pensamento. A proposta é uma contribuição para o tão necessário diálogo ecumênico, de amor e respeito mútuo entre as criaturas. Li, estudando:

Catecismo Ecumênico – São 200 questões, em forma de perguntas e respostas, à luz da “fé raciocinada”, com o objetivo de contribuir para o diálogo ecumênico entre as várias linhas do pensamento cristão, bem como com outras, não cristãs.

Mitos Cristãos – Um livro que merece ser lido com o espírito desarmado de toda e qualquer influência dogmática, mas com o objetivo de encontrar a verdade sobre o Jesus histórico, que é só homem, e não o Jesus ‘mito’, o Cristo da fé, construído com base em interesses diversos. O leitor encontrará, nesta obra, os esclarecimentos sobre vários mitos criados a respeito do Mestre de Nazaré, tais como: Doutrina da Trindade, nascimento virginal, ressurreição do corpo, transformação da água em vinho, andar sobre as águas, doutrina do juízo final, céu e inferno, pecado original, palavras de Deus, entre tantos outros.

Entrevistas com Jesus – Neste, inteligentemente, o Prof. Pinheiro elabora 400 perguntas e simula respostas dadas pelo próprio Jesus, sobre

os mais diversos temas relacionados com a vida do Mestre. As respostas são, obviamente, sempre do Jesus humano. É um processo pedagógico que facilita a leitura e entendimento do leitor.

Fizemos este introito para, agora, escrever, com muita honra, a convite do autor, a apresentação deste lançamento, *Mentiras sobre Jesus*, que trará, sem dúvida, um novo despertar de consciência das verdades da majestática figura deste homem extraordinário, que, como “Guia e Modelo” para a Humanidade, expressou, no mais alto grau de sua missão, o Amor. Aqui, o leitor, ávido em busca da verdade, encontrará um campo de fatos, com base em pesquisas sérias de especialistas, que demonstram o que Jesus disse, e o que, na realidade, lhe colocaram na boca.

Pinheiro não é um franco-atirador, mas um homem inteligente, lúcido, preparado intelectualmente para o trabalho a que se propôs. Seu currículo de vida traz rígida formação católica, como seminarista e membro da Congregação Salesiana, em que sedimentou sua formação moral que, segundo ele, “representam para mim 12 anos especiais de Deus, que jamais poderei esquecer”. Após desvincular-se daquela congregação, dedicou a vida toda à educação, tornando-se professor universitário, ingressando por concurso, em duas instituições, Universidade Federal e Universidade Estadual, ambas do Ceará. Constam, em sua vida acadêmica, os títulos de Mestre no Ensino do Inglês como Língua Estrangeira e de Ph.D em Linguística, pela Universidade de Illinois, nos Estados Unidos.

Credenciou-se a escrever sobre Jesus, não por mera curiosidade, mas pelo repositório de experiência adquirida nos estudos iniciais de sua formação católica e, após contato com várias fontes de informação, chegou à conclusão de que era necessário, por honestidade de caráter, fazer uma distinção entre as duas modalidades de Cristianismo: O *Cristianismo de Jesus* e o *Cristianismo dos cristãos*. No primeiro, busca trazer aos leitores, o Jesus-homem, profeta, cuja sabedoria fora conquistada ao longo das vivências anteriores, legando à Humanidade ‘um código de moral universal’, resumido na Lei do amor, pluralista, unificador. E, no segundo, também chamado de ‘Cristianismo da fé’, representado por um conjunto de dogmas e mitos, criados pela Igreja, de caráter exclusivista e divisionista, e que tem causado inúmeros conflitos ao longo da história.

Sabemos hoje, pelas descobertas arqueológicas e pesquisas científicas de ponta, realizadas por eminentes estudiosos, que a mensagem original de Jesus foi distorcida, modificada, ampliada para se adequar à ortodoxia cristã. Sensível a esta realidade, Pinheiro, após ter registrado suas conclusões em vários livros, resolve, com coragem de quem procura desvendar a verdade, aprofundar-se um pouco mais nos estudos, lançando o presente livro *Mentiras Sobre Jesus: desafio para o diálogo religioso*.

Este livro, pelas suas características, embasadas em profundas pesquisas de doutos na matéria, tem tudo para tornar-se um *best-seller*, dentre inúmeras obras escritas nesta linha de informação. Embora tenha lido várias obras neste campo de pesquisa, confesso que, até hoje, não encontrei um livro que resumisse tantas informações importantes, expressas com tanto cuidado, numa linguagem inteligível e didática.

À primeira vista, o título *Mentiras sobre Jesus* poderia chocar, se a obra fosse escrita por alguém fora da linha cristã. Mas não. Quem escreve é, não obstante, alguém que traz na alma as marcas da moral cristã, e que não tem outro objetivo senão unir todas as linhas do pensamento cristão e não cristão, pelos ensinamentos verdadeiros do Mestre de Nazaré. Ele declara, em vários momentos, que, entre os dois cristianismos, não titubeou. Decidiu ficar apenas com o “Cristianismo de Jesus”, procurando ser ‘cristão’ no sentido definido por ele mesmo, que é aquele que ama o próximo: “Nisso conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros” (João 13:35).

Uma das maiores autoridades em Bíblia do mundo, *Bart D. Ehrman*, Ph.D em Teologia pela *University of North Carolina*, depois de profundos estudos de *O Novo Testamento*, igreja primitiva, ortodoxia e heresia, manuscritos antigos e a vida de Jesus, disse ter ficado atônito ao descobrir a quantidade de erros e alterações intencionais feitas pelos tradutores antigos. Neste sentido, demonstra o grande impacto que esses erros tiveram sobre a Bíblia que usamos hoje. Também escreveu, semelhantes ao título de Pinheiro, dois livros extraordinários, *best sellers* nos Estados Unidos, denunciando os erros atribuídos a Jesus: **O que Jesus disse? O que Jesus não disse?** e **Quem Jesus foi? Quem Jesus não foi?** Em outras pala-

vras, estes títulos também poderiam perfeitamente receber o nome de *Mentiras sobre Jesus*, sem que nada fosse alterado, pois Ehrman é um dos mais respeitados pesquisadores na atualidade.

É sob esta ótica que o escritor Pinheiro esclarece o sentido do título desse seu 5º livro ecumênico, dizendo: “O termo **mentira** é usado no sentido de *engano, erro, juízo falso, doutrina falsa, afirmação inautêntica, lenda, fábula, ficção, mito* etc. E a expressão **mentiras sobre Jesus** é usada para referir-se a várias palavras e ações falsamente atribuídas a Jesus nos Evangelhos, para satisfazer interesses cristãos”. Assim, certas passagens como ressurreição, andar sobre as águas, transformação de água em vinho, Jesus-Deus, Salvador do mundo, Filho unigênito, nascimento virginal, entre tantas outras afirmações, são, na realidade, mitos importados das religiões pagãs, como produtos criados com elementos das antigas divindades mitológicas, dos séculos anteriores. O autor desvela que a grande semelhança entre Cristo e várias outras divindades, muitos anos antes já cultuadas, como Osíris, Hórus, Krishna, Buda, Mitra, dentre outras, leva-nos à conclusão de que o Cristianismo é uma religião sincretista, uma vez que é a fusão de diversas crenças e mitos.

Aceitar os mitos religiosos como verdade, fica a critério de cada um, de acordo com a fé que alimenta o entendimento no respectivo estágio de evolução. Aliás, afirma Pinheiro que “Os mitos religiosos, quando interpretados simbólica e *metaforicamente*, têm um grande valor e merecem todo o nosso respeito, mas esses mitos, quando interpretados literalmente, como verdades históricas, absolutas e exclusivas desta ou daquela religião, representam um grande mal para a sociedade e para o mundo”. Ora, a interpretação literal dos mitos religiosos mantém os crentes presos a ‘mentiras’, confundindo sentidos metafóricos com sentidos literais da linguagem humana. Aliás, referindo-nos ao imaginário humano em termos de religião, sempre fértil, temos de nos libertar da propaganda enganosa que fez das coisas celestes um repositório das fantasias terrenas. Assim, Jesus, de ser humano, transformou-se em Deus, ‘fazedor de milagres’, com direito de nascer de uma virgem, ressuscitar e tantas outras proezas criadas pelo imaginário.

Seguindo a linha de raciocínio de Kardec – o bom senso encarnado: “É preferível rejeitar 10 verdades a aceitar uma só mentira”,

no que Pinheiro aponta, destemidamente, um rol de inverdades atribuídas a Jesus, que, ao invés de unir os cristãos e não cristãos, os separa com afirmações exclusivistas. Quando da elaboração de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Kardec dividiu em cinco partes as matérias contidas neste livro: *os atos comuns da vida do Cristo; os milagres; as predições; as palavras que foram tomadas pela Igreja para fundamento de seus dogmas; e o ensino moral*. As quatro primeiras têm sido objeto de controvérsias; a última, porém, conservou-se constantemente inatacável. Diante deste código divino, a própria incredulidade se curva. E acrescenta: “É terreno onde todos os cultos podem reunir-se, estandarte sob o qual podem todos colocar-se, quaisquer que sejam suas crenças, porquanto jamais ele constituiu matéria das disputas religiosas, que sempre e por toda a parte se originaram das questões dogmáticas”. É este o Cristianismo das bases, do Jesus humano, alicerçado no amor e é, desta forma, que o autor se declara cristão, deixando de lado o Cristianismo da fé, elaborado mediante o interesse da Igreja.

Recomendo, assim, ao estudioso do Cristianismo, a leitura deste livro, bem como a dos outros do autor. Quem ler, com espírito desarmado e liberto de qualquer preconceito, e, com o intuito de tão somente buscar a verdade, com certeza, após a leitura, não será mais o mesmo. Lembre-se da advertência de Jesus: “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”...

José Lázaro Boberg
Jacarezinho-PR

PREFÁCIO

Estou convicto de que o título deste livro (*Mentiras sobre Jesus: desafio para o diálogo religioso*) possa chocar alguns leitores, por causa do termo “**mentira**” e da expressão “**mentiras sobre Jesus**”. Mas o que significa o termo “mentira”?

Quanto ao sentido do termo “**mentira**”, sigo a definição da própria Igreja Católica, ao afirmar o seguinte:

A mentira é a ofensa mais direta à verdade. Mentir é falar e agir contra a verdade para induzir em erro. Ferindo a relação do homem com a verdade e com o próximo, a mentira ofende a relação fundante do homem e de sua palavra com o Senhor. A *gravidade da mentira* se mede segundo a natureza da verdade que ela deforma, de acordo com as circunstâncias, as intenções daquele que a comete, os prejuízos sofridos por aqueles que são suas vítimas. Embora a mentira, em si, não constitua senão um pecado venial, torna-se mortal quando fere gravemente as virtudes da justiça e da caridade (*Catecismo da Igreja Católica*, São Paulo: Edições Loyola, 1999, Parágrafo 2.483, p. 640).

Além desse sentido católico fundamental de “mentira” como “a ofensa mais direta à verdade”, empregarei também neste livro o termo “mentira” no sentido de “engano”, “erro”, “juízo falso”, “**doutrina falsa**”, “afirmação inautêntica”, “lenda”, “fábula”, “ficção”, “mito” etc., em oposição ao termo “verdade”, que significa “afirmação certa”, “juízo correto”, “**doutrina verdadeira**”, “fato histórico” etc.

Quanto ao significado da expressão “**mentiras sobre Jesus**”, emprego-a sobretudo para expressar uma série de passagens do Novo Testamento, falsamente atribuídas a Jesus, pelos cristãos dogmáticos e “fundamentalistas”, como verdades absolutas e exclusivas do cristianismo.

Sem querer agredir a fé cristã dogmática e fundamentalista (a qual merece todo o nosso respeito, como qualquer outra crença religiosa), mas apenas contribuir para o conhecimento da verdade que nos liberta (“*conhecereis a verdade e a verdade vos libertará*”), analisarei neste meu 5º livro ecumênico, à luz da filosofia espírita da “fé raciocinada” e da história das religiões, várias interpretações literalistas, exclusivistas, fundamentalistas e, portanto, errôneas e

mentirosas, do Novo Testamento, falsamente atribuídas a Jesus, a fim de satisfazer interesses cristãos.

A partir do final do século 18, com o surgimento dos estudos histórico-críticos dos evangelhos, tornou-se comum fazer uma distinção muito constrangedora para a maioria dos cristãos entre o **Cristo da fé** e o **Jesus (ou Cristo) histórico**. Os próprios cristãos pesquisadores, particularmente os protestantes liberais, começaram a postular, ao longo dos seus estudos, que se trata de dois personagens distintos, ou melhor, de **duas maneiras antagônicas de ver a mesma pessoa de Jesus**: o “Cristo da fé”, visto como uma figura celeste a quem se atribui um papel mítico, sendo o próprio Deus que se encarnou miraculosamente no ventre de Maria, para salvar a humanidade, que fundou uma nova religião e uma igreja exclusivistas, e o “Jesus histórico”, visto como um personagem real, uma pessoa inteiramente humana, um profeta (um sábio), que nunca atribuiu a si mesmo os títulos míticos e exclusivistas de único Deus encarnado ou de único salvador da humanidade, mas que veio ensinar ao homem uma forma de vida capaz de o libertar do mal e conquistar o Reino de Deus, **mediante a vivência de um código de leis morais universais**, resumido no chamado *Sermão da Montanha* (Mateus 5-7).

Diante das concepções contraditórias acerca da pessoa de Jesus, defendo a tese de que o **Jesus (ou Cristo) histórico (uma pessoa totalmente humana)** é o **Jesus real – o Verdadeiro Jesus de Nazaré** – um dentre os muitos mensageiros de Deus, enviado à Terra para pregar um código de moral (ou de ética) universal, resumido na lei do amor, a única forma de religiosidade capaz de unir todas as pessoas e todas as crenças, e cuja prática é realmente indispensável para a evolução espiritual da humanidade. Somente a prática do amor-caridade nos fará evoluir espiritualmente.

Abordarei neste livro, sobretudo, a maior polêmica cristã de todos os tempos, que sempre foi (e continua sendo) sobre a verdadeira identidade (ou natureza) de Jesus. Nesse sentido, defendo a corrente cristológica segundo a qual **Jesus é só homem**, em contraposição à corrente cristã paulinista dogmática e mítica, segundo a qual **Jesus é Deus e homem**.

O famoso escritor e ex-padre católico John Dominic Crossan, o maior especialista do mundo no Jesus histórico, idealizador e

cofundador do Seminário de Jesus (SJ), tem afirmado e reafirmado em suas obras que é preciso saber distinguir, na Bíblia, fatos históricos de parábolas religiosas:

Nosso esforço é o de separar o que, nos textos bíblicos, é fato histórico e o que é parábola religiosa. [...] Se as parábolas sobre Jesus fossem tomadas literalmente, nós teríamos sérios erros. [...] Por exemplo, as histórias que contam a infância de Jesus não devem ser entendidas ao pé da letra. Dizer que Herodes matou as crianças em Belém para matar Jesus, como está em *Mateus*, é uma parábola. É afirmar que ele é o novo Moisés e Herodes é o novo faraó do *Antigo Testamento* (John Dominic Crossan, numa entrevista publicada na Revista *SUPER Interessante*, março/2008, p. 17-18).

Nessa visão de Crossan, todas as histórias e cenas que Mateus e Lucas narram acerca do nascimento e da infância de Jesus, por exemplo, a manjedoura, a estrela de Belém, os três reis magos, os pastores, os anjos, os cantores, o massacre das crianças pelo rei Herodes, a fuga para o Egito etc., são *parábolas* e, logo, não podem ser interpretadas ao pé da letra. Interpretá-las *literalmente* como fatos históricos é um grande erro, **uma grande mentira**, sobre as histórias do nascimento e da infância de Jesus.

Crossan tem dito e repetido que os Evangelhos são, de fato, muito mais um conjunto de metáforas e de parábolas religiosas, com a finalidade de expressar a fé dos cristãos no Deus-Jesus, do que de fatos históricos reais. Logo, as narrativas evangélicas não podem ser interpretadas ao pé da letra, mas metaforicamente/simbolicamente. A grande maioria dos cristãos, porém, particularmente os fundamentalistas, ainda continua interpretando toda a Bíblia literalmente, ao pé da letra, como história verdadeira, absoluta e exclusiva do cristianismo.

Os escritores Marcus J. Borg e John Dominic Crossan, no livro “*O Primeiro Natal: o que podemos aprender com o nascimento de Jesus*”, esclarecem muito bem o sentido de “parábola”, na interpretação das histórias da natividade de Jesus, considerando

que a melhor maneira de compreender as histórias da natividade [de Jesus] e seus significados é tratá-las não como fatos nem fábulas, mas como *parábolas*. A parábola é uma forma de fala, assim como a poesia é uma forma de fala. É um modo de usar a linguagem. O modelo

para nossa compreensão das histórias da natividade como parábolas são as parábolas de Jesus. Elas constituíram Seu estilo mais característico de ensinar. Mais parábolas são atribuídas a Jesus do que a qualquer outra figura da tradição judaica (BORG & CROSSAN, 2008, p. 47-48).

Em seu livro “O Nascimento do Cristianismo”, John Dominic Crossan afirma que **“os Evangelhos foram escritos pela fé, para a fé e a partir da fé. [...] Os Evangelhos são teologia em vez de história”** (CROSSAN, 2004, p. 61) (negrito meu).

Ora, se os Evangelhos não são, essencialmente, livros de história, mas de fé, interpretá-los ao pé da letra, como verdades históricas absolutas e exclusivas do cristianismo, como fazem os cristãos dogmáticos e fundamentalistas, não deixa de ser, na minha opinião, uma série de grandes mentiras sobre Jesus.

Mais explicitamente, se quase todos os relatos dos Evangelhos devem ser vistos como parábolas, e não como história, o leitor deve procurar entender o seu *significado parabólico*, pois a importância da parábola está em seu(s) significado(s). Além disso, no dizer de Marcus Borg e John Dominic Crossan, no livro “*A Última Semana: um relato detalhado dos finais de Jesus*”,

não devemos pensar em história como “verdade” e em parábola como “ficção” (e, portanto, sem importância). Somente a partir do Iluminismo do século XVII a cultura ocidental começou a identificar verdade com “factualidade”. De fato, essa identificação é uma das características centrais da cultura ocidental moderna. Tanto os literalistas bíblicos quanto as pessoas que rejeitam a Bíblia completamente fazem isso: os primeiros insistem que a verdade da Bíblia depende de sua factualidade literal [ou seja, de sua historicidade literal] e os segundos veem que a Bíblia não pode ser literal e factualmente verdadeira e, portanto, não a consideram nem um pouco verdadeira. Mas a parábola, independentemente da factualidade histórica, pode ser profundamente verdadeira. De fato, talvez as verdades mais importantes só possam ser expressas através de parábolas (BORG & CROSSAN, 2007, p. 224-225).

A essa altura, algum leitor deste meu livro poderia fazer-me o seguinte questionamento crítico:

– Ora, se os Evangelhos não são, essencialmente, narrativas históricas, mas parabólicas, e se as parábolas não são “mentiras”,

mas “verdades de fé”, como justificar o título deste livro “**Mentiras sobre Jesus**” e a sua busca pelo “**Jesus histórico**”?

E eu responderia mais ou menos assim:

– Concordo com a crença de que as parábolas religiosas são “verdades de fé” (que merecem todo o nosso respeito), mas isso não significa dizer que elas são verdades absolutas e exclusivas desta ou daquela religião. Por isso, esclareço aos leitores deste livro que discordo, não somente do modo literalista e exclusivista dos cristãos fundamentalistas interpretarem a Bíblia, mas discordo também de sua pretensão espiritualmente arrogante de o cristianismo dogmático ser a única religião verdadeira deste planeta. Argumento que esses cristãos ainda se fundamentam na “fé cega” (a que não admite interferência da razão), em contraposição à filosofia espírita da “fé raciocinada” (“aquela que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da humanidade”).

À luz da “fé raciocinada” e da história das religiões, classifico neste meu livro como “**Mentiras sobre Jesus**” as seguintes supostas verdades absolutas e exclusivas da fé cristã dogmática, quando interpretadas literalmente: a divindade de Jesus, sua filiação divina natural, sua unicidade e universalidade salvífica, seu nascimento virginal e miraculoso, a maternidade divina de sua mãe, sua fundação de uma nova religião ou igreja, sua instituição de sacramentos (indispensáveis à salvação), seus milagres no domínio da natureza, sua morte redentora, sua ressurreição corporal, sua ascensão física aos céus e seu retorno físico para julgar a humanidade.

Argumento que todas essas doutrinas da fé cristã dogmática, quando interpretadas *simbolicamente*, têm um grande valor espiritual para alimentar a fé dos cristãos, mas, quando interpretadas *literalmente*, são puras “**mentiras sobre Jesus**”. Interpretar, por exemplo, a narrativa do túmulo vazio de Jesus, de maneira metafórica/parabólica, com o significado de que Jesus não está mais entre os mortos, e sim entre os vivos, é uma grande verdade espiritual sobre Jesus, como afirmam os escritores do Seminário de Jesus Marcos J. Borg e John Dominic Crossan, no livro “A Última Semana” (BORG & CROSSAN, 2007, p. 236), mas afirmar, como faz a grande maioria dos cristãos, que o túmulo vazio é prova da ressurreição física de Jesus, é uma grande mentira sobre Jesus, como veremos neste livro.

Todas as passagens atribuídas a Jesus nos Evangelhos são realmente de autoria dele? Comprovo neste livro que muitas passagens, incluindo parábolas, atribuídas a Jesus nos Evangelhos, não são de sua autoria, mas de autoria dos autores dos Evangelhos (ou de outros líderes religiosos do mundo), com a finalidade de reforçar a fé no Deus-Jesus. Com isso, não estou querendo negar o valor e o significado rico das parábolas, mas apenas mostrar nos Evangelhos o que Jesus realmente disse e fez e o que ele não disse nem fez.

Quanto ao meu interesse pelo **Jesus histórico**, figura já abordada, em parte, neste Prefácio, esclareço ao leitor que a questão que domina os estudos do Novo Testamento nos últimos dois séculos, e principalmente nas últimas décadas, se relaciona sobretudo com a distinção, feita desde o final do século 18, entre o “Jesus histórico”, **uma pessoa inteiramente humana**, e o “Cristo da fé”, **uma pessoa totalmente divina, celeste** (com duas naturezas: **a divina e a humana**).

Mais explicitamente, o “Jesus histórico” é visto como uma figura apenas humana, que nasceu de um parto normal, como qualquer um de nós, enquanto o “Cristo da fé” (também chamado de “Jesus mítico”) é visto como uma figura divina, celeste, Deus encarnado, nascido de um parto virginal e miraculoso (por obra e graça do Espírito Santo), o único salvador da humanidade, que veio à Terra para sofrer e morrer na cruz para pagar os nossos pecados, que ressuscitou ao terceiro dia, que subiu fisicamente ao céu, de onde retornará no fim do mundo para julgar a humanidade, enviando os bons para o céu e os maus para o inferno eterno.

Diante desses dois modos antagônicos de ver Jesus (o Jesus histórico e o mítico), todo mundo pergunta:

– Qual é, então, o verdadeiro Jesus? Jesus não é um só?

E eu respondo:

– Sim, Jesus é um só, mas há maneiras antagônicas de vê-lo. É como a polêmica em torno do ex-presidente Lula. Há aqueles que sempre o julgavam como o melhor presidente que o Brasil já teve, e há os que o consideravam uma tragédia! Do mesmo modo, enquanto a grande maioria dos cristãos vê Jesus como um personagem mítico, divino, celeste, Deus encarnado, o único “Filho de Deus”, o único “Salvador” da humanidade, existem muitos outros cristãos que o

veem como uma pessoa inteiramente humana, um sábio, um profeta, que nunca declarou ser “Deus”, nem “Filho de Deus”, nem o “Salvador” da humanidade. Este é o chamado “Jesus histórico”.

O pioneiro na investigação do “Jesus histórico” foi o professor alemão Hermann Samuel Reimarus (1697-1768), o qual começou a descobrir que o Jesus real (o “Jesus histórico”) não é a pessoa a respeito de quem os Evangelhos canônicos (Mateus, Marcos, Lucas e João) informam, uma vez que os Evangelhos não estão interessados em narrar história, mas em expor as ideias teológicas de seus autores.

Para Reimarus, então, o cristianismo havia dado uma ênfase equivocada e incorreta sobre a pessoa de Jesus, pois ele não foi uma figura literalmente divina, celeste (com duas naturezas), mas um mestre (um profeta, um sábio) religioso, puramente humano.

Reimarus é membro do **grupo dos protestantes liberais**, que, há mais de 200 anos, se interessa cientificamente pelo estudo crítico da Bíblia, particularmente em busca do “Jesus histórico”.

Para atingir esse objetivo, esse grupo, a partir dos próprios relatos evangélicos, procura separar a parte autenticamente histórica dos aspectos fictícios (dogmáticos ou míticos). Esse grupo é pluralista, aberto ao diálogo e fundamentado na chamada “**fé racionalista**” (muito semelhante à “**fé raciocrinada**” kardeciana).

Depois de Reimarus, surgiu o genial protestante liberal (alemão) David Friedrich Strauss (1808-1874), o qual deu forte continuidade ao esforço de Reimarus, em busca do Jesus histórico.

Foi com Strauss que surgiu, no século 19, o conceito de “mitos cristãos”, com o lançamento de sua obra revolucionária, em 1835, quando tinha apenas 27 anos, intitulada *Vida de Jesus – Análise Crítica* (no original, *Das Leben Jesu Kritisch Bearbeitet*).

Nas palavras do teólogo católico Pe. Caetano Minette de Tillesse,

Strauss marca uma distinção clara, dura, genial, entre os acontecimentos “históricos” e as reinterpretações que a eles se acrescentaram. Strauss batiza esses acréscimos de “**mitos**”, palavra que se tornará “clássica” na pesquisa protestante liberal [...] O “mito” falado por Strauss, e reassumido com tanto entusiasmo por toda a pesquisa protestante liberal, corresponde àquilo que os mesmos protestantes chamavam de “**dogma**” (TILLESSE, 1988, p. 7) (negrito meu).

Mais explicitamente, Strauss fez nos Evangelhos uma clara distinção entre **elementos míticos e históricos**, definindo os primeiros como algo lendário ou sobrenatural. A tempestade que irrompeu sobre as 1400 páginas de análise minuciosa custou-lhe a perda de seu primeiro emprego como professor de um seminário em Tübingen. Seus críticos o perseguiram até o ano de sua morte, em 1874.

Strauss, no dizer dos autores do *Dicionário Enciclopédico das Religiões* (DER), “considerava a história evangélica como um mito, surgindo da ideia preconcebida que o povo judeu tinha do Messias. A tese suscitou grande escândalo no clero alemão” (DER, verbete **Strauss, David Friedrich**).

Ao rotular os “dogmas” do cristianismo (principalmente os do catolicismo) de “mitos”, Strauss foi terrivelmente perseguido, mas seu pensamento continua vivo até hoje, através de seus inúmeros seguidores, principalmente os atuais filósofos e teólogos liberais e pluralistas cristãos, como o famoso escritor inglês John Hick, o maior filósofo e teólogo pluralista do mundo atual, com dezenas de obras publicadas, quase todas defendendo a tese de que os dogmas fundamentais do cristianismo tradicional, como o da filiação divina natural de Jesus e o da encarnação de Deus em Jesus, são mitos cristãos e não verdades históricas absolutas (cf. HICK, 1977).

Os estudos racionalistas vêm causando, desde o final do século 18, uma verdadeira revolução na interpretação do cristianismo. Nesse sentido, convém destacar a grande contribuição da Doutrina Espírita, codificada por Allan Kardec, na segunda metade do século 19, mediante as seguintes obras: 1) “O Livro dos Espíritos” (1857); 2) “O Livro dos Médiuns” (1861); 3) “O Evangelho Segundo o Espiritismo” (1864); 4) “O Céu e o Inferno” (1865) e 5) “A Gênese” (1868).

No dizer do escritor espírita J. Herculano Pires, em sua obra “Revisão do Cristianismo”,

os estudos e as pesquisas de tipo universitário, independentes da Igreja, desde Renan a Guignebert, paralelamente com as pesquisas e estudos espíritas, promoveram em nosso tempo, a partir de meados do século 19, a revisão universal do Cristianismo. Renan e Kardec iniciaram essa revisão na mesma época, na segunda metade do século 19, tendo Kardec uma precedência de dez anos e pouco sobre Renan no trato do assunto (PIRES, 1977, p. 9).

Em oposição ao grupo dos **protestantes liberais**, que fazem a distinção entre o “Jesus histórico” e o “Cristo da fé”, surgiu, a partir do final do século 19, o grupo da chamada **neo-ortodoxia protestante**, liderado por Karl Barth (1886-1968), teólogo protestante suíço, e Rudolf Bultmann (1884-1976), teólogo protestante alemão.

Esse grupo, diferentemente do grupo dos protestantes liberais, tenta suprimir qualquer interesse real pelo Jesus histórico, justificando que a busca do Jesus histórico não é condição para assegurar a fé dos cristãos, uma vez que não é o Jesus histórico o objeto do querigma (ou seja do *anúncio*), mas o Cristo ressuscitado. Logo, basta o testemunho de fé da Igreja nascente no Cristo ressuscitado.

Bultmann, o maior líder desse grupo, sempre defendeu a ideia de que os Evangelhos, se interpretados literalmente, nada mais são que uma coleção de mitos. Por isso, alega, basta “confiar” (ter “fé-confiança”) no testemunho de fé da Igreja nascente no “Cristo ressuscitado” (cf. ELIADE, 2006, p. 142; BULTMANN, 2004).

Um outro famoso teólogo e filósofo desse mesmo grupo (da neo-ortodoxia protestante) foi o francês Albert Schweitzer (1875-1965), o qual passou a insistir na ideia de que os Evangelhos são documentos puramente teológicos e não históricos. Portanto, eles não contêm informações confiáveis acerca do Jesus histórico. Em 1906, Schweitzer publicou o livro *A Busca do Jesus Histórico (The Quest of the Historical Jesus)*, obra que o tornou mundialmente famoso.

Seguindo a linha da neo-ortodoxia protestante, Albert Schweitzer reage criticamente contra 251 autores que escreveram sobre o Jesus histórico, desde o tempo de Reimarus até o seu próprio tempo. Ele conclui que um estudo crítico do Jesus histórico “é impossível, simplesmente porque não possuímos fontes históricas, cientificamente inquestionáveis” (apud TILESSE, 1988, p. 19).

Por quase cinco décadas (1920-1970), a grande maioria dos teólogos seguiu a tese de Albert Schweitzer (e dos demais teólogos da neo-ortodoxia protestante) contra a busca do “Jesus histórico”.

Mas, apesar das duras críticas de Albert Schweitzer e dos demais teólogos da neo-ortodoxia protestante contra a busca do “Jesus histórico”, existe hoje em todo o mundo um crescente esforço em busca do “Jesus histórico”, principalmente por parte dos pesqui-

sadores do **Seminário de Jesus** (*Jesus Seminar*). Mas o que é o Seminário de Jesus?

O Seminário de Jesus (SJ) é uma instituição de pesquisadores, iniciada, há 26 anos (em 1985), nos Estados Unidos, fundada pelo americano Robert Funk e pelo historiador e ex-padre católico irlandês John Dominic Crossan, que vem dando plena continuidade à pesquisa em busca do “Jesus histórico”.

John Dominic Crossan, idealizador e cofundador do SJ, considerado o PAPA DO JESUS HISTÓRICO, Professor emérito da Universidade DePaul, Chicago (EUA), autor de 26 livros sobre o Jesus histórico, é considerado o maior especialista do mundo em estudar o Novo Testamento com olhar de historiador.

Seu vigésimo sexto livro, intitulado “*The Greatest Prayer: rediscovering the revolutionary message of THE LORD’S PRAYER*” (‘A Maior Oração: redescobrimo a mensagem revolucionária do PAI-NOSSO’), foi publicado no ano passado (CROSSAN, 2010).

O Seminário de Jesus (SJ) é uma instituição composta por cerca de cem pesquisadores, altamente qualificados, que, há 26 anos, se dedicam à investigação científica dos Evangelhos, em busca das palavras e ações autênticas de Jesus.

Em 2007, realizou-se no Brasil (na UFRJ) o I Seminário Internacional do Jesus Histórico, com a participação de seu idealizador e cofundador John Dominic Crossan.

O SJ é uma reação à neo-ortodoxia protestante, que tentou suprimir qualquer interesse real pelo Jesus histórico ao longo de aproximadamente cinco décadas (1920-1970), e dá plena continuidade ao trabalho dos protestantes liberais, sendo mesmo considerado um verdadeiro “renascimento” dos estudos evangélicos em busca do Jesus histórico.

Conheci obras do SJ, alguns anos antes de ter lido as obras de Allan Kardec. Por isso, esclareço ao leitor deste livro que o conteúdo de minhas obras ecumênicas, sobretudo no que diz respeito à interpretação crítica dos Evangelhos sobre a verdadeira identidade (ou natureza) de Jesus, baseia-se, em grande parte, na pesquisa científica do SJ, publicada sobretudo nestes dois grandes livros: 1) FUNK, Robert W.; HOOVER, Roy W., & THE JESUS SEMINAR. *The Five*

Gospels: what did Jesus really say? The search for the authentic words of Jesus. New York: Macmillan Publishing Company, 1993; 2) FUNK, Robert W., and THE JESUS SEMINAR. *The Acts of Jesus: what did Jesus really do? The search for the authentic deeds of Jesus.* New York: Harper Collins, and Harper San Francisco, 1998.

Os títulos desses dois maiores livros do SJ podem ter, respectivamente, a seguinte tradução para o português: 1) *Os Cinco Evangelhos: O Que Jesus Realmente Disse? (A Busca pelas Palavras Autênticas de Jesus)*; 2) *As Ações de Jesus: O Que Jesus Realmente Fez? (A Busca pelas Ações Autênticas de Jesus)*.

A primeira grande obra do SJ é intitulada “*Os Cinco Evangelhos*” porque ela inclui o Evangelho apócrifo de Tomé, considerado pelo SJ como uma rica fonte de material sobre o Jesus histórico.

Em forte reação aos três grupos anteriores (**os protestantes liberais, os teólogos da neo-ortodoxia protestante e os pesquisadores do Seminário de Jesus**), existe um quarto grupo, o dos chamados **crístãos fundamentalistas**, que dá plena continuidade, de maneira muito mais radical, à velha postura tradicional, anterior ao último quartel do século 18, de interpretar todos os textos bíblicos em “chave histórica”, ou seja, de interpretar a Bíblia de maneira literal e exclusivista, como “Palavra de Deus”, inquestionável, isenta de qualquer erro ou mentira. Esse grupo obviamente guia-se por uma “fé totalmente cega”, sendo, portanto, radicalmente exclusivista e fechado a qualquer tipo de diálogo ecumênico ou inter-religioso.

Nas palavras do renomado teólogo católico Leonardo Boff,

a tese dos fundamentalistas no âmbito religioso é afirmar que a Bíblia constitui o fundamento básico da fé cristã e deve ser tomada ao pé da letra (o fundamento de tudo para a fé protestante é a Bíblia). Cada palavra, cada sílaba e cada vírgula, dizem os fundamentalistas, é inspirada por Deus. Como Deus não pode errar, então tudo na Bíblia é verdadeiro e sem qualquer erro. Como Deus é imutável, sua Palavra e suas sentenças também o são. Valem para sempre (BOFF, 2002, p. 13).

Fortaleza, 25 de fevereiro de 2011

José Pinheiro de Souza

INTRODUÇÃO

Como sou um apaixonado pelo estudo acadêmico ou científico das religiões, sempre tento, em minhas obras ecumênicas, distinguir a verdade do erro, o que não é fácil. Quanto mais estudo as religiões, mais me convenço de que muitas supostas “verdades reveladas” de várias religiões e seitas podem ser apenas criações fantasiosas da imaginação humana, que, um dia, serão desmascaradas, à luz da razão e da ciência, pois, conforme o adágio popular, “a mentira tem as pernas curtas”, e a luz da verdade verdadeira (que é uma só), mais cedo ou mais tarde, brilhará nos corações e na inteligência dos homens, fazendo-os distinguir a verdade do erro, também em matéria de religião.

A ciência é dura, mas é ciência, doa a quem doer. A descoberta de Galileu Galilei também causou grande impacto e a Igreja Católica passou quase 400 anos para aceitá-la oficialmente, porque a verdade termina impondo-se por si mesma. Ninguém poderá resistir a ela eternamente. É só questão de tempo. Os mais abertos e humildes aceitam-na com mais facilidade e maior rapidez, enquanto os mais fechados, orgulhosos e dogmáticos a ela resistem o máximo que puderem para não abdicarem de sua hegemonia e de seu velho modo de pensar e de ver a realidade.

Quanto ao papel da razão na busca da verdade religiosa, devemos saber que o traço distintivo do ser humano em relação aos outros animais é que ele é dotado da faculdade de questionar e conhecer a realidade pelo uso da razão. Mas, a razão humana é limitada por uma série de fatores, dentre os quais a própria imperfeição inerente ao ser humano. Por isso, nossa razão pode acertar na descoberta (mesmo que parcial) da verdade, mas pode igualmente falhar e errar. A razão e a inteligência podem e devem, contudo, desenvolver-se ao longo da carreira evolutiva do ser humano, na busca da verdade, porque o conhecimento da verdade é um dos meios de libertação e de evolução do ser humano: “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (João 8,32).

Como justificar contradições nas revelações supostamente divinas? Será que foi tudo mesmo revelado? Quem garante que foi

Deus mesmo (ou um mensageiro divino) que revelou determinadas verdades? A literatura antiga e a história das religiões estão cheias de mitos, lendas e mentiras sobre supostas revelações divinas. Quem pode assegurar que tais revelações sejam, de fato, todas verdadeiras? Quem pode garantir que não houve deturpações em suas transmissões (como acréscimos, cortes, alterações etc., com fins puramente apoloéticos)?

Por isso, é preciso, de fato, ter muito discernimento e estudo para poder distinguir a verdade do erro, mesmo em se tratando de revelações supostamente divinas e definitivas desta ou daquela religião. É certo que existem verdades religiosas autenticamente reveladas, mas o homem, no estágio evolutivo atrasado em que se encontra, ainda tem muitas dificuldades em distinguir o erro da verdade. Daí, a necessidade do diálogo entre as religiões ou entre denominações diferentes de uma mesma religião para que seus seguidores se aprofundem sempre mais no conhecimento da verdade.

Partindo do princípio de que a verdade em si mesma é uma, se uma religião, em sua dimensão objetiva, nega o que outra afirma, ambas não podem ser igualmente verdadeiras. Diante desse impasse, existem, entre outras, as seguintes possibilidades lógicas: 1) uma só religião está certa e todas as demais estão erradas; 2) todas não podem estar igualmente certas, mas todas podem estar igualmente erradas; 3) todas podem estar parcialmente certas (ou parcialmente erradas – essa é a alternativa mais provável); 4) uma pode estar mais certa que outras; 5) uma pode estar totalmente errada em alguma crença e certa em outras. Essas várias possibilidades lógicas obviamente enfraquecem a pretensão de uma religião, por exemplo, a Igreja Católica, de ser a única verdadeira.

Infelizmente, a grande maioria dos cristãos ainda interpreta quase toda a Bíblia em “chave histórica”, ou seja, de maneira literal e exclusivista, como “Palavra de Deus”, inquestionável, isenta de qualquer erro ou mentira.

Esses cristãos, chamados de “fundamentalistas”, obviamente guiam-se por uma “fé totalmente cega” e, muitas vezes, até fanática, sendo, portanto, radicalmente exclusivistas e fechados a qualquer tipo de diálogo ecumênico ou inter-religioso.

O diálogo inter-religioso que venho incentivando em minhas obras ecumênicas é, sobretudo, entre duas crenças religiosas frontalmente opostas: a católica e a espírita. Quem está com a verdade? O catolicismo ou o espiritismo? Somente através de muito diálogo inter-religioso, aberto e sincero, à luz da “fé raciocinada” e da história das religiões, é que, um dia, saberemos quem está com a verdade verdadeira, **que é uma só**.

Como foi dito no Prefácio deste livro, mas faço questão de repetir nesta Introdução, a partir do final do século 18, com o surgimento dos estudos histórico-críticos dos Evangelhos, tornou-se comum fazer uma distinção muito constrangedora para a maioria dos cristãos entre o **Cristo da fé** e o **Jesus histórico** (ou **Cristo histórico**). Os próprios cristãos pesquisadores, particularmente os protestantes liberais, começaram a comprovar, mediante seus estudos, que se trata de dois personagens distintos. O primeiro é uma figura celeste a quem se atribui um papel mítico, sendo o próprio Deus que se encarnou miraculosamente no ventre de Maria, para salvar a humanidade, que fundou uma nova religião e uma igreja exclusivistas, enquanto o segundo é um personagem histórico, real, um profeta (um sábio), que nunca atribuiu a si mesmo os títulos míticos e exclusivistas de único Deus encarnado ou de único salvador da humanidade, mas que veio ensinar ao homem uma forma de vida capaz de o libertar do mal e conquistar o Reino de Deus, **mediante a vivência de um código de leis morais universais**, resumido no chamado *Sermão da Montanha* (Mateus, capítulos 5 a 7, sintetizado na última questão deste livro, Questão nº 100).

Analiso, neste meu 5º livro ecumênico (intitulado “*Mentiras sobre Jesus: desafio para o diálogo religioso*”), uma série de passagens do Novo Testamento, literalmente interpretadas e falsamente atribuídas a Jesus.

Alguém poderia me fazer a seguinte pergunta:

– É possível e lícito avaliar a “veracidade” ou “falsidade” de doutrinas religiosas?

E eu lhe responderia, com o escritor Donald Wiebe, mais ou menos assim:

– Muitos estudiosos das religiões (cf. WIEBE, 1998, cap. 1) alegam que, num estudo científico ou acadêmico das religiões, não é possível tal empreendimento e, mesmo que o fosse, não se teria o direito de abordar o problema da verdade ou falsidade de doutrinas religiosas, uma vez que a verdade religiosa, situando-se particularmente no plano do mito, não é racional nem empiricamente demonstrável (cf. ARMSTRONG, 2001).

Em outras palavras, muitos defendem a noção de que a religião não pode submeter-se a julgamentos racionais, porque ela não trata de fatos objetivos, mas de valores existenciais, pessoais, íntimos, subjetivos, internos, ocultos, esotéricos, místicos. Existe até o *slogan* “não procurem pela verdade da religião, e sim pela verdade sobre a religião” (WIEBE, p. 9-10). Mas, nesse caso, o estudo das religiões reduzir-se-ia a mera descrição fenomenológica de suas crenças, de seus mitos, de seus rituais etc. (“a verdade sobre a religião”), sem nenhuma avaliação crítica a respeito da veracidade ou falsidade de suas proposições doutrinárias (“a verdade da religião”).

Todavia, se, por um lado, não se pode negar o aspecto *esotérico* (mítico, oculto, íntimo, místico, interior, pessoal, existencial, subjetivo etc.) das religiões, por outro lado, não se pode deixar de reconhecer que elas possuem um caráter *exotérico* (explícito, externo, histórico, público, objetivo, doutrinário etc.) pelo seu caráter social de “produto humano”.

Nesse sentido, concordo plenamente com Donald Wiebe, ao defender a tese segundo a qual é precisamente o aspecto exotérico (público, doutrinário) das religiões que pode e deve ser estudado e avaliado criticamente pelo estudioso científico das religiões. No dizer desse mesmo autor, **“a questão relativa a se as crenças religiosas são verdadeiras ou não é de extrema importância para o estudo acadêmico ou científico da religião”** (WIEBE, p. 171) (negrito meu).

Em todas as minhas obras ecumênicas, defendo essa mesma tese, porque

a linha de separação entre as religiões é sempre esta: *a minha religião é a verdadeira, todas as outras são falsas*. Assim raciocinam o monge budista, o intérprete do Alcorão, o padre xintoísta, o ministro protestante, o

pregador jesuíta. [...] Cada classe tende a se apresentar sob a indumentária do eterno, do infalível, da verdade absoluta (DONINI, 1965, p. 14).

Como afirma corretamente o ilustre teólogo e padre católico Hans Küng, “nenhuma questão na história das religiões tem gerado tantas disputas, tantos conflitos sangrentos e tantas guerras religiosas como a questão da verdade” (KÜNG, 2001, p. 19). Isso ocorre porque cada religião normalmente tem certeza de estar com a “verdade” e de ser a única verdadeira, embora a verdade de uma possa contradizer a de outra. E para defender as suas verdades, as religiões se acham no direito de cometer as maiores atrocidades.

A verdade é uma só. Nesse sentido, refletamos sobre o que escreveu o escritor espírita Severino Celestino da Silva:

Só existe uma “verdade” no Universo, no entanto, ela ainda se encontra dividida em “**minha verdade**” e “**tua verdade**”. Conseqüentemente, enquanto a minha “**verdade**” diferir da tua “**verdade**”, ainda não atingimos a “**real e incontestável verdade**” que está acima de toda e qualquer divisão (SILVA, 2000, p. 91) (negritos do autor).

Em face da postura exclusivista das religiões (particularmente do cristianismo dogmático), defendo (com muitos outros autores) a tese pluralista da **equivalência funcional de todas as religiões** e a de que sem **diálogo**, baseado na “fé raciocinada”, é impossível haver entendimento e progresso na busca da verdade religiosa.

Pretendo atingir neste livro pelo menos dois objetivos ecumênicos centrais:

1) Fazer uma análise crítica dos principais erros doutrinários do cristianismo dogmático, sobretudo os mais exclusivistas, porque eles erguem uma barreira intransponível entre o cristianismo e as outras religiões deste planeta, impedindo a paz, o amor, a fraternidade e o diálogo inter-religioso de igual para igual.

Nesse sentido, o livro combate sobretudo o chamado **mito da unicidade cristã**, ou seja, a pretensão errônea e espiritualmente arrogante do cristianismo dogmático de ser “a única fé verdadeira para toda a humanidade” (*Dicionário de Religiões, Crenças e Ocultismo*, de agora em diante DRCO, MATHER & NICHOLS, 2000,

verbete **cristianismo**), e a pretensão da Igreja Católica de “ser a única Igreja de Cristo” (RATZINGER, 2001, n. 16).

2) Estimular o diálogo e o debate bimilenar (e cada vez mais atual) sobre a verdadeira identidade (ou natureza) de Jesus: **QUEM FOI JESUS?** Justifico a abordagem desse tema, porque a maior polêmica cristã de todos os tempos sempre foi (e continua sendo) sobre **a verdadeira identidade (ou natureza) de Jesus** (cf. CHAVES, 2006c).

Por isso mesmo, Jesus é o personagem sobre o qual mais se tem escrito livros neste planeta – “segundo uma estatística..., publica-se uma média de quatro livros por dia sobre Jesus” (WOODWARD, 2000, p. 97) – mas, mesmo depois de dois mil anos de cristianismo, ainda não se chegou a um consenso (nem mesmo entre os cristãos) acerca de sua verdadeira identidade (ou natureza).

Em face das concepções contraditórias a respeito do personagem central do cristianismo, podemos e devemos perguntar: **JESUS NÃO É UM SÓ? QUAL É, ENTÃO, O VERDADEIRO JESUS?**

Respeito o direito de cada grupo religioso (ou mesmo de cada indivíduo) de defender o seu ‘Jesus’ como sendo o “verdadeiro Jesus” e, por isso mesmo, espero que você, prezado leitor, respeite igualmente o meu direito de defender, neste livro, aquele que é, na minha opinião, **O VERDADEIRO JESUS DE NAZARÉ.**

Quero esclarecer, finalmente, que não sou *teólogo* (no sentido acadêmico do termo), mas um autodidata, um estudioso crítico das religiões, em busca da verdade religiosa, disposto a aderir a ela onde quer que mais me pareça encontrar-se, seguindo obviamente os ditames da minha consciência.

Nesse sentido, refletirei crítica e ecumenicamente neste livro sobre os principais erros doutrinários do cristianismo dogmático (apoiando-me em diversos autores), sem ter medo de me posicionar a respeito das questões examinadas, mas sem a pretensão de ser o “dono da verdade”.

Por conseguinte, prezado leitor, por favor, interprete meus pontos de vista, não como verdades absolutas, mas apenas como opiniões pessoais ou como hipóteses, obviamente sujeitas a revisões

ou mudanças, de acordo com as exigências da filosofia espírita da “fé raciocinada”.

Apoiado nos teólogos cristãos liberais e pluralistas, chamo também os “dogmas cristãos” de “mitos cristãos”. Mas o que são “mitos religiosos”? Posso adiantar, nesta Introdução, que os mitos religiosos, na visão de muitos filósofos e teólogos liberais/pluralistas (adotada neste livro), são crenças irracionais, que alimentam a fé de muita gente, mas que são normalmente falsas, quando *literalmente* interpretadas. Muitas dessas verdades míticas podem ser *metaforicamente* verdadeiras, mas são, quase todas, *literalmente* falsas, como veremos no decorrer desta obra.

Mais explicitamente, de acordo com o ponto de vista que defendo, os mitos religiosos são normalmente falsos (mentirosos), quando são *literalmente* interpretados, mas podem ser verdadeiros, quando são *simbolicamente* (*metaforicamente*) interpretados. Por exemplo, a afirmação de que Jesus é *literalmente* “Filho de Deus” é “falsa” para os teólogos liberais/pluralistas, embora seja “verdadeira” para os católicos. Já a afirmação de que Jesus é *metaforicamente* “Filho de Deus” é “verdadeira” para os teólogos liberais/pluralistas, mas é “falsa” para os cristãos dogmáticos. Como vemos, são pontos de vista totalmente opostos. Quem está com a verdade? A única saída, para se chegar a um consenso, repito, é o diálogo inter-religioso aberto e sincero, fundamentado na argumentação e na “fé raciocinada” (a que admite interferência da razão e que não se nega a fazer revisões nem atualizações em assuntos doutrinários).

Como esclareci no Prefácio, este livro é baseado, sobretudo, nas pesquisas do **Seminário de Jesus (SJ)**, instituição americana séria que, há vinte e seis anos, se dedica a distinguir nos evangelhos os relatos referentes ao “Jesus histórico” dos relatos referentes ao “Cristo da fé”.

O Seminário de Jesus adota os seguintes **sete pilares** (ou **sete colunas**) da moderna pesquisa crítica sobre Jesus (cf. FUNK, HOOVER & THE JESUS SEMINAR, 1993, p. 2-5):

- 1) O primeiro pilar é a distinção fundamental entre o “Jesus histórico” e o “Cristo da fé”, feita desde o século 18, por Reimarus, e desde o século 19, por Strauss;

- 2) O segundo pilar consiste no reconhecimento dos Evangelhos sinópticos (Mateus, Marcos e Lucas) como mais próximos do Jesus histórico do que o Evangelho de João, que quase nada apresenta sobre o “Jesus histórico”, mas sobre o “Cristo da fé”;
- 3) O terceiro pilar é o reconhecimento do Evangelho de Marcos (escrito por volta do ano 70 d.C.) como anterior ao de Mateus e ao de Lucas;
- 4) O quarto pilar é o reconhecimento do Evangelho de Marcos como a fonte básica para o de Mateus e o de Lucas (que são revisões e ampliações do Evangelho de Marcos);
- 5) O quinto pilar é a identificação da hipotética Fonte Q (do alemão *Quelle*), utilizada tanto por Mateus como por Lucas (além da dependência de ambos do Evangelho de Marcos);
- 6) O sexto pilar consiste na rejeição do **Jesus escatológico apocalíptico** (mas não do **Jesus escatológico sapiencial**), ou seja, para os pesquisadores do SJ, o Jesus histórico não foi um “pregador escatológico apocalíptico”, no sentido de pregar que o fim iminente e cataclísmico do mundo estava bem próximo, em que Deus interviria de maneira iminente e cataclísmica, através de seu Filho Jesus Cristo, para julgar a humanidade, enviando os bons para o céu e os maus para o inferno eterno, profecia essa que nunca se cumpriu (nem se cumprirá), mas a mensagem central do Jesus histórico, na opinião do John Dominic Crossan, idealizador e cofundador do Seminário de Jesus, foi a de ser um “pregador escatológico sapiencial”, no sentido de envolver “um modo de vida para agora, em vez de uma esperança de vida para o futuro. [...] **Na escatologia apocalíptica, estamos esperando que Deus aja. Na escatologia sapiencial, Deus está esperando que nós ajamos**” (CROSSAN, 1995, p. 65-67) (negrito meu).
- 7) O sétimo e último pilar consiste no fato de que os Evangelhos são vistos pelos integrantes do SJ muito mais como narrativas teológicas sobre o “Cristo da fé” do que como fatos históricos reais sobre o “Jesus histórico”. Os pesquisadores do SJ chegam a concluir que apenas 18% (dezoito por cento) do total de palavras atribuídas a Jesus nos Evangelhos podem ser realmente consideradas autênticas e que apenas 16% (dezesseis por cento) do total de ações a ele atribuídas nos Evangelhos podem ser, de fato, consideradas autênticas, ou seja, aproximadamente 82% das palavras e 84% das ações atribuídas a Jesus nos Evangelhos não são verdades históricas, mas crenças cristãs (cf. FUNK & THE JESUS SEMINAR, p. 1).

Ainda a respeito do sexto pilar, sobre a rejeição do **Jesus apocalíptico**, pelos pesquisadores do SJ, esclareço ao leitor que essa crença é igualmente rejeitada pela Doutrina Espírita, segundo a qual a humanidade não terá um fim, mas uma *transformação*, na época de sua *regeneração*. Será o fim do mundo velho, a decadência das ideias antigas. De acordo com os integrantes do SJ, o Jesus histórico não foi um pregador da “escatologia apocalíptica”, mas foi um pregador da “escatologia sapiencial”. Crossan distingue, no Novo Testamento, “escatologia apocalíptica” (como a de João Batista, a de Paulo de Tarso e a do Cristo da fé) de “escatologia sapiencial” **(a mensagem central do Jesus histórico)** nos seguintes termos:

A escatologia apocalíptica anuncia que Deus fez a nós somente (algum grupo específico) uma revelação especial e secreta sobre uma intervenção divina iminente e cataclísmica para restaurar a paz no mundo desordenado [...]; **a escatologia sapiencial é o que, finalmente, se tornou a mensagem central de Jesus** [...] Envolve um modo de vida para agora, em vez de uma esperança de vida para o futuro (CROSSAN, 1995, p. 65-67) (Negrito meu).

Este meu 5º livro ecumênico está estruturado em 100 perguntas e respostas, o que não significa dizer que ele contém apenas 100 mentiras sobre Jesus, uma vez que várias respostas contêm mais de uma mentira sobre Jesus; às vezes, uma mesma resposta pode conter até dez (ou mais) mentiras sobre Jesus.

Abordo neste livro aquilo que, na minha opinião, e na de muitos outros autores, não é verdade histórica (mas mito ou mentira) sobre Jesus (o “Jesus histórico”), à luz do bom-senso, da ciência, das pesquisas do SJ, da história das religiões e da filosofia espírita da “fé raciocinada”, *“aquela que pode encarar a razão face a face em todas as épocas da humanidade”* (KARDEC).

Além das 100 perguntas e respostas, publico neste livro três Apêndices: no Apêndice A, publico uma palestra que ministrei num centro espírita de Fortaleza, intitulada “PAULINISMO”; no Apêndice B, publico uma palestra que ministrei em outro centro espírita de Fortaleza, intitulada “ECUMENISMO” e, no Apêndice C, publico o SUMÁRIO de 260 matérias que já publiquei em meu *blog* (*Blog do Pinheiro: diálogo inter-religioso*), criado há três anos, o qual já recebeu mais de 30 mil visitas.

AS 100 PERGUNTAS E RESPOSTAS

1- TODAS AS PASSAGENS EVANGÉLICAS ATRIBUÍDAS A JESUS SÃO LITERAL E HISTORICAMENTE VERDADEIRAS?

Argumento que não. Um grande fator responsável por conflitos e divisões dentro do próprio cristianismo, particularmente entre católicos e protestantes, diz respeito exatamente às diferentes interpretações da Bíblia – considerada a “Palavra de Deus”. Como exemplo dessa situação, pode-se observar – com frequência – que pessoas leigas, em interpretação da Bíblia, citam passagens dos Evangelhos, com a Bíblia em punho, para provar que Jesus realmente disse ou fez tudo aquilo que é atribuído a ele nos Evangelhos, ou seja, como se tudo o que se encontra nos Evangelhos sobre Jesus fossem relatos literalmente verdadeiros a respeito do que ele realmente disse ou fez, quando pesquisas atuais, sérias, como as do Seminário de Jesus (SJ), chegam a concluir que apenas 18% (dezoito por cento) do total de palavras atribuídas a Jesus nos Evangelhos podem ser realmente consideradas autênticas e que apenas 16% (dezesesseis por cento) do total de ações a ele atribuídas nos Evangelhos podem ser, de fato, consideradas autênticas (cf. FUNK & THE JESUS SEMINAR, 1998, p. 1).

Os Evangelhos, como foi esclarecido no Prefácio e na Introdução deste livro, são muito mais narrativas teológicas do que históricas, uma vez que o objetivo principal de seus autores não era escrever documentos literalmente históricos sobre o que Jesus realmente disse ou fez, mas apenas escrever narrativas para alimentar a fé cristã no Jesus divino, celeste (Deus encarnado).

A respeito do modo errôneo de se interpretar a Bíblia literalmente, refletimos sobre o que escreveu John Dominic Crossan, idealizador e cofundador do Seminário de Jesus:

Na minha opinião, como sempre digo, não é que os antigos tenham contado histórias literalmente e hoje sejamos inteligentes o bastante para interpretá-las simbolicamente, mas que as contaram simbolicamente e agora somos tolos o bastante para interpretá-las literalmente (CROSSAN & WATTS, 1996, p. 63).

A Igreja Católica tem proclamado oficialmente a historicidade dos quatro Evangelhos, afirmando, por exemplo, no documento *Dei Verbum* ('Palavra de Deus'), do Concílio Vaticano II, que os Evangelhos transmitem fielmente aquilo que Jesus disse e fez:

A santa mãe Igreja defendeu e defende firme e constantemente que estes quatro Evangelhos, cuja historicidade afirma sem hesitação, transmitem fielmente aquilo que Jesus, o Filho de Deus, ao viver entre os homens, realmente fez e ensinou (*Dei Verbum*, 19).

Pesquisas atuais, sérias, como as do Seminário de Jesus (SJ), desmentem frontalmente essa convicção da Igreja Católica da completa historicidade dos quatro Evangelhos, a respeito do que Jesus disse e fez, como comprovaremos amplamente nesta obra.

2- JESUS AFIRMOU QUE OS CRISTÃOS SÃO “O SAL DA TERRA” E “A LUZ DO MUNDO”?

Segundo os pesquisadores do SJ, não, pois as passagens evangélicas que supostamente confirmam essas afirmações não são de autoria de Jesus, mas do evangelista Mateus: “Vós sois o sal da terra” (Mateus 5,13). “Vós sois a luz do mundo” (Mateus 5,14) (cf. FUNK, HOOVER & THE JESUS SEMINAR, 1993, p. 139).

Jesus sempre rejeitou discriminações desse tipo. Ele nunca excluiu ninguém, nem mesmo os pecadores e os cobradores de impostos. Afirmar que os cristãos são “o sal da terra” e “a luz do mundo” exclui automaticamente os seguidores das outras religiões, os quais não seriam “o sal da terra” e “a luz do mundo”. Somente os cristãos é que seriam “o sal da terra” e “a luz do mundo”.

Essas afirmações exclusivistas, falsamente atribuídas a Jesus, fazem parte do chamado **MITO DA UNICIDADE CRISTÃ**, segundo o qual o cristianismo é a única religião verdadeira, sendo uma religião “exclusiva”, “excepcional” e “única”, o que não é verdade, pois o cristianismo, como comprovo em todas as minhas obras ecumênicas, particularmente neste livro, tem muito em comum com todas as outras religiões: os mesmos ritos, os mesmos mitos, as mesmas lendas etc., como veremos em várias questões deste livro, principalmente nas respostas das perguntas 92, 93, 94, 95, 96 e 97.

3- JESUS AFIRMOU SER “O CAMINHO, A VERDADE E A VIDA” E QUE NINGUÉM IRIA AO PAI A NÃO SER POR ELE?

Essas afirmações superexclusivistas também não são de autoria de Jesus, mas do evangelista João: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vem ao Pai a não ser por mim” (João 14,6).

Argumento que este versículo joanino (João 14,6), um dos mais citados em toda a literatura cristã, não é de autoria de Jesus, porque é um versículo superexclusivista e Jesus foi um personagem altamente pluralista. Por isso, faço um forte alerta macroecumênico a respeito desse famoso versículo joanino, segundo o qual Jesus teria afirmado ser O CAMINHO, A VERDADE E A VIDA. Imaginem quanta discriminação por parte dos cristãos, ao longo de toda a sua história, contra as outras religiões, exatamente com base em interpretações literalistas e exclusivistas dos escritores do Novo Testamento (NT), a respeito de palavras inautênticas atribuídas a Jesus, como as desse famoso versículo joanino.

Se Jesus é literalmente o caminho, não há outro caminho, ou seja, ficam excluídas automaticamente todas as pessoas que seguem outros líderes religiosos e outras religiões. Nesse sentido, o *slogan* tão repetido em minhas obras ecumênicas (**NÃO IMPORTA O CAMINHO!**) perde totalmente o seu sentido pluralista, em favor de uma interpretação altamente exclusivista a respeito da pessoa de Jesus.

Imaginem que dois terços da humanidade (hoje cerca de 4 bilhões de seres humanos não cristãos) ficariam todos excluídos, caso passagens evangélicas exclusivistas como essa fossem realmente autênticas. Em outras palavras, para os cristãos exclusivistas, baseados num Evangelho também superexclusivista, como o de João, só há um caminho e uma só religião. Se Jesus é a verdade, todos os outros caminhos tornam-se automaticamente “falsos”. Se Jesus é a vida, quem não o segue está “morto”, está “perdido” e “condenado” às penas eternas, conforme a interpretação apocalíptica da maioria dos cristãos. É mais do que evidente que o Jesus histórico, pluralista, ecumênico e macroecumênico jamais tenha sido o autor desse versículo joanino superexclusivista e apocalíptico, segundo o qual quem não segue Jesus está morto, perdido e condenado ao inferno.

Esse famoso versículo foi (e continua sendo) a grande lógica para o *slogan* exclusivista: FORA DE CRISTO, NÃO HÁ SALVAÇÃO (ou, mais restritamente, FORA DA IGREJA, NÃO HÁ SALVAÇÃO), uma vez que Jesus não apenas seria o caminho, a verdade e a vida, e ninguém iria ao Pai a não ser por ele, mas também teria fundado uma Igreja e entregue exclusivamente a Pedro as chaves do Reino dos Céus (cf. Mateus 16,18-19). A interpretação exclusivista desse versículo joanino tem apoiado a pretensão do cristianismo institucional de ser “a única fé verdadeira para toda a humanidade” (DRCO, verbete **cristianismo**), todas as demais religiões sendo automaticamente classificadas como “marginais” ou “falsas” (cf. DRCO, p. 379).

É preciso esclarecer também, com base na história das religiões, que o conteúdo do versículo joanino (João 14,6) já havia sido atribuído a outros líderes religiosos do mundo, quatro ou cinco mil anos antes de Cristo. Por exemplo, na literatura sagrada do hinduísmo, Krishna, o filho de Deus, o verbo encarnado, o primeiro salvador do mundo, nascido miraculosamente (de um parto virginal), cerca de cinco mil anos antes de Cristo, também declarava ser **O CAMINHO, A VIDA E A LUZ DA VERDADE**: “**Eu sou o caminho [...]; eu sou a vida [...]; sou eu mesmo a luz da Verdade [...]**” (ROHDEN, *Bhagavad Gita*, p. 92, n. 18-19; p. 101, n. 11) (negrito meu). Hórus (divindade egípcia), quatro (ou cinco) mil anos antes de Cristo, também declarava ser **A LUZ DO MUNDO, O CAMINHO, A VERDADE E A VIDA** (cf. HARPUR, 2008, p. 93).

Em suma, para concluir a resposta da presente pergunta, reafirmo que o conhecidíssimo versículo joanino (João 14,6), literalmente interpretado, e atribuído exclusivamente a Jesus, é, de fato, uma das maiores mentiras do cristianismo dogmático sobre o que Jesus disse. O Jesus histórico, repito, nunca afirmou ser o único caminho e a única verdade, e que ninguém iria ao Pai a não ser por ele. Tal atitude exclusivista de Jesus feriria frontalmente a base de sua doutrina pluralista, qual seja, a do amor ao próximo e a humildade, caracterizando arrogância espiritual, erguendo assim um muro intransponível entre o cristianismo e todas as demais religiões deste planeta. Jesus é um caminho ao lado de muitos outros, mas não o único caminho. Essa velha crença exclusivista do cristianismo dogmático paulinista

precisa mudar. Do contrário, dificilmente poderá haver verdadeira fraternidade entre cristãos e não cristãos e, menos ainda, a existência do diálogo inter-religioso de igual para igual.

4- JESUS PREGOU SOBRE O “INFERNO ETERNO”?

De forma alguma. As passagens evangélicas apocalípticas que atribuem a Jesus a sua pregação do “inferno eterno”, “fogo eterno”, “castigo eterno”, “penas eternas” (tradução do termo hebraico “geena”, que era “o lixão” de Jerusalém) não são de autoria de Jesus, mas dos evangelistas, como as seguintes: “Se a tua mão te escandalizar, corta-a: melhor é entreres mutilado para a Vida do que, tendo as duas mãos, ires para a geena, para o fogo inextinguível [=o inferno eterno]. E se o teu pé te escandalizar, corta-o; melhor é entreres com um só pé para a Vida do que, tendo os dois pés, seres atirado na geena. E se o teu olho te escandalizar, atira-o fora: melhor é entreres com um só olho no Reino de Deus do que, tendo os dois olhos, seres atirado na geena, *onde o verme deles não tem fim e onde o fogo não se extingue*” (Marcos 9, 43-49). “Caso o teu olho direito te leve a pecar, arranca-o e lança-o para longe de ti, pois é preferível que se perca um dos teus membros do que todo o teu corpo seja lançado na geena. Caso a tua mão direita te leve a pecar, corta-a e lança-a para longe de ti, pois é preferível que se perca um dos teus membros do que todo o teu corpo vá para a geena” (Mateus 5,29-30). “Em seguida, dirá aos que estão à sua esquerda: ‘Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e para os seus anjos’ ” (Mateus 25, 41).

Todas essas passagens apocalípticas, repito, não são de autoria de Jesus, mas dos evangelistas Marcos e Mateus. Jesus mesmo nunca ensinou que existe o inferno eterno, no sentido de castigo sem fim, de penas eternas. Ele ensinou, corretamente, que “ninguém deixará de pagar até o último centavo” (Mateus 5,26; Lucas 12,59), ou seja, até o espírito se tornar purificado. Logo, nenhum espírito ficará pagando eternamente suas faltas. Um dia, todos terminarão de pagá-las.

Mais explicitamente, este ensinamento do Jesus histórico nega a existência de castigos eternos, infinitos, e assegura que somos nós mesmos que temos que pagar os nossos pecados, não no in-

ferno eterno, mas em múltiplas (re)encarnações no plano físico, pois nós colhemos o que plantamos, e, portanto, não é Jesus, com seu sangue derramado na cruz, que paga os nossos pecados.

Só quem tem “fé cega” é que pode crer que Deus castiga seus filhos com penas eternas. É preciso refletirmos, à luz do bom-senso e da “fé raciocinada”, que a paternidade, o amor e a misericórdia de Deus não podem conciliar-se com a doutrina cristã repugnante, irracional e mentirosa de castigo eterno, sem fim.

A doutrina cristã apocalíptica de penas eternas (inferno eterno), ou seja, de castigo sem fim, para sempre, após a morte, é, à luz da filosofia espírita da “fé raciocinada”, totalmente absurda, porque contradiz frontalmente a bondade e a misericórdia infinitas de Deus.

Muitos cristãos dogmáticos argumentam que as penas do inferno são eternas porque Deus também é eterno e infinito. Se o ofendido (Deus) é infinito e eterno, as penalidades contra Ele também têm que ser infinitas, eternas. Será que essa argumentação é verdadeira? À luz da fé raciocinada, não. Em primeiro lugar, o Deus verdadeiro não pode “ofender-se”, pois Ele é perfeitíssimo. Somente o Deus antropomórfico, como o dos cristãos fundamentalistas, é que pode se ofender e se vingar dos que o ofendem. Em segundo lugar, faço o seguinte questionamento: Será que algum pai aqui na Terra colocaria na fogueira, por toda a vida, um filho seu por ter cometido uma falta grave? Seria esse um pai amoroso e justo? Claro que não.

Deus seria, por conseguinte, injusto e cruel se punisse **faltas finitas com penas infinitas**. O Deus verdadeiro, porém, pregado pelo Jesus histórico, não é cruel, mas é um Deus de amor e misericórdia infinita.

Reafirmo que, em nossa visão reencarnacionista, não existem penas eternas, mas somente penas temporárias, como ensina a Doutrina Espírita, para que possamos resgatar nossos débitos espirituais cometidos nesta encarnação ou em encarnações passadas.

A crença no inferno eterno, como esclarece o renomado filósofo italiano Pietro Ubaldi, é incompatível com a **reencarnação**:

A teoria do inferno eterno, considerada sem paixão, com a finalidade não de concluir a favor de uma religião ou de outra, mas apenas de conhecer a verdade, não se sustém diante da teoria reencarnacionista, ainda que

possa ser aplicada como um terrorismo psicológico, produto de tempos ferozes, necessário para gente feroz (UBALDI, 1986, p. 184).

Quanto à crença no inferno e no seu **fogo eterno**, reflitamos sobre o que diz o escritor mineiro José Reis Chaves:

A crença no inferno, hoje, também está sendo desmoronada entre os teólogos, embora não falem isso, às vezes, em público, para não assustarem as pessoas mais simples, beatas. [...] Quanto ao **fogo do inferno**, ele é **esotérico** e não **exotérico**. **Esotérico** quer dizer que ele é metafórico. Aliás, o fogo na Bíblia é sempre metafórico (CHAVES, 2006a, p. 189-188) (negrito meu).

A expressão “fogo eterno” é, de fato, pura questão de linguagem figurada. A palavra “eterno” pode ter diversos sentidos, podendo significar não somente “aquilo que não tem fim”, como também “algo de duração imprecisa ou indefinida” ou “algo de longa duração”.

A respeito da etimologia, das mentiras, dos erros de tradução e dos significados primitivos e atuais da expressão “inferno eterno”, aconselho aos meus leitores, que desejarem se aprofundar nesse tema, que leiam as três obras seguintes: 1) RODRÍGUEZ, Pepe. *Mentiras Fundamentais da Igreja Católica*: uma análise das graves contradições da Bíblia e de como esta foi manipulada em proveito da Igreja. Lisboa-Portugal: Editora Terramar, 2001, cap. XVII (A DOCTRINA CATÓLICA DO INFERNO); 2) CHAVES, José Reis. *A Bíblia e o Espiritismo*: artigos teológicos. Belo Horizonte: Editora Espaço Literarium, 2009, p. 125-126) e 2) NETO, Eduardo de Castro Bezerra. *Inferno e céu*: desafio à inteligência. Fortaleza: *Premius* Editora, 2010.

Reflitamos agora um pouco sobre o que diz cada um desses três autores sobre o tema do “inferno eterno”:

Infernus procede etimologicamente de *inferus* – inferior –, dada a crença então existente de que este mundo dos mortos se achava debaixo da terra. Razão, aliás, por que o fogo dos vulcões era visto como uma prova evidente de que os antros do *infernus* se situavam a esse nível. Quando se elaborou o modelo do inferno católico, copiou-se o já existente entre os pagãos, com os seus múltiplos departamentos especializados. Eis o motivo por que o credo [apostólico] não só afirma que Jesus “desceu”, como acrescenta que desceu “aos infernos” (que

eram obviamente vários e não apenas um só, como finalmente acabou sendo convicção da Igreja). Ao confundir a geena (ou seja, o vale de Ge-Ennon e suas antigas lendas) com o inferno, a Igreja acabou por identificar os velhos deuses pagãos como Moloc com o próprio Satanás, transformando os Cananeus em adoradores de demônios (RODRÍGUEZ, 2001, p. 328, nota 5).

“Olam”, em hebraico, significa eterno e é procedente do verbo “alam” (ocultar). Eterno quer dizer, pois, oculto. E em grego, a língua em que foi escrito o Novo Testamento, o substantivo “aêon”, traduzido para a Vulgata Latina de São Jerônimo por “eternitas” (eternidade ou tempo indefinido), é um termo derivado de “aetas” (idade, período). **Vida e inferno eternos são de tempos indeterminados e não para sempre.** Há lógica nisso, pois de acordo com a nossa evolução espiritual, os períodos de existência do espírito vão-se transformando para melhores ou de mais felicidade. E **o inferno eterno é realmente de duração indeterminada, porque depende do carma de cada um** (CHAVES, 2009, p. 125) (negrito meu).

O escritor Eduardo de Castro Bezerra Neto, em seu referido livro (*Inferno e Céu: desafio à inteligência*), defende a tese de que a ideia cristã do castigo eterno (ou inferno eterno) é fruto de traduções erradas do Novo Testamento. Para concluir a resposta da presente pergunta, leiamos o seguinte texto da referida obra desse autor:

O castigo eterno pelo fogo não é a mensagem fiel do que está contido no texto grego do NT [Novo Testamento]. Não foi esse o ensinamento de Jesus. Não foi esse o anúncio retransmitido pelos primeiros pregadores cristãos. Nos dias atuais é necessário retornar ao que está escrito nos manuscritos e buscar reviver a mentalidade dos autores. Para quem tem a mente aberta, não é tão difícil quanto parece. A respeito do *inferno*, trata-se de uma palavra que é empregada em contextos muito diversificados. [...] As imagens têm significados não coincidentes. Se o *inferno* fosse uma realidade definida na mensagem de Jesus, ele a teria apresentado claramente, da forma tal qual é. O ensino seria único, sem deixar dúvidas. Se a mensagem cristã original é tão diversificada a respeito do *castigo*, é porque os convertidos foram instruídos através de imagens que demonstram que as pessoas de má conduta não têm acesso a um fim tranquilo quando morrem. Este é o único ponto em comum em todas as imagens transmitidas aos primeiros cristãos. Quem teve comportamento reprovável em vida, deve aguardar um destino de sofrimento compensatório

do mal praticado. Trata-se de *correção, disciplina, purificação*. A ideia de punição surgiu depois (NETO, 2010, p. 57).

5- JESUS FOI TENTADO PELO DIABO, PASSOU GRANDE PARTE DE SUA VIDA PÚBLICA “EXPULSANDO DEMÔNIOS” DO CORPO DAS PESSOAS E, APÓS SUA MORTE, “DESCEU AOS INFERNOS”?

Aqui, temos mais três grandes mentiras sobre Jesus: 1) a mentira segundo a qual ele foi tentado pelo diabo (cf. Mateus 4,1-11); 2) a mentira segundo a qual ele passou grande parte de sua vida pública “expulsando demônios” do corpo das pessoas (cf. Marcos 1,21-28; 9,17-28; Lucas 4,31-37) e 3) a mentira segundo a qual ele “desceu aos infernos”, ou seja, á “mansão dos mortos”, depois que faleceu (como consta no Credo Apostólico).

Se não existe inferno, como pode Jesus ter sido tentado pelo diabo e tenha passado grande parte de sua vida pública “expulsando demônios” do corpo das pessoas?

Como comprovam os estudiosos críticos das religiões, o inferno (ou os infernos) e o diabo são velhos mitos e, portanto, não podem ser interpretados ao pé da letra, como verdades históricas e absolutas. As narrativas da suposta tentação de Jesus pelo diabo, da sua suposta “expulsão de demônios” do corpo das pessoas e da sua suposta “descida aos infernos”, após sua morte, são lendas inventadas pela imaginação da Igreja antiga, ou copiadas da literatura de outras religiões ou culturas bem mais antigas do que o cristianismo.

Na literatura budista, por exemplo, Buda também foi tentado pelo diabo, prova de que a figura mítica do diabo já existia antes do cristianismo, pois Buda viveu cerca de cinco séculos antes de Cristo.

Várias passagens do Novo Testamento mostram Jesus “expulsando demônios”, chamados também de “espíritos impuros ou imundos”; por exemplo, Marcos (9,17-28) narra a cura de um menino “possuído por um espírito imundo”; na realidade, o referido menino sofria de *epilepsia*, e não de “possessão demoníaca”. É que na época em que a Bíblia foi escrita, todas as doenças eram mítica e erroneamente interpretadas como obra do demônio, o qual não é um personagem real, mas mítico.

O escritor Pepe Rodríguez, em seu referido livro (*Mentiras Fundamentais da Igreja Católica*), esclarece muito bem a origem pagã do diabo, dos demônios e do inferno, nos seguintes termos:

O diabo e as suas legiões de demônios é uma ideia desenvolvida pela religião *pagã* persa que posteriormente penetrou no judaísmo (nomeadamente no Velho Testamento) na época da dominação persa, nos séculos VI-IV a.C. [...] Na época de Jesus, muitas doenças como a epilepsia e outros transtornos de foro psiquiátrico eram atribuídas à possessão demoníaca. O Jesus do Novo Testamento não acreditava na existência do que veio a ser o inferno católico nem, aliás, na existência do inferno, origem dos “demônios” que tanta fama lhe granjearam ao expulsá-los de alguns dos seus seguidores. E a razão é muito simples: “É absolutamente contraditório admitir o amor e a misericórdia de Deus e, ao mesmo tempo, admitir a existência de um lugar de torturas eternas” (Küng, Hans. *Credo*, Trotta, Madrid, 1994, p. 176)”. [...] E, por piada, qualquer turista que visite Jerusalém pode descer à geena, ou inferno católico, passear tranquilamente por ela, bronzear-se (mas não assar) à torreira de um sol abrasador (de um fogo cósmico e não divino, e sair indemne por sua livre vontade, sem ter de comprar indulgências (salvo a gorjeta que dará ao cicerone). Depois de uma tão grande façanha, já se poderá gabar na roda dos seus amigalhões de “ter descido aos infernos”, tal como fez Jesus no credo católico (RODRÍGUEZ, 2001, p. 330-331).

6- O “JESUS HISTÓRICO” É IDÊNTICO AO “CRISTO DA FÉ”?

Não. Como já foi esclarecido no Prefácio e na Introdução deste livro, a partir do final do século 18, com o surgimento dos estudos histórico-críticos dos Evangelhos, tornou-se comum fazer uma distinção muito constrangedora para a maioria dos cristãos entre o **Cristo da fé** e o **Jesus (ou Cristo) histórico**. Os próprios cristãos pesquisadores, particularmente os protestantes liberais, como já vimos, começaram a postular, ao longo dos seus estudos, que se trata de dois personagens distintos, ou melhor, de **duas maneiras antagônicas de ver a mesma pessoa de Jesus**: o “Cristo da fé”, visto como uma figura celeste a quem se atribui um papel mítico, sendo o próprio Deus que se encarnou miraculosamente no ventre de Maria, para salvar a humanidade, que fundou uma nova religião e uma igreja exclusivistas, e o “Jesus histórico”, visto como um personagem real, uma pessoa

inteiramente humana, um profeta (um sábio), que nunca atribuiu a si mesmo os títulos míticos e exclusivistas de único Deus encarnado ou de único salvador da humanidade, mas que veio ensinar ao homem uma forma de vida capaz de o libertar do mal e conquistar o Reino de Deus, **mediante a vivência de um código de leis morais universais**, resumido no *Sermão da Montanha* (Mateus 5-7).

A doutrina central do cristianismo dogmático (“Paulinismo”) é centrada no “Cristo da fé” (um personagem celeste/divino), e não no “Jesus histórico” (um personagem inteiramente humano).

7- JESUS COSTUMAVA FAZER DECLARAÇÕES EXCLUSIVISTAS, INICIANDO DIÁLOGOS NA 1ª PESSOA DO SINGULAR (“EU SOU”)?

Não. Como esclarecem os pesquisadores do SJ (cf. FUNK & THE JESUS SEMINAR, 1998, p. 419) – os evangelistas não receberam pôr na boca de Jesus muitas declarações, **na primeira pessoa do singular** (“Eu sou”), que ele nunca fez, pois ele não costumava iniciar diálogos fazendo afirmações míticas, espiritualmente arrogantes e exclusivistas sobre sua pessoa do tipo:

- Eu sou o pão da vida (João 6,35).
- Eu sou a luz do mundo (João 8,12).
- Eu sou o bom pastor (João 10,11).
- Eu sou a ressurreição e a vida (João 11,25).
- Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai a não ser por mim (João 14,6).
- Eu sou a verdadeira vide (João 15,1).

Essas declarações exclusivistas são “palavras do evangelista João”, e não “palavras autênticas de Jesus”. João quer provar que Jesus é Deus e, por isso, põe em seus lábios expressões desse tipo, ou atribui a ele várias ações miraculosas no domínio da natureza, como a transformação de água em vinho (João 2,1-10), a multiplicação de pães (João 6,1-15), a caminhada sobre as águas (João 6, 16-21), a pesca milagrosa (João 21, 3-14), a ressurreição de Lázaro (João 11) etc., para provar a divindade de Jesus.

O evangelista João nos diz explicitamente por que é que escreveu a sua obra: “Para credes que Jesus é o Messias, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais a vida em seu nome” (João 20,31).

O estudo crítico dos Evangelhos, realizado pelos pesquisadores do SJ, conclui que declarações, como as que exemplifiquei há pouco, nunca foram “palavras exatas” nem “autênticas” (do ponto de vista de seu conteúdo) ditas pelo “Jesus histórico”, mas palavras típicas e exclusivas do evangelista João para expressar a sua interpretação ou a de sua comunidade acerca da pessoa e missão do “Cristo da fé”, personagem bem distinto do “Jesus histórico”.

Nenhum dos versículos joaninos há pouco citados, por exemplo, aparece nos Evangelhos sinópticos (Mateus, Marcos e Lucas). Eles são, portanto, criação exclusiva do evangelista João, que, certamente os copiou de literaturas religiosas bem mais antigas do que o cristianismo, pois Jesus, repito, nunca fez tais declarações exclusivistas, que contradizem radicalmente as leis do código de moral universal que ele ensinou aos seus discípulos, como a humildade, o amor, o pluralismo, a igualdade e a fraternidade, sem discriminar ninguém.

Uma prova clara de que os versículos joaninos, há pouco citados, ou seja, de declarações **na primeira pessoa do singular** (“Eu sou”), são cópias feitas pelo evangelista João de literaturas religiosas bem mais antigas do que o cristianismo, é que frases desse tipo já eram supostamente ditas também pelo deus Hórus, do Egito antigo, cerca de cinco mil anos antes de Cristo, como nos esclarece o escritor cristão Tom Harpur (ex-pastor anglicano), nos seguintes termos:

Pense no seguinte: Hórus (*O Ritual: O Livro dos Mortos egípcio*, c. 78) diz: **“Eu sou Hórus em glória”**; **“Eu sou o Senhor da Luz”**; **“Eu sou o vitorioso (...) Eu sou o herdeiro do tempo eterno”**; **“Eu, eu mesmo, sou aquele que conhece os caminhos para o céu”**. Essas frases todas fortemente remanescentes (ou melhor, talvez se devesse dizer proféticas) das palavras de Jesus: “Eu sou a luz do mundo”, e novamente, “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”. [...] **A “vida” de Jesus nos Evangelhos já estava escrita, em essência, pelo menos 5 mil anos antes da vinda dele.** Um Jesus egípcio ressuscitou dos mortos um Lázaro egípcio em uma Betânia egípcia, na presença de uma Maria e uma Marta egípcias, nas inscrições daquela terra antiga pelo menos 5 mil anos antes da era cristã (HARPUR, p. 86-89) (negrito meu).

8- JESUS FOI O ÚNICO QUE ENSINOU E VIVENCIOU A VERDADEIRA RELIGIÃO (O AMOR)?

Não. Para ser justo, e a bem da verdade histórica, é preciso saber que a “verdadeira religião” – A VIVÊNCIA DO AMOR – não foi ensinada e praticada exclusivamente por Jesus, mas igualmente por muitos outros sábios, profetas, filósofos, fundadores ou não de religião, outros mensageiros do além etc., ao longo da história humana, por exemplo, Sócrates, Platão, Moisés, Buda, Krishna, Zoroastro, Confúcio, Lao-Tsé, Maomé, Baha’u’llah, Gandhi, Martin Luther King Jr., Allan Kardec, Chico Xavier e tantos outros.

9- O EXCLUSIVISMO ATRIBUÍDO A JESUS NOS EVANGELHOS É VERDADEIRO?

De forma alguma. Discordo de qualquer forma de exclusivismo atribuído a Jesus, porque, como já disse, mas não me cansarei de repetir, Jesus, que pregou e viveu a humildade, a justiça, o amor e a fraternidade, jamais fez ou faria qualquer acepção de povos, de pessoas ou de religião.

Sem dúvida alguma, quero reafirmar que foram os autores humanos do Novo Testamento, e não o Jesus histórico, os responsáveis por nos dar a falsa imagem de um Jesus parcial e exclusivista. Sendo Jesus um Mestre pluralista, amoroso e justo, ele jamais iria proclamar-se como o único Messias, o único Salvador, o único Filho de Deus, o único Deus encarnado etc., como ainda acreditam os cristãos dogmáticos e fundamentalistas.

10- O VERSÍCULO “CONHECEREIS A VERDADE E A VERDADE VOS LIBERTARÁ” (JOÃO 8,32) É DE AUTORIA EXCLUSIVA DE JESUS?

Não. Para ser justo, e a bem da verdade histórica, é preciso saber que cerca de cinco mil anos antes de Jesus supostamente ensinar que o conhecimento da verdade liberta o homem, “conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (João 8, 32), no *Bhagavad Gita* dos hindus – correspondente ao Evangelho dos cristãos – Krishna (deus hindu, salvador do mundo, nascido de um parto virginal) já ensinava que,

se alguém se apoderar da Verdade, entrará na mansão da suprema beatitude e repousará na paz da divindade. [...] Quem se integra no Ser Supremo e nele repousa está livre da incerteza e trilha caminho luminoso, do qual não há retorno, porque a luz da verdade o libertou do mal (apud ROHDEN, *Bhagavad Gita*, p. 57, 62).

11- O VERSÍCULO “EU SOU O PRINCÍPIO E O FIM, O ALFA E O ÔMEGA” (APOCALIPSE 1,8) TAMBÉM É DE AUTORIA EXCLUSIVA DE JESUS?

Também não. Essa mesma verdade religiosa, expressa no Apocalipse cristão, “Eu sou o princípio e o fim, o Alfa e o Ômega” (Apocalipse 1,8), já havia sido expressa, cerca de cinco mil anos antes de Cristo, na Escritura Sagrada da Índia, no livro *Bhagavad Gita*: “Eu sou o princípio dos mundos e sou o seu fim” (ROHDEN, *Bhagavad Gita*, p. 78).

12- A CHAMADA “REGRA DE OURO” (MATEUS 7,12) TAMBÉM É DE AUTORIA EXCLUSIVA DE JESUS?

Jesus também não é o autor exclusivo da chamada “regra de ouro”: “Tudo aquilo, portanto que quereis que os homens vos façam, fazei-o vós a eles...” (Mateus 7, 12). Esta máxima de comportamento já era muito conhecida em religiões bem mais antigas do que o cristianismo, por exemplo, no judaísmo: “Não faças a ninguém o que não queres que te façam” (Tobias 4,15); no hinduísmo: “Não faças aos outros aquilo que, se a ti fosse feito, causar-te-ia dor” (apud RAMATIS, 1996, p. 9); no confucionismo: “Não faças aos outros aquilo que não queres que te façam” (ibid.).

13- JESUS DISSE QUE NÃO DEVEMOS JULGAR O PRÓXIMO PARA NÃO SERMOS JULGADOS?

Esta é outra mentira sobre Jesus, pois ele, segundo os integrantes do Seminário de Jesus, não é o autor da seguinte passagem evangélica, falsamente atribuída a ele pelo evangelista Mateus: “Não julgueis, para não serdes julgados. Pois com o julgamento com que julgais sereis julgados, e com a medida com que medis sereis medidos” (Mateus 7,1-2).

Como esclarecem os pesquisadores do SJ (no livro *The Five Gospels*, p. 154), essa passagem do evangelista Mateus, referente à proibição de julgar o próximo, não é de autoria exclusiva de Jesus, uma vez que a proibição de julgar os outros já existia muito tempo antes de Jesus, não só no judaísmo como também em outras religiões mais antigas.

Além disso, se Jesus tivesse sido o verdadeiro autor dessa passagem bíblica de Mateus, ele estaria defendendo também a chamada **lei de talião**, “*olho por olho, dente por dente*”, uma das mais antigas leis existentes no mundo, até mesmo no Código de Hammurabi, no reino da Babilônia, desde o ano 1780 a.C.

O conteúdo da **lei de talião** é idêntico ao do referido versículo de Mateus: “Pois com o julgamento com que julgais sereis julgados, e com a medida com que medis sereis medidos” (Mateus 7,2).

O conteúdo vingativo desse versículo bíblico, prevendo um **castigo igual ao dano causado**, idêntico ao da **lei de talião**, existente também no Antigo Testamento (Êxodo 21,23-24, “vida por vida, olho por olho, dente por dente, pé por pé, queimadura por queimadura, ferida por ferida, golpe por golpe”), é uma doutrina religiosa completamente rejeitada pelo Jesus histórico, substituída pelo amor e o perdão. Nada de vingança.

Como parte da mesma lei do amor, Jesus não teria proibido ninguém de ajudar o próximo a enxergar e corrigir os seus erros, o que é uma tarefa válida. O que Jesus efetivamente teria proibido seria a condenação do próximo sem julgamento justo, o menosprezo entre as pessoas e qualquer discriminação entre irmãos. Isso é o que não devemos fazer. Mas ajudar o próximo a enxergar e corrigir os seus erros é uma tarefa válida e também aprovada pelo próprio Jesus, ao ter afirmado: “**Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará**” (João 8,32) (negrito meu).

Jesus também aprova a “correção fraterna”: “Se o teu irmão pecar, vai corrigi-lo a sós contigo. Se ele te ouvir, ganhaste o teu irmão. Se não te ouvir, porém, toma contigo mais uma ou duas pessoas, para que toda questão seja decidida pela palavra de duas ou três testemunhas” (Mateus 18,15-16).

Quanto à rejeição da **lei de talião**, eis o que diz o próprio Jesus:

Ouvistes que foi dito: *Olho por olho e dente por dente*. Eu, porém, vos digo: não resistais ao homem mau; antes, àquele que te fere na face direita oferece-lhe também a esquerda; e àquele que quer pleitear contigo, para tomar-te a túnica, deixa-lhe também a veste; e se alguém te obriga a andar uma milha, caminha com ele duas. Dá ao que te pede e não voltes as costas ao que te pede emprestado (Mateus 5,38-42).

14- JESUS PEDE PARA NÃO OLHARMOS O “CISCO” QUE ESTÁ NO OLHO DO NOSSO IRMÃO, QUANDO NÃO PERCEBEMOS A “TRAVE” QUE ESTÁ NO NOSSO?

Mesmo na hipótese de Jesus ter feito esse pedido, ele não falou de “cisco” nem de “trave no olho alheio”, como está escrito no seguinte versículo do Evangelho de Mateus: “Por que reparas o cisco que está no olho do teu irmão, quando não percebes a trave que está no teu?” (Mateus 7,3)

Essa famosa passagem evangélica envolve um grande erro de tradução, conforme nos esclarece o teólogo e ex-padre católico Franz GRIESE, nos seguintes termos:

O tradutor do texto de Mateus, escrito originalmente em hebraico, esqueceu-se de que a palavra “rhen” significa “olho” e, popularmente, “**poço**”. Além disso, ele também se esqueceu de que ninguém tira um cisco do próprio olho e, menos ainda, uma trave do próprio olho ou do olho de outra pessoa. Por outro lado, sabemos que os judeus, devido à escassez de água na Palestina, cuidavam muito de seus poços e procuravam mantê-los sempre limpos, chegando mesmo a denunciar os que tinham sujeira. Foi por causa desse fato, que Jesus teria dito: “Por que reparas a **lasca fina que está no poço de teu irmão, quando não percebes a trave que está no teu próprio poço?**” (GRIESE, 1957, p. 112-113) (negrito meu).

A presente questão tem muito a ver com a anterior, ou seja, mesmo que Jesus tenha feito uso das referidas passagens evangélicas (Mateus 7,1-2 e Mateus 7,3), ele não estaria proibindo de ajudarmos o próximo a enxergar e corrigir os seus erros, o que é uma tarefa válida. O que Jesus efetivamente teria proibido, convém repetir, seria a condenação do próximo sem julgamento justo, o menos-prezo entre as pessoas e qualquer discriminação entre irmãos. Isso é o que não devemos fazer. Mas ajudar o próximo a enxergar e

corrigir seus erros é uma tarefa válida e aprovada pelo próprio Jesus, ao ter afirmado: **“Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”** (João 8,32) (negrito meu).

Essa interpretação está em plena consonância com o objetivo principal deste livro, que é precisamente o de ajudar seus leitores cristãos dogmáticos e fundamentalistas a enxergar e corrigir seus erros (ou mentiras) sobre Jesus.

15- OS DOGMAS BÁSICOS DO CRISTIANISMO FORAM INSTITUÍDOS POR JESUS?

De modo algum. É uma outra grande mentira sobre Jesus, afirmar que ele instituiu os dogmas básicos do cristianismo. Os dogmas (ou mitos) básicos do cristianismo não foram instituídos por Jesus, mas pelos cristãos, a começar por Paulo de Tarso. Por isso, muitos estudiosos do cristianismo afirmam, com muita razão, que o termo mais apropriado para designar o “cristianismo tradicional” é **“PAULINISMO”** (título de meu 4º livro ecumênico). A razão simples para essa alegação é que alguns dogmas (ou mitos) básicos do cristianismo ortodoxo, como o da divindade de Jesus, o da sua universalidade salvífica, o da sua ressurreição e o da redenção de todas as pessoas pelo seu sangue derramado na cruz, fazem parte integrante da teologia paulina, como abordo detalhadamente em meu livro *Paulinismo: a doutrina de Paulo em oposição à de Jesus* (SOUZA, 2010b).

16- A DOCTRINA DOS CRISTÃOS DOGMÁTICOS É A MESMA DE JESUS?

De forma alguma. A doutrina dos cristãos dogmáticos, que consiste numa série de dogmas míticos, irracionais e exclusivistas, é frontalmente oposta à doutrina racional e pluralista de Jesus, a qual consiste num **código de leis morais universais, “um código divino”** (cf. Allan Kardec, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Introdução, 1º parágrafo), que não discrimina ninguém, a única forma de religiosidade capaz de unir a cristandade e a humanidade, como bem expresso por Jesus no *Sermão da Montanha* (Mateus, capítulos 5-7), enquanto a doutrina dogmática e mítica dos cristãos, por ser

exclusivista e divisionista, nunca uniu (nem terá jamais condições de unir) a cristandade e a humanidade.

17- JESUS PROFERIU MALDIÇÕES?

Na visão dos integrantes do SJ (que sigo), não. No Evangelho de Lucas, há **quatro maldições (ou condenações)** supostamente proferidas por Jesus (Lucas 6,24-26), em oposição às **quatro bem-aventuranças** pregadas por Jesus no mesmo Evangelho de Lucas (cf. Lucas 6,20-22). Eis as quatro maldições:

- 1) Mas, ai de vós, ricos, porque já tendes a vossa consolação!
- 2) Ai de vós, que agora estais saciados, porque tereis fome!
- 3) Ai de vós, que agora rides, porque conhecereis o luto e as lágrimas!
- 4) Ai de vós, quando todos vos bendisserem, pois do mesmo modo seus pais tratavam os falsos profetas (Lucas 6,24-26).

De acordo com os pesquisadores do SJ, essas quatro maldições são de autoria de Lucas, e não de Jesus (cf. FUNK, HOOVER & THE JESUS SEMINAR, p. 290).

No Evangelho de Mateus, há também **sete maldições (ou condenações)** supostamente pronunciadas por Jesus contra os escribas e os fariseus (**os sete “ais”**): “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, ...” (cf. Mateus 23,30-32).

De acordo com os pesquisadores do SJ, **os sete “ais”** são de autoria de Mateus, e não de Jesus (cf. FUNK, HOOVER & THE JESUS SEMINAR, p. 243-244).

No correto dizer da escritora espírita Lúcia Cominatto, “Jesus, que veio ensinar a amar o próximo como a si mesmo, que era a mansidão em pessoa, jamais usaria expressões que retratassem agressividade” (Comentário feito por essa escritora ao *Blog do Pinheiro*: diálogo inter-religioso, em 15-12-2010).

18- JESUS PREGOU CONTRA “FALSOS PROFETAS” OU “FALSOS MESSIAS”?

Não. Foram os evangelistas que falsamente atribuíram a Jesus pregações apocalípticas contra “falsos profetas” ou “falsos messias”.

Como a grande preocupação constante dos autores do Novo Testamento era defender o mito da *unicidade* e *universalidade* do cristianismo tradicional (a “sã doutrina”), contra os ataques de seus adversários, os chamados “falsos profetas” ou “falsos Messias”, eles colocaram nos lábios de Jesus sérias advertências contra eles, como as seguintes:

Guardai-vos dos falsos profetas, que vêm a vós disfarçados de ovelhas, mas por dentro são lobos ferozes (Mateus 7,15).

E surgirão falsos profetas em grande número e enganarão a muitos (Mateus 24,11).

Pois não de surgir falsos Messias e *falsos profetas*, que *apresentarão* grandes *sinais e prodígios* de modo a enganar, se possível, até mesmo os eleitos. Eis que eu vo-lo predisse (Mateus 24, 24-25; ver também Marcos 13, 22-23).

Esclareço, com os pesquisadores do SJ, que o aparecimento de “falsos profetas” ou “falsos messias” é um tema comum na *literatura escatológico-apocalíptica* judaico-cristã (cf. FUNK, HOOVER & THE JESUS SEMINAR, 1993, p. 157).

O gênero literário escatológico-apocalíptico é uma forma de literatura mítica que contém **revelações** (sob a forma de visões) – **supostamente definitivas** – sobre as coisas que supostamente devem acontecer no fim dos tempos, no fim do mundo (cf. HOUAISS, verbetes **apocalipse/escatologia**).

O termo “apocalipse” é a transcrição duma palavra grega que significa “revelação”; todo apocalipse supõe, pois, uma revelação feita por Deus aos homens de coisas ocultas e só por Ele conhecidas, especialmente de coisas referentes ao futuro (*A Bíblia de Jerusalém*, Introdução ao Apocalipse, p. 1605).

É dentro do gênero literário apocalíptico que os escritores bíblicos geralmente descrevem as chamadas verdades *escatológicas* – as que supostamente se referem aos fins derradeiros do homem: a morte, o juízo, a segunda vinda do “Cristo da fé”, a ressurreição dos mortos etc. Os Evangelhos estão cheios de passagens apocalípticas, até mesmo em muitas parábolas atribuídas a Jesus, como veremos adiante neste livro.

19- JESUS É O AUTOR DE VÁRIAS PASSAGENS AGRESSIVAS (OU VINGATIVAS) ATRIBUÍDAS A ELE NOS EVANGELHOS?

Argumento (com os pesquisadores do SJ) que não, pois as várias passagens agressivas (ou vingativas) atribuídas a Jesus nos Evangelhos não são de autoria dele, mas dos autores dos evangelhos, como as que analiso a seguir:

- 1) “Se alguém não permanecer em mim será lançado fora como um ramo de árvore, e secará; tais ramos são recolhidos, lançados ao fogo e se queimam” (João 15,6). A queima de incrédulos durante a Inquisição da Igreja Católica foi baseada, em grande parte, na interpretação literal dessa passagem evangélica apocalíptica falsamente atribuída a Jesus, o qual não foi um religioso agressivo e vingativo. Logo, é mentira atribuir literalmente a Jesus passagens apocalípticas desse tipo.
- 2) “Não penseis que vim trazer paz à Terra: não vim trazer paz, mas uma espada” (Mateus 10,34). Essa é outra passagem chocante atribuída a Jesus, que contradiz frontalmente seu código divino de moral (ou de ética) universal resumido na lei do amor. Logo, essa passagem evangélica não pode ter sido proferida por Jesus.
- 3) “De fato, aquele que, nesta geração adúltera e pecadora, se envergonhar de mim e de minhas palavras, também **o Filho do Homem** se envergonhará dele quando vier na glória do seu Pai com os santos anjos” (Marcos 8, 38; ver também Marcos 13,26; 14,62; Mateus 16,27; Lucas 9,26; 12,8-10; Mateus 10, 32-33) (negrito meu). De acordo com os pesquisadores do SJ (cf. FUNK, HOOVER & THE JESUS SEMINAR, *The Five Gospels*, p. 77), essa passagem evangélica apocalíptica, atribuída a Jesus, é derivada de Daniel 7 e, por conseguinte, não é de autoria do Jesus histórico, mas posta nos seus lábios pelos escritores do Novo Testamento. Aliás, todos os títulos neotestamentários exclusivistas, míticos e/ou apocalípticos atribuídos a Jesus nos Evangelhos (tais como: **Filho do Homem, Filho de Davi, Filho de Deus, Logos, Senhor...**) são, na sua origem, pré-cristãos, tendo sido posteriormente mudados e adaptados na aplicação feita a Jesus e atribuídos a ele pelos cristãos primitivos.

- 4) “Estando próxima a Páscoa dos judeus, Jesus subiu a Jerusalém. No Templo, encontrou os vendedores de bois, de ovelhas e de pombas e os cambistas em suas bancas. Tendo feito um chicote de cordas, expulsou todos do Templo, com as ovelhas e os bois; lançou ao chão o dinheiro dos cambistas e derrubou as mesas e disse aos que vendiam pombas: ‘Tirai tudo isto daqui; não façais da casa de meu Pai uma casa de comércio’ “ (João 2,13-16). Em primeiro lugar, de acordo com os pesquisadores do SJ (cf. FUNK & THE JESUS SEMINAR, *The Acts of Jesus*, p. 373-374), existe uma forte contradição entre a narrativa de João e as dos Evangelhos sinópticos quanto ao contexto e ao conteúdo dessa passagem evangélica: no Evangelho de João, ela ocorre quase no início da vida pública de Jesus, enquanto nos Evangelhos sinópticos ela ocorre na última semana de vida pública de Jesus, ou seja, na Semana da Paixão de Cristo; em segundo lugar, o modo de Jesus falar e o que ele diz nesse episódio diferem muito entre a passagem de João e as dos outros evangelistas. Os pesquisadores do SJ acham que Jesus pode ter, de fato, feito algumas críticas ao culto do Templo, sobretudo contra a comercialização feita nele, mas não que ele tenha ficado com “raiva” e tenha feito um “chicote” e expulsado “todos” do Templo, pois o Templo era enorme e continha milhares de fiéis durante as grandes festas. Se ele tivesse tentado expulsar “todos” do Templo, ele teria sido preso. Essa passagem evangélica, portanto, interpretada toda ao pé da letra, como fato histórico, é mais uma mentira sobre Jesus.
- 5) “Se alguém escandalizar um desses pequeninos que creem, melhor seria que lhe enfiassem pelo pescoço a mó que os jumentos movem e o atirassem ao mar” (Marcos 9, 42). Esse versículo apocalíptico, conforme esclarecem os pesquisadores do SJ, era um provérbio usado pelos judeus em vários contextos, muito tempo antes da vinda de Jesus, mas que foi erroneamente atribuído exclusivamente a ele pelos autores dos Evangelhos sinópticos.
- 6) “E se a tua mão te escandalizar, corta-a: melhor é entrares mutilado para a Vida do que, tendo as duas mãos, ires para a geena [=para o inferno eterno], para o fogo inextinguível” (Mar-

cos 9, 43-44). Esse versículo apocalíptico já foi analisado na resposta da pergunta nº 4 deste livro (**JESUS PREGOU SOBRE O “INFERNO ETERNO”?**), na qual afirmei que as passagens evangélicas apocalípticas que atribuem a Jesus a sua pregação do “inferno eterno”, “fogo eterno”, “castigo eterno”, “penas eternas” (tradução do termo hebraico “geena”) não são de autoria de Jesus, mas dos evangelistas.

- 7) “Aquele, porém, que me renegar diante dos homens, também o renegarei diante de meu Pai que está nos Céus” (Mateus 10,33). Jesus, que ensinou o amor até aos inimigos, não poderia ter sido um profeta vingativo. Logo, essa passagem bíblica apocalíptica também não é de autoria de Jesus.
- 8) “Na verdade eu vos digo: tudo será perdoado aos filhos dos homens, os pecados e todas as blasfêmias que tiverem proferido. Aquele, porém, que blasfemar contra o Espírito Santo, não terá remissão para sempre. Pelo contrário, é culpado de um pecado eterno” (Marcos 3,28-29; Mateus 12,32; Lucas 12,10). Eu pergunto (com o escritor judeu Francimar de Oliveira, ao ler e revisar este livro): “Por que o pecado contra o Pai e o Filho poderão ser perdoados, mas o pecado contra o Espírito Santo, não? O Espírito Santo é maior do que o Pai? O dogma cristão não proclama a igualdade das três pessoas divinas?” Essa passagem evangélica (contraditória e apocalíptica) não é de autoria de Jesus, mas dos evangelistas, com a finalidade de defenderem a doutrina apocalíptica do inferno eterno e a controvertida divindade do Espírito Santo (Terceira Pessoa da Trindade). Outro argumento contra a referida passagem evangélica: Se o pecado contra o Espírito Santo não tem perdão, o sacramento católico da confissão, ou seja, do perdão gratuito de todos os nossos pecados, perde totalmente o seu sentido, pois quem peca contra o Espírito Santo não será perdoado. Quantas contradições e mentiras!
- 9) “De manhã, ao voltar para a cidade, [Jesus] teve fome. E vendo uma figueira à beira do caminho, foi até ela, mas nada encontrou, senão folhas. E disse à figueira: ‘Nunca mais produzas fruto!’ E a figueira secou no mesmo instante” (Mateus 21,18-19; Marcos 11,12). Eu pergunto (com os pesquisadores do SJ): “Como poderia Jesus ter amaldiçoado uma figuei-

ra por estar infrutífera fora de estação?” Essa passagem evangélica, interpretada literalmente, é, portanto, completamente absurda, mentirosa e, logo, não pode ter sido de autoria de Jesus (cf. FUNK, HOOVER & THE JESUS SEMINAR, p. 97).

- 10) “É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha que um rico entrar no Reino de Deus” (Marcos 10,25; Mateus 19,24; Lucas 18,25). De acordo com os integrantes do SJ (cf. *The Five Gospels*, p. 223), este versículo parece ser um aforismo humorístico, que não pode ser interpretado literalmente, uma vez que nenhum camelo pode literalmente passar pelo buraco de uma agulha. Acreditar que Jesus disse literalmente essa frase é crer que nenhum rico poderá salvar-se, o que é uma mentira, pois Jesus nunca discriminou ninguém. Logo, ele não pode ter sido o autor literal dessa passagem bíblica.

Há, nos Evangelhos, inúmeras outras passagens apocalípticas semelhantes às que acabei de analisar nesta questão, mas creio que essas são suficientes para mostrar ao leitor que nenhuma passagem arrogante (vingativa, agressiva ou apocalíptica) é de autoria do Jesus histórico, mas dos autores dos Evangelhos.

20- JESUS DECLAROU QUE SE TIVERMOS FÉ COMO UM GRÃO DE MOSTARDA PODEREMOS TRANSPORTAR MONTANHAS DE UM LUGAR PARA OUTRO?

Segundo o Evangelho de Mateus, interpretado literalmente, Jesus fez essa declaração: “Se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Transporta-te daqui para lá, e ele se transportará, e nada vos será impossível” (Mateus 17,20-21).

A grande maioria dos cristãos ainda interpreta literalmente essa suposta declaração de Jesus e crê também que ele fez “milagres” que anulam as leis da natureza, como ressuscitar mortos, acalmar uma tempestade, andar sobre as águas, multiplicar pães, transformar água em vinho, mudar a substância do pão e do vinho em seu próprio corpo e sangue etc.

Milagres desse tipo são igualmente atribuídos a muitos outros personagens da literatura religiosa deste planeta: sabe-se, por exemplo, que o profeta Eliseu (cf. 2Reis 4,42-44) também “multiplicou”

pães, Buda também alimentou 5.000 homens com um único pão (cf. GRIESE, 1957, p. 111), um discípulo de Buda também “andou” sobre as águas do rio Acivarati (cf. FUNK & THE JESUS SEMINAR, p. 207) e vários profetas, como Elias e Eliseu (1Reis 17; 2Reis 4), também “ressuscitaram” mortos etc.

Antes de concluir mais diretamente a resposta da presente pergunta, quero esclarecer ao leitor, à luz do espiritismo, que não existe “milagre”, no sentido vulgar (e até mesmo teológico) de “uma derrogação das leis da natureza, por meio da qual Deus manifesta o seu poder” (KARDEC, *A Gênese*, cap. 13, n. 1). Em outros termos, para o espiritismo, “não há milagres, nem fatos sobrenaturais, tudo o que pertence ao universo fenomênico é natural” (PALHANO, 1997, p. 249). (Para a interpretação espírita dos milagres atribuídos a Jesus nos Evangelhos, ver KARDEC, *A Gênese*, cap. 15.)

A essa altura de minha reflexão, alguém poderia fazer-me o seguinte questionamento:

- “Mas Jesus não declarou, no Evangelho de Mateus (17,20-21), que se tivermos fé como um grão de mostarda, poderemos transportar montanhas de um lugar para outro? Isso não seria um milagre que anularia as leis da natureza?”
- Com certeza. Se esse tipo de milagre realmente ocorresse, seria uma violação contra as leis da natureza. Só que esse tipo de milagre nunca aconteceu na história da humanidade. Quem quiser tentar realizá-lo ficará decepcionado, pois não foi no sentido literal/físico (mas no sentido figurado/moral) que Jesus fez essa afirmação de **fé-confiança**.

Como explica muito bem Allan Kardec (no livro *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. 19, n. 2),

é somente no seu sentido moral que devemos entender estas palavras. As montanhas que a fé transporta são as dificuldades, as resistências, a má vontade. [...] Os preconceitos da rotina, o interesse material, o egoísmo, a cegueira do fanatismo e as paixões orgulhosas são outras tantas montanhas que atravancam o caminho dos que trabalham para o progresso da humanidade.

21- A DEFINIÇÃO DE “CRISTÃO” DADA POR JESUS É A MESMA QUE É DADA PELOS CRISTÃOS DOGMÁTICOS?

De forma alguma. No Evangelho de João (13,35), existe uma definição de “cristão”, dada por Jesus, bem diferente da definição mítica de “cristão” fornecida pelos autores do *Dicionário Enciclopédico das Religiões* (DER).

“Cristão”, segundo a própria definição de Jesus, é, literal e essencialmente, **AQUELE QUE AMA O PRÓXIMO: “Nisso conhecerão todos que sois meus discípulos [isto é, que sois “cristãos”], se tiverdes amor uns pelos outros”** (João 13,35) (negrito meu).

Como esclarece o autor dos Atos dos Apóstolos, foi em Antioquia que, pela primeira vez, os discípulos de Jesus receberam o nome de “cristãos”, isto é, “seguidores (discípulos) de Cristo” (cf. Atos 11, 26).

“Cristão”, portanto, em seu significado etimológico, é “aquele que segue Cristo”, ou seja, aquele que segue ou tenta seguir a sua doutrina autêntica. Mas qual foi a doutrina verdadeiramente ensinada por Jesus? Não foi o **AMOR**? Não é verdade que ele resumiu todos os seus ensinamentos no **MANDAMENTO DO AMOR AO PRÓXIMO**? **“Isto vos ordeno: amai-vos uns aos outros”** (João 15,17) (negrito meu).

É curioso observar que as definições de “cristão” e de “cristianismo” – normalmente encontradas na literatura cristã – não enfatizam o mandamento do amor ao próximo ordenado por Jesus. São, ao contrário, definições centradas nos títulos e nos dogmas míticos que lhe foram atribuídos pelos cristãos ao longo dos séculos.

No DER (*Dicionário Enciclopédico das Religiões*), por exemplo, “cristão” é miticamente definido como aquele que

- reconhece a Jesus Cristo como verdadeiro Deus e verdadeiro homem, Filho único do Pai Eterno;
- proclama que ele, o Crucificado e Ressuscitado, é o único Salvador, Mediador entre Deus e os homens, Senhor glorificado do universo;
- professa igualmente a divindade do Espírito Santo, consubstancial ao Pai e ao Filho;

- acredita também que a Bíblia (Antigo e Novo Testamento) contém a revelação de Deus a seu povo;
- pratica o batismo e comemora, de algum modo, a Última Ceia;
- proclama também sua fé na ressurreição dos mortos [...] (DER, verbete **cristão**).

Eis aí, portanto, a definição *mítica* de “cristão”, normalmente encontrada na literatura cristã dogmática, a qual nada tem a ver com a verdadeira definição de “cristão” dada pelo próprio Jesus.

22- PODEMOS SABER, COM ABSOLUTA CERTEZA, AS “PALAVRAS EXATAS” QUE JESUS FALOU NOS EVANGELHOS?

É muito difícil, para não dizer impossível, sabermos, com absoluta certeza, quais foram as “palavras exatas” que Jesus falou em suas pregações, mas qual a importância de sabermos ou não quais foram as suas “palavras exatas”?

Jesus falou, mas nada escreveu e, em sua época, não havia gravador que pudesse registrar sua voz. Suas palavras foram transmitidas oralmente aos seus discípulos que as retransmitiram aos seguidores das primeiras comunidades cristãs e somente entre quarenta e cinquenta anos após sua morte começaram a ser escritas nos Evangelhos.

Por conseguinte, é muito difícil, para não dizer impossível, alguém ter certeza absoluta das “palavras exatas” que Jesus falou, uma vez que não se podem guardar na memória de longo prazo as “palavras exatas” de alguém depois de um espaço tão longo de tempo.

Além disso, o que interessa mesmo a todos os cristãos é o conteúdo da mensagem de Jesus, e não as palavras exatas que ele utilizou para expressá-lo. Daí, não terem lá muito sentido os inúmeros conflitos entre os próprios cristãos em torno das “palavras exatas” de Jesus.

Infelizmente, muitos cristãos se apegam mais às palavras do que ao seu conteúdo e vivem a digladiar-se por causa de interpretações literalistas (exclusivistas e apocalípticas) dos Evangelhos, gerando conflitos e divisões com aqueles cristãos (e não cristãos) que não mais se apegam à letra, mas ao espírito da mensagem.

Faço questão de repetir que as “palavras exatas” que Jesus empregou são muito menos importantes do que o “conteúdo” expresso por elas. Por isso, peço aos cristãos que, em vez de se preocuparem tanto com as “palavras exatas” de Jesus, procurem entender e pôr em prática o “conteúdo” das mensagens que ele autenticamente nos ensinou, mesmo que tenha sido transmitido através de **linguagem figurada** (parábolas, alegorias, comparações, analogias, metáforas etc.), único meio linguístico possível de se falar a respeito de Deus e de seu Reino de Amor.

23- COMO PRETENDER, ENTÃO, CONHECER O “JESUS HISTÓRICO”, SE NÃO TEMOS CERTEZA ABSOLUTA DO QUE ELE DISSE E FEZ?

Ninguém tem certeza absoluta do que Jesus realmente disse e fez em termos de suas “palavras e ações exatas”, mas todos podem compreender a “essência” de suas ações autênticas e de seus ensinamentos ético-morais, os quais são princípios universais de boa conduta humana, tais como **a humildade, a justiça, a fraternidade, a união, o perdão, a tolerância, a pureza, a caridade e o amor a Deus e ao próximo**. Este foi, como já disse por diversas vezes, mas não me cansarei de repetir, **o código divino de moral (ou de ética) universal** que Jesus ensinou aos seus discípulos, resumido sobretudo no *Sermão da Montanha* (Mateus, capítulos 5-7).

Existe, há mais de dois séculos, um grande esforço por parte de muitos estudiosos cristãos, principalmente os da ala liberal e pluralista, em busca, não das “palavras e ações exatas” de Jesus, mas de suas “palavras e ações autênticas”.

Não confundamos **palavras exatas** com **palavras autênticas**. As primeiras dizem respeito às palavras *literalmente* ditas por Jesus, enquanto as outras referem-se à verdade ou não de ele ter transmitido aquela mensagem expressa por aquelas palavras que foram escritas nos Evangelhos.

Volto a repetir que é, de fato, muito difícil, para não dizer impossível, reconstruir as “palavras exatas” de Jesus, mas não é impossível reconstruir as suas “mensagens e ações autênticas”, que são

bem distintas das “mensagens e ações míticas” (imaginárias, fictícias, apocalípticas, mentirosas) atribuídas a Jesus.

24- QUER DIZER, ENTÃO, QUE A MAIOR PARTE DO QUE SE ATRIBUI A JESUS NOS EVANGELHOS NÃO PASSA DE MITO?

Com certeza. Como corretamente afirmam os estudiosos críticos do cristianismo, incluindo obviamente os integrantes do Seminário de Jesus, os Evangelhos são muito mais narrativas míticas sobre o “Cristo da fé” do que fatos reais sobre o Jesus histórico. Em termos mais claros, quase tudo o que é *literalmente* atribuído a Jesus no Novo Testamento, como sua divindade, seu nascimento virginal e miraculoso, seu papel de único redentor da humanidade pelo seu sangue derramado na cruz, sua ressurreição corporal, seus milagres no domínio da natureza, a fundação de uma religião e de uma igreja exclusivistas, a instituição de sacramentos indispensáveis à salvação, a ameaça de um Juízo Final com castigo eterno etc. deve ser avaliado pelo estudioso acadêmico e científico das religiões como crenças mitológicas, exclusivistas, falsas, mentirosas, dos cristãos convencionais, com fins puramente apologéticos, ou seja, como estratégias utilizadas por eles para dar credibilidade exclusiva ao cristianismo dogmático e mítico dos cristãos (fundado por Paulo de Tarso, e não por Jesus de Nazaré).

25- JESUS É LITERALMENTE “DEUS CONOSCO” (“DEUS ENCARNADO” E “FILHO DE DEUS”)?

À luz da fé raciocinada, não, pois Deus, sendo puro espírito, infinito, imaterial, não pode ter carne, nem sangue, nem corpo, nem filho, nem pai, nem mãe. Nesse contexto, tinham muita razão vários escritores dos primeiros séculos do cristianismo, como, entre outros, Celso (séc. I) e Porfírio (séc. II), os quais diziam: “A Encarnação é um absurdo. Deus, o perfeito, o imutável, não pode rebaixar-se a ponto de se tornar uma criancinha” (apud COMBY, 1996, p. 35).

Mesmo supondo que algum dos gregos seja bastante obtuso para pensar que os deuses habitam nas estátuas, essa seria uma concepção mais pura que a de admitir que o Divino tenha descido no seio da Virgem Maria, que se tenha tornado embrião, que, após o seu nasci-

mento, tenha sido envolvido em panos, todo sujo de sangue, de bÍlis e pior ainda [...] (Porfirio, apud COMBY, p. 37).

Logo, Jesus não pode ser *literalmente* interpretado como “Deus” e “Filho de Deus”, como dogmatizaram os cristãos, fundamentados na mitologia de muitos povos antigos, principalmente na mitologia greco-romana, em que as encarnações e filiações divinas (no sentido natural/biológico) eram vistas como fenômenos normais.

No sentido simbólico/metafórico, não há nenhum erro (ou mentira) dizer que Jesus é “Deus conosco” e “Filho de Deus”. O erro, a mentira, é interpretar essas expressões ao pé da letra, como verdades históricas absolutas e exclusivas do cristianismo dogmático e fundamentalista, pois Jesus foi apenas um homem, e não uma divindade no sentido literal do termo.

No Evangelho de Marcos, encontramos os seguintes versículos sobre a filiação divina de Jesus: “Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, **Filho de Deus**” (Marcos 1,1) (negrito meu). “De fato, este homem era **filho de Deus**” (Marcos 15,39) (negrito meu).

Em primeiro lugar, convém esclarecer que o título de “**Filho de Deus**”, atribuído a Jesus no primeiro versículo do Evangelho de Marcos (Marcos 1,1), é um acréscimo, reconhecido por todos os estudiosos críticos dos Evangelhos, pois não consta em textos mais antigos do Evangelho de Marcos.

Em segundo lugar, interpretar Jesus *literalmente* como “**Deus**” e como “**Filho de Deus**”, como fazem os cristãos dogmáticos e fundamentalistas, é **a maior mentira sobre Jesus, da qual dependem quase todas as demais mentiras sobre ele.**

O dogma da divindade de Jesus é, indubitavelmente, o fundamento de todo o cristianismo tradicional. Se esse dogma é literalmente falso, como, de fato, argumento que o é, falsos são também todos os demais dogmas ou mitos cristãos que dependem dessa crença literal na divindade de Jesus, tais como: a trindade, o nascimento miraculoso de Jesus, sua morte expiatória, sua ressurreição dos mortos, sua unicidade salvífica e da religião (ou igreja) por ele supostamente instituída, seu retorno físico por ocasião do suposto juízo final, o batismo das crianças, a meternidade divina e a virgindade perpétua de sua mãe etc.

26- O MITO DA ENCARNAÇÃO DIVINA DE JESUS DEVE SER INTERPRETADO LITERALMENTE?

Não. Os mitos devem ser interpretados simbolicamente, metaforicamente, alegoricamente, e não ao pé da letra, como verdades históricas exclusivas e absolutas desta ou daquela religião.

Os cristãos dogmáticos e fundamentalistas, baseados em interpretações literalistas e exclusivistas do Evangelho de João, argumentam que Jesus é literalmente “Deus encarnado”, “Deus conosco”:

“No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. No princípio, ele estava com Deus. Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito de tudo o que existe. Nele estava a vida e a vida era a luz dos homens e a luz brilha nas trevas, mas as trevas não a apreenderam” (João 1,1-5).

Essa passagem evangélica joanina foi certamente copiada da literatura sagrada da Índia, ou seja, do livro Rig-Veda: “No princípio era Braman [=Deus, o Absoluto], com quem estava o Verbo [=Krishna] , e o Verbo era Braman” (apud LEWIS, 2008, p. 45).

Reafirmo que Jesus não pode ser literalmente interpretado como “Deus” e “Filho de Deus”, como dogmatizaram os cristãos, fundamentados na mitologia de muitos povos antigos, principalmente na mitologia greco-romana, em que as encarnações e filiações divinas (no sentido natural/biológico) eram vistas como fenômenos normais.

No sentido simbólico/metafórico, repito, não há nenhum erro (ou mentira) dizer que Jesus é “Deus conosco” e “Filho de Deus”. O erro, a mentira, convém repetir, é interpretar essas expressões ao pé da letra, como verdades históricas absolutas e exclusivas do cristianismo dogmático, pois Jesus foi apenas um homem, e não uma divindade no sentido literal do termo.

John Hick (o maior filósofo e teólogo pluralista do mundo) explica muito bem o mito da encarnação divina de Jesus nos seguintes termos:

Eu sugiro que seria melhor expressar o caráter desta doutrina como uma ideia mitológica. E eu uso o termo mito no seguinte sentido: um mito é uma história contada, mas não é literalmente verdadeira; é uma ideia ou uma imagem que é aplicada a alguém ou a alguma coisa, mas

não pode ser literalmente interpretada, pois quer somente despertar uma atitude particular nos seus ouvintes. [...] Portanto, a afirmação de que Jesus foi Filho encarnado de Deus não pode ser considerada uma verdade literal (HICK, 1977, p. 178).

A obra de John Hick, *The Myth of God Incarnate* ('O Mito do Deus Encarnado'), lançada em 1977, já traduzida para 16 línguas, causou (e continua causando), como não poderia deixar de ser, uma grande agitação e revolta entre a grande maioria dos cristãos.

Conforme esclarece o próprio Hick (2002, p. 320-321), dezenas de livros e centenas de artigos já foram escritos para combater as ideias revolucionárias defendidas nesse livro.

Em 1993, Hick lançou um livro semelhante, *The Metaphor of God Incarnate* ('A Metáfora do Deus Encarnado'), o qual, segundo ele mesmo afirma (ibid., p. 320-321), já não causou mais tanto impacto quanto a sua obra revolucionária lançada 16 anos antes (HICK, 1977).

Volto a insistir na ideia macroecumênica de que a crença literal na divindade e na filiação divina de Jesus, ou seja, no sentido natural (em vez de metafórico), ergue inegavelmente uma barreira intransponível entre o cristianismo tradicional e todas as demais religiões e, logicamente, constitui o maior desafio para o diálogo inter-religioso. Por isso mesmo, essa crença precisa ser discutida e reavaliada na mesa do diálogo inter-religioso, à luz da "fé racionada", do bom senso, da história das religiões e da mitologia.

27- JESUS DECLAROU "SER DEUS"?

Os cristãos dogmáticos, fundamentados em interpretações literalistas de várias passagens do Evangelho de João, por exemplo, "Eu e o Pai somos um" (João 10,30), "Quem me viu, viu o Pai" (João 14,9) e "Não crês que estou no Pai, e o Pai está em mim?" (João 14,10), argumentam que Jesus realmente declarou "ser Deus".

Refuto essa argumentação da grande maioria dos cristãos, com base nos argumentos que apresentarei a seguir.

Essas passagens joaninas, atribuídas a Jesus, não querem dizer que ele era literalmente "Deus", como erroneamente interpretaram (e continuam interpretando) os cristãos convencionais e os adeptos

tos de algumas filosofias e/ou religiões panteístas, mas pretendem apenas expressar a união e comunhão íntima de Jesus com Deus.

Essa união e comunhão íntima com Deus (**que está dentro de nós**) não significa dizer que existe uma identidade perfeita entre nós e a divindade, mas expressa apenas a união, a comunhão íntima e imanente entre nós e Deus, “no qual vivemos, nos movemos e existimos” (Atos 17,28).

Procurar constantemente essa união íntima e mística com Deus é tarefa de todos nós, o que não significa dizer, como afirmam os panteístas, que “todos somos Deus”. Por isso, no mesmo Evangelho de João (João 1,12), como elucida o escritor espírita (e ex-pastor evangélico) Jayme Andrade (cf. ANDRADE, 1995, p. 59), Jesus supostamente incluiu na mesma categoria de “união com o Pai” seus apóstolos, quando afirmou: “Pai Santo, guarda em teu nome aqueles que me deste, para que sejam um, assim como nós” e “para que também eles sejam **um em nós**” (João 17,21) (negrito meu).

Por conseguinte, a crença dos cristãos tradicionais, segundo a qual as passagens joaninas há pouco citadas seriam provas de que Jesus declarou “ser Deus” (no sentido natural), perdem totalmente o seu sentido, sem mencionar o fato de que o Evangelho de João é o menos histórico de todos, cujo objetivo principal é provar que Jesus é, literalmente, Deus encarnado. Por isso, para atingir esse seu objetivo teológico, João não teme colocar nos lábios de Jesus frases que ele nunca disse.

Mas, os que seguem a interpretação literal desses versículos joaninos deveriam notar que, em várias outros trechos do mesmo Evangelho de João, ele se contradiz, porquanto, como ressalta Andrade (1995, p. 59), ele mostra em várias outras passagens que Jesus não era Deus, mas um “enviado de Deus” (João 4,34; 5,24; 6,44; 7,29; 8,26; 12,45; 17,3) e que chegou a afirmar: “Porque eu desci do Céu, não para fazer a minha vontade, mas a daquele que me enviou” (João 6,38). E, como conclui Andrade (ibid.), “é claro que um enviado é sempre inferior àquele que o enviou”. Jesus também teria afirmado: “O Pai é maior do que eu” (João 14,28); “Subirei ao meu Pai e ao vosso Pai, ao meu Deus e ao vosso Deus” (João 20, 17); e também teria dito: “Eu rogarei ao Pai” (João 14,16 e 16,26) e o que roga é obviamente inferior ao rogado.

Essas passagens bíblicas são mais do que suficientes para se concluir, à luz da “fé raciocinada”, que Jesus nunca cometeu a blasfêmia de afirmar que era *literalmente* Deus, mas que foram os cristãos que, de fato, o “endeusaram”.

Por mais que eu respeite essa crença sincera e honesta da maioria dos cristãos, não posso deixar de dizer, a bem da verdade, que ela é uma crença puramente mitológica, e não uma verdade histórica, absoluta e exclusiva do cristianismo dogmático, como já vêm entendendo há bastante tempo os próprios cristãos liberais e, mais recentemente, diversos teólogos cristãos pluralistas, sem falar, é lógico, nas religiões e/ou filosofias espiritualistas reencarnacionistas (como o espiritismo), que vêm há muito tempo fornecendo lúcidos esclarecimentos sobre o caráter puramente mitológico, e não histórico, do fenômeno de se “endeusar” (“divinizar” ou “deificar”) personagens marcantes da História.

A própria Bíblia judaico-cristã declara também que alguém pode ser chamado “deus” ou “filho de Deus”, não no sentido natural, mas no sentido metafórico ou honorífico, principalmente quando exerce uma função importante na sociedade. Exemplos:

Eu declarei: Vós sois deuses, todos vós sois filhos do Altíssimo. (Salmo 82, 6)

Não está escrito em vossa Lei: *Eu disse: Sois deuses?* (João 10,34)

A *Bíblia de Jerusalém* elucida, nas notas de rodapé referentes a essas duas passagens bíblicas, o sentido *metafórico* (e não *literal*) de alguém ser chamado “deus” ou “filho de Deus” na Bíblia:

Os príncipes e os juizes são comparados aos “filhos do Altíssimo”, membros da corte divina. (*A Bíblia de Jerusalém*, Salmo 82, 6, nota g)

Esta palavra dirige-se aos juizes, chamados “deuses” metaforicamente, por causa de seu ofício, pois “o julgamento cabe a Deus”. (*A Bíblia de Jerusalém*, João 10,34, nota c)

Além disso, essas passagens não dizem que todos somos “deus” (no singular), mas “*deuses*” (no plural), o que significa, metaforicamente, que todos somos como deuses, como seres divinos. Por conseguinte, essas e outras passagens bíblicas semelhantes

não podem servir de apoio para provar que todos somos literalmente “Deus” e “filhos de Deus”, nem que Jesus tenha declarado ser literalmente “Deus” e “Filho de Deus”.

28- JESUS NASCEU DE UM PARTO VIRGINAL E MIRACULOSO?

Historicamente, não. A crença literal no nascimento virginal e miraculoso de Jesus, mesmo tendo grande significação espiritual para os cristãos paulinistas, não é um fato histórico, de acordo com as pesquisas atuais de todos os estudiosos críticos do cristianismo. Historicamente, Jesus nasceu do mesmo modo natural como qualquer um de nós. Afirmar que ele nasceu miraculosamente, por obra e graça do Espírito Santo, é uma verdade mítica que tem um grande valor espiritual para alimentar a fé dogmática e mítica dos cristãos, mas não é uma verdade histórica, é uma mentira sobre Jesus, que, interpretada literalmente, gera muita discriminação entre os cristãos dogmáticos e os membros de outras religiões.

Como afirmam todos os historiadores das religiões, o mito de partos virginais e miraculosos é antiquíssimo, encontrando-se em muitas religiões anteriores ao cristianismo e que, segundo os historiadores das religiões, nascer de uma mãe virgem significava, na antiguidade, que a criança seria um personagem importante. Por isso, os evangelistas, tendo que anunciar aos primeiros cristãos que Jesus era o Messias prometido pelos profetas ao povo de Israel, explicaram-no dizendo que ele nascera de uma mulher virgem, por obra e graça do Espírito Santo.

No dizer do renomado escritor espanhol Pepe Rodríguez, em seu referido livro *Mentiras Fundamentais da Igreja Católica*,

nascer de uma virgem fecundada por Deus foi um mito pagão difundido em todo o mundo antigo anterior a Jesus. [...] Quando o personagem *anunciado* era de primeira ordem, a mãe era sempre fecundada diretamente por Deus, através de um procedimento milagroso que, fosse ele qual fosse, confirmava claramente o mito da concepção virginal. [...] Todos os grandes personagens, tenham sido eles reis ou sábios – como, por exemplo, os gregos Pitágoras (570-490 a.C.) ou Platão (427-347 a.C.) –, ou se tenham tornado o centro de alguma religião e acabado por ser adorados como “filhos de Deus” (Buda, Krishna, Confúcio ou

Lao Tsé) foram mitificados pela posteridade como filhos de uma virgem. Jesus, surgido muito depois, mas destinado a desempenhar um papel semelhante ao que os seus antecessores haviam desempenhado, não podia ter um estatuto inferior ao deles (RODRÍGUEZ, 2001, p. 98; 100-101; 103).

Para concluir a resposta da presente pergunta, reafirmo que é, de fato, uma grande mentira sobre Jesus, afirmar que ele nasceu miraculosamente, de um parto virginal, por obra do Espírito Santo. Jesus nasceu do mesmo modo natural, como qualquer um de nós.

29- A PROFECIA DE ISAÍAS (7,14) É PROVA DO NASCIMENTO VIRGINAL E DA DIVINDADE DE JESUS?

De modo algum. Argumentarei, a seguir, que esta profecia de Isaías, considerada pelos cristãos dogmáticos como uma das maiores provas do nascimento virginal e da divindade de Jesus, é, ao contrário, uma das maiores mentiras sobre Jesus. O versículo básico dessa profecia de Isaías (Isaías 7,14) é este: “A virgem ficará grávida e dará à luz um filho, e o chamará Emanuel [= Deus conosco]”, passagem essa que Mateus quis ver cumprida no suposto nascimento virginal de Jesus (ver Mateus 1,23).

Esclareço, com o teólogo e ex-padre católico Franz GRIESE (GRIESE, 1957, p. 237-240), que essa profecia não se refere a Jesus, nem à sua mãe, mas ao próprio Isaías, que se casou com uma *jovem* (“almah” na versão original hebraica de Isaías), e não com uma *virgem* (como na tradução errada da versão grega dos Setenta de Isaías), da qual teve um filho, cujo nome, **Maer-Salal-Has-Baz** (que significa “Pronto-saque-próxima-pilhagem”), foi dado pelo próprio **Javé** (cf. Isaías 8,3), também chamado pelo profeta Isaías de **Emanuel** (= **Deus conosco**) (cf. Isaías 8,8 e 8,10). Além disso, a tradução de Mateus, “... e o chamarão com o nome de Emanuel” (Mateus 1,23), está totalmente errada, pois, no texto grego mais antigo de Isaías, como se encontra no Códice Sináitico, a frase correta é esta: “**kai kalesei to onoma Immanuel**”, que significa: “**E Emanuel [=Javé] por-lhe-á o nome**”, com a forma verbal (**kalesei**) na 3ª pessoa do singular, e não na 3ª pessoa do plural (**kalesousin**), como erroneamente alterado e traduzido por Mateus, para provar que a

referida profecia se referia a Jesus, nascido de um parto virginal e, por isso, chamado de **Emanuel (= Deus conosco)**, invertendo assim completamente o sentido do texto grego original de Isaías. Esse é, portanto, um exemplo clássico de texto bíblico mal traduzido e alterado para contemplar interesses cristãos.

Mateus, para defender o mito do nascimento virginal de Jesus, bem como o mito de sua divindade (Deus encarnado, **Deus conosco**), traduziu erroneamente a famosa profecia do profeta Isaías (Isaías 7,14): “A virgem ficará grávida e dará à luz um filho, e o chamará Emanuel”.

Eis a passagem de Mateus em que ele traduz e comenta erroneamente esse texto de Isaías:

“Tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que o Senhor havia dito pelo profeta: *Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e o chamarão com o nome de Emanuel*, o que traduzido significa: “Deus está conosco.” (Mateus 1,22-23)

Na Bíblia de Jerusalém, o versículo de Isaías (Isaías 7,14) é este: “Eis que **a jovem** concebeu e dará à luz um filho e por-lhe-á o nome de Emanuel” (negrito meu).

Nessa versão da Bíblia de Jerusalém, não aparece mais a palavra “virgem” da versão grega de Isaías (o texto dos Setenta), a qual já é uma tradução errada da versão original hebraica “almah”, que significa “moça”, “jovem”, “donzela”, o que significa dizer que o texto hebraico de Isaías não usa a palavra “virgem”, mas a palavra “almah”, que significa simplesmente “uma jovem”, sem nenhuma implicação de virgindade. Os dogmas do nascimento virginal de Jesus e da sua divindade (**Deus conosco**) são, portanto, produtos desta tradução errada do termo “almah”, bem como dos outros erros cometidos por Mateus.

Nas culturas antigas, uma das condições necessárias para alguém ser “salvador” era ter nascido miraculosamente, sendo ao mesmo tempo **homem e deus (e filho de um deus)**. Assim, fica mais fácil entender o argumento de muitos pesquisadores críticos dos Evangelhos, segundo o qual foram os cristãos que “divinizaram” Jesus, fazendo com que ele possuísse o caráter **humano e divino** de qualquer salvador.

Concluindo a resposta da presente pergunta, reafirmo que é uma grande mentira sobre Jesus, acreditar que a profecia de Isaías (7,14) se refere a Jesus e à sua mãe, sendo, portanto, segundo a interpretação dos cristãos dogmáticos, uma prova irrefutável do nascimento virginal e da divindade de Jesus (**Deus conosco**). Esta é mais uma prova de que a Bíblia está cheia de mentiras sobre Jesus.

30- A MÃE DE JESUS É TAMBÉM A “MÃE DE DEUS”?

Literalmente, não. Se Jesus, como já vimos, não é literalmente “Deus encarnado”, nem “Filho de Deus”, como pode a sua mãe ser literalmente a “Mãe de Deus”, segundo o dogma católico?

Com todo o meu respeito e admiração à mãe de Jesus, defendo, a bem da verdade, à luz do bom-senso, da história das religiões e da fé raciocinada, a tese de que Deus não pode ter “mãe”. Logo, Maria não é literalmente a “Mãe de Deus”, conforme o velho dogma católico, proclamado no terceiro Concílio Ecumênico, realizado no ano 431, em Éfeso (local, na época, do maior templo urbano, no Império Romano, da deusa Ártemis, ou Diana). Conta-se que, enquanto o Concílio estava reunido, discutindo a maternidade divina da mãe de Jesus, o povo de Éfeso se aglomerou ao redor do templo da deusa Ártemis, ou Diana, e começou a gritar: **“A Deusa. A Deusa, certamente ela é a Deusa”** (CAMPBELL, 2007, p. 190) (negrito meu).

Sabemos, pela história das religiões, que o mito da “Mãe de Deus” era muito comum entre as religiões bem mais antigas do que o cristianismo. As religiões pagãs costumavam dar uma mãe às suas divindades, por exemplo, na Babilônia, existiu “Istar” (ou “Ishtar”), a mãe virgem do deus Tamuz. Segundo esclarece o escritor José Reis Chaves, “a palavra inglesa *Easter* (Páscoa) é derivada de *Istar* (mãe virgem de Tamuz imolado)” (CHAVES, 2006b, p. 103).

Na Grécia, existiu “Deméter” (a “mãe” de Deus) e “Dioniso” (o “filho” de Deus), duas das divindades mais populares da Grécia antiga, cuja história, ritos e festas antecipam efetivamente, sob muitos aspectos, a religião cristã (cf. DONINI, 1965, p. 145).

Aliás, o termo **“Dioniso”** (da língua trácio-frígia, “dioniso”) significa etimologicamente “filho de deus” – **“dio-niso”** (cf. DONINI, *ibid*, nota 26). A história de Dioniso, o deus libertador, o “filho de

deus”, é muito semelhante à história do “Jesus mítico” (o “Cristo da fé”), o Filho de Deus e o único libertador (salvador) da humanidade, segundo o mito exclusivista cristão.

Mas se Jesus não é Deus, como argumento que ele, de fato, não o é, cai por terra a crença mítica na maternidade divina de sua mãe, conforme já defendiam, corretamente, os chamados “hereges” nestorianos da Igreja primitiva (século V), os quais afirmavam, contrariamente ao dogma católico, que Maria não é “Mãe de Deus” (em grego, “Theotókos”), mas apenas “Mãe do homem Jesus Cristo” (em grego, “Cristotókos”).

O monge Nestório de Antioquia, num de seus sermões, afirmava:

Ninguém venha me dizer que Maria é mãe de Deus; ela foi mulher, e Deus não pode nascer de mulher; sustentar o contrário é imitar os pagãos que dão uma mãe às suas divindades (FRANGIOTTI, 1995, p. 128).

Nestório foi condenado no terceiro Concílio Ecumênico, realizado em Éfeso, no ano 431 (o qual proclamou o dogma mítico da maternidade divina de Maria), e, porque se recusou a submeter-se às definições dogmáticas desse Concílio, foi enviado para o exílio, onde morreu.

O escritor José Reis Chaves, em seu livro *A Face Oculta das Religiões: uma visão racional da Bíblia*, explica a questão nestoriana nos seguintes termos:

O Nestorianismo surgiu com Nestório, Bispo Patriarca de Constantinopla, no século V. Sua tese ensinava que em Jesus Cristo havia duas pessoas: uma divina e outra humana, e que essas pessoas eram separadas entre si, sendo uma delas a do Cristo, o Verbo de Deus, e a outra a do homem Jesus, no qual veio encarnada a Pessoa Divina do Verbo de Deus, o Cristo. Nestório não aceitava o título em grego de “Theotókos” (“Mãe de Deus”) dado a Maria, Mãe de Jesus. Para Nestório, Maria era apenas Mãe do homem Jesus, portanto, deveria receber o título em grego de “Cristotókos” (“Mãe do homem Jesus Cristo”). Mas o Concílio Ecumênico de Éfeso (431), apreciando a questão nestoriana, condenou-a, afirmando que em Jesus havia uma só pessoa, ou seja, a Pessoa Divina, e que Maria deveria ter o título grego de “Theotókos” (“Mãe de Deus”). E, assim, a Igreja criou a oração “Santa Maria, Mãe de Deus...” que foi acrescentada à Ave Maria bíblica da saudação do anjo Gabriel a Maria. [...] O título de “Mãe de Deus” para

Maria é estranho e deixa confusos e enrolados os próprios teólogos, pois Deus nunca pode ter tido mãe e nunca poderá tê-la! (CHAVES, 2006b, p. 47-48).

Não há como não concordar plenamente com Nestório, com sua tese de que Maria não é, de fato, literalmente, Mãe de Deus (“Theotókos”), mas apenas Mãe do homem Jesus (“Cristotókos”). “Aliás, seria o cúmulo do absurdo alguém aceitar que Deus tem Mãe” (CHAVES, *ibid.*, p. 100).

Além de nenhuma mulher poder ser “Mãe de Deus”, as mulheres (incluindo a mãe de Jesus) só podem ser mães do **corpo** e não do **espírito** (ou **alma**) de alguém, como bem esclarece o escritor Reis Chaves nos seguintes termos:

Alegam os teólogos dogmáticos que Maria é Mãe de Deus porque a mãe de uma pessoa é mãe do conjunto todo de alma e corpo. Isso não é verdade, pois a mãe de uma pessoa é apenas mãe da parte biológica, de cuja criação ela participou, mas jamais do espírito que, além de não ter mãe, preexiste à criação biológica do corpo. [...] O próprio Jesus destaca que o que é nascido da carne é carne e o que é nascido do espírito é espírito (João 3,6). [...] Em outros termos, o corpo é filho da sua mãe biológica, mas o espírito do corpo não tem mãe. O espírito vem de Deus, o corpo vem do pai, da mãe e, mais remotamente, da terra. O espírito só forma um conjunto com o corpo, enquanto o espírito está reencarnado no corpo. [...] E, se o espírito não é criado junto com o corpo, a mãe biológica do corpo não entra na criação do espírito, do que se conclui que ela não é mãe também do espírito. E disso tudo se infere que **Maria, Mãe de Jesus, só é mãe do corpo e não do espírito de Jesus** (CHAVES, 2006b, p. 100-101) (negrito meu).

Com base nessa convincente argumentação, mesmo para os que acreditam que Jesus seja Deus e que o seu corpo não tenha sido biologicamente gerado por Maria e seu esposo, mas por obra do Espírito Santo, conforme os dogmas (ou mitos) cristãos, Maria não pode ter sido mãe do espírito (ou alma) de Jesus (ou de Deus).

Em suma, para concluir a resposta da presente pergunta, reafirmo que Maria não é literalmente mãe do “Espírito de Jesus” nem “Mãe de Deus”, mas apenas **mãe do corpo físico de Jesus**. Defender o contrário, é querer permanecer no erro, na mentira, sobre Jesus e sua mãe.

31- JESUS É “DEUS O FILHO” (SEGUNDA PESSOA DA TRINDADE)?

Literalmente, também não. Em primeiro lugar, porque Jesus, não sendo literalmente “Deus encarnado”, como já vimos, não pode fazer parte da Trindade Divina; em segundo lugar, porque o próprio dogma da Trindade divina é falso, pois o verdadeiro Deus é uno, mas não trino, ou seja, um Deus em três pessoas divinas iguais (Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo).

Abordarei agora, com John Hick, o surgimento desse mito cristão fundamental, segundo o qual Jesus é “Deus o Filho” (Segunda Pessoa da Santíssima Trindade).

No livro *O Mito do Deus Encarnado*, John Hick (cf. HICK, 1977, p. 174-175) explica detalhadamente como surgiu esse mito cristão, com base no encontro da imagem literária e metafórica judaica de “filho de Deus” com a imagem mitológica grega de “Deus o filho”, que deu origem ao dogma cristão da Santíssima Trindade, no qual Jesus foi dogmatizado como sendo “Deus o Filho” (a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade).

John Hick nos dá uma excelente explicação sobre esse encontro das duas culturas (a judaica e a grega), como veremos a seguir.

Em primeiro lugar, é preciso esclarecer (cf. ANDRADE, 1995, p. 59) que ser “filho de Deus”, na cultura hebraica, não significava literalmente “ser Deus”, mas era um título honorífico, como se infere de João: “A todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de se tornarem **filhos de Deus**” (João 1,12) (negrito meu).

Já na cultura greco-romana, era muito comum a ideia mítica de alguém ser “filho de uma divindade” (no sentido literal da palavra) e de uma divindade encarnar-se em forma humana – O MITO DO DEUS ENCARNADO – daí ter sido fácil a transição da imagem judaica de “filho de Deus” para a imagem mitológica grega de “Deus o filho” (DEUS ENCARNADO NUMA PESSOA HUMANA).

Vejamos agora como Hick (ibid.) nos esclarece como a velha linguagem metafórica judaica de “filho de Deus” (no sentido adotivo), título geralmente atribuído aos reis de Israel por ocasião de suas coroações (e também atribuído a Jesus pelos cristãos do cristianismo nascente) se transformou, devido ao encontro da cultura judaica

com a cultura grega, na figura mitológica de “**Deus o filho**”, fazendo com que Jesus passasse, no cristianismo histórico primitivo, de “filho de Deus” para “Deus o filho” (DEUS ENCARNADO, SEGUNDA PESSOA DA TRINDADE).

Eis como Hick descreve esse encontro das duas culturas (a judaica e a grega), mediante o qual os cristãos fizeram com que Jesus passasse de “filho de Deus” para “Deus o filho”:

A primitiva comunidade cristã percorreu uma trajetória cultural que se iniciou com o judaísmo e desembocou na cultura helenista do mundo greco-romano. As ideias de deificação e encarnação eram muito comuns na cultura helenista e, quando se encontram com a imagem judaica de “filho de Deus”, essas novas categorias fazem acontecer uma significativa transição na imagem cristã de Jesus: de “filho de Deus” para “Deus o filho”, a segunda pessoa da Trindade (HICK, 1977, p. 175).

Em termos mais claros ainda, o filósofo e teólogo pluralista John Hick (ibid.) explica que,

dentro do próprio judaísmo, a noção de um homem ser chamado “filho de Deus” já existia há muito tempo. O Messias devia ser um rei terreno descendente de Davi e os reis antigos da linhagem de Davi recebiam o título divino de “filho de Deus” ao serem ungidos na posse do cargo: as palavras do Salmo 2,7, “Ele me disse: Tu és meu filho, eu hoje te gerei” foram provavelmente usadas nas cerimônias de coroação. Outro texto-chave é o 2º Livro de Samuel (2Samuel 7,14): “Eu serei para ele um pai, e ele será para mim um filho”, novamente dito a respeito do rei terreno. Portanto, **a linguagem de exaltação que a Igreja inicial aplicou a Jesus já fazia parte da longa tradição judaica** (ibid.) (negrito meu).

John Hick faz, com muita propriedade, o seguinte questionamento:

Como devemos entender essa linguagem antiga da filiação divina? Literal ou metaforicamente? O rei era literalmente filho de Deus? Claro que não. Dizer que o rei era “filho de Deus” era uma forma metafórica de se expressarem as qualidades do rei. O rei está mais próximo de Deus do que qualquer outra pessoa. Por isso, ele é chamado de “filho de Deus” (Salmo 2,7). Na linguagem mitológica, diz-se que Deus o “gerou”. Mas o rei é considerado “filho de Deus” apenas por “adoção”, e não por geração física, isto é, como sendo fisicamente “filho de Deus” (ibid.).

John Hick (ibid., p. 175) explica ainda que o relato do batismo de Jesus refuta o sentido físico de sua suposta filiação divina:

O sentido físico da filiação divina de Jesus é claramente refutado no relato do batismo de Jesus, em que se ouve a fórmula antiga, vinda do céu, de adoção filial usada na coroação dos reis: “Tu és meu filho, eu hoje te gerei” (Salmo 2,7).

Hick (ibid.) esclarece também que as crenças mitológicas exclusivistas a respeito da pessoa de Jesus podem ser facilmente entendidas pelo contexto histórico-cultural da época: *cultura classicista (uma só verdade, certa e imutável)*, *mentalidade escatológico-apocalíptica (profeta final, revelação definitiva)* e *expressão de uma minoria (linguagem de sobrevivência, único Salvador)*.

32- QUANTOS ERROS OU MENTIRAS CONTÉM O DOGMA DA TRINDADE CRISTÃ?

O dogma da Trindade divina cristã contém, no mínimo, os seguintes 10 (dez) erros (ou mentiras):

- 1) O primeiro erro é interpretar Deus (literal e antropomorficamente) como *pessoa*, ou melhor, como três pessoas distintas, pois Deus não é literalmente *pessoa*, embora Ele possua *aspectos* ou **atributos pessoais**, uma vez que Ele nos conhece, nos ouve, nos vê, nos entende e nos ama. Conceituar Deus *literalmente* como *pessoa* é um *antropomorfismo*, ou seja, é conceber Deus na forma de um ser humano. Logo, é uma mentira, pois Deus não é literalmente homem, embora Ele possua *aspectos* ou **atributos humanos**.
- 2) O segundo erro é proclamar *a igualdade das três pessoas divinas*, o que não é verdade, pois a própria Bíblia expressa uma aberta inferioridade e subordinação do Filho em relação ao Pai, e do Espírito Santo em relação ao Filho: o Filho é enviado à Terra pelo Pai e o Espírito Santo é enviado à Terra pelo Filho; ora, todo enviado é obviamente inferior ao que o enviou. Logo, as três pessoas da Trindade divina cristã não são iguais.
- 3) O terceiro erro é declarar dogmaticamente que Jesus não é uma *pessoa humana*, mas uma *pessoa inteiramente divina*, quando sabemos que Jesus é uma pessoa histórica e humana, como qualquer outro ser humano que já habitou neste planeta.

- 4) O quarto erro é proclamar que Jesus é *literal* e *antropomorficamente* “Filho de Deus”, tendo sido “gerado” (e não “criado”) pelo Pai. Ora, afirmar que Deus “gerou” alguém é pura linguagem metafórica, mitológica e antropomórfica. Por conseguinte, Jesus é “Filho de Deus” (como todos nós também o somos), mas apenas em sentido figurado/metafórico.
- 5) O quinto erro como nos esclarece o escritor José Reis Chaves, é afirmar que nós não podemos questionar esse dogma, porque ele é “um mistério de Deus”. “Na verdade, isso é mistério dos teólogos e não de Deus” (CHAVES, 2006b, p. 133).
- 6) O sexto erro diz respeito à dogmatização da divindade do “Espírito Santo” da Santíssima Trindade, no fim do século IV, no Concílio de Constantinopla (ano 381), no qual Jesus e o Espírito Santo foram transformados, respectivamente, na segunda e terceira pessoas divinas da Trindade Cristã.
- 7) O sétimo erro é afirmar que Jesus foi *gerado* pelo Pai e que o Espírito Santo foi *gerado* do amor entre o Pai e o Filho. Essa história de Deus “gerar” *literalmente* um filho ou de o Espírito Santo ser *literalmente* “gerado” do amor mútuo entre o Pai e o Filho é pura linguagem mitológica e antropomórfica sobre Deus.
- 8) O oitavo erro refere-se à transformação da expressão bíblica “um espírito santo” (para designar a “alma” ou o “espírito” individual de alguém), por exemplo, “Nosso corpo é santuário de um espírito santo” (1Coríntios 6,19), na expressão “o Espírito Santo” da Trindade Cristã, o que resultou na seguinte tradução errada do presente versículo paulino: “Nosso corpo é santuário do Espírito Santo”. Nesse versículo, Paulo empregou a expressão original “um espírito santo” (e não “o Espírito Santo”), para designar a alma ou o espírito individual (“santo”) que habita em nosso corpo. Em suma, depois da proclamação do dogma da Santíssima Trindade (ano 381), quase todas as passagens bíblicas que continham a expressão “um espírito santo” (para designar a “alma” ou o “espírito” individual de alguém), foram transformadas no Espírito Santo da Santíssima Trindade.
- 9) O nono erro dos teólogos cristãos, para a formulação exata do dogma trinitário, foi o uso que fizeram da filosofia grega, com respeito à distinção entre os termos *ousía* (essência, natureza) e *hypóstasis* (pessoa), utilizando-se do seguinte tipo de “fé cega racionalizada”: “A *ousía* (a essência, a natureza, a Divindade) é única; as pessoas, porém, são três, sem esfacular nem retalhar a natureza divina, como

são três os ângulos de um triângulo sem esfacelar a superfície do triângulo” (DER, verbete **Trindade**).

- 10) O décimo erro dos teólogos cristãos, no primeiro Concílio Ecumênico do cristianismo, realizado em Niceia (Ásia Menor), no ano 325, diz respeito à redação de uma profissão de “fé cega racionalizada”, cujo texto “acentua a identidade de substância do Pai e do Filho para afirmar que **o Filho não foi criado** (quem cria tira do nada), **mas gerado** (quem gera se prolonga no filho gerado); o Filho é Deus de Deus, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro” (DER, verbete **Trindade**) (negrito meu). Essa teologia cristã emprega, erroneamente, os termos “Filho” e “gerar” no sentido real, literal, enquanto sabemos, pela interpretação do versículo bíblico “Tu és meu Filho, eu hoje te gerei” (Salmo 2,7), que nem o nome “Filho”, nem o verbo “gerar” devem ser tomados nesse contexto em sentido real, literal, mas em sentido espiritual, figurado, metafórico.

Em resumo, para concluir a resposta da presente pergunta, se Deus não é literalmente *pessoa* e Jesus não é igual ao Pai (nem é Deus), cai por terra o dogma (ou mito) da Trindade Cristã, segundo o qual em Deus há *três pessoas distintas*, mas ao mesmo tempo *iguais*. O Espírito Santo é, por conseguinte, à luz da “fé raciocinada”, pura ficção, criação mítica dos teólogos cristãos, naturalmente influenciados por várias religiões bem mais antigas do que o cristianismo (por exemplo, o hinduísmo), que também adoravam um Deus uno e trino. Assim, no hinduísmo, temos: “**Brama**” = **Deus-Pai**; “**Vishnu** ou **Krishna**” = **Deus-Filho** e “**Shiva**” = **Deus-Espírito Santo**.

33- JESUS NASCEU EM BELÉM?

Os especialistas atuais em história do cristianismo argumentam, com muita razão, que Jesus não nasceu em Belém, mas provavelmente em Nazaré.

As narrativas evangélicas segundo as quais Jesus nasceu em Belém são exemplos de “profecia historicizada”, para fazer-se cumprir forçadamente a profecia de Miqueias do Antigo Testamento, a qual dizia que o esperado Messias nasceria em Belém: “Mas tu, (Belém), Éfrata, embora pequena entre os clãs de Judá, de ti sairá para mim aquele que será dominador em Israel. Suas origens são de tempos antigos, de dias imemoráveis” (Miqueias 5,1). A versão de Mateus é esta: “E tu, Belém, terra de Judá, de modo algum és o

menor entre os clãs de Judá, pois de ti sairá um que será o guia que apascentará Israel, o meu povo” (Mateus 2,6).

A verdade histórica, porém, como atestam os estudiosos críticos do cristianismo, é que essa profecia não se refere ao nascimento de Jesus, em Belém, pois ele, como mostram as evidências históricas, não nasceu em Belém, mas, com muito mais probabilidade, em Nazaré.

A esse respeito, há contradições nos próprios Evangelhos acerca da cidade onde Jesus nasceu: enquanto para Mateus e Lucas, Jesus nasceu em Belém, para João, ele nasceu em Nazaré. O Evangelho de João afirma textualmente que os seguidores de Jesus ficaram surpresos com o fato de ele não ter nascido em Belém:

Diziam outros: “É este o Cristo!” Mas alguns diziam: Porventura pode o Cristo vir da Galileia? A Escritura não diz que o Cristo será da linhagem de Davi e virá de Belém, a cidade de onde era Davi? (João 7,41-42)

Embora Mateus e Lucas afirmem que Jesus nasceu em Belém, existe uma famosa contradição entre eles: enquanto para Mateus, Maria e José residiam em Belém, desde sempre, tendo ido morar em Nazaré só muito tempo depois do nascimento de Jesus, na volta do Egito, para onde tinham fugido do rei Herodes e do massacre dos inocentes, Lucas, ao invés, admite que Maria e José moravam em Nazaré antes de Jesus nascer, tendo ido para Belém, somente para cumprir a profecia de Miqueias, na época em que Quirino era governador da Síria, e quando César Augusto tinha ordenado a realização de um censo, e todo mundo tinha de ir “para a sua cidade”. José era supostamente “da casa e da linhagem de Davi” e, portanto, tinha de ir para a “cidade de Davi, que é chamada de Belém”.

Do ponto de vista histórico, é uma grande mentira afirmar que César Augusto ordenou a realização de um censo, e todo mundo tinha de ir “para a sua cidade”. Um recenseamento parcial, ordenado por Quirino, governador da Síria, realmente aconteceu, mas somente seis anos depois do suposto nascimento de Cristo em Belém, quando Herodes, o Grande, ainda era rei (cf. Mateus 2,16). Acontece que Herodes morreu no ano 4 antes de Cristo, portanto, cerca de uma década antes do recenseamento ordenado por Quirino.

É um grande erro acreditar que os romanos teriam exigido que José voltasse para a cidade de Belém, onde um ancestral remoto (o rei Davi) havia vivido um milênio antes.

A genealogia de Jesus rastreada por Mateus e Lucas é muito contraditória: Enquanto para Mateus, a descendência de José do rei Davi é feita por 28 gerações intermediárias, Lucas fala em 41 gerações, sem que haja coincidências nos nomes das duas listas. De qualquer jeito, se Jesus nasceu mesmo de uma virgem, por obra e graça do Espírito Santo, conforme a crença mítica no nascimento virginal e miraculoso de Jesus, os ancestrais de José seriam irrelevantes e não poderiam ser usados para fazer cumprir, a favor de Jesus, a profecia de Miqueias de que o Messias deveria ser descendente de Davi.

34- AS PASSAGENS EVANGÉLICAS QUE NARRAM O NASCIMENTO E A INFÂNCIA DE JESUS SÃO NARRATIVAS HISTÓRICAS?

Não. Em primeiro lugar, é importante saber que as narrativas sobre o nascimento de Jesus só se encontram nos Evangelhos de Mateus e Lucas, escritos por volta dos anos 80 ou 90 d.C., mas não se encontram nos escritos cristãos mais antigos, como as Epístolas de Paulo, escritas na década de 50 d.C. e o Evangelho de Marcos (o mais antigo de todos), escrito mais ou menos no ano 70 d.C., o que prova que as histórias do nascimento de Jesus não tinham muita importância histórica nem teológica para a cristandade dos primeiros tempos (cf. BORG & CROSSAN, 2008, capítulo 2, p. 39-41).

Em segundo lugar, argumento (com John Dominic Crossan) que as passagens de Mateus e de Lucas que narram o nascimento e a infância de Jesus não são narrativas históricas, mas metafóricas, simbólicas, parabólicas e, portanto, não devem ser interpretadas ao pé da letra, como fatos históricos, mas como *parábolas* e alegorias.

Como foi esclarecido no Prefácio deste livro, dizer, por exemplo, que Herodes mandou matar as crianças em Belém, para matar Jesus, não é uma verdade histórica, mas é, no correto dizer de Crossan, uma *parábola*, para afirmar que Jesus é o novo Moisés e Herodes é o novo faraó do Antigo Testamento (cf. John Dominic

Crossan, Revista SUPER Interessante, edição 250, março/2008, p. 17-18).

Nesse sentido, todas as histórias e cenas que Mateus e Lucas narram acerca do nascimento e da infância de Jesus, por exemplo, a manjedoura, a estrela de Belém, os três reis magos, os pastores, os anjos, os cantores, o massacre das crianças pelo rei Herodes, a fuga para o Egito etc., são *parábolas* e, logo, não podem ser interpretadas ao pé da letra. Interpretá-las *literalmente* como fatos históricos é transformar em mentiras as histórias sobre o nascimento e a infância de Jesus.

Crossan tem dito e repetido que a Bíblia é, de fato, muito mais um conjunto de metáforas e de parábolas religiosas (com a finalidade de expressar a fé dos cristãos) do que de fatos históricos reais. Logo, ela não pode ser toda interpretada ao pé da letra, mas metaforicamente/simbolicamente. A grande maioria dos cristãos, porém, ainda continua interpretando toda a Bíblia literalmente, ao pé da letra, como história verdadeira e exclusiva do cristianismo.

Em seu livro “O Nascimento do Cristianismo”, John Dominic Crossan afirma que **“os Evangelhos foram escritos pela fé, para a fé e a partir da fé. [...] Os Evangelhos são teologia em vez de história”** (CROSSAN, 2004, p. 61) (negrito meu).

Ora, se os Evangelhos não são, essencialmente, livros de história, mas de fé no Deus-Jesus, interpretá-los ao pé da letra, como verdades históricas absolutas e exclusivas do cristianismo, não deixa de ser uma grande mentira sobre Jesus.

35- JESUS RESSUSCITOU FISICAMENTE?

Não. De acordo com a Doutrina Espírita (que sigo), não existe “ressurreição”, no sentido da volta de alguém à vida no mesmo corpo físico que tinha antes de morrer. Nesse sentido, não existe “ressurreição”, mas **“reencarnação”**, ou seja, a volta do espírito em um novo corpo físico.

Defendemos também a tese de que a “morte” não existe; somente o corpo físico é que morre, e não o espírito, que é imortal. O corpo físico também não ressuscita; após sua morte, suas moléculas

las formam novos organismos. De acordo com essa nossa visão, Jesus não “ressuscitou”, no sentido comum de “ressurreição” como o retorno à vida no mesmo corpo físico que se tinha antes de morrer.

Mais explicitamente, Jesus, de fato, nem “morreu” nem “ressuscitou” (fisicamente), porque ninguém “morre” (a morte não existe). É por demais conhecida a afirmação de que nada, de fato, morre no universo, tudo apenas se transforma. O que inadequadamente chamamos de “morte” é apenas o descarte de nossa vestimenta física, ou seja, de nosso corpo físico, que não é parte essencial de nossa natureza (pois somos essencialmente “espíritos”). Nosso corpo é apenas uma vestimenta temporária de trabalho, adequada ao plano físico-material do planeta em que vivemos. Quando essa vestimenta de trabalho não mais cumpre sua função, desfazemo-nos dela, continuando a viver num outro plano, com nosso “corpo espiritual” ou “corpo de ressurreição”, para usar uma terminologia bíblica, corpo esse que é formalmente idêntico ao corpo físico, mas diferente na substância (ele é fluídico).

É com esse “corpo espiritual” que muitas pessoas, depois de “mortas”, se manifestam concretamente, “aparecem” (materializadas) aos “vivos” para demonstrar que a morte não existe (como no caso das aparições de Jesus) ou para comunicar-nos determinadas mensagens (como ocorre em algumas sessões espíritas). Esse tipo de “ressurreição de mortos”, isto é, esse fenômeno de aparições de “mortos” sempre ocorreu e continua ocorrendo na humanidade. Nesse sentido, todos nós podemos “ressuscitar” dos mortos.

Por conseguinte, na visão espiritualista/espírita que adoto, afirmar que Jesus “ressuscitou dos mortos” significa dizer, precisamente, que ele, após sua “morte”, ou melhor, após seu “desencarne”, “apareceu” (materializado), com seu corpo espiritual (e não com seu corpo físico), a várias pessoas, para demonstrar que ele não morreu e que a morte não existe. Mas, como bem elucida o escritor espírita Hermínio C. Miranda,

não é Jesus o primeiro, e está longe de ser o último, que se manifestou concretamente, ou seja, objetivamente e até materializado a homens, mulheres e crianças, depois de “morto”, em seu corpo espiritual (MIRANDA, 1988, p. 116).

Mas, se a materialização (aparição) de “mortos” é um fenômeno comum, como, de fato, o é, cai logicamente por terra o caráter único, exclusivo, extraordinário e miraculoso da ressurreição (= materialização) de Cristo.

Para os espiritualistas espíritas, repito, a “morte não existe”. Na realidade, se, como diz a ciência, “na natureza nada morre, tudo se transforma”, é uma contradição de termos afirmar que o homem “morre”. O homem não morre, apenas continua a viver com um corpo mais leve, mais sutil, fluídico (o chamado “corpo espiritual”), após descartar o corpo velho, pesado, físico-material, o qual passa a ser cadáver que será decomposto na sepultura, cujas moléculas formarão novos organismos e que, portanto, jamais foi ou será “reanimado” (ou revivificado/ressuscitado fisicamente).

Nesse sentido, por conseguinte, a “ressurreição” de Cristo significa a sua “sobrevivência” com seu “corpo espiritual”, após o descarte de seu corpo físico, o qual nunca foi (nem será jamais) revivificado. Esses dois tipos de corpos (o corpo físico e o corpo espiritual) se assemelham em tudo, menos na matéria de que são feitos: o corpo espiritual (chamado no espiritismo de “perispírito”) é sutil, fluídico, leve, enquanto o corpo físico é denso, pesado.

Convém esclarecer que o apóstolo Paulo acreditava na ressurreição física de Cristo, bem como na de todos os mortos, mas com o corpo físico transformado num corpo espiritual, glorioso, imortal: “O mesmo se dá com a ressurreição dos mortos: semeado corruptível, o corpo ressuscita incorruptível; semeado desprezível, ressuscita reluzente de glória; semeado na fraqueza, ressuscita cheio de força; semeado corpo psíquico, ressuscita corpo espiritual” (1Coríntios 15,42-44).

O grande erro (ou a grande mentira) de Paulo (e de todos os demais cristãos dogmáticos) é acreditar que haverá “ressurreição dos mortos”, sim, com seus mesmos corpos físicos que tinham antes de morrer, porém transformados em corpos espirituais, gloriosos, imortais, o que não é verdade, pois o corpo físico, depois de sua morte, jamais será transformado em corpo espiritual e jamais retornará a este plano físico. Ele se decomporá em moléculas que formarão novos organismos, como comprova a ciência.

Nesse contexto, enquanto a Bíblia garante que, por ocasião do suposto Juízo Final, todos os corpos “ressuscitarão”, ou seja, todos sairão das sepulturas, mesmo que transformados, e voltarão à sua existência físico-material, a Ciência comprova que isso é impossível, uma vez que, com a desintegração física dos cadáveres nas sepulturas, suas moléculas passam a formar novos organismos. Como poderiam essas moléculas retornar (por ocasião do suposto Juízo Final) aos corpos enterrados e decompostos há séculos ou há milênios, cujas moléculas já serviram para compor milhares de outros organismos? O dogma cristão da ressurreição da carne é, por conseguinte, literalmente falso, mentiroso.

Jesus, portanto, não ressuscitou com seu corpo físico transformado num corpo espiritual, no sentido paulino, mas apenas apareceu materializado em seu corpo espiritual, após seu desencarne.

O núcleo da fé cristã tradicional (“paulinismo”) é a crença na ressurreição de Jesus. Esse é indubitavelmente o dogma central do cristianismo ortodoxo. Sem a crença no dogma da “ressurreição de Jesus”, desmorona toda a fé cristã ortodoxa, como bem expressa o próprio apóstolo Paulo, principal fundador do cristianismo dogmático e mítico, na seguinte passagem do Novo Testamento: “Se Cristo não ressuscitou, vazia é nossa pregação, vazia também é a vossa fé” (1Coríntios 15,14).

Para concluir a resposta da presente pergunta, reafirmo que o que é verdade não é, portanto, a crença irracional cristã na “ressurreição da carne (ou dos mortos)”, com seus corpos físicos transformados em corpos espirituais, mas a doutrina racional espiritualista/espírita da “reencarnação”, ou seja, do retorno de nossa alma (ou espírito) em novos corpos físicos, neste ou em outros planetas, quantas vezes isso for necessário para a nossa evolução espiritual.

36- JESUS RESSUSCITOU LÁZARO, O FILHO DA VIÚVA DE NAIM E A FILHA DE JAIRO?

Literal e historicamente, não. Esclareço, com o escritor Alfons Weiser (cf. WEISER, 1978, p. 136-137), que os chamados milagres de “ressurreição de mortos” narrados na literatura cristã e na de outras religiões podem ter várias interpretações, desde a posição que os interpreta ao pé da letra, em sentido histórico e real,

“passando pelas hipóteses de morte aparente e por explicações parapsicológicas, até à opinião segundo a qual esses textos tratam apenas de lendas, de narrativas simbólicas, parabólicas, ou da transposição do mito do deus-sol que morre e ressuscita” (id. *ibid.*, p. 137).

Há, de fato, vários relatos de milagres de “ressurreições de mortos” na Bíblia judaico-cristã e na literatura religiosa de outros povos. O Antigo Testamento nos fala de dois casos de ressurreição de mortos atribuídos, respectivamente, aos profetas Elias e Eliseu (1Reis 17; 2Reis 4). O Novo Testamento atribui a Jesus três milagres de ressurreição de mortos: a de Lázaro (João 11), a do filho da viúva de Naim (Lucas 7) e a da filha de Jairo (Marcos 5; Mateus 9; Lucas 8). Além de Jesus, o NT atribui um milagre de ressurreição a cada um dos dois apóstolos Pedro e Paulo (Atos 9; 20). “A literatura cristã nos diz que muitos santos teriam ressuscitado mortos durante suas vidas. Entre estes, mencionam-se Martinho de Tours, Bento de Núrsia, Francisco de Assis e Dom Bosco” (WEISER, p. 136). Casos de ressurreições de mortos encontram-se igualmente na literatura de outras religiões, por exemplo, na literatura judaica, atribuem-se casos de ressurreições de mortos a alguns rabinos; na literatura helenística relata-se um milagre de ressurreição operado por Apolônio de Tiana e assim por diante.

No parecer do renomado escritor Alfons Weiser, “de todo o material das fontes não se pode deduzir, com suficiente certeza, um único caso sequer em que um morto de verdade tenha retornado alguma vez à existência terrena” (WEISER, p. 137).

Concordando com esse mesmo autor, reafirmo que jamais um morto de verdade retornou alguma vez à existência terrena com o mesmo corpo físico que tinha antes de morrer.

A crítica histórica moderna das narrativas bíblicas também tem enfrentado o problema da suposta ressurreição de Jesus, “procurando as origens desta crença, não rara na Antiguidade” (DONINI, p. 295):

As religiões de salvação [também chamadas de “religiões de mistérios”], baseadas no culto de seres divinos ou semidivinos que morrem e ressuscitam, não só influíram sobre o modo de apresentar a ressurreição de Jesus, como tornaram mais fácil a sua aceitação, até transfor-

mar esta questão de fé num elemento decisivo do sucesso da nova religião (DONINI, p. 295).

Em suma, a crença em “ressurreição de mortos” (ou em “ressurreição da carne”), no sentido de reanimação do cadáver de alguém que “desencarnou”, definitivamente, é mais um mito que precisa ser devidamente questionado e reavaliado na mesa do diálogo religioso.

Analisemos agora a ressurreição de Lázaro.

A “ressurreição de Lázaro” (João, capítulo 11) é interpretada pela maioria dos cristãos como “o milagre mais impressionante de todos atribuídos a Jesus no Novo Testamento” (HARPUR, 2008, p. 136). Argumento, em minhas obras ecumênicas, apoiado em diversos autores, que a ressurreição de Lázaro, interpretada literalmente como um fato miraculoso real, para provar a divindade de Jesus, ou seja, para provar que Jesus é literalmente o Filho de Deus, Deus encarnado, o Messias, o Salvador etc., não é uma verdade histórica absoluta, mas uma parábola, um mito, o qual pode ser simbolicamente verdadeiro, para quem acredita na divindade de Jesus e na ressurreição final dos mortos. Esse suposto milagre, no correto dizer do teólogo e ex-pastor anglicano Tom Harpur, “tem o sabor e o caráter da alegoria e do mito” (HARPUR, p. 139).

Se esse famoso “milagre” tivesse realmente acontecido historicamente, como é que os evangelhos sinópticos (Mateus, Marcos e Lucas), que foram escritos muitos anos antes do Evangelho de João, não o teriam narrado? Este suposto milagre aparece unicamente no quarto Evangelho (o de João). Como poderia uma “prova” tão importante do poder divino de Jesus ter sido ignorada pelos outros evangelistas? Esses argumentos já são suficientes para provar que a ressurreição de Lázaro não é história, mas parábola e mito.

Além disso, como nos esclarece Tom Harpur, em sua mencionada obra, o relato da ressurreição de Lázaro é cópia (ou plágio) da literatura sagrada egípcia, que tem um rico sentido espiritual, quando interpretado simbolicamente, para os que acreditam na ressurreição final dos mortos, mas que é falso, quando interpretado literal e historicamente, como faz a maioria dos cristãos (para a história completa do Lázaro egípcio, cf. HARPUR, 2008, p. 140-143). Nas palavras desse mesmo autor,

um Jesus egípcio ressuscitou dos mortos um Lázaro egípcio, em uma Betânia egípcia, na presença de uma Maria e de uma Marta egípcias, nas inscrições daquela terra antiga pelo menos 5 mil anos antes da era cristã (HARPUR, p. 89).

A ressurreição do filho da viúva de Naim (Lucas 7,11-17) também não é, segundo os pesquisadores do SJ (cf. FUNK & THE JESUS SEMINAR, 1998, p. 288-289), um fato histórico, realizado por Jesus, mas é uma criação parabólica do evangelista Lucas, com base na história muito semelhante da ressurreição do filho da viúva de Sarepta, realizada pelo profeta Elias (cf. 1Reis 17, 17-24). É que muitas histórias narradas nos Evangelhos foram criadas pelos evangelistas com base em histórias semelhantes narradas no Antigo Testamento.

Quanto á ressurreição da filha de Jairo (cf. Marcos 5,21-24; 35-43; Mateus 9, 18-26; Lucas 8, 40-42; 49-56), os pesquisadores do SJ (cf. FUNK & THE JESUS SEMINAR, 1998, p. 83) também afirmam que essa suposta ressurreição da filha de Jairo não é um fato histórico, mas um relato parabólico criado pelo evangelista Marcos (copiado depois por Mateus e Lucas). O mais provável, porém, como teria afirmado o próprio Jesus (cf. Lucas 8,52), é que a filha de Jairo não estava morta, mas dormindo, como teria acontecido também com a suposta ressurreição de Eutico, realizada pelo apóstolo Paulo (Atos 20,7-12), o qual não estava morto, conforme assegurou o próprio Paulo, ao dizer: “Não vos perturbeis; sua alma está nele” (Atos 20,10).

37- JESUS SUBIU AO CÉU, SENTOU-SE À DIREITA DE DEUS, DE ONDE RETORNARÁ PARA JULGAR A HUMANIDADE?

Tudo isso não passa de crenças mitológicas e parabólicas sobre Jesus. No Evangelho de Marcos, está escrito: “Ora, o Senhor Jesus, depois de lhes ter falado, **foi arrebatado ao céu** e sentou-se à direita de Deus” (Marcos 16,19) (negrito meu). No Evangelho de Lucas, temos a seguinte passagem sobre a “ascensão de Jesus: “Depois, levou-os até Betânia e, erguendo as mãos, abençoou-os. E enquanto os abençoava, distanciou-se deles e era elevado ao céu” (Lucas 24,50-51). Nos Atos dos Apóstolos, escrito pelo mesmo Lucas, existe outra passagem que fala da subida física de Jesus ao

céu e de seu retorno físico, nos seguintes termos: “Dito isso, elevou-se à vista deles, e uma nuvem o ocultou a seus olhos. E como fitassem o céu enquanto ele ia, eis que apareceram junto deles dois homens vestidos de branco, que lhes disseram: ‘Homens da Galileia, que estais aí a contemplar o céu? **Esse Jesus, que vos foi arrebatado, virá do mesmo modo que para o céu o vistes partir**’ “ (Atos 1,9-11) (negrito meu).

A suposta subida física de Jesus aos céus e o seu retorno físico, ou seja, sua segunda vinda física apocalíptica, para julgar a humanidade, são lendas sobre Jesus, e não verdades históricas (exclusivas do cristianismo).

Se Jesus não ressuscitou fisicamente, como é que ele pode ter subido ao céu fisicamente, de onde retornará fisicamente para julgar a humanidade, por ocasião do suposto fim do mundo?

Convém repetir que a humanidade, na visão espírita (que sigo), não terá um fim, mas uma *transformação*, na época de sua regeneração. Será o fim do mundo velho, a decadência das ideias antigas.

Além disso, a frase “e ele foi arrebatado ao céu”, como nos informa o escritor Bart D. Ehrman, é um acréscimo significativo, para ressaltar **a fisicalidade da partida de Jesus por ocasião de sua suposta ascensão ao céu**, a qual, no Evangelho de Lucas ocorreu no mesmo dia da aparição de Jesus como ressuscitado, mas que, nos Atos dos Apóstolos, escrito pelo mesmo Lucas, teria ocorrido somente quarenta dias depois de sua aparição como ressuscitado (cf. EHRMAN, 2006, p. 179).

A própria expressão “subir ao céu”, como no caso da *ascensão* de Jesus e de outros personagens bíblicos (como Elias), é um simbolismo parabólico, baseado na visão tripartida do mundo: céu (em cima), inferno/lugar dos mortos (embaixo) e terra (no meio).

Esse erro e inúmeros outros, que existem tanto no Novo Testamento como no Antigo Testamento, são provas de que a Bíblia, literalmente interpretada, não é isenta de erros e, portanto, a Bíblia inteira não é a “Palavra de Deus”, mas palavras dos homens, pois Deus não pode errar nem contradizer-se, e a Bíblia, literalmente interpretada, está cheia de erros, mentiras, contradições, alterações e variações (cf. SOUZA, 2010a).

Para concluir a resposta da presente pergunta, reafirmo que tudo não passa de mentiras sobre Jesus afirmar que ele ressuscitou fisicamente, subiu ao céu fisicamente (ascensão), sentou-se à direita de Deus, onde ainda se encontra, esperando para retornar fisicamente, em glória (parusia), a fim de julgar a humanidade, enviando os bons para o céu e os maus para o inferno eterno.

38- OS DOGMAS CATÓLICOS SOBRE A NATUREZA DE JESUS SÃO VERDADES ABSOLUTAS, OU RELATIVAS?

São verdades relativas. Verdade absoluta é aquela que é aceita por todos, enquanto verdade relativa é aquela que não é aceita por todos. Por exemplo, **a lei da gravidade** é uma verdade absoluta, porquanto é aceita por todos. Afirmar que $2 + 2 = 4$ é outro exemplo de verdade absoluta, pois ninguém duvida dessa soma matemática.

Por outro lado, os dogmas cristãos, segundo os quais **Jesus Cristo é literalmente Deus encarnado, nascido por obra e graça do Espírito Santo**, não são verdades absolutas, pois não são verdades aceitas por todos, nem mesmo por todos os que se dizem cristãos. Logo, são verdades relativas.

A maioria das verdades religiosas são relativas, uma vez que não são aceitas por todos (por exemplo, os dogmas católicos da divindade de Cristo, da trindade, do inferno eterno etc.). Mas existem verdades religiosas absolutas, isto é, aceitas por todos (por exemplo, os mandamentos HONRAR PAI E MÃE, NÃO MATAR, NÃO ROUBAR, AMAR O PRÓXIMO etc.).

É preciso também distinguir “**verdade religiosa**” de “**verdade científica**”.

A “verdade científica” é um juízo conformado a uma dada realidade e relativamente aceito por todos. Exemplos: “A água ferve a 100 graus centígrados”; “a Terra gira em torno do Sol”. Se negarmos essas sentenças, teremos afirmações cientificamente falsas, teremos o “erro científico” que é o oposto da “verdade científica”.

A “verdade religiosa” (ou a “verdade das religiões”), diferentemente da “verdade científica”, é um juízo que pode ou não ser conformado a uma dada realidade, ou seja, pode ou não ser “verdadeiro” e, por conseguinte, não é aceito por todos. É um ponto de vista

ou uma opinião que não convence a todos, mas somente aos adeptos de determinado credo religioso. Exemplos: **A Igreja Católica foi fundada por Deus! Só Jesus salva!** Essas verdades religiosas não podem ser absolutas, pois não são aceitas nem mesmo por renomados teólogos e escritores católicos, como Hans Küng, Alfred Loisy, Eduardo Hoornaert e outros.

Desde o século IV, a Igreja Católica considera-se a dona absoluta e exclusiva da verdade religiosa. Para ela, todas as outras religiões são falsas, mentirosas.

Conforme já sabemos, a verdade central da Igreja Católica, bem como das igrejas protestantes, consiste em dizer que Jesus é literalmente Deus encarnado, o único Salvador da humanidade, mediante seu sangue derramado na cruz. Quem não crê nessas verdades (ou melhor, conforme meu atual ponto de vista, nessas mentiras cristãs), está condenado ao inferno eterno.

Em face de todas essas mentiras sobre Jesus, não podemos concordar, à luz da fé raciocinada, que a Igreja Católica seja a dona absoluta da verdade religiosa. Até quando ela vai continuar nesse seu erro? Só Deus sabe!

É preciso distinguir, com o renomado filósofo alemão Emanuel Kant (1724-1804), o mundo (incluindo o Absoluto/Deus) como ele é em si mesmo e o mundo como ele é visto por cada um de nós, de acordo com a nossa capacidade limitada de percepção e interpretação. Ou seja, o conhecimento humano é “relativo” ao grau de compreensão do sujeito cognoscente.

Muito tempo antes de Kant, Santo Tomás de Aquino (1225-1274), considerado o maior filósofo e teólogo da Igreja Católica, já dizia, corretamente, que “o objeto conhecido se encontra no sujeito cognoscente de acordo com sua capacidade perceptiva” (TOMÁS DE AQUINO, *Summa Theologica*, II/, Q. 1. Art. 2.; apud HICK, 1990, p. 118).

Alguém poderia pensar que essa visão de Santo Tomás de Aquino e de Emanuel Kant é o que o papa Bento XVI vem chamando de “relativismo”, ou melhor, de “ditadura do relativismo”, ou seja, a impossibilidade do conhecimento absoluto da realidade, filosofia que reduziria todo o nosso conhecimento a simples opiniões ou a percepções subjetivas, relativas, da realidade.

Essa crítica é falsa, uma vez que nem Santo Tomás de Aquino, nem Emanuel Kant afirmaram, por exemplo, que nosso conhecimento da lei da gravidade ou o de que $2 + 2$ é igual a 4 não sejam verdades absolutas, mas relativas.

O papa Bento XVI continua batendo na tecla da “ditadura do relativismo”, considerada por ele como a maior ameaça atual às verdades da fé católica, uma vez que as supostas verdades absolutas da fé católica estão sendo cada vez mais rejeitadas nos últimos tempos, inclusive por muitos famosos teólogos católicos, prova de que as verdades supostamente absolutas da Igreja Católica são, de fato, **verdades relativas** que precisam urgentemente ser discutidas e debatidas na mesa do diálogo inter-religioso, de igual para igual, único meio de se chegar a um consenso racional sobre o que é verdade ou o que é mentira em assuntos doutrinários. Se as verdades da Igreja Católica fossem absolutas, repito, todos concordaríamos com elas, do mesmo modo como todos concordamos com a lei absoluta da gravidade. Se nem todos concordamos com as verdades católicas é por que elas não são verdades absolutas, mas relativas ou até mesmo mentirosas.

Para concluir a resposta da presente questão, convido todos os cristãos a se convencerem de que são chegados os tempos de conhecermos as verdades cristãs, mediante o diálogo religioso, sobretudo as verdades a respeito da verdadeira identidade (ou natureza) de Jesus: **QUEM FOI JESUS? Ele foi Deus e homem, somente Deus ou somente homem?**

A resposta a essa pergunta, objetivo principal de todas as minhas obras ecumênicas, tem sido a maior polêmica cristã de todos os tempos. Até quando essa polêmica vai continuar? Só Deus sabe! Mas a única saída, na minha opinião, para se chegar a um consenso, é a prática do diálogo inter-religioso, aberto e sincero, à luz da razão, da ciência, da história das religiões e da “fé raciocinada”. Não vejo outra saída. Enquanto isso não acontecer, nunca teremos verdadeira paz e fraternidade entre os próprios cristãos, nem paz sobre a Terra, e nunca chegaremos ao conhecimento da verdade que nos liberta (“*Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará*”).

39- A CRENÇA NA DIVINDADE DE JESUS FAZ BEM, OU MAL, AO DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO?

Faz muito mal. O maior desafio que o cristianismo dogmático terá que enfrentar, se quiser dialogar com as religiões não cristãs, dentro de uma visão pluralista, diz respeito à sua crença literal na divindade de Jesus. Isso é o que reconhece, entre outros, o teólogo católico Mário de França Miranda, em seu livro *O Cristianismo em Face das Religiões* (MIRANDA, 1998, p. 23-24; 26-27), fazendo referências às posições de teólogos pluralistas, como John Hick e Paul Knitter, que, como já ressaltai, veem o dogma da *encarnação divina* de Jesus não como uma realidade objetiva, mas apenas como linguagem metafórica, poética, mitológica. Nas palavras desse mesmo teólogo católico,

a dificuldade maior do cristianismo sempre se centralizou na “encarnação de Deus”, que confere à pessoa e à ação de Jesus Cristo as características de **unicidade** e de **universalidade** voltadas para a salvação da humanidade. Como pode um evento particular e histórico ter tal pretensão universal? Como entrar num diálogo inter-religioso, respeitando as outras religiões, sem considerá-las de antemão imperfeitas e inferiores, se reconhecemos em Jesus Cristo e apenas nele o Salvador único e universal do gênero humano? Não se poderia conceber a pessoa e a ação de Deus a partir de outros mediadores além de Jesus Cristo? (MIRANDA, 1998, p. 23)

Esse é, sem dúvida, o grande dilema do macroecumenismo cristão. Miranda (ibid.) reconhece que, para haver um autêntico diálogo com as outras religiões, a Igreja teria que desvincular Jesus de Deus, mas essa postura negaria o dogma de Calcedônia, uma impossibilidade para a grande maioria dos cristãos, pois, para eles, os dogmas cristãos são verdades absolutas e, logo, inquestionáveis e intocáveis (**é pecado mortal duvidar de um dogma!**). É assim que funciona a “fé cega”: a que acredita em verdades religiosas porque são absurdas (“*credo quia absurdum*”).

Felizmente, na mesma trilha de John Hick e de seus colaboradores, muitos outros teólogos cristãos contemporâneos estão cada vez mais se convencendo de que a única saída para resolver o enigma cristão, bem como para permitir a existência de um autêntico diálogo

inter-religioso, é precisamente desvincular, de uma vez por todas, o “Jesus histórico” do “Cristo da fé”. Enquanto isso não for feito, continuarão a existir as brigas, as divisões, os preconceitos e as discriminações de toda ordem, em primeiro lugar, entre os seguidores de facções diferentes dentro do próprio cristianismo e, em segundo lugar, entre os cristãos dogmáticos e os adeptos de outras religiões ou filosofias, numa total inversão e distorção do verdadeiro cristianismo que Jesus pregou – **um código de moral (ou de ética) universal**, resumido na **lei do amor**, o qual une todas as religiões, todas as filosofias e todas as pessoas.

40- A DOCTRINA DE PAULO É IDÊNTICA À DE JESUS?

Defendo a tese de que a doutrina central do apóstolo Paulo, ou seja, a de nossa salvação somente pela fé em Cristo morto e ressuscitado (cf. Romanos 10,9), é frontalmente oposta à de Jesus (cf. meu livro “Paulinismo”, SOUZA 2010b).

Paulo de Tarso foi o mais antigo escritor cristão. Dos 27 livros do Novo Testamento, 13 são atribuídos a ele: 1) Carta aos Romanos (**considerada a síntese do cristianismo dogmático**); 2) Primeira Carta aos Coríntios; 3) Segunda Carta aos Coríntios; 4) Carta aos Gálatas; 5) Carta aos Efésios; 6) Carta aos Filipenses; 7) Carta aos Colossenses; 8) Primeira Carta aos Tessalonicenses; 9) Segunda Carta aos Tessalonicenses; 10) Primeira Carta a Timóteo; 11) Segunda Carta a Timóteo; 12) Carta a Tito e 13) Carta a Filemon.

Alguns pesquisadores suspeitam que as seguintes seis cartas não são de Paulo, mas de um discípulo (ou de discípulos) dele: 1) Carta aos Efésios; 2) Carta aos Colossenses; 3) Segunda Carta aos Tessalonicenses; 4) Primeira Carta a Timóteo; 5) Segunda Carta a Timóteo e 6) Carta a Tito (cf. EHRMAN, 2006, p. 33, nota 5).

A Primeira Carta aos Tessalonicenses, geralmente datada do ano 49 d.C., foi o primeiro escrito cristão, por sinal, a carta em que Paulo mais prega sua doutrina apocalíptica, segundo a qual Jesus estava perto de voltar dos céus para fazer o julgamento da Terra. Nas palavras do escritor Bart D. Ehrman,

o fim iminente de todas as coisas era uma fonte de fascinação constante para os primeiros cristãos, que de modo geral esperavam que Deus logo interviria nos assuntos do mundo para destruir as forças do

mal e estabelecer seu reino, com Jesus à frente, aqui na Terra (EHRMAN, 2006, p. 35).

Diante de todas as evidências históricas que estamos comprovando neste livro, não há como não defender a tese, como faço em meu livro “Paulinismo”, de que a doutrina de Paulo de Tarso é radicalmente oposta aos ensinamentos autênticos de Jesus, **além de ser também a causa dos principais erros da teologia cristã dogmática**. Por isso, concordo plenamente com o ponto de vista segundo o qual é mais correto dizer que a religião ocidental dominante deste planeta, que existe há dois mil anos, é, de fato, um **“PAULINISMO”**, e não um **“CRISTIANISMO”**.

41- O JESUS DE PAULO É IDÊNTICO AO JESUS HISTÓRICO?

De forma alguma. Como comprovo em meu livro “Paulinismo” (ver Apêndice A), o escritor cristão mais responsável pelos erros e mentiras sobre Jesus foi o apóstolo Paulo, o qual, influenciado pelo conhecimento pagão que tinha de várias outras religiões, bem mais antigas do que o cristianismo, transformou, com exclusividade, o “Jesus histórico” (**uma pessoa inteiramente humana**) no “Jesus mítico” (**uma pessoa totalmente divina**), o próprio Deus encarnado, o único Filho de Deus, nascido por obra e graça do Espírito Santo, o único mediador entre Deus e os homens, também chamado de “Cristo confessional”, “Cristo da fé”, “Cristo cósmico”, “Jesus canônico” e “Jesus ou Cristo mítico”, uma figura celeste, o Filho Unigênito de Deus, o único salvador da humanidade pecadora (mediante sua morte e ressurreição), o único Messias, o único Senhor (=Deus) e o fundador de uma nova e verdadeira religião (ou igreja).

42- O JESUS HISTÓRICO É IDÊNTICO AO “CRISTO CÓSMICO” (“DEUS DENTRO DE NÓS”)?

O “Jesus histórico” não é literalmente o **“Cristo cósmico”**, ou seja, **“Deus dentro de nós”**. O “Cristo cósmico” (um figura totalmente celeste, divina) é o Jesus dos cristãos docetistas, dos cristãos gnósticos e até mesmo do apóstolo Paulo, em algumas de suas cartas (ou de cartas a ele atribuídas): “Já não sou eu quem vive, é Cristo quem vive em mim” (Gálatas 2,20); “Não sabeis que sois um

templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?” (1 Coríntios 3,16); “Nele [=no Cristo cósmico, no Cristo-Deus] vivemos, nos movemos e existimos” (Atos 17,28).

Essas passagens do apóstolo Paulo, por serem puramente gnósticas, contradizem sua doutrina central, exposta sobretudo em sua Epístola aos Romanos, segundo a qual Jesus era Deus e homem e morreu historicamente na cruz, como Deus e homem, para redimir a humanidade.

Os cristãos gnósticos e docetistas acreditam que o corpo físico de Jesus não era real, mas apenas “aparentava” ser físico e que seu espírito desceu sobre ele no seu batismo, e o abandonou bem antes de sua crucificação. Tais concepções destroem não só a humanidade de Jesus, mas também a sua suposta expiação redentora, pois Jesus tinha que ter sido não somente Deus verdadeiro, mas também homem verdadeiro (com um corpo físico real), que realmente sofreu e morreu na cruz, para que seu sacrifício substitutivo pelo pecado fosse aceitável (Hebreus 2,14-17).

Lucas, discípulo de Paulo, também afirma a mesma doutrina gnóstica do “Cristo cósmico”: “O reino de Deus está dentro de nós” (Lucas 17, 21). João, às vezes, igualmente põe nos lábios de Jesus essa mesma doutrina: “Eu e o Pai somos um” (João 10,30). “Quem me viu, viu o Pai” (João 14,9). “Não crês que estou no Pai e o Pai está em mim?” (João 14,10).

Na literatura sagrada da Índia, escrita milhares de anos antes do cristianismo, encontramos essa mesma doutrina gnóstica de nossa união cósmica com Deus: “O Universo vive em Brahmã (= o Absoluto, Deus), dele procede e a ele voltará” (apud BLAVATSKY, 1995, p. 77).

Considero essa doutrina correta, ou seja, de que **Deus está dentro de nós**. O que não considero correto é transformar o “Jesus histórico” no “Deus que está dentro de nós”, como fizeram Paulo, João e Lucas nas citadas passagens do Novo Testamento, passagens essas que contradizem abertamente a doutrina central da fé cristã dogmática segundo a qual Jesus é Deus e homem.

Em outros termos, o “Jesus histórico”, por não ser literalmente “Deus”, não pode habitar dentro de nós, mas somente Deus, o Ab-

soluto (Brahmã), que não é um Deus *pessoal*, mas *impessoal*, é que realmente habita *imanentemente* dentro de cada um de nós.

Embora eu não acredite mais no Deus *pessoal*, antropomórfico, da maioria das denominações cristãs, creio, porém, no Deus *impessoal* da Doutrina Espírita, conceituado como “a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas” (KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*, resposta da Pergunta nº 1).

Acredito que esse Deus, ou seja, essa inteligência suprema (infinita, impessoal, imutável, imaterial, una, absoluta, perfeítíssima) é o chamado “Cristo cósmico”, o *Espírito de Deus que habita imanentemente em cada um de nós*.

Nesse sentido, o apóstolo Paulo estava certo, ao dizer: “Não sabeis que sois um templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?” (1Coríntios 3,16). “Eu vivo, mas já não sou eu que vivo, pois é Cristo [= Deus] que vive em mim” (Gálatas 2,20). O erro de Paulo, repito, foi confundir, em algumas de suas cartas, o “Jesus histórico” com “Deus”, identificando o “Jesus histórico” com o “Cristo interno”, ou seja, com a Divindade que habita *imanentemente* dentro de cada um de nós.

Convém repetir, com a teosofista Helena P. Blavatsky, que essa doutrina gnóstica não é exclusiva de Paulo:

Não há diferença alguma entre as palavras do Apóstolo cristão [Paulo]: “Nele vivemos, nele nos movemos e temos o nosso ser” (Atos 17,28), e o que diz o Rishi [sábio] hindu: “O Universo vive em Brahman [= a Divindade Suprema do hinduísmo], dele procede e a ele voltará” (BLAVATSKY, 1995, v. 1: Cosmogênese).

No livro hinduísta *Baghavad Gita*, encontramos essa mesma doutrina do Deus que habita dentro de nós:

“Trazes em ti mesmo um amigo sublime que não conheces. Pois Deus reside no interior de todo homem, mas poucos sabem encontrá-lo” (apud KERSTEN, 1986, p. 134).

Essa passagem do *Baghavad Gita* é idêntica à do apóstolo Paulo, ao dizer: “Não sabeis que sois um templo de Deus e que o Espírito de Deus mora em vós?” (1Coríntios 3, 16).

Para mim, todas essas citações expressam a mesma grande verdade religiosa, segundo a qual Deus (“a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas”) realmente habita em cada um de nós. Como poderíamos viver, se Deus (o Absoluto) não estivesse *imanentemente* dentro de nós?

A divindade dentro de nós é também designada, por várias correntes de pensamento, pelas seguintes expressões: “a chama divina”, “o Cristo interno”, “o Cristo cósmico”, “o Eu divino em cada um de nós”, “o Pai em nós” e “o Reino de Deus no homem”.

Repito que considero essa crença verdadeira, mas não é essa fé (essa crença) que nos “salva”, ou melhor, que nos liberta e nos faz evoluir espiritualmente. O que nos “salva”, o que nos liberta e nos faz evoluir espiritualmente é somente a prática do amor-caridade: FORA DA CARIDADE NÃO HÁ “SALVAÇÃO” (no sentido de “libertação” ou “evolução espiritual”), como ensina o espiritismo.

Para evoluirmos espiritualmente, precisamos estar em sintonia com Deus dentro de nós. Mas para vivermos em sintonia com o “Cristo interno” (Deus dentro de nós) é necessário praticarmos as virtudes que o Jesus histórico nos ensinou no Sermão da Montanha (Mateus 5-7), ideia muito bem defendida por vários escritores, dentre os quais destaco os três seguintes: Uberto Rohden, no livro “Rumo à Consciência Cósmica”; Tom Harpur, no livro “O Cristo dos Pagãos”; e José Lázaro Boberg, no livro “O Segredo das Bem-Aventuranças”.

Estou encantado com o conteúdo e a forma literária dessa obra magnífica do escritor espírita José Lázaro Boberg, na qual ele insiste, em quase cada página, que, para evoluirmos espiritualmente, devemos estar em sintonia com o *Cristo interno* (a Chama Divina) que habita em cada um de nós.

O apóstolo Paulo também escreveu: “Se alguém está em Cristo [=em Deus], é nova criatura” (2Coríntios 5,17), ou seja, se alguém está vivendo os ensinamentos autênticos do “Jesus (ou Cristo) histórico”, expressos no Sermão da Montanha (Mateus 5-7), resumidos na Lei do Amor-Caridade, é, de fato, uma nova criatura.

É preciso esclarecer, contudo, com o escritor José Lázaro Boberg, em sua referida obra, que nossa sintonia com a divindade dentro de nós é sempre relativa, e não absoluta, uma vez que nunca

seremos iguais a Deus, pois Deus é único e transcende a todas as coisas. Eis suas palavras:

Sendo que o reino de Deus está dentro da própria criatura, quanto mais se procede à limpeza espiritual, mais se *sente* a Sua presença, fruto de sintonia vibratória com Ele. A limpeza promove a sintonia com o Pai, de forma relativa, pois jamais atingiremos a plenitude, senão seríamos iguais ao Todo. E Deus é único (BOBERG, 2009, p. 72).

Concordo plenamente com esse pensamento do escritor Boberg, pois, para mim, nenhuma das passagens bíblicas citadas nesta questão, a respeito de nossa união com a Divindade, elimina a *transcendência* de Deus. Elas exemplificam a sua *imanência* em nós, mas Ele (Deus) continua sendo Ele e não nós, e nós continuamos sendo nós e não Ele.

As passagens bíblicas citadas na presente questão apenas expressam nossa união e comunhão íntima com Deus (que está dentro de nós), o que não significa dizer que existe uma identidade perfeita entre nós e Deus, mas apenas a união, a comunhão íntima e imanente (de modo relativo) entre nós e Deus. Procurar constantemente essa união mística com Deus, como fizeram os grandes espíritos evoluídos (como Jesus e muitos outros), é tarefa de todos nós, o que não significa dizer, como afirmam os panteístas, que “todos somos Deus”.

Em suma, afirmar que “nele vivemos, nele nos movemos e temos o nosso ser” (Atos 17,28) não significa dizer que *nós somos Deus*, como defendem os panteístas, mas que, como suas criaturas, dependemos Dele para vivermos, nos movermos e existirmos, ou seja, Deus é a *causa* de nossa existência e nós somos o *efeito* dessa causa. Mas o efeito não é a causa, nem a causa é o efeito.

Para concluir a resposta da presente pergunta, reafirmo que o “Jesus histórico” não é o “Cristo cósmico” (Deus dentro de nós), embora ele nos tenha dado exemplos, como nenhum outro, de ter vivido em grande sintonia com o Deus que habita em cada um de nós, pois Jesus foi, na visão espírita (que adoto), o espírito mais evoluído que já se encarnou na Terra, sendo até mesmo o Governador Espiritual deste planeta.

43- A DOCTRINA CRISTÃ PAULINA É ORIGINAL?

A doutrina de Paulo de Tarso não é original, pois ela sofreu muita influência de outras religiões bem mais antigas do que o cristianismo, principalmente das chamadas “**religiões de mistério**” (ou “**religiões de mistérios**”) ou seja, das religiões que pregavam a redenção ou salvação realizada por um “**deus-homem**”, nascido de uma virgem, que morria e ressuscitava no terceiro dia após a morte.

Pode-se perceber nas “**religiões de mistério(s)**” planos de salvação ou redenção semelhantes ao do cristianismo paulinista. Segundo vários estudiosos, as lavagens cerimoniais das religiões de mistério(s), por exemplo, foram precursoras do batismo cristão e a refeição sagrada dessas mesmas religiões foi precursora da Ceia do Senhor. Também o conceito do “deus” que morre e ressuscita das religiões de mistério(s) influenciou a doutrina cristã paulinista a respeito de Cristo. Quase todas as religiões de mistério(s) giravam em torno da ideia de salvadores que morriam e retornavam à vida, isto é, ressuscitavam, no terceiro dia após a morte.

O fato de Paulo de Tarso ter recebido grande influência das religiões míticas pagãs, principalmente das chamadas “**religiões de mistério(s)**” é afirmado por todos os especialistas críticos em história do cristianismo, dentre os quais cito novamente o renomado professor de História das Religiões Ambrogio Donini, em seu livro *Breve História das Religiões*, no qual ele escreve o seguinte: “A fé no deus-redentor das religiões de mistério é absorvida no cristianismo por **Paulo de Tarso**, ao qual se deve notadamente a representação de Jesus como *salvador*” (DONINI, 1965, p. 287) (negrito meu).

44- JESUS É O ÚNICO DEUS-HOMEM “SALVADOR”?

Argumento que não, pois a figura mítica de um **deus-homem “Salvador”** sempre fez parte de quase todas as religiões, e não exclusivamente do cristianismo dogmático. A esse respeito, leiamos o que escreveram os autores do *Dicionário Enciclopédico das Religiões*:

A salvação é prometida por todas as religiões. [...] O Salvador, o *Soter* dos gregos, é um homem e, ao mesmo tempo, um deus, e vem a ser um símbolo universal, pois **para salvar o homem é preciso ser ho-**

mem e também um deus. [...] Em muitas religiões é o filho que traz a salvação. Entre os egípcios foi Hórus [filho do deus Osíris e da deusa Ísis] (DER, verbete **salvação**) (negrito meu).

Nas culturas antigas, uma das condições necessárias para alguém ser “salvador” era ter nascido miraculosamente, sendo ao mesmo tempo **homem e deus** (e **filho de um deus**). Ora, se nas culturas antigas, uma das condições necessárias para alguém ser “salvador” era ter nascido miraculosamente, sendo ao mesmo tempo **homem e deus (e filho de um deus)**, fica mais fácil entender o argumento de muitos pesquisadores críticos do cristianismo, segundo o qual foi Paulo de Tarso quem “divinizou” Jesus, fazendo com que ele possuísse o caráter **humano e divino de qualquer salvador**.

45- JESUS É APENAS UM MITO?

O “Jesus histórico”, não; mas o “Cristo da fé”, sim. O Jesus histórico nasceu durante o reinado de Herodes, o Grande. O nome de sua mãe foi Maria. Como já vimos neste livro, ele não nasceu de um parto virginal, mas nasceu de um parto normal, como qualquer um de nós. Ele não nasceu em Belém, mas em Nazaré. Ele não fez milagres que anulam as leis da natureza. Ele não morreu na cruz para nos salvar. Ele não ressuscitou fisicamente, nem subiu ao céu fisicamente, nem retornará fisicamente para julgar a humanidade. Ele foi morto pelos romanos, e não pelos judeus. Ele nunca declarou ser Deus nem Filho de Deus no sentido literal desses termos.

Como elucidam os integrantes do SJ, a pessoa histórica de Jesus de Nazaré realmente existiu, mesmo que alguns céticos acreditem que todas as histórias sobre Jesus sejam puros mitos. Traduzo, a seguir, algumas afirmações dos pesquisadores do SJ sobre a historicidade real de Jesus de Nazaré:

Acreditamos que Jesus começou sua vida pública como um discípulo de João Batista, que ele se afastou de João Batista em algum momento e retornou à Galileia onde iniciou sua tarefa (ou missão) como um sábio itinerante. Accreditamos que ele falou sobre o Reino de Deus em parábolas e frases curtas (aforismos) e atraiu muitos seguidores. Accreditamos também que ele foi um curador carismático e exorcista, e que foi eventualmente condenado à morte pelos romanos (e não pelos judeus), por volta do ano 30 d.C. Paulo de Tarso, que se tornou um

discípulo, depois da morte de Jesus, proclamou que o Jesus ressuscitado apareceu-lhe numa visão e que ele tinha também aparecido a Simão Pedro, um dos primeiros seguidores de Jesus. Além desses escassos fatos históricos, existe pouquíssima informação detalhada sobre a vida de Jesus. Contudo, é fácil imaginar uma história que junta esses fatos numa única narrativa sequencial. Os evangelistas fizeram exatamente isso, ao narrar de forma sequencial, os fatos referentes à história de Jesus e o que a sua vida significou para eles. Os autores evangélicos usaram as Escrituras e suas próprias convicções como guias para elaborar uma história que explicasse a morte de um herói sofredor que viveu corretamente (FUNK & THE JESUS SEMINAR, 1998, p. 527).

46- JESUS PROMETEU QUE LOGO RETORNARIA PARA JULGAR A HUMANIDADE?

O “Jesus histórico”, não; mas o “Cristo da fé”, sim, o qual prometeu que logo retornaria para julgar a humanidade, enquanto ainda estivessem vivos alguns de seus discípulos, profecia que não se cumpriu, a maior prova de que ele (o “Cristo da fé”) não era (nem é) Deus, pois Deus não pode errar. (A matéria completa sobre esse erro do Cristo da fé se encontra na resposta da Pergunta nº155 de meu livro “Catecismo Ecumênico” e no meu blog – **Blog do Pinheiro: diálogo Inter-Religioso** (www.jpinhoirosouza.blog.uol.com.br) (datas da publicação: 25 e 31/8/2008 e 22/6/2009).

47- JESUS FEZ “MILAGRES” NO DOMÍNIO DA NATUREZA PARA PROVAR QUE ELE ERA DEUS?

Como já disse, na visão espírita (que sigo), não existem “milagres”, no sentido vulgar (e até mesmo teológico) de “uma derrogação das leis da natureza, por meio da qual Deus manifesta o seu poder” (KARDEC, *A Gênese*, cap. 13, n. 1). Em outros termos, para o espiritismo, “não há milagres, nem fatos sobrenaturais, tudo o que pertence ao universo fenomênico é natural” (PALHANO, 1997, p. 249) (Para a interpretação espírita dos milagres atribuídos a Jesus nos Evangelhos, ver KARDEC, *A Gênese*, cap. 15).

Com essa argumentação, não se quer negar que haja fenômenos extraordinários, até o momento inexplicáveis pela ciência con-

vencional, rotulados de “milagres”, como “levitação”, “bilocação”, “materialização” etc., que aparentemente suspendem as leis conhecidas da natureza.

O que se deseja esclarecer é que é preciso saber distinguir, na literatura religiosa, fatos “miraculosos” reais (ou possíveis) de relatos puramente míticos, alegóricos, simbólicos ou *teofânicos*. Nos relatos de *epifania* ou *teofania*, muito comuns na literatura religiosa, atribuem-se a um ser supostamente divino ações “miraculosas” que aparentemente suspendem as leis da natureza (cf. FUNK & THE JESUS SEMINAR, 1998, p. 207, 389). Por isso, é preciso saber distinguir fatos de mitos nas narrativas de milagres.

A ressurreição de Lázaro, por exemplo, conforme já vimos neste livro, não pode ser interpretada literalmente como um fato miraculoso real, mas como um relato simbólico, com o objetivo de provar a crença cristã na ressurreição final (cf. HARPUR, 2008, p. 140-143). Como já vimos, esse mesmo autor (*ibid.*) esclarece que a história da ressurreição de Lázaro é cópia (ou plágio) da literatura sagrada egípcia. Se esse famoso milagre tivesse realmente acontecido, como é que os outros evangelistas não o teriam narrado?

O mesmo se diga a respeito do suposto milagre da transformação do pão e do vinho no corpo e no sangue de Jesus, o qual não deve ser interpretado ao pé da letra, mas simbolicamente. Como é que Jesus poderia ter dito, na Última Ceia, que em suas mãos estavam o seu próprio corpo e sangue,

quando ainda estava VIVO NO MEIO DOS DISCÍPULOS, habitando o mesmo corpo com o qual nascera de Maria e com o qual andara e ainda estava andando na companhia dos discípulos? Tal pensamento propalado pela Igreja Romana para assegurar a doutrina da transubstanciação fere frontalmente a inteligência das pessoas sensatas!” (NETO, 2004, p. 83).

48- SOMENTE OS MILAGRES ATRIBUÍDOS A JESUS TÊM VALOR HISTÓRICO?

De forma alguma. É preciso também combater, como faço em minhas obras ecumênicas, duas atitudes exclusivistas e errôneas da maioria dos cristãos: 1) a crença de que os milagres realizados

por Jesus são provas de sua divindade e 2) a crença de que somente os milagres atribuídos a Jesus têm valor histórico, os demais milagres atribuídos a outros líderes religiosos do mundo sendo considerados como “magia” ou como relatos puramente mitológicos, sem nenhum valor histórico. Por que essa discriminação?

Essas atitudes são totalmente falsas (mentirosas), pois os milagres não constituem por si mesmos um critério suficiente para julgar a origem divina ou humana de uma pessoa, uma vez que o próprio Jesus teria afirmado que milagres podem também ser realizados por “falsos Cristos e falsos profetas”: “Surgirão falsos Cristos e falsos profetas e farão grandes milagres” (Mateus 24, 24).

A crença cristã segundo a qual somente os milagres atribuídos a Jesus têm valor histórico, os demais milagres atribuídos a outros líderes religiosos do mundo sendo considerados como “magia” ou como relatos puramente mitológicos, sem nenhum valor histórico, é inteiramente falsa, mentirosa, uma vez que todos os tipos de milagres atribuídos a Jesus no Novo Testamento já tinham sido supostamente realizados por outros líderes religiosos do mundo.

“Na mitologia religiosa, todos os tipos de milagres são possíveis” (HASSNAIN, 1999, p. 73). Logo, para quem acredita no mito da divindade de Jesus, isto é, que ele seja *literalmente* Deus encarnado, todos os tipos de milagres são possíveis, inclusive os que aparentemente anulam as leis da natureza. Aliás, para os cristãos dogmáticos, todos os milagres atribuídos a Jesus no Novo Testamento tinham a função de provar que ele era realmente um ser divino, com poderes singulares e exclusivos, em relação aos outros milagreiros.

Por isso mesmo, a maioria dos cristãos, na sua convicção de Jesus ser literalmente Deus encarnado, acredita que ele fez vários milagres que supostamente anulam as leis da natureza, como ressuscitar mortos, acalmar uma tempestade, andar sobre as águas, multiplicar pães, transformar água em vinho, mudar a substância do pão e do vinho em seu próprio corpo e sangue etc.

Mesmo na hipótese de que Jesus tenha, de fato, realizado todos esses tipos de milagres, não é justo os cristãos pensarem que esses tipos de milagres tenham sido realizados única e exclusivamente por Jesus, uma vez que milagres desse tipo são igualmente

atribuídos a inúmeros outros personagens da literatura religiosa deste planeta: sabe-se, por exemplo, que o profeta Eliseu (cf. 2Reis 4,42-44) também “multiplicou” pães, um discípulo de Buda também “andou” sobre as águas do rio Acivarati (cf. FUNK & THE JESUS SEMINAR, 1998, p. 207) e vários profetas, como Elias e Eliseu (1Reis 17; 2Reis 4), também “ressuscitaram” mortos etc.

49- JESUS FOI A REVELAÇÃO ABSOLUTA, EXCLUSIVA E DEFINITIVA DE DEUS À HUMANIDADE?

De forma alguma. Os cristãos dogmáticos continuam acreditando que a Revelação feita por Deus na Bíblia cristã foi exclusiva e definitiva.

Essa crença é falsa, pois ela não encontra nenhum apoio na história das religiões, a qual, bem ao contrário, comprova que Deus sempre se revelou aos homens desde a mais remota antiguidade, e certamente continuará se revelando, à medida que o homem for evoluindo e sendo capaz de entender seus ensinamentos.

Conforme já vimos, a história das religiões comprova que muito pouco é original no cristianismo convencional e na Bíblia cristã. De fato, quase tudo no cristianismo ortodoxo e na Bíblia judaico-cristã foi adaptado, copiado ou plagiado (para não dizer roubado), de tradições religiosas mais antigas (ver, entre outros especialistas em história do cristianismo, GRIESE, 1957, cap. II; DONINI, 1965; BAIGENT, LEIGH & LINCOLN, 1993, cap. VIII; BROWN, 2004, cap. 55; SOUZA, 2007, p. 163-165; SOUZA, 2010a, questão 116, p. 174-187).

Do mesmo modo como o cristianismo dogmático e mítico pretende ser a última e definitiva revelação de Deus à humanidade (a primeira tendo sido a revelação mosaica), o islamismo é também considerado por seus seguidores como a terceira (e última) revelação de Deus aos homens, com o intuito de aperfeiçoar e atualizar as duas primeiras grandes revelações: a revelação de Deus por intermédio de Moisés (no judaísmo) e a revelação de Deus por intermédio de Jesus no cristianismo.

Para concluir a presente resposta, reafirmo que essa crença mítica em **Revelação Religiosa Definitiva** é um grande erro, uma grande mentira, pois ela não encontra nenhum apoio na história das

religiões. Logo, Jesus não pode ter sido a revelação absoluta, exclusiva e definitiva de Deus à humanidade.

50- O JESUS DO NOVO TESTAMENTO E DAS VÁRIAS DENOMINAÇÕES CRISTÃS (E NÃO CRISTÃS) É O MESMO?

Não. O 'Jesus' de João e de Paulo, por exemplo, é bem diferente do 'Jesus' dos outros autores do NT. O 'Jesus' de Mateus e de Tiago salva pelas obras, enquanto o 'Jesus' de Paulo salva somente pela fé em Cristo morto e ressuscitado (cf. Romanos, 10,9).

O 'Jesus' de uma denominação cristã é bem diferente do 'Jesus' de outra. O 'Jesus' dos católicos, por exemplo, é bem diferente do 'Jesus' dos protestantes. O 'Jesus' dos protestantes liberais e dos teólogos pluralistas é bem diferente do 'Jesus' dos fundamentalistas cristãos.

O 'Jesus' dos católicos entregou as chaves do Reino dos Céus somente a Pedro e aos seus legítimos sucessores (os papas), enquanto o 'Jesus' dos protestantes fundou a religião cristã, mas não confiou exclusivamente a Pedro a chefia dessa instituição. O 'Jesus' da grande maioria dos cristãos é literalmente Deus encarnado, enquanto o 'Jesus' dos protestantes liberais e/ou pluralistas é apenas poética e metaforicamente uma divindade. O 'Jesus' da maioria dos cristãos é altamente exclusivista, porquanto é o único caminho, o único mediador entre Deus e os homens, enquanto o 'Jesus' dos cristãos pluralistas é um caminho ao lado de muitos outros. O 'Jesus' dos mórmons, das Testemunhas de Jeová e dos espíritas é o maior profeta que já veio a este mundo, mas não é uma divindade. O 'Jesus' dos rosa-cruzes é Filho de Deus, mas não o único Filho de Deus. O 'Jesus' dos hinduístas é uma encarnação divina ao lado de muitas outras. O 'Jesus' dos muçulmanos é um grande profeta, mas é inferior a Maomé e não foi crucificado nem morto na cruz (cf. *Alcorão*, sura 4, 157). Segundo alguns estudiosos, Jesus se casou e teve filhos.

Enquanto o 'Jesus' da maioria dos cristãos fundou uma nova religião e uma igreja, o 'Jesus' de muitos outros grupos religiosos (como o defendido neste livro) não fundou uma nova religião, nem uma igreja, mas apenas ensinou a praticarmos **um código de mo-**

ral (ou de ética) universal, resumido na lei do amor (emprego os termos “moral” e “ética” no mesmo sentido de um conjunto de princípios universais de boa conduta humana).

Em face de tantas concepções contraditórias a respeito do personagem central do cristianismo, podemos e devemos perguntar: **JESUS NÃO É UM SÓ? QUAL É, ENTÃO, O VERDADEIRO JESUS?**

Indubitavelmente, a maior polêmica cristã de todos os tempos sempre foi (e continua sendo) sobre **a verdadeira identidade de Jesus (QUEM É JESUS)?** E são três as principais correntes desta polêmica:

- 1) A corrente dogmática: **Jesus é Deus e homem.**
- 2) A corrente docetista/gnóstica: **Jesus é só Deus.**
- 3) A corrente adocionista/ariana/espírita: **Jesus é só homem.**

A grande maioria dos cristãos (atualmente cerca de dois bilhões) segue a primeira corrente cristológica, ou seja, acredita que Jesus de Nazaré é Deus e homem (Deus encarnado), que se fez homem a fim de morrer pelos pecados da humanidade e que fundou uma nova religião e uma igreja para proclamar essa verdade. Se Jesus é, *literalmente*, Deus encarnado, o cristianismo tradicional (dogmático) é a única religião fundada pessoalmente pelo próprio Deus, e deve ser, por conseguinte, superior a todas as outras religiões deste planeta (cf. HICK, 1993, p. ix).

Em minhas obras ecumênicas (cf. SOUZA, 2005; 2007; 2010a; 2010b) questiono as duas primeiras correntes cristológicas sobre a verdadeira identidade de Jesus, defendendo, com os adocionistas, os arianos, os espíritas e muitos outros grupos de estudiosos do cristianismo, particularmente os teólogos liberais e pluralistas, a terceira corrente (**Jesus é só homem**), por sinal, a corrente que mais cresce atualmente no mundo, argumentando que as outras duas correntes, por defenderem um **Jesus que é Deus e homem** ou **que é só Deus (uma pessoa totalmente divina)**, são “mitos cristãos”. Para nós, o “Jesus” da terceira corrente é o “Jesus real” (**uma pessoa inteiramente humana**), em oposição ao “Jesus mítico” das outras duas correntes (**uma pessoa totalmente divina**). (Para os conceitos de “mito”, “mitologia” e “mitos cristãos”, ver meu livro “Mitos Cristãos”, SOUZA, 2007).

Respeito o direito de cada grupo religioso (ou mesmo de cada indivíduo) defender o seu ‘Jesus’ como sendo o “verdadeiro Jesus” e, por isso mesmo, espero que você, prezado leitor, respeite igualmente o meu direito de defender, neste livro, aquele que é, na minha opinião, **O VERDADEIRO JESUS DE NAZARÉ**.

Como já disse, mas não me cansarei de repetir, na visão cristológica que defendo, o “Jesus real” é o chamado “**Jesus histórico**” (ou “**Cristo histórico**”), em contraposição ao “Jesus (ou Cristo) mítico”, normalmente chamado de “**Cristo da fé**”. São duas figuras antagônicas. O “Jesus (ou Cristo) real” é um ser humano, histórico, pluralista, cuja doutrina principal se resume na lei do amor, enquanto o “Jesus (ou Cristo) mítico” é um personagem celeste, Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, um ser superexclusivista, cuja doutrina é cheia de dogmas e mitos, o único Filho de Deus encarnado na História, o único “salvador” (ou “redentor”) da Humanidade (pelo seu sangue derramado na cruz), o fundador da única religião verdadeira (o cristianismo tradicional) e da única igreja verdadeira (a Igreja Católica).

Consequentemente, é preciso também distinguir o “cristianismo do Jesus (ou Cristo) real” – o cristianismo do “Jesus histórico” – do “cristianismo do Jesus (ou Cristo) mítico” – o cristianismo mítico do “Cristo da fé” (para mais detalhes sobre esse tema, ver SOUZA, 2007, cap. 1).

Meus livros ecumênicos mostram que o processo de transformação do “Jesus (ou Cristo) real” no “Jesus (ou Cristo) mítico”, do nascimento à paixão e à morte, vem sendo confirmado por todas as pesquisas contemporâneas, as quais comprovam que a imagem do “Cristo (ou Jesus) mítico” é apenas uma criação fantástica, elaborada no curso dos tempos (cf. SOUZA, 2005; 2007; 2010a; 2010b; DONINI, 1965, p. 283).

Mas foi **Paulo de Tarso**, sem dúvida alguma, o maior responsável pela transformação do “Jesus (ou Cristo) real” no “Jesus (ou Cristo) mítico” e, consequentemente, foi ele o maior responsável pela transformação do “cristianismo real” (o “cristianismo das origens”) no “**cristianismo mítico dos cristãos**”. Como afirma o professor de História das Religiões Ambrogio Donini,

a fé no deus-redentor das religiões de mistério [=religiões de salvação] é absorvida no cristianismo por Paulo de Tarso, ao qual se deve notadamente a representação de Jesus como *salvador* (DONINI, p. 287).

Por isso é que muitos estudiosos afirmam, com razão, que o termo mais apropriado para designar o “cristianismo mítico dos cristãos” é “**PAULINISMO**”, título de meu 4º livro ecumênico (SOUZA, 2010b), sem negarmos, porém, o papel fundamental do imperador Constantino na criação dessa modalidade de cristianismo.

O cristianismo mítico, ao ser adotado como religião oficial do Império Romano, sofreu grande influência de outras tradições religiosas mais antigas, sobretudo das chamadas “religiões de mistérios”, isto é, das religiões pagãs que cultuavam um **deus-homem** salvador, morto e ressuscitado para salvar a humanidade.

Esclareço que minha meta, como a de muitos outros estudiosos atuais do cristianismo, é chegar o mais perto possível do **Jesus histórico**, uma vez que nenhum outro personagem histórico suscita reações tão apaixonadas nem engendra conclusões tão opostas. Mas, como todo humilde escritor, permaneço aberto à crítica e à revisão.

Para concluir a resposta da presente pergunta, reafirmo que existe, de fato, como vimos nesta questão, uma proliferação interminável de concepções contraditórias sobre Jesus, até mesmo dentro do próprio cristianismo. Quem está com a verdade? Somente através de muito diálogo ecumênico e macroecumênico é que será possível chegar-se um dia a saber quem realmente está com a verdade verdadeira sobre Jesus, que é uma só.

51- O “JESUS MÍTICO” (O “CRISTO DA FÉ”) É O ÚNICO “SALVADOR” DA HUMANIDADE?

De forma alguma. As evidências da grande semelhança entre o “Jesus mítico” (o “Cristo da fé”) e várias outras divindades, como Osíris, Hórus, Krishna, Buda, Mitra e outras, comprovam que o cristianismo dogmático não é uma religião exclusiva, excepcional e única, mas é uma religião ao lado de muitas outras, com as mesmas crenças, os mesmos ritos, os mesmos mitos e lendas.

Está na hora, portanto, de os cristãos exclusivistas abandonarem o mito errôneo da unicidade cristã, segundo o qual o Cristo da fé

é o único Salvador da humanidade (**SÓ CRISTO SALVA!**): “**Pois não há sob o céu outro nome dado aos homens pelo qual devamos ser salvos**” (Atos 4,12) (negrito meu).

O mito da unicidade cristã é rejeitado atualmente por todos os estudiosos críticos do cristianismo. Nesse contexto, refletamos sobre as seguintes palavras do escritor e ex-pastor anglicano Tom Harpur:

Muito tempo antes do advento de Jesus Cristo, os egípcios e outros povos acreditavam na vinda de um messias, numa virgem santa com o seu filho, na concepção por uma virgem e na encarnação do Espírito na carne. A Igreja cristã primitiva adotou essas verdades antigas como os próprios dogmas da religião cristã, mas repudiou as suas origens. O que começou como um sistema de crenças universal, baseado em mitos e alegorias, acabou se transformando numa instituição ritualista, encabeçada por literalistas ultraconservadores (HARPUR, 2007, quarta capa).

Este velho **mito da unicidade cristã** é um dos mais combatidos em minhas obras ecumênicas, porque é o mito mais exclusivista e antiecumênico de todos, segundo o qual o cristianismo tradicional é a única religião verdadeira e Jesus é o único “salvador” da humanidade. Jesus, repito, é um salvador, e não o salvador, um caminho, e não o caminho de “salvação”, ou melhor, de “libertação espiritual”.

Felizmente, já existem, há vários anos, no meio dos próprios cristãos, famosos teólogos que rejeitam, com razão, este chamado **mito da unicidade cristã**.

Nesse contexto, recomendo a leitura do livro *The Myth of Christian Uniqueness* (‘O Mito da Unicidade Cristã’), organizado pelos teólogos pluralistas John Hick – protestante – e Paul Knitter – católico (HICK & KNITTER, 1987), os quais argumentam, com muita propriedade, que a crença na *unicidade cristã*, não é uma verdade histórica absoluta, mas é um mito cristão superexclusivista e, por conseguinte, uma das maiores mentiras sobre Jesus. Segundo esse mito cristão, **SÓ JESUS SALVA!**

O Jesus histórico nunca afirmou ser o único caminho de “salvação”. Tal atitude de Jesus, conforme já foi esclarecido neste livro, mas convém repetir, feriria frontalmente a base de sua doutrina, qual

seja, o amor ao próximo e a humildade, caracterizando arrogância espiritual, erguendo assim um muro intransponível entre o cristianismo e todas as demais religiões deste planeta.

Os autores da referida obra (HICK & KNITTER, 1987) têm, pois, muita razão ao argumentarem que o Jesus histórico é um caminho ao lado de muitos outros, mas não o único caminho. Reafirmo que essa velha crença exclusivista do cristianismo ortodoxo precisa mudar. Do contrário, dificilmente poderá haver verdadeira fraternidade entre cristãos e não cristãos e, menos ainda, a existência do diálogo inter-religioso de igual para igual.

Nesse sentido, refletimos sobre o seguinte pensamento pluralista do historiador italiano Ambrogio Donini:

Fala-se ainda hoje do cristianismo como de uma religião em si, para a qual confluíram e encontraram a sua sistematização motivos antiquíssimos, até representar algo de “excepcional” e de “único”. É necessário despir-se deste hábito dogmático e, se me permitem a expressão, presunçoso (DONINI, 1965, p. 198).

Ainda em oposição ao mito da “unicidade cristã”, refletimos também sobre o seguinte pensamento pluralista de um dos maiores líderes religiosos do século XX, o hinduísta Mahatma Gandhi:

Se, porém, houver alguma suspeita em sua mente de que apenas uma religião pode ser a verdadeira e todas as outras são falsas, **você pode rejeitar a doutrina da fraternidade**. Então, estaremos alimentando um processo contínuo de exclusão e fundando a nossa fraternidade sobre alicerces de exclusivismos (apud ELSBERG, 1996, p. 128) (Negrito meu).

Como bem afirmou Gandhi nessa citação, a ideia exclusivista de haver uma única religião verdadeira é incompatível com a fraternidade e, por conseguinte, com a paz, a humildade e o amor.

O exclusivismo religioso também conduz facilmente à intolerância e aos conflitos religiosos, como bem esclarece o famoso teólogo católico Leonardo Boff na seguinte citação:

Quem se sente portador de uma verdade absoluta não pode tolerar outra verdade, e seu destino é a intolerância. E a intolerância gera o desprezo do outro, e o desprezo, a agressividade, e a agressividade, a guerra contra o erro a ser combatido e exterminado. Irrumpem conflitos religiosos com incontáveis vítimas (BOFF, 2002, p. 25).

Como afirma Frances Young, o exclusivismo religioso também gera facilmente atitudes de **arrogância**: “É arrogância espiritual a convicção de que só a nossa crença é verdadeira e todas as outras são falsas” (YOUNG, 1977, p. 39).

Semelhante pensamento é expresso por Waldemar Boff, ao afirmar que “é leviandade e arrogância afirmar que somente a minha lâmpada ilumina realmente a aldeia e que somente pelo seu caminho se chega ao oceano de Deus” (apud PEDREIRA, 1999, p. 123).

Outro argumento que se oferece em favor da tese pluralista é que em todas as religiões há “santos” (pessoas boas) e “demônios” (pessoas más). Em todas, há “trigo” e “joio”. Logo, é por demais ilógico concluir-se a favor de única religião verdadeira.

O *slogan* pluralista adotado em meus livros ecumênicos (**NÃO IMPORTA O CAMINHO!**) expressa a equivalência funcional das religiões, ou seja, todas as religiões são **funcionalmente equivalentes**, isto é, todas são diferentes caminhos que conduzem ao mesmo destino. Logo, é um erro (uma mentira) afirmar que existe um único caminho ideal para todos, isto é, uma única religião ideal para todos. Há diversos caminhos, cada um podendo ser considerado relativamente o melhor para (e por) aqueles que o escolheram, mas ninguém deve achar que o seu caminho, por ser considerado o melhor para si, é também o melhor para todas as outras pessoas do mundo, ou o único caminho verdadeiro para toda a humanidade.

Nesse sentido da **equivalência funcional das religiões**, o cristianismo é o melhor caminho para os cristãos, assim como o judaísmo é o melhor caminho para os judeus, o islamismo para os muçulmanos e assim por diante.

É chegada a hora, portanto, de dar um basta a essa velha história de “religião exclusiva” e dizer, com Pablo Barrera, que “religião exclusiva é coisa do passado” (BARRERA, 2003, p. 438).

Nessa mesma linha de pensamento, tem muita razão o Espírito São Luís, ao dar a Allan Kardec a seguinte instrução: “Desconfiai dos que pretendem estar na posse da exclusiva e única verdade” (KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. 21, n. 8).

52- A IGREJA CATÓLICA ESTÁ CERTA, AO AFIRMAR QUE O NÚCLEO CENTRAL DA PREGAÇÃO DE JESUS FOI O DE SUA UNICIDADE E UNIVERSALIDADE SALVÍFICA?

Indubitavelmente, não. O núcleo central da pregação de Jesus nos Evangelhos foi o do **REINO DE AMOR DE DEUS**, expresso sobretudo no *Sermão da Montanha* (Mateus, 5-7), e não o de sua suposta **unicidade e universalidade salvífica**, como prega, erroneamente, a Igreja Católica, há dois mil anos (cf. a Encíclica *Dominus Iesus*, sobre a unicidade e universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja Católica, RATZINGER, 2001).

Vejamos um pouco o que diz a referida encíclica sobre a unicidade e universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja Católica.

Este documento pontifício, de autoria do Cardeal Joseph Ratzinger (hoje o papa Bento XVI), com plena aprovação do papa João Paulo II, o qual aborda a relação da Igreja Católica com as demais igrejas cristãs e com as outras religiões, dá um grande passo atrás na abertura ecumênica proposta pelo Concílio Vaticano II, com fortíssima tendência de retorno à velha postura exclusivista eclesiocêntrica da época pré-conciliar (“**Só a Igreja Católica é a Igreja de Cristo**”). O documento marca, como veremos, um grande retrocesso no movimento ecumênico católico, além de incluir, obviamente, uma série de mentiras sobre Jesus.

A declaração *Dominus Iesus* (DI) inicia advertindo os católicos contra o perigo do “relativismo” e do “pluralismo” que ameaçam “o perene anúncio missionário da Igreja” (DI 4) e que consideram superadas verdades fundamentais da fé cristã. A fim de enfrentar a mentalidade relativista e pluralista de nosso tempo, a DI reafirma “o caráter definitivo e completo da revelação de Jesus Cristo” (DI 5):

É, por conseguinte, contrária à fé da Igreja a tese que defende o caráter limitado, incompleto e imperfeito da revelação de Jesus Cristo, que seria complementar da que é presente nas outras religiões (DI 6).

É igualmente frequente a tese que nega a unicidade e a universalidade salvífica do mistério de Jesus Cristo. Tal posição não tem nenhum fundamento bíblico. Deve, ao invés, *crer-se firmemente*, como dado perene da fé da Igreja, a verdade de Jesus Cristo, Filho de Deus, Se-

nhor e único salvador, que no seu evento de encarnação, morte e ressurreição, realizou a história da salvação, a qual tem nele a sua plenitude e o seu centro (DI 13).

A Declaração *Dominus Iesus* fundamenta a suposta unicidade e universalidade salvífica de Jesus Cristo (**exclusivismo cristocêntrico**) em passagens exclusivistas e míticas do Novo Testamento como estas:

E não há salvação em nenhum outro, pois não existe debaixo do Céu outro nome dado aos homens, pelo qual tenhamos de ser salvos (Atos 4,12) (DI 13).

[Deus] quer que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade. Pois Deus é um só, e um só também o Mediador entre Deus e os homens: esse homem, que é Cristo Jesus, que se entregou à morte para resgatar a todos (1Timóteo 2,4-6) (DI 13).

Além da ênfase nos mitos da unicidade e universalidade salvífica de Cristo (**cristocentrismo**), a DI insiste na afirmação “suicida” (do ponto de vista ecumênico), de que “a Igreja Católica [...] é a única Igreja de Cristo” [**catolicentrismo**] (DI 16). Uma declaração fechada como essa põe fim a todo o esforço anterior da Igreja em prol do ecumenismo:

Os fiéis são *obrigados a professar* que existe uma continuidade histórica – radicada na sucessão apostólica – entre a Igreja fundada por Cristo e a Igreja Católica: “**Esta é a única Igreja de Cristo** [...] que o nosso Salvador, depois de sua ressurreição, confiou a Pedro para apascentar (cf. João 21,17), encarregando a ele e aos demais Apóstolos de a difundirem e de a governarem (cf. Mateus 28,18ss); levantando-a para sempre como coluna e esteio da verdade (cf. 1Timóteo 3,15). [...] **A Igreja de Cristo, não obstante as divisões dos cristãos, continua a existir plenamente só na Igreja Católica** [...] (UR 3/DI 16). (Negrito meu)

Desse modo, a DI discrimina radicalmente as outras igrejas cristãs, afirmando, por exemplo, que elas “não são Igrejas em sentido próprio”, por não admitirem o primado de Pedro, o sacramento da ordem e o ministério eucarístico (cf. DI 17).

O documento rejeita a tese pluralista da equivalência funcional entre as religiões (**NÃO IMPORTA O CAMINHO!**), reafirmando a convicção de que a Igreja Católica não é um caminho, mas o cami-

nho, o único caminho de “salvação” – um claríssimo retorno à velha postura eclesiocêntrica da época pré-conciliar: **EXTRA ECCLESIAM NULLA SALUS – FORA DA IGREJA, NÃO HÁ SALVAÇÃO** – (cf. DI 21).

A DI rejeita, finalmente, o diálogo religioso de igual para igual em assuntos doutrinários, declarando, assim, mais uma vez, a superioridade do cristianismo e da Igreja Católica sobre as demais religiões (cf. DI 22).

Em resumo, com a DI, a Igreja Católica volta a enfatizar claramente suas velhas posições exclusivistas e míticas: só ela é a verdadeira Igreja fundada por Jesus; só ela possui a plenitude dos meios de salvação; só ela é Igreja no sentido próprio; só a ela foi confiada a plenitude da graça e da verdade etc.

A declaração *Dominus Iesus* é, no correto dizer do teólogo católico Leonardo Boff, um documento *fundamentalista* (e, diria eu, *espiritualmente arrogante*):

O fundamentalismo doutrinário é bem representado no documento *Dominus Iesus* do ano 2000, assinado pelo Cardeal Joseph Ratzinger, prefeito da antiga Inquisição, que aborda a relação de Cristo e da Igreja Católica com as demais igrejas e religiões. Aí se sustenta que a Igreja Católica é a única Igreja de Cristo. As demais denominações cristãs não são igrejas, trata-se de usurpação do título. Possuem apenas elementos eclesiais. O catolicismo comparece também como a única religião verdadeira, e os que não se converterem à Igreja Católica Apostólica Romana correm risco de perdição eterna (BOFF, 2002, p. 17-18).

Dou muita razão a esse mesmo ilustre teólogo católico (Leonardo Boff), ao lamentar o inegável retrocesso ecumênico e macroecumênico da Igreja Católica, marcado por esse documento:

Cinquenta anos de trabalho ecumênico, de diálogo inter-religioso, aparentemente se esvaíram, porque as velhas teses medievais da Igreja como única portadora dos desígnios de Deus, e fora da qual não há salvação, foram ressuscitadas. Isto provocou um escândalo em toda a Igreja, escândalo que não foi ainda digerido nem por nós católicos, muito menos pelos protestantes, que estavam se acercando muito próximos da Igreja Católica (id. *ibid.*).

A Declaração “Dominus Iesus” (DI, 16, nota 56) faz referência à Notificação escrita por Ratzinger, em 1985, sobre a obra de Leonardo Boff, *Igreja: carisma e poder*, em que Boff combate, com razão, a pretensão arrogante da Igreja Católica “de ser a única Igreja de Cristo” (DI, 16). Em termos mais claros ainda, Boff escreve:

A Igreja de Cristo se concretiza na Igreja Católica, apostólica romana, mas não se exaure nesta concretização, a qual, dadas as limitações históricas, culturais-ocidentais e outras, especialmente em razão das sombras e dos pecados nela presentes, não pode identificar-se *in toto, pure et simpliciter* com a Igreja de Cristo. Esta ganha outras expressões histórico-culturais nas diferentes Igrejas cristãs. Juntas e em comunhão, formam a Igreja de Cristo na História, a Igreja de Deus através do tempo (BOFF, 2005, p. 431).

Boff prossegue em seu pensamento ecumênico, defendendo a tese de que as igrejas protestantes também são igrejas cristãs:

Na própria Constituição sobre a Igreja (*Lumen Gentium*), bem como no Decreto sobre o Ecumenismo, fala-se de Igrejas e comunidades eclesiais. No nº 3 do Decreto sobre o Ecumenismo, diz-se que todos os batizados e cristãos crentes pertencem, como membros, ao Corpo de Cristo (cf. 1Coríntios 12,13). Não se lhes atribui apenas o “ser-cristão”, mas também o “ser-Igreja”. Na verdade, não há “ser-cristão” sem ser membro de alguma Igreja (BOFF, *ibid.*, p. 432).

No dia 10 de julho de 2007, o Vaticano, através da Congregação para a Doutrina da Fé, divulgou um documento, datado de 29 de junho de 2007, com aprovação do papa Bento XVI, que reafirma as doutrinas católicas exclusivistas, fundamentalistas e míticas da Declaração “Dominus Iesus”. Nesse documento, o Vaticano reafirma que as igrejas protestantes não são “igrejas cristãs”, pois, como declara a DI, “a Igreja Católica é a única Igreja de Cristo” (DI, 16). Esse novo documento exclusivista e arrogante do Vaticano comprova minha tese do retrocesso ecumênico e macroecumênico da Igreja Católica.

No correto parecer do historiador católico John Cornwell, “a menos que os católicos possam restaurar o espírito do Vaticano II, vão tomar um choque tão grande ou maior que a divisão do cristianismo ocidental quinhentos anos atrás” (CORNWELL, 2002, p. 74).

53- JESUS DISSE QUE PEDRO ERA A PEDRA SOBRE A QUAL ELE EDIFICARIA A SUA IGREJA?

Argumento que não. Os católicos estão convictos de que PEDRO FOI A ÚNICA PEDRA SOBRE A QUAL JESUS EDIFICOU A SUA IGREJA. Logo, segundo eles, Jesus é o verdadeiro fundador e dono da Igreja Católica. Essa pretensão católica está longe de ser verdadeira, como passarei a explicar detalhadamente.

O principal argumento dos católicos para essa velha pretensão exclusivista e, portanto, antiecumênica, é baseada numa interpretação literal do Evangelho de Mateus (Mateus 16, 18-19), em que Pedro teria sido a pedra sobre a qual Jesus teria edificado a **sua** Igreja, tendo sido ele o único a receber de Jesus as chaves do reino dos céus.

Trata-se aqui, na realidade, de uma passagem altamente controvertida do Novo Testamento e que tem dado origem a numerosos conflitos e divisões dentro do próprio cristianismo. Esses versículos de Mateus constituem, de fato, como vêm comprovando, há tempo, muitos estudiosos do Novo Testamento, uma mal-arrumada montagem, criada pelo autor do Evangelho de Mateus (Mateus 16,13-19), que coloca retroativamente nos lábios de Jesus a célebre passagem deste evangelista, com fins totalmente apologéticos (“apologia” aqui significa “defesa da fé” cristã dogmática e mítica). Leiamos a referida passagem:

Chegando Jesus ao território de Cesareia de Filipe, perguntou aos discípulos: “Quem dizem os homens ser o Filho do Homem?” Disseram: “Uns afirmam que é João Batista, outros que é Elias, outros, ainda, que é Jeremias ou um dos profetas.” Então lhes perguntou: “E vós, quem dizeis que eu sou?” Simão Pedro, respondendo, disse: “Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo.” Jesus respondeu-lhe: “Bem-aventurado és tu, Simão, filho de Jonas, porque não foi carne ou sangue que te revelaram isto, e sim o meu Pai que está nos céus. Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei **minha Igreja**, e as portas do Inferno nunca prevalecerão contra ela. Eu te darei as chaves do Reino dos céus e o que ligares na terra será ligado nos céus, e o que desligares na terra será desligado nos céus (Mateus 16,13-19) (negrito meu).

Para quem interpreta os relatos evangélicos ingênua e literalmente, não precisaria mais nada além dessa famosa passagem de

Mateus para concordar com a crença mítica dos católicos segundo a qual a sua Igreja teria sido realmente instituída por Jesus. O caso, entretanto, não é tão simples assim. Essa passagem de Mateus – exclusivista por natureza – divide os católicos de todos os outros cristãos e de todos os não cristãos. Só por essa característica exclusivista, e também pelo fato de essa passagem ser exclusiva de Mateus, já se pode deduzir que ela tem sabor de inautenticidade. Tanto os protestantes (até mesmo os fundamentalistas) como os espíritas (e outros espiritualistas reencarnacionistas) são unânimes em afirmar que essa passagem não pode ser autêntica, mas trata-se de uma montagem mal-arrumada para satisfazer interesses católicos.

Para enriquecer nossa reflexão, recebamos, nesse sentido, a contribuição que nos oferece o escritor espírita Hermínio C. Miranda, através da seguinte convincente argumentação:

É pouco provável, contudo, que Jesus tenha, por exemplo, instituído uma igreja, ou melhor, **a sua igreja**, conforme consta em Mateus 16:18. Essa é a única referência específica nos Evangelhos, ressaltando-se, naturalmente, que a palavra original grega – *ekklesia* – quer dizer comunidade, reunião de pessoas, religiosas ou não. É com essa conotação que começou a ser aplicada, nos Atos e nas Epístolas, ou seja, um local onde se reuniam os cristãos, não como uma Igreja fundada e institucionalizada por Jesus, com a sua estrutura administrativa, ritualística, sacramental e doutrinária (MIRANDA, 1988, p. 168-169) (negrito do autor).

O mesmo autor prossegue em sua brilhante argumentação, à luz da “fé raciocinada”, mostrando que Jesus não fundou nenhuma igreja:

Em suma, Jesus não fundou **a Igreja** e nem mesmo **igrejas**, como Paulo e outros apóstolos. Pregou as suas ideias e deu seu testemunho. Não estava cogitando de templos de pedra e nem de hierarquias sacerdotais, dogmas ou normas de direito canônico. Sequer de uma teologia, no sentido em que hoje conhecemos esse conceito. Para que igrejas, se ele não cuidara, sequer, de ter uma pedra sobre a qual pousasse a cabeça? (ibid.) (negritos do autor)

O escritor espírita J. Herculano Pires, em seu livro “Revisão do Cristianismo”, também argumenta que Jesus não pretendeu fundar nenhuma religião ou igreja (cf. PIRES, 1977, p. 55).

54- QUER DIZER, ENTÃO, QUE A PASSAGEM DE MATEUS SOBRE A FUNDAÇÃO DA IGREJA DE CRISTO É TOTALMENTE FALSA?

Com certeza. A referida passagem de Mateus (Mateus 16,13) sobre a fundação da Igreja de Cristo (a Igreja Católica) é totalmente artificial e falsa, como continuarei a comprovar nesta questão.

A respeito do caráter artificial da pergunta atribuída a Jesus, em Mateus 16,13 (“Quem dizem os homens ser o Filho do Homem?”), e acerca da inautenticidade da passagem sobre a fundação da Igreja de Jesus (“**minha Igreja**”) e do “primado” de Pedro, o escritor espírita Hermínio C. Miranda oferece-nos os seguintes argumentos, com os quais concordo plenamente:

Até mesmo a interpelação inicial de Jesus aos discípulos (“Quem dizem os homens ser o Filho do Homem?”), parece ter sido colocada ali apenas para oferecer encaixe à ideia do “primado” de Pedro, ainda que a pergunta, em si, possa ter sido verdadeira em outro contexto ou oportunidade. [...] Seja como for, lá está em Mateus, a formal instituição da Igreja (*minha Igreja*), a ideia do inferno e a de que Pedro teria em suas mãos as “chaves do Reino”. Do que se depreende que o texto não é somente de duvidosa autenticidade, mas também incompetente, pois não é crível, nem lógico, que, após ter estabelecido as condições, segundo as quais o ser humano herdaria o Reino dos céus, ou o mereceria por seu procedimento reto, suas virtudes e tudo mais, Jesus resolva, diferentemente, que a recompensa máxima de um bom cristão não seria mais a resultante de um esforço pessoal na prática do bem e no exercício do amor a Deus e ao próximo, e sim, uma condição aleatória indefinida, que ficaria inteiramente ao arbítrio de Pedro – e, por extensão, de seus sucessores [os Papas], somente porque a Igreja, mais tarde, considerou-o seu primeiro Papa (MIRANDA, 1988, p. 168-169).

Na verdade, o primeiro dirigente da *comunidade* (e não “igreja”) que Jesus formou foi seu irmão Tiago, e não Pedro. Jesus, repito, não fundou uma nova religião nem uma igreja. Ele formou, sim, uma **COMUNIDADE DE AMOR** (o “**cristianismo das origens**”), ou seja, uma **COMUNIDADE DE PESSOAS**, para viver e pregar os princípios do **código de moral (ou de ética) universal** que ele ensinou: **a paz, a união, a fraternidade, a justiça, a humildade, o perdão e o amor**, sem exclusivismos e divisionismos de nenhuma espécie. Não me cansarei de repetir essa verdade, porque somente a vivência

desse “**código divino**” de moral (ou de ética) universal será capaz de realmente unir todas as pessoas e todas as religiões.

55- SE A IGREJA CATÓLICA É A ÚNICA VERDADEIRA, TODAS AS OUTRAS IGREJAS E DEMAIS RELIGIÕES SÃO FALSAS?

Claro que sim. Se a Igreja Católica é mesmo a única religião verdadeira, todas as demais igrejas e religiões do mundo são falsas, mentirosas, e teriam que se converter à Igreja Católica. O fato, porém, é que a Igreja Católica, em termos de doutrina, é quase toda mítica, exclusivista, pagã, falsa, mentirosa.

Uma óbvia e séria implicação antiecumênica da passagem exclusivista de Mateus (16,13-19), que, há pouco, questionei, é que todas as outras igrejas cristãs deveriam retornar ao seio da suposta verdadeira Igreja fundada por Jesus (“A SUA IGREJA”), a Igreja Católica. E uma clara implicação macroecumênica da mesma passagem é que todos os seguidores das demais religiões do mundo deveriam converter-se ao catolicismo, visto ser a Igreja Católica, na opinião dos católicos, a única religião verdadeira, por ter sido – segundo alegam eles – a única religião fundada pelo próprio Deus encarnado (**o Jesus que é Deus e homem**).

56- É MENTIRA MESMO ATRIBUIR A JESUS A FUNDAÇÃO DE UMA NOVA RELIGIÃO OU IGREJA?

Com certeza. Em função dos objetivos genuinamente ecumênicos e macroecumênicos deste livro, reafirmo minha posição pluralista segundo a qual Jesus não fundou uma nova religião nem uma igreja (a SUA IGREJA), como alegam os seguidores do cristianismo dogmático.

É muito simples justificar essa minha posição, segundo a qual Jesus não fundou uma nova religião, isto é, uma nova instituição religiosa, e menos ainda uma “igreja”, a sua Igreja (como dogmatizaram os católicos). O que Jesus fez, como já disse muitas vezes, mas não me cansarei de repetir, foi ensinar **a prática do amor a Deus e ao próximo**. Como Jesus, que tanto amou a todos indistintamente, poderia ter fundado uma “igreja”, a sua “igreja”, se “igreja” é normalmente sinônimo de “divisão” e de “exclusivismo”,

haja vista as centenas (para não dizer milhares) de “igrejas” que se dizem “cristãs”, espalhadas pelo mundo inteiro, “lançando anátemas umas contra as outras” (COMBY, 1996, p. 35), cada uma pretendendo ser dona exclusiva da verdade cristã? **Quem exclui ou discrimina o próximo, não o ama!**

Não foi Jesus, por conseguinte, faço questão de repetir, que fundou uma nova religião ou uma “igreja”, mas foram os cristãos exclusivistas que o fizeram, a começar por Paulo de Tarso. É totalmente inconcebível, portanto, que Jesus tenha sido o fundador de uma nova religião (o cristianismo mítico) ou de uma igreja (a Igreja Católica). O Jesus histórico ensinou e praticou não uma nova religião, mas A RELIGIÃO, A VERDADEIRA RELIGIÃO – A VIVÊNCIA DO AMOR!

Os espíritas vêm, corretamente, transmitindo essa mesma verdade em sua rica literatura. E atualmente existem até mesmo teólogos e estudiosos cristãos (incluindo católicos) que negam, com razão, que Jesus tenha, de fato, fundado uma igreja durante a sua vida terrena.

Como exemplo de um famoso escritor católico que defende essa mesma verdade, quero citar aqui o ilustre teólogo Hans Küng, padre suíço, nomeado pelo papa João XXIII como consultor teológico para o Concílio Vaticano II. Eis suas palavras:

Jesus não fundou uma igreja durante sua vida. [...] Hoje, até exegetas católicos aceitam que a famosa frase sobre Pedro como a pedra na qual Jesus construirá sua igreja (Mateus 16,18-19: a declaração está no futuro), e da qual os outros evangelhos não têm conhecimento, não é uma frase do Jesus terreno, mas foi composta após a Páscoa pela comunidade palestina, ou mais tarde pela comunidade de Mateus (KÜNG, 2002, p. 28) (negrito meu).

Essa mesma tese de que Jesus não fundou uma igreja, como nos informa o escritor e ex-padre católico Eduardo Hoornaert, já havia sido defendida, no início do século XX, pelo padre francês Alfred Loisy, o qual

sofreu muito por causa desse seu posicionamento, foi humilhado e proibido de ensinar em instituições da Igreja. Morreu isolado de seus colegas. Mesmo assim, **sua tese é vitoriosa, hoje, pelo menos entre**

os estudiosos da história das origens do cristianismo (HOORNAERT, 2006, p. 34) (negrito meu).

A tese de que Jesus não fundou uma igreja é igualmente defendida, hoje, pelos integrantes do SJ (cf. FUNK, HOOVER & THE JESUS SEMINAR, p. 41).

Com essa hipótese, não pretendo diminuir a importância e o valor do cristianismo dogmático e da Igreja Católica ao longo da História, mas desejo apenas tentar contribuir para o conhecimento da verdade que nos liberta: “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (João 8,32). Nesse contexto, refletimos sobre o que escreveu o famoso escritor vaticanista espanhol Juan Arias:

Uma das perguntas mais delicadas, comprometedoras e complexas sobre Jesus de Nazaré é se ele quis fundar uma nova Igreja e uma nova religião. Uma pergunta difícil, já que a Igreja Católica e, em geral, as igrejas cristãs jamais admitirão que não foram fundadas por Jesus [...] E estão convencidas de que o cristianismo é uma nova religião, como o islamismo, o judaísmo e o hinduísmo. Contudo, não poucos especialistas se fizeram seriamente essa pergunta. **E muitos deles, a começar pelos modernistas, foram condenados e perseguidos por terem questionado a vontade de Jesus de fundar uma Igreja.** Roma, ao contrário, jamais teve dúvidas quanto ao fato de Jesus ter fundado sua Igreja sobre Pedro, a quem deu o poder de governar e o dom da infalibilidade para não errar em sua tarefa.[...] Mesmo na hipótese não provada de que não seja Jesus o fundador da Igreja Católica [...], isso não diminui em nada a importância que essa instituição religiosa e o cristianismo em geral tiveram e têm na história. **Tampouco diminui sua importância o fato de que essa Igreja possa ter nascido da fé dos primeiros cristãos e da concepção religiosa de Paulo de Tarso, considerado por alguns autores o verdadeiro fundador do cristianismo, ao fazer com que o cristianismo primitivo se afastasse de suas originais raízes judaicas** (ARIAS, p. 127-128) (negrito meu).

O famoso teólogo Leonardo Boff, em seu livro *Igreja: Carisma e Poder*, publicado (pela Editora Vozes) em 1981, também reconhece a existência dentro do próprio catolicismo de duas correntes opostas entre os teólogos: uma corrente afirmando que Jesus fundou a Igreja e outra afirmando que “a Igreja como instituição não estava nas cogitações do Jesus histórico...” (BOFF, 2005, p. 425). Por causa dessa afirmação, Boff foi duramente criticado e julgado por Joseph

Ratzinger (hoje o papa Bento XVI), que o acusa nos seguintes termos, citando Boff (ibid.):

Segundo suas próprias palavras, (L. Boff) coloca-se dentro de uma orientação na qual se afirma que “a Igreja como instituição não estava nas cogitações do Jesus histórico, surgindo, isto sim, como evolução posterior à ressurreição, particularmente com o processo progressivo de desescatologização” (p. 133) (RATZINGER, apud BOFF, ibid.)

Mesmo tendo rebatido essa e outras críticas feita por Ratzinger ao seu livro, passado um ano do julgamento (em 1985), Boff

foi condenado a um tempo indeterminado de “silêncio obsequioso”, deposto da cátedra de teologia, impedido de escrever e de coordenar o edital religioso da Editora Vozes. O livro *Igreja: carisma e poder* não poderia mais ser reeditado sem profundas remodelações (BOFF, ibid., p. 17-18).

57- A IGREJA CATÓLICA É MESMO A ÚNICA “IGREJA DE JESUS E DE DEUS”?

De modo algum. Como venho argumentando em várias questões deste livro, Jesus não fundou nenhuma nova religião ou igreja e ele também não é literalmente “Deus encarnado”, nem “Filho de Deus”, nem “Deus o Filho” (Segunda Pessoa da Santíssima Trindade). Logo, é uma grande mentira afirmar que a Igreja Católica é mesmo a única religião ou igreja de Deus, instituída por Seu Filho Jesus Cristo.

Na visão que defendo, repito, Deus não é o fundador de nenhuma religião (ou igreja) particular, pois Deus não precisa de instituições religiosas. Por conseguinte, Deus não é nem nunca foi propriedade de nenhuma igreja ou instituição religiosa, pois Deus não é parcial ou exclusivista, uma vez que Ele é igualmente o Pai de todos. “Deus não faz acepção de pessoas; [...] em qualquer nação, quem o teme e pratica a justiça lhe é agradável” (Atos 10,34-35; Deuteronômio 10,17).

Logo, o Deus de uma religião (ou igreja) não pode ser superior ao de outras, embora as religiões, devido às suas limitações, o vejam de maneira exclusivista e, por isso, vivam, lamentavelmente, a digladiar-se pela defesa de seu Deus como sendo “superior” ao Deus das demais:

Todas as religiões estão desnecessariamente brigando umas contra as outras. Seus argumentos são absolutamente sem sentido – elas estão falando sobre o *mesmo* Deus. Mas, por elas terem conhecido diferentes aspectos [do mesmo Deus], elas estão insistindo em seus próprios aspectos: que “essa é a verdade”. E o outro está dizendo que justamente o oposto é a verdade (OSHO, 1980, p. 115).

Essa reflexão de Osho faz-me lembrar da antiga parábola budista “Os cegos e o elefante”, segundo a qual um mesmo elefante foi observado por vários cegos de nascença, sendo que cada cego, só conseguindo apalpar uma parte do elefante, descreveu-o de modo totalmente diferente, cada um considerando a sua descrição como a única verdadeira. O mesmo ocorre com os seguidores “cegos” (e fanáticos) das diferentes religiões.

Quanto às pretensões exclusivistas do cristianismo mítico e da Igreja Católica de terem sido a única religião fundada pelo próprio Deus, reafirmo que essas pretensões não têm nenhum fundamento, pois Jesus não é *literalmente Deus e homem*, uma *pessoa inteiramente divina*, conforme a crença mitológica e dogmática cristã.

58- JESUS INSTITUIU O SACRAMENTO DA EUCARISTIA?

Na visão espírita (que sigo), Jesus não instituiu nenhum sacramento. Todos os sete sacramentos da Igreja Católica foram instituídos por ela mesma ao longo dos séculos.

Além disso, se quase toda a Igreja Católica é de origem pagã, como comprovo em minhas obras ecumênicas, não há como ignorar o fato de que todos os seus **sacramentos** são também de origem pagã, conforme argumentam muitos estudiosos das religiões.

Com todo o meu respeito à crença católica no Sacramento da Eucaristia, que alimenta a fé de mais de um bilhão de fiéis, devo expressar, contudo, a bem da verdade, meu pensamento atual sobre a sua origem pagã, à luz da história das religiões e da “fé raciocinada”.

Duas das divindades mais populares da Grécia antiga, cuja história, ritos e festas antecipam efetivamente, sob muitos aspectos, a religião cristã, incluindo obviamente a Eucaristia, são precisamente “Deméter” (a “mãe” de Deus) e “Dioniso” (o “filho” de

Deus). Aliás, o termo “Dioniso” (da língua trácio-frígia) significa etimologicamente “filho de deus” – “**dio-niso**” (cf. DONINI, p. 145, nota 26).

Os nomes dessas duas divindades (“**Deméter**” e “**Dioniso**”) lembram algumas das características típicas do mito cristão, incluindo obviamente o mito da Ceia Eucarística (cf. DONINI, p. 144).

Assim, por exemplo, o momento culminante do rito dionisíaco era uma espécie de assimilação eucarística da carne do deus Dioniso, simbolizada por um cabrito, do mesmo modo como no catolicismo a carne do deus Jesus é simbolizada pelo pão consagrado; o fiel participava assim da força sobrenatural do próprio deus Dioniso e transformava-se em homem-Baco, ou seja, em homem-deus (cf. DONINI, p. 208).

Vê-se nesse rito dionisíaco, claramente, uma das origens do significado da Ceia Eucarística católica. Os católicos, de fato, acreditam que, ao comerem o pão e ao beberem o vinho eucarísticos, participam do “Deus-Cristo” do mesmo modo como os pagãos acreditavam que participavam dos seus deuses comendo a carne dos animais sacrificados em sua honra (cf. GRIESE, p. 179).

O apóstolo Paulo, para induzir os cristãos a não participarem dos sacrifícios pagãos e não comerem a carne dos animais sacrificados aos ídolos, proíbe essa prática, substituindo-a pela “Ceia do Senhor”, dizendo que, como pela carne dos ídolos, o homem participa dos “demônios”, ou seja, dos “deuses pagãos”, do mesmo modo pelo consumo do pão e do vinho eucarísticos o cristão participa do “Cristo da fé”, ou seja, do “Deus-Cristo” (cf. GRIESE, p. 175).

Segundo esse mesmo teólogo e ex-padre católico Franz GRIESE (cf. GRIESE, 1957, p. 106), a cena da Última Ceia Eucarística católica é também uma cópia exata da cena da Última Ceia Eucarística de Agni (divindade hindu e védica, cultuada na Índia), em que **os fiéis consumiam pão e vinho consagrados como se fossem o corpo e o sangue do filho de Deus.**

Analogamente, os adoradores do deus Mitra (da Pérsia) também deviam servi-lo com absoluta pureza, recebendo **sete sacramentos**, entre os quais figuravam **o batismo, a confirmação e a comunhão: pão e vinho consagrados** por fórmulas rituais. **Os fi-**

éis consumiam pão e vinho consagrados como se fossem o corpo e o sangue do próprio deus Mitra (ou Mitras).

Mais explicitamente, uma das principais características do mitraísmo era precisamente **a refeição sacrificial** (que certamente deu origem à Ceia Eucarística cristã e à Missa dos católicos), que envolvia **comer a carne e beber o sangue de um touro como se fossem a carne e o sangue do próprio deus Mitra**. Em outros termos, Mitra, como o Cristo da fé (no pão e vinho eucarísticos), estava “presente” na carne e no sangue do touro e, quando consumido, concedia salvação àqueles que tomavam parte da refeição sacrificial (rito de **teofagia = comer o próprio deus**).

Mitra nasceu de uma virgem, num 25 de Dezembro, numa cova ou numa gruta, foi adorado por pastores e magos, foi perseguido, fez milagres, foi morto e ressuscitado ao terceiro dia...e o rito central do seu culto era a eucaristia, uma eucaristia cuja forma e fórmulas verbais são em tudo idênticas às que acabaria por adotar a Igreja cristã. (RODRÍGUEZ, 2001, p. 123)

A Igreja Católica é, por conseguinte, uma religião altamente sincretista, uma vez que é o resultado da fusão de diversas crenças. Essa verdade histórica deveria diminuir (ou mesmo eliminar) as pretensões exclusivistas da grande maioria dos católicos (e de outros cristãos) em torno do mito da unicidade do cristianismo.

59- O APÓSTOLO PAULO ACREDITAVA NA PRESENÇA FÍSICA DE JESUS NA EUCARISTIA?

Na opinião do teólogo e ex-padre católico Franz Griesse, o apóstolo Paulo – o primeiro criador da Ceia Eucarística católica – não a interpretava *literalmente*, mas *simbolicamente*.

Logo, para Paulo (o maior apóstolo do cristianismo), a Ceia Eucarística é *metaforicamente* (*simbolicamente*) “verdadeira”, mas é *literalmente* “falsa”.

Nesse sentido, Paulo chamava os elementos da Ceia de **pão e vinho** (ou de **pão e cálice**), e não de **corpo e sangue**, embora ele desse à Ceia Eucarística um sentido plenamente apocalíptico, uma vez que Paulo foi o maior pregador apocalíptico do Novo Testamento: **“Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o**

cálice, anunciais a morte do Senhor até que ele venha [para julgar a humanidade]” (1Coríntios 11,26) (negrito meu).

Como nos esclarece o teólogo Franz GRIESE (cf. GRIESE, p. 174-175), no tempo de Paulo, os pagãos e os judeus costumavam sacrificar animais aos respectivos deuses. A carne desses animais sacrificados era consumida nos mercados públicos, na qualidade de carne de Júpiter (o Senhor dos deuses), carne de Minerva (deusa da sabedoria) etc., segundo as divindades a quem haviam sido sacrificados os animais. Os consumidores escolhiam a carne que mais lhes convinha, crendo que comendo essa carne recebiam uma bênção especial da divindade respectiva, e até entrar em certa união com ela, mediante aquela carne.

É da maior importância ter presente essas crenças da antiguidade, para compreender o sentido das palavras nos escritos daqueles que viviam naquela época e estavam imbuídos de suas ideias.

Pois bem, o apóstolo Paulo, para induzir os novos cristãos, oriundos dos povos pagãos, a não participarem dos sacrifícios pagãos e não comerem a carne dos animais sacrificados aos ídolos, proíbe essa prática, substituindo-a pela “Ceia do Senhor”, dizendo que, como pela carne dos ídolos, o homem participa dos “demônios”, ou seja, dos “deuses pagãos”, do mesmo modo pelo consumo do pão e do vinho eucarísticos o cristão participa do “Cristo da fé” (cf. GRIESE, p. 175).

Mas, como afirma GRIESE (ibid.), não há a menor dúvida de que Paulo não acreditava numa participação literal da própria pessoa dos deuses pagãos, mediante a carne dos ídolos e, portanto, tampouco na participação literal da verdadeira pessoa de Cristo, mediante o pão e o vinho eucarísticos.

Os coríntios (como Paulo) também tinham um conceito simbólico muito simples da eucaristia e, certamente, não tinham a convicção de que o pão seria o verdadeiro corpo e o vinho o verdadeiro sangue de Cristo. Eles apenas acreditavam que, ao comerem o pão e ao beberem o vinho, participavam do Cristo da fé, do mesmo modo como os pagãos acreditavam que participavam simbolicamente dos seus deuses comendo a carne dos animais sacrificados em sua honra (cf. GRIESE, p. 179).

O apóstolo Paulo chama o pão consagrado de “pão” e o vinho consagrado de “vinho”, o que mostra que ele não acreditava numa transformação verdadeira do pão e do vinho no corpo e no sangue de Cristo, mas apenas queria ensinar aos coríntios que esta ceia deveria ser celebrada *simbolicamente* em memória de Cristo, **até a sua segunda vinda para julgar a humanidade.**

60- A CEIA EUCARÍSTICA CATÓLICA FOI TRANSFORMADA, DEPOIS, NUM RITO PAGÃO DE ANTROPOFAGIA E TEOFAGIA?

Sim. A Ceia Eucarística católica, inicialmente criada por Paulo de Tarso, como uma simples lembrança *simbólica* da morte e do sangue derramado de Jesus, foi transformada, depois, num rito pagão literal de **antropofagia** (do grego *anthropos*, “homem”, e *phagein*, “comer”) e de **teofagia** (do grego *theós*, “deus”, e *phagein*, “comer”), rito este existente em várias religiões bem mais antigas do que o catolicismo, particularmente no mitraísmo, religião que se caracterizava principalmente pelos **sete sacramentos** que ministrava aos seus fiéis, o mais importante dos quais era a **refeição sacrificial, que consistia em comer a carne e beber o sangue do deus Mitra, literalmente presente na carne e no sangue de um touro.**

Em outras palavras, para os fiéis do mitraísmo, o seu deus Mitra (ou Mitras) estava literalmente “presente” na carne e no sangue do touro e, quando consumido, concedia a salvação àqueles que tomavam parte da refeição sacrificial (rito de **teofagia** em que os fiéis “comiam” o corpo e bebiam o sangue do próprio deus Mitra).

Depois da proclamação do dogma da divindade de Jesus, no ano 325, em que Jesus foi dogmatizado como sendo Deus e Homem, a Ceia Eucarística católica passou igualmente a ser literal e oficialmente interpretada como um rito pagão de **antropofagia** e **teofagia**, no qual os fiéis comem o corpo e bebem o sangue do HOMEM-JESUS (**antropofagia**) e do DEUS-JESUS (**teofagia**), *literalmente* presente no pão e no vinho consagrados.

Objecções contra a *transubstanciação* eucarística sempre existiram ao longo da história do cristianismo. Dois autores anticatólicos mais conhecidos – Celso, no século I, e Porfírio, no século II – já atacavam essa doutrina, afirmando que **“mesmo compreendida**

alegoricamente, a Eucaristia permanece um rito antropofágico” (apud COMBY, 1996, p. 35) (negrito meu).

A Ceia Eucarística católica é, portanto, um velho rito religioso, de **antropofagia e teofagia**, de origem pagã (existente em várias outras religiões bem mais antigas do que o cristianismo), que merece todo o nosso respeito, mas que não deve ser interpretada *literalmente* (como verdade exclusiva e absoluta do catolicismo), mas apenas *simbolicamente*, como fazia Paulo de Tarso, o verdadeiro fundador do cristianismo mítico dos cristãos. Como é que mais de um bilhão de fiéis católicos ainda acreditam que ninguém poderá salvar-se sem comer a carne e beber o sangue do Deus-Jesus?

Amigos leitores, o verdadeiro Deus não pode ter carne nem sangue, pois Deus é puro ESPÍRITO imaterial.

61- JESUS REALIZOU O MILAGRE DA “TRANSUBSTANCIAÇÃO”?

Para os católicos, sim; não, porém, para os protestantes e os espíritas. Segundo os católicos, Jesus, na noite que precedeu a sua morte, celebrou a última ceia com seus apóstolos, na qual tomou o pão da mesa, fez uma prece e o distribuiu aos seus apóstolos, dizendo: “Tomai e comei, **isto é o meu corpo**”. Depois, tomou o cálice com vinho, fez uma prece e o deu aos seus apóstolos, dizendo: “Tomai e bebei: **isto é o meu sangue**”.

Com estas palavras, Jesus teria realizado o **milagre da “transubstanciação”**), de tal maneira que, depois da consagração, cada molécula do que antes era pão e vinho transformou-se no Jesus inteiro: corpo, sangue, alma e divindade. Do pão e do vinho restaram apenas as aparências, chamadas de “espécies” ou “acidentes”, a figura exterior, em oposição à “substância” (= “natureza” ou “essência”).

Asseguram ainda os católicos que, naquela última ceia, como em cada missa, se celebrou e se celebra, de modo **“incruento”**, isto é, sem derramamento de sangue, o sacrifício de Cristo na cruz. Eu pergunto: se a missa é a celebração “incruenta” do sacrifício de Cristo na cruz, ou seja, sem derramamento de seu sangue, **como pode, então, o vinho consagrado ser o “sangue” de Cristo? Como podem os fiéis estar literalmente bebendo o sangue de Cristo, na Ceia Eucarística, se a missa é sacrifício sem sangue?** Eis aí,

portanto, mais uma grande contradição ou mentira católica: **beber o sangue de Cristo numa celebração sem sangue**. “E o pior é que o exame em laboratório das espécies consagradas demonstra que as pessoas estão certas em sua descrença... Ora, se a missa é sacrifício sem sangue, poderia o vinho consagrado ser o sangue real de Jesus?” (CHAVES, José Reis, coluna no diário O TEMPO, de Belo Horizonte, 16/6/2008, p. 2).

O escritor e ex-padre católico José Barbosa Neto contesta convincentemente o mito católico da Ceia Eucarística da seguinte forma: Como poderia Jesus ter dito, na Última Ceia, que **em suas mãos estavam o seu próprio corpo e sangue**,

quando ainda estava **VIVO NO MEIO DOS DISCÍPULOS**, habitando o mesmo corpo com o qual nascera de Maria e com o qual **andara e ainda estava andando** na companhia dos discípulos? Tal pensamento propalado pela Igreja Romana para assegurar a doutrina da **transubstanciação** fere frontalmente a inteligência das pessoas sensatas! Muitas vezes, nas **Sagradas Escrituras** encontramos a mesma construção gramatical, onde o verbo ser é usado com o sentido de **representar [isto é meu corpo = isto representa meu corpo]**, e nessas passagens não pode ter outro significado (NETO, 2004, p. 83).

62- JESUS AFIRMOU QUE A COMUNHÃO EUCARÍSTICA É NECESSÁRIA PARA A SALVAÇÃO DE TODOS?

Mentira. Os católicos, apoiados em várias passagens bíblicas falsamente atribuídas a Jesus, no Evangelho de João, acreditam que a Comunhão Eucarística é necessária para a salvação de todos: “Se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna” (João 6,53-54).

À luz da “fé raciocinada”, não podemos concordar com essas passagens bíblicas exclusivistas, falsamente atribuídas a Jesus, segundo as quais só teriam a vida eterna os que comem a sua carne e bebem o seu sangue, ou seja, somente os católicos, atualmente um pouco mais de um bilhão de fiéis, numa população mundial de mais de sete bilhões de seres humanos.

Se Cristo é Deus, conforme a fé cristã dogmática, é preciso saber que o verdadeiro Deus, como já disse, não pode ter carne

nem sangue, pois Deus é puro ESPÍRITO imaterial. Nesse sentido, é um grande erro católico (uma grande mentira sobre Jesus) interpretar *literalmente* a citada passagem do evangelista João: “Se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna” (João 6,53-54).

Se essas passagens evangélicas, sobre o que Jesus disse, fossem literalmente verdadeiras, somente os católicos (atualmente um pouco mais de um bilhão de fiéis) teriam a vida eterna, ou seja, seriam salvos, e os mais de seis bilhões de seres humanos não católicos iriam todos para o inferno eterno. Isso é verdade ou mentira sobre o que Jesus disse?

Claro que é uma grande mentira apocalíptica, falsamente atribuída a Jesus pelo evangelista João, pois o inferno eterno, como já foi argumentado neste livro, não existe e Jesus, como um religioso pluralista, jamais iria excluir de seu Reino a grande maioria da população deste planeta, que supostamente não come sua carne nem bebe seu sangue, isto é, seres humanos que não praticam, como os católicos, ritos e cultos míticos pagãos de **antropofagia** (comida de carne humana) e **teofagia** (comida de carne divina). Além disso, como estamos comprovando em várias questões deste livro, à luz da fé raciocinada e da história das religiões, a Ceia Eucarística católica não foi instituída por Jesus. Ela é um rito de origem pagã.

63- JESUS AFIRMOU QUE ESTAVA FISICAMENTE PRESENTE NA EUCARISTIA?

De modo algum, pois, se Jesus, na Última Ceia, transformou literalmente o pão em seu corpo físico e o vinho em seu sangue, pode-se concluir, então, como já foi dito, que **ele comeu e bebeu ele mesmo, na Santa Ceia, quando ainda estava VIVO NO MEIO DOS DISCÍPULOS, habitando o mesmo corpo físico, com o qual andava e ainda estava andando**, crença essa que, no correto dizer do escritor e ex-padre católico José Barbosa Neto, “fere frontalmente a inteligência das pessoas sensatas!” (NETO, 2004, p. 83)

Como pode Jesus estar **FISICAMENTE** presente (com seu corpo **PESADO**, com sua **ALTURA** e com todos os seus membros) na hóstia e no vinho consagrados?

Como é que mais de um bilhão de fiéis católicos ainda interpretam *literalmente* este velho mito da “transubstanciação” eucarística? A fé sagrada na presença física de Cristo na Eucaristia, embora mereça todo o nosso respeito, é, porém, à luz da fé raciocinada e da história das religiões, totalmente cega, falsa, mentirosa.

Por conseguinte, a Ceia Eucarística não pode ter sido instituída pelo Jesus histórico. O renomado teólogo e ex-padre católico John Dominic Crossan, em seu livro *O Jesus Histórico*, argumenta que a Ceia Eucarística, interpretada literalmente, não é originária do Jesus histórico (cf. CROSSAN, 1994, p. 398-399).

Mais precisamente, ele mostra que a Ceia Eucarística, como referida num dos livros mais antigos do cristianismo, o chamado *Didaqué* (ou “Instrução dos Doze Apóstolos”), escrito por volta do final do Século I de nossa era (mas descoberto somente no ano 1883), nada tem a ver com os acréscimos posteriores católicos a respeito da Ceia Eucarística, supostamente instituída por Jesus, e sobre o suposto milagre da “transubstanciação”. Na Ceia Eucarística descrita no livro *Didaqué* (capítulos 9 e 10), **“não há qualquer menção de uma refeição feita para comemorar a Páscoa, de uma última ceia, nem de alguma conexão com a morte de Jesus ou sua celebração”** (CROSSAN, *ibid.*, p. 400) (negrito meu).

64- POR QUE JESUS NÃO PODE ESTAR FISICAMENTE PRESENTE NA EUCARISTIA, COM SEU CORPO, ALMA E DIVINDADE?

Em primeiro lugar, porque Jesus, como qualquer outra pessoa desencarnada, não tem mais um corpo físico (com carne e sangue), mas apenas um corpo espiritual, semelhante ao corpo físico, mas que não tem mais as características do corpo físico, como carne e sangue. Todo corpo físico, após o desencarne de uma pessoa, se decompõe e suas moléculas vão formar novos organismos. Logo, se Jesus não tem mais um corpo físico, não pode estar “fisicamente” presente na Eucaristia.

Em segundo lugar, Jesus não “ressuscitou” fisicamente, pois ninguém ressuscita, ou seja, ninguém, após o seu desencarne, volta a viver com o mesmo corpo físico que tinha antes de morrer.

Em terceiro lugar, Jesus não pode estar presente na Eucaristia com sua **divindade**, porque ele, como já vimos, não é literalmente Deus encarnado.

65- OS MILAGRES EUCARÍSTICOS COMPROVAM A “TRANSUBSTANCIAÇÃO”?

Na visão espírita (que sigo), não. O termo “transubstanciação” significa “mudança de uma substância em outra, palavra adotada na Igreja Católica, sobretudo a partir da filosofia escolástica, para explicar a presença real de Jesus Cristo no sacramento da Eucaristia” (AURÉLIO, verbete **transubstanciação**).

Cerca de 130 supostos milagres eucarísticos são relatados na literatura católica. Os dois mais famosos são: **O Milagre Eucarístico de Bolsena-Orvieto** e **O Milagre Eucarístico de Lanciano** (ambos ocorridos na Itália).

O Milagre Eucarístico de Bolsena-Orvieto ocorreu no século XIII (no ano 1.263), quando um padre alemão, ao celebrar uma missa, duvidou da presença real de Cristo na hóstia consagrada. No momento em que dizia: “Este É o meu corpo... Este É o meu sangue...”, então, bastante sangue começou a jorrar da hóstia e a pingar sobre o altar.

O papa, ouvindo a história, mandou investigá-la imediatamente. Quando todos os fatos foram supostamente confirmados, ele fez uma grande celebração e colocou a hóstia milagrosa em exibição na Catedral de Orvieto.

Um ano após o referido “milagre”, em agosto de 1.264, o papa Urbano IV instituiu a festa de *Corpus Christi* (festa do Corpo de Cristo), celebrada até os dias de hoje em todo o mundo católico.

O Milagre Eucarístico de Lanciano ocorreu no século XIV, quando outro padre, ao celebrar uma missa, também duvidou da presença real de Cristo na hóstia consagrada.

Aconteceu aqui o mesmo que ocorreu em Bolsena. Enquanto eram repetidas as supostas palavras de Jesus: “Tomai todos e comei, este É o Meu corpo... Tomai todos e bebei, este É o Meu sangue...”, a hóstia consagrada se transformou em carne e sangue na frente de todos.

Em 24 de novembro de 1994, uma jovem coreana chamada Júlia, ao receber a comunhão, em Naju, Coreia, teve a eucaristia transformada em carne e sangue dentro de sua boca, enquanto o padre colocava a hóstia consagrada sobre sua língua. Estavam ali presentes muitas testemunhas. Esse mesmo milagre voltou a acontecer com Júlia por diversas vezes nos anos seguintes.

Em 31 de outubro de 1995, Júlia foi ao Vaticano e, enquanto recebia a comunhão das mãos do papa (João Paulo II), a hóstia se transformou em carne e sangue ao mesmo tempo em que tocava a língua dela.

O papa João Paulo II testemunhou pessoalmente o milagre, mas a Igreja Católica ainda não se pronunciou sobre esse milagre eucarístico da coreana Júlia.

Esclareço, com base em explicações espíritas, que os supostos milagres eucarísticos, como os de Bolsena e de Lanciano (Itália), bem como o da coreana Júlia etc., não são “milagres” que comprovam a presença real de Jesus na Hóstia consagrada, mas são **fenômenos mediúnicos, paranormais, de efeito físico, isto é, de transmutação da matéria, fenômeno mediúnico comum em sessões espíritas**. No dizer do escritor espírita José Reis Chaves (em sua coluna no diário O TEMPO, de Belo Horizonte, 3/9/2008),

os fenômenos de efeito físico, de Hóstias que sangram, como os de Lanciano, Itália, são paranormais ou mediúnicos de transmutação da matéria, envolvendo o padre, um ou mais fiéis e um ou mais espíritos da corrente católica. No espiritismo, que é uma ciência e uma religião que mais experiência científica tem nessa área, eles são de variados tipos e são conhecidos aos milhares, os quais são extraordinários, mas também naturais e não sobrenaturais. E Hóstias que sangram não comprovam que as outras Hóstias Consagradas sejam carne e sangue, do mesmo modo que quem levita não comprova que não existe a lei da gravidade.

Eles têm acontecido em várias partes do mundo. No Brasil, ocorreram com o médium padre Cícero, de Juazeiro do Norte, CE. E, no Vaticano, até mesmo com o Papa João Paulo II aconteceu um caso desses, quando ele dava comunhão a uma coreana, em 1995, a qual já tinha tido essa experiência em seu país. A Igreja manteve-se em silêncio a

respeito do assunto, pois ela tem suas dúvidas sobre o fenômeno. Ademais, a Igreja não olha com bons olhos a realidade da mediunidade.

66- JESUS INSTITUIU O SACRAMENTO DA CONFISSÃO?

Também não. Na visão espírita (que adoto), faço questão de repetir, Jesus não instituiu nenhum sacramento.

Por conseguinte, na nossa visão, não há perdão gratuito de nossos “pecados” e, portanto, não é pelo sacramento da confissão que obtemos o perdão de nossas faltas e de nossos erros. Somente através da prática do amor, da caridade, o homem consegue resgatar seus débitos e evoluir para mundos mais adiantados, onde passa a viver mais feliz e livre de reencarnações em mundos físicos atrasados como o Planeta Terra.

Os cristãos católicos, porém, acreditam que Jesus instituiu o sacramento da confissão para o perdão gratuito de nossos pecados. Segundo esse dogma (ou mito) católico, a confissão é necessária para o perdão dos pecados e os sacerdotes católicos têm o poder de perdoar ou de reter os pecados dos fiéis, com base na seguinte passagem inautêntica do Evangelho de João:

“A paz esteja convosco! Como o Pai me enviou, também eu vos envio.” Dizendo isto, soprou sobre eles e lhes disse: “Recebei o Espírito Santo. Aqueles a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados; aqueles aos quais não perdoardes ser-lhes-ão retidos.” (João 20, 21-23)

Em primeiro lugar, a frase, supostamente dita por Jesus, “Recebei o Espírito Santo”, está errada, pois, no original grego não aparece aí o artigo definido, devendo a tradução correta ser “Recebei um Espírito Santo”, e não o Espírito Santo da Trindade Cristã.

Em segundo lugar, essa passagem evangélica, repito, é inautêntica, uma vez que os referidos versículos joaninos não são palavras do Jesus histórico, como nos asseguram os pesquisadores do SJ (cf. FUNK, Robert W., HOOVER, Roy W., & THE JESUS SEMINAR, p. 467).

Em terceiro lugar, como nos esclarece o teólogo e ex-padre católico Franz Griese, “a confissão, tal como hoje é praticada na Igreja Católica, era completamente desconhecida nos tempos dos

apóstolos” (GRIESE, p. 147). Foi somente no século 13, no ano de 1215, que o papa Inocêncio III, no Sínodo de Latrão, tornou a confissão obrigatória, ao menos uma vez por ano.

Em quarto lugar, o próprio Jesus disse que “ninguém deixará de pagar até o último centavo” (Mateus 5,26; Lucas 12,59), ou seja, até o espírito se tornar purificado através de múltiplas (re)encarnações, ensinamento este que nega radicalmente três verdades do cristianismo dogmático: 1) o dogma cristão do inferno eterno; 2) a crença na unicidade de nossa existência no plano físico e 3) o sacramento católico da confissão.

Em razão desses argumentos e dados históricos, podemos concluir a presente resposta reafirmando, com Franz GRIESE, que “a confissão é uma instituição absolutamente contrária à doutrina do Jesus histórico e à tradição apostólica” (GRIESE, *ibid.*).

O Jesus histórico, de fato, não instituiu nenhum sacramento. Todos os sacramentos da Igreja foram instituídos por ela mesma ao longo dos séculos.

Os protestantes já vêm entendendo essa verdade há cerca de 500 anos, pois passaram a rejeitar quase todos os sacramentos da Igreja Católica, com exceção do batismo e da Ceia Eucarística (celebrada apenas simbolicamente em memória de Cristo, negando, portanto, o dogma católico da transubstanciação).

67- JESUS INSTITUIU O SACRAMENTO DO BATISMO?

Jesus não instituiu nenhum sacramento. Segundo a grande maioria dos cristãos, com base numa inautêntica passagem do Evangelho de Marcos, Jesus teria afirmado que o batismo é necessário para a “salvação” e que só pode ser “cristão” (e “salvar-se”) quem crer e for batizado: “E disse-lhes: ‘Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura. Aquele que crer e for batizado, será salvo; o que não crer será condenado’ “ (Marcos 16, 15-16).

Os mesmos cristãos, baseados numa falsa e intercalada passagem do Evangelho de Mateus, igualmente asseguram que Jesus ordenou o seguinte: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulas, **batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo**” (Mateus 28,19) (negrito meu).

A verdade, porém, é que o Jesus histórico nunca disse isso. Tanto o versículo bíblico de Marcos (Marcos 16,16) como o de Mateus (Mateus 28,19) são inautênticos, uma vez que não se encontram em versões mais antigas dos mesmos Evangelhos.

Além disso, a passagem de Mateus foi copiada do chamado “Pseudo Evangelho de Marcos (Mc 16,9-20), que é, segundo os pesquisadores do SJ, um caso de acréscimo a todo o Evangelho de Marcos, uma vez que não consta nas versões mais antigas desse mesmo Evangelho. Esses doze versículos falam das aparições de Jesus ressuscitado e de sua suposta ordem aos discípulos, dizendo-lhes: “Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura. **Aquele que crer e for batizado será salvo; o que não crer será condenado**” (Marcos 16,15-16) (negrito meu).

Fica, portanto, mais do que claro que a doutrina do batismo não foi ensinada pelo Jesus histórico. Apesar de ser bastante provável que Jesus tenha sido batizado por João Batista, ele nunca fez uso do batismo nem ordenou aos discípulos que fossem por todo o mundo evangelizando e batizando toda criatura em nome da Trindade, nem jamais afirmou que só seria salvo quem cresse e fosse batizado. Isso tudo foi doutrina mítica exclusivista acrescentada posteriormente pela Igreja Católica, a fim de legitimar biblicamente a sua hegemonia eclesial.

Com base nesse dado histórico, o batismo é, por conseguinte, mais um mito cristão. Jesus ensinou que, para alguém “salvar-se” (ou melhor, para “libertar-se”) e para ser “cristão”, isto é, para ser “seu discípulo”, a condição necessária e suficiente, conforme já vimos neste livro, mas convém repetir, é **amar o próximo**: “Nisso conhecerão todos que sois meus discípulos [isto é, que sois cristãos], se tiverdes amor uns pelos outros” (João 13,35).

Por conseguinte, não é o batismo nem qualquer outro sacramento ou prática ritualística que “salva” (ou “liberta”) e que caracteriza o “cristão” como Jesus o definiu. Assim, o hinduísta Mahatma Gandhi, um dos espíritos mais iluminados do século XX, grande admirador do Evangelho de Cristo, praticante como Jesus da não violência, isto é, do amor, nunca foi “batizado”, entretanto, no feliz dizer do escritor espírita Hermínio C. Miranda, “foi cristão dos melhores, na vivência do amor ao próximo, na mansidão, no entendi-

mento fraterno, no viver limpo, correto, modesto, autêntico” (MIRANDA, 1988, p. 18).

Os cristãos dogmáticos alegam que o batismo é necessário para a salvação, porque ele apaga o “pecado original”.

Essa é uma das crenças míticas que une a grande maioria dos cristãos, para os quais “no batismo erradica-se o pecado original, restaurando-se o estado de graça” (DER, verbete **pecado original**), o que implica afirmar que todos os seres humanos nasceram em estado de “desgraça”, ou seja, nasceram todos com o “pecado original” – um pecado que não cometeram, mas que absurda e injustamente lhes foi transmitido por herança de seus primeiros pais (Adão e Eva). Além do mais, se os seres humanos não tivessem herdado esse tal “pecado original”, cometido pelos seus supostos primeiros pais, não “morreriam”. Seriam todos imortais!

O pecado original, literalmente interpretado, como na visão cristã dogmática, é, de fato, um grande erro (uma grande mentira) do cristianismo mítico, e não uma verdade histórica absoluta. Fazendo uso da “fé raciocinada”, questionamos esse dogma cristão mediante a seguinte reflexão: que Deus mesquinho é esse que, por causa de uma suposta desobediência do primeiro casal humano faz nascer todos os demais seres humanos em estado de tamanha “desgraça” moral, obrigando seu suposto Filho unigênito a encarnar-se na Terra para redimir a humanidade de tão “grande” falta, mediante sua morte na cruz? Deus, com o sangue do seu Filho Unigênito, teria, assim, pago a Satanás o resgate da humanidade. Entretanto, numa justa crítica do filósofo Pietro Ubaldi, em seu livro *Cristo*,

é absurdo que Deus seja submisso ao poder de Satanás, e tenha enviado Seu Filho primogênito para pagar com o Seu sangue o resgate da humanidade, que foi induzida ao pecado pelo próprio Satanás. Como pode Deus justificar esta culpa, a ponto de reconhecer uma dívida Sua para com Satanás? [...] Justificando semelhante absurdo, conceberíamos e converteríamos Deus numa espécie de servo de Satanás (UBALDI, 1988, p. 274).

A Humanidade não descende de Adão e Eva, casal mítico que nunca existiu. A ciência, há muito tempo, já comprovou que os seres humanos não se originaram de um único primeiro casal (Adão e

Eva). Essa crença mítica não tem o menor sentido perante as pesquisas antropológicas sobre a origem do homem e das diversas raças de nosso planeta. A crença de que todos descendemos de Adão e Eva, casal responsável pelo “pecado original”, é, portanto, totalmente falsa, mentirosa.

Não é de admirar, portanto, que, entre as várias denominações cristãs e entre os próprios grandes teólogos e doutores da Igreja, as opiniões sobre o batismo sejam por demais contraditórias. Por exemplo: enquanto para a maioria das denominações cristãs, o batismo é absolutamente necessário para apagar o “pecado original” e para a salvação, para outras, ele não é absolutamente necessário (por exemplo, para os luteranos). Enquanto para algumas denominações cristãs, o batismo só é válido se for administrado exclusivamente a adultos (por exemplo, para os batistas), para outras, ele pode ser validamente administrado a crianças (por exemplo, para os católicos). Enquanto para o maior doutor da Igreja, Santo Tomás de Aquino, a eficácia do batismo dependia somente da fé daquele que o recebesse, para outro dos maiores doutores da Igreja Católica, Santo Agostinho, como as crianças que são batizadas não podem ter fé, é suficiente a fé dos padrinhos (cf. SCHUTEL, 1986, p. 38; ver também DER, verbete **batismo**).

68- JESUS INSTITUIU E PREGOU O DOGMA DA TRINDADE?

A doutrina da Trindade e muitas outras doutrinas cristãs não foram instituídas nem pregadas por Jesus, mas foram falsamente intercaladas no Novo Testamento para satisfazer interesses cristãos. A esse respeito, vejamos o que diz o escritor Paulo Finotti (citado em ANDRADE, 1995, p. 49-50):

Depois da proclamação da divindade de Cristo, no século IV, e depois da introdução, no sistema eclesiástico, do dogma da Trindade, no século VI, muitas passagens do Novo Testamento foram modificadas, a fim de que exprimissem as novas doutrinas. Em sua obra, “As Bíblias e os Iniciadores Religiosos”, diz Leblois, pastor em Strasburgo: “Vimos na Biblioteca Nacional, na de Santa Genoveva, na do Mosteiro de Saint Gall, manuscritos em que o dogma da Trindade está apenas acrescentado à margem. Mais tarde foi intercalado no texto, onde ainda se encontra” (p. 272).

A doutrina da Trindade foi, de fato, intercalada no Evangelho de Mateus, como nos esclarece, apropriadamente, o escritor judeu Francimar de Oliveira (cf. OLIVEIRA, 1995, p. 13-14), através da interpolação do seguinte versículo (falsamente atribuído a Jesus): “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulas, **batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo**” (Mateus 28,19) (negrito meu).

Outra famosa intercalação da doutrina da Trindade no Novo Testamento, conforme explica o escritor Bart D. Ehrman (cf. EHRMAN, 2006, p. 91-92), ocorreu quando, na Vulgata latina (tradução da Bíblia para o latim, feita por São Jerônimo, no século IV), foi inserida, na Primeira Carta de João, uma passagem que não se encontra na vasta maioria dos manuscritos gregos do NT, passagem essa que os pesquisadores chamaram de “**o parêntese joanino**” (1 João 5,7-8), “uma passagem que foi, por muito tempo, a predileta entre os teólogos cristãos, dado que é a única passagem na Bíblia inteira que delineia explicitamente a doutrina da Trindade, segundo a qual há três pessoas na divindade, com todas as três constituindo um só Deus. Na Vulgata, a passagem é lida assim: *Há três que conduzem o testemunho nos céus: o Pai, o Verbo e o Espírito e esses três são um*” (apud EHRMAN, 2006, p. 91). Por incrível que pareça, essa enxertia bíblica mentirosa, acerca do dogma ou mito da Trindade cristã, alimentou (e continua alimentando) a “fé cega” da maioria dos cristãos no dogma do Deus Uno e Trino.

69- JESUS PARTICIPOU DA FAMOSA NARRATIVA DA MULHER FLAGRADA EM ADULTÉRIO (JOÃO 8, 1-11)?

Não. O mesmo escritor Bart D. Ehrman (cf. EHRMAN, 2006, p. 73-75) argumenta que, além do já referido acréscimo dos últimos doze versículos do Evangelho de Marcos (Marcos 16,9-20), bem como do famoso “parêntese joanino” (1ª João 5,7-8), a famosa narrativa da **mulher flagrada em adultério** (João 8, 1-11), “a mais célebre história sobre Jesus na Bíblia” (ibid., p. 73), não se encontra em cópias mais antigas do Evangelho de João, mas foi acrescentada posteriormente por copistas, teologicamente motivados. Esse mesmo acréscimo é confirmado pelos pesquisadores do Seminário de Jesus, no livro *The Acts of Jesus: what did Jesus really do?* (p. 397-399).

70- JESUS FOI UM PREGADOR ESCATOLÓGICO APOCALÍPTICO?

Não. Na visão do Seminário de Jesus (que sigo), o Jesus histórico não foi um “pregador escatológico apocalíptico”, mas foi um **“pregador escatológico sapiencial”**. Como vimos na Introdução deste livro, o SJ distingue dois tipos de escatologia: a apocalíptica e a sapiencial. A “escatologia apocalíptica” é também chamada de “escatologia sobrenatural ou intervencionista” e a “escatologia sapiencial” é também chamada de “escatologia colaborativa ou participativa”. Com base nessa distinção, o Jesus histórico não foi um “pregador escatológico apocalíptico” (sobrenatural ou intervencionista), no sentido de pregar que o fim cataclísmico do mundo estava bem próximo, em que Deus interviria de maneira iminente e cataclísmica, através de seu Filho Jesus Cristo, para julgar a humanidade, enviando os bons para o céu e os maus para o inferno eterno, profecia que nunca se cumpriu (nem se cumprirá). A mensagem central do Jesus histórico, na opinião de John Dominic Crossan, foi a de ser um “pregador escatológico sapiencial” no sentido de envolver “um modo de vida para agora, em vez de uma esperança de vida para o futuro” (CROSSAN, 1995, p. 66-67; ver também BORG & CROSSAN, 2008, p. 280-281).

Mais explicitamente, Crossan distingue, no Novo Testamento, “escatologia apocalíptica” (como a de João Batista, a do Cristo da fé e a de Paulo de Tarso) de “escatologia sapiencial” (**a mensagem central do Jesus histórico**). Eis suas palavras:

A escatologia apocalíptica anuncia que Deus fez a nós somente (algum grupo específico) uma revelação especial e secreta sobre uma intervenção divina iminente e cataclísmica para restaurar a paz no mundo desordenado [...]; *a escatologia sapiencial* é o que, finalmente, se tornou a mensagem de Jesus. [...] Envolve um modo de vida para agora, em vez de uma esperança de vida para o futuro. Um exemplo de desafio do estilo de vida radical da escatologia sapiencial é, no mundo antigo, Diógenes, da Grécia, vivendo em seu barril, e, no mundo moderno, Gandhi, da Índia, dizendo não à violência. **A escatologia apocalíptica é a negação do mundo com destaque para a intervenção divina futura e iminente; a escatologia sapiencial é a negação do mundo com ênfase na intervenção divina presente e imanente. Na escatologia apocalíptica, estamos esperando que Deus aja. Na**

escatologia sapiencial, Deus está esperando que nós ajamos.
(CROSSAN, 1995, p. 65-67) (Negrito meu).

No livro “O Primeiro Natal”, Marcus J. Borg e John Dominic Crossan dão uma explicação mais clara ainda do *Reino Escatológico de Deus*, bastante semelhante à visão escatológica espírita: “A escatologia não se refere, é claro, à destruição da Terra, mas à sua transformação; não concerne ao fim do mundo, mas ao fim do mal, da injustiça, da violência... e do imperialismo” (BORG & CROSSAN, 2008, p. 83).

Nessa mesma obra, Marcus J. Borg e John Dominic Crossan explicam que “o Natal tem três tempos: Existe um espírito do Natal passado, do Natal de hoje e do futuro Natal” (BORG & CROSSAN, 2008, p. 279). Eles explicam que o futuro Natal tem a ver com um novo mundo e, por conseguinte, com a escatologia, não, porém, com a “escatologia apocalíptica”, também chamada de “escatologia sobrenatural” (ou “escatologia intervencionista”), mas com a “escatologia sapiencial”, também chamada de “escatologia participativa” (ou “escatologia colaborativa”). Eis como eles explicam a relação do futuro Natal com a “escatologia participativa ou colaborativa”:

Passemos agora ao futuro Natal. O Advento e o Natal concernem a um novo mundo. Portanto, têm a ver, intrinsecamente, com a escatologia. [...] A escatologia refere-se à transformação divina de nossa Terra. Não tem a ver com a emigração de um mundo condenado para um paraíso de bem-aventurança. Ao contrário, diz respeito ao fim desta era de guerra e violência, injustiça e opressão. Refere-se à transformação da Terra, não a sua devastação. Refere-se a um mundo de justiça e paz. Como se dará essa transformação do mundo? Para dizer o óbvio, ela ainda não aconteceu, apesar de haverem decorridos dois mil anos. Ela ainda não se consumou. Porventura isso significa que as histórias do Natal são um castelo de vento? Que elas (e o Novo Testamento em geral) são mais um exemplo de escatologia fracassada, de esperança que se desesperançou? Depende de como pensamos que o novo mundo será criado. Duas formas de compreensão muito diferentes, duas escatologias diferentes, encontram-se na história do cristianismo, assim como nos estudos eruditos modernos. Chamamos a primeira de “escatologia sobrenatural” ou “escatologia intervencionista”. Segundo essa compreensão, só Deus é capaz de promover o novo mundo. Este só poderá materializar-se por uma dramática intervenção divina. Tudo que podemos fazer é aguardá-la e rezar por ela. Muitos

estudiosos do século XX argumentaram que era isso que Jesus e os primeiros cristãos esperavam. Essa ideia também foi encontrada no cristianismo popular ao longo dos séculos. Em nossa época, ela é particularmente virulenta, nos cenários violentamente destrutivos imaginados pelos que esperam o segundo advento de Jesus num futuro próximo. Damos à segunda o nome de “escatologia participativa” ou “escatologia colaborativa”. Dito em termos simples, devemos participar com Deus da criação do mundo prometido pelo Natal. Em vez de esperar que Deus o faça, devemos colaborar com Deus (BORG & CROSSAN, 2008, p. 279-201).

Para resumir, no sentido da “escatologia sobrenatural ou intervencionista”, podemos dizer que o “Cristo da fé” foi um grande pregador apocalíptico, prometendo, durante suas inúmeras pregações (na Palestina), que retornaria brevemente à Terra, por ocasião do suposto fim do mundo e do Juízo Final, enquanto ainda estivessem vivos alguns de seus apóstolos, a fim de julgar a humanidade, enviando os bons para o céu e os maus para o castigo eterno (cf. Mateus 25,31-46), profecia que não se cumpriu; logo, ele **ERROU**, a maior prova bíblica, conforme esclareço em meu livro “Catecismo Ecumênico” e em várias matérias de meu *blog* (***Blog do Pinheiro: diálogo inter-religioso***) de que o “Cristo da fé” não era, nem é, Deus, pois Deus não pode errar.

Este erro, reafirmo, não foi cometido pelo “Jesus histórico”, mas pelos cristãos, ao transformarem o “Jesus histórico” no “Cristo da fé” (um grande profeta escatológico sobrenatural ou intervencionista), o qual, interpretado literalmente, pregava, como João Batista e Paulo de Tarso, a chamada “escatologia apocalíptica”, também chamada de “escatologia sobrenatural” (ou “escatologia intervencionista”), ou seja, “uma intervenção divina iminente e cataclísmica” (cf. CROSSAN, 1995, p. 65; BORG & CROSSAN, 2008, p. 280-281).

Nos Evangelhos, quando interpretados ao pé da letra, o “Cristo da fé” se atribuía, com frequência, o título mítico de “Filho do Homem”, em seu sentido apocalíptico e/ou messiânico, ou seja, alguém dotado do poder de perdoar pecados ou votado ao sofrimento. Exemplo:

“De fato, aquele que, nesta geração adúltera e pecadora, se envergonhar de mim e de minhas palavras, também **o Filho do Homem** se

envergonhará dele quando vier na glória do seu Pai com os santos anjos.” (Marcos 8, 38; ver também Marcos 13,26; 14,62; Mateus 16,27; Lucas 9,26; 12,8-10; Mateus 10, 32-33) (negrito meu)

De acordo com os integrantes do SJ (cf. FUNK, HOOVER & THE JESUS SEMINAR, *The Five Gospels*, p. 77), essas passagens evangélicas atribuídas a Jesus são derivadas do chamado Pequeno Apocalipse de Daniel 7 e, por conseguinte, não são de autoria do “Jesus histórico”, mas postas nos lábios dele (pelos escritores do Novo Testamento), para que ele fosse visto como um grande “pregador escatológico apocalíptico intervencionista”.

71- PARA JESUS, O “REINO DE DEUS” SIGNIFICAVA A IMINENTE INTERVENÇÃO APOCALÍPTICA DE DEUS?

Não. Conforme esclarece John Dominic Crossan, no livro “O Essencial de Jesus” (CROSSAN, 2008) e no livro “Quem Matou Jesus?” (CROSSAN, 1995),

a expressão *Reino de Deus* deve ser entendida, primeiro, dentro daquela absoluta conjunção de religião e política e, segundo, dentro da situação de dominação imperial e exploração colonial. A expressão evoca uma visão ideal de poder político e religioso, de como este mundo terreno seria governado se Deus, e não César, se sentasse no trono imperial. Como tal, invariavelmente, lança uma sombra causticamente crítica sobre o governo humano. A expressão revela principalmente uma básica, fundamental, radical, utópica, contracultural ou escatológica rejeição do mundo da forma como ele era governado na época. [...] Insisto em que, embora a escatologia tenha relação etimológica com o fim do mundo (literalmente: relativo às coisas finais), o fim do mundo ou a negação dele aparecem de muitas formas diferentes. Existem, por exemplo, escatologias apocalípticas, sapienciais, cínicas, gnósticas, monásticas, eremitas, anárquicas e até niilistas. As duas primeiras são de importância imediata neste momento. A *escatologia apocalíptica* anuncia o apocalipse (palavra grega que significa “revelação”) da intervenção divina iminente e cataclísmica, para restaurar a paz e a justiça de um mundo desordenado. Se depois disso existirá o paraíso na terra ou a terra no paraíso, não fica muito claro, mas *eles*, os maus, desaparecerão para sempre e *nós*, os abençoados, estaremos no comando sob as ordens de Deus. [...] A *escatologia sapiencial*, por outro lado, enfatiza a sapiência (palavra latina que significa “sabedoria”) de como

se deve viver hoje, aqui e agora, de forma que o poder presente de Deus seja convincentemente óbvio para todos (CROSSAN, 2008, p. 20).

Jesus chamava seu programa de a presença do Reino de Deus, mas esta expressão deve ser interpretada principalmente à luz do que ele próprio fazia e do que desafiava seus companheiros a fazer. **Ela não significava para Jesus, como podia significar para os outros, a iminente intervenção apocalíptica de Deus para consertar um mundo tomado pela maldade e pela injustiça. Significava a presença do Reino de Deus aqui e agora, na reciprocidade da comida compartilhada e na cura livre, em vidas, isto é, do igualitarismo radical tanto em níveis socioeconômicos (alimentação) como religioso-políticos (cura)** (CROSSAN, 1995, p. 68) (negrito meu).

Concluindo a resposta da presente pergunta, podemos dizer que, no sentido da “escatologia sapiencial”, também chamada de “escatologia participativa” (ou “escatologia colaborativa”), Jesus foi um grande “pregador escatológico”, mas afirmar que ele foi um “pregador escatológico apocalíptico”, no sentido da “escatologia apocalíptica sobrenatural” (ou “intervencionista”), é uma grande mentira sobre Jesus. Nesse sentido, é preciso saber distinguir nos Evangelhos “passagens de significado escatológico sobrenatural ou intervencionista”, as quais não são de autoria de Jesus (mas dos autores dos Evangelhos), de “passagens de significado escatológico sapiencial, ou seja, de “passagens de significado escatológico colaborativo ou participativo”, as quais são verdadeiramente de autoria de Jesus.

72- A PARÁBOLA DOS TRABALHADORES DA VINHA (MATEUS 20, 1-16) É DE AUTORIA DE JESUS?

De acordo com o SJ e o teólogo (e ex-padre católico) Franz GRIESE, não. Segundo Franz GRIESE (cf. GRIESE, 1957, p. 112-113), esta **parábola dos trabalhadores da vinha** foi falsamente posta nos lábios de Jesus por Mateus, sendo uma cópia deturpada de uma autêntica parábola narrada pelo deus hindu Krishna, cerca de cinco mil anos antes de Cristo. Mateus, ao pô-la nos lábios de Jesus, fez uma série de mudanças absurdas, falsas, mentirosas, como explica, a seguir, o referido teólogo Franz GRIESE (as duas versões

completas desta parábola – a hinduísta e a cristã – se encontram no meu livro “Catecismo Ecumênico”, p. 183-185):

Enquanto a parábola de Krishna é natural e humana, demonstrando compaixão para com os fracos, a transformação que, segundo a Bíblia, foi feita por Cristo dessa parábola hinduísta está cheia de absurdos. Na verdade, ninguém pagaria o mesmo salário a trabalhadores que tivessem começado a trabalhar em horas tão diferentes do mesmo dia, como se narra aqui na versão cristã dessa parábola hinduísta. Com justa razão, reclamam aqueles que, tendo trabalhado o dia inteiro, receberam o mesmo salário dos que trabalharam apenas uma hora.

Por outro lado, a versão cristã desta parábola tem uma explicação satisfatória, quando interpretada do ponto de vista de seu **ensinamento moral**, expresso na última frase da versão cristã da parábola: **“Assim, os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos”** (Mateus 20,16) (negrito meu).

Supondo que os primeiros trabalhadores eram os judeus, os quais, segundo a crença judaico-cristã, foram efetivamente os primeiros a ser chamados ao Reino de Deus, e que os últimos significam os pagãos, por terem sido chamados ao Reino de Deus em último lugar, e levando em conta que, nos tempos dos apóstolos, os judeus convertidos ao cristianismo não queriam reconhecer a igualdade dos pagãos convertidos à religião cristã, e que esta rivalidade terminou com o afastamento dos judeus e a entrada dos pagãos ao Reino de Deus, tal como São Paulo o explica detalhadamente em sua Carta aos Romanos, afirmando que os judeus, por causa de sua conduta, somente entrarão na Igreja depois que tiverem entrado todos os pagãos (Romanos 11,25), é que se pode entender o ensinamento moral da referida parábola: que os primeiros (os judeus) passarão a ser os últimos e os últimos (os pagãos) passarão a ser os primeiros, porque muitos homens são chamados à Igreja de Cristo, mas poucos são escolhidos (os membros do povo eleito de Israel).

Quanto à referida parábola, é impossível que ela tenha sido narrada por Cristo, porque no tempo em que Cristo pregou não existia aquela rivalidade entre judeus e pagãos, principalmente levando-se em conta que Cristo restringiu sua pregação aos judeus. Esta parábola, por conseguinte, não foi narrada por Jesus, mas foi produzida pelo evangelista Mateus, que transformou a parábola original hindu, adaptando-a à rivalidade de seu tempo entre judeus e pagãos (GRIESE, p.112-113).

73- A PARÁBOLA DA FIGUEIRA (MARCOS 13,28-32) É DE AUTORIA DE JESUS?

Também esta parábola, como asseguram os integrantes do SJ (cf. FUNK, HOOVER & THE JESUS SEMINAR, p. 113), não é de autoria de Jesus, mas de Marcos, por ter um significado fortemente apocalíptico intervencionista:

“Aprendeí, pois, a parábola da figueira. Quando o seu ramo se torna tenro e as suas folhas começam a brotar, sabeis que o verão está próximo. Da mesma forma, também vós, quando virdes estas coisas acontecerem, sabeí que ele [o Filho do Homem] está próximo, às portas. Em verdade vos digo que esta geração não passará até que tudo isso aconteça. Passará o céu e a terra. Minhas palavras, porém, não passarão. Daquele dia e daquela hora, ninguém sabe, nem mesmo os anjos no céu, nem o Filho, somente o Pai” (Marcos 13,28-32).

74- A PARÁBOLA DOS VINHATEIROS HOMICIDAS (MARCOS 12,1-12; MATEUS 21,33-46; LUCAS 20,9-19) É DE AUTORIA DE JESUS?

Conforme os integrantes do SJ, também não (cf. FUNK, HOOVER & THE JESUS SEMINAR, p. 101). Esta parábola, no correto dizer dos pesquisadores do SJ, é de autoria dos evangelistas Marcos, Mateus e Lucas, criada por eles para expressar a doutrina central cristã da salvação por meio de Jesus Cristo. Logo, ela não pode ser interpretada literalmente como sendo de autoria de Jesus. Eis um resumo comentado da referida parábola feita pelos pesquisadores do SJ:

Deus plantou uma vinha, arrendou-a a vinhateiros (=o Seu Povo Eleito, Israel) e partiu para o estrangeiro. Chegada a época da colheita, enviou os seus servos aos vinhateiros, para receberem os seus frutos. Os vinhateiros (=os judeus), porém, agarraram os servos (=os profetas), espancaram um, mataram outro e apedrejaram o terceiro. Deus enviou outros servos (=outros profetas), em maior número do que os primeiros, mas eles (=os judeus) os trataram da mesma forma. Por fim, enviou-lhe o seu Filho (=Jesus Cristo), o qual foi morto pelos arrendatários, ou seja, pelo Seu Povo Eleito (os judeus), [o que não é verdade, pois Jesus não foi morto pelos judeus, mas pelos romanos] (FUNK, HOOVER & THE JESUS SEMINAR, p. 101)

Esta parábola discriminatória, por conseguinte, não pode ter sido de autoria do Jesus histórico, o qual nunca discriminou ninguém. Ela, repito, é de autoria dos autores dos Evangelhos sinópticos (Marcos, Mateus e Lucas), e não de Jesus.

75- A PARÁBOLA DAS DEZ VIRGENS (MATEUS 25,1-13) É DE AUTORIA DE JESUS?

De acordo com o SJ, a parábola das dez virgens, cinco prudentes e cinco imprudentes/insensatas, também não é de autoria de Jesus, mas de Mateus, por duas razões principais: 1) o seu estilo difere radicalmente do estilo autêntico de Jesus ao narrar suas autênticas parábolas; 2) o contexto no qual essa parábola aparece em Mateus é fortemente **escatológico apocalíptico (sobrenatural e intervencionista)**: as cinco virgens prudentes estavam prontas para o retorno de Cristo, com lâmpadas preparadas e providas de azeite, enquanto as cinco imprudentes, que dormiam, não tinham azeite em suas lâmpadas. De repente, veio o noivo celestial levando as prudentes consigo, enquanto as imprudentes vão em busca de azeite, perdendo, desta maneira, sua entrada no Céu. Termina esta parábola com as palavras: **“Vigiai, portanto, porque não sabeis nem o dia nem a hora em que o Filho do Homem virá”** (Mateus 25,13) (negrito meu). O significado escatológico sobrenatural ou intervencionista desta parábola é este: Os discípulos de Jesus devem ficar atentos e preparados porque eles não sabem quando o Senhor retornará (Mateus 14,1-36). Seu retorno, aparentemente, está demorando (cf. FUNK & THE JESUS SEMINAR, 1993, p. 254).

76- A PARÁBOLA DO MAU RICO E DO POBRE LÁZARO (LUCAS 16,19-31) É DE AUTORIA DE JESUS?

Também não. Esta parábola é usada pelos cristãos dogmáticos como forte argumento contra a **reencarnação**, uma vez que nela Jesus teria contestado abertamente a possibilidade de arrependimento e perdão, passados os umbrais da eternidade.

Na crítica de Frei Boaventura Kloppenburg, Jesus “ao menos nesta parábola, não era reencarnacionista, nem espírita, nem esoterista” (KLOPPENBURG, 1997, p. 104-105).

Conforme atestam apropriadamente os integrantes do SJ (cf. FUNK, HOOVER & THE JESUS SEMINAR, p. 361), esta parábola não é de autoria de Jesus, ou seja, eles negam que ela tenha sido relatada por Jesus, pelas seguintes razões:

- 1) histórias de ricos e pobres cujos destinos se invertem após a morte são comuníssimas na literatura do Oriente Próximo;
- 2) em nenhuma outra parábola autenticamente narrada por Jesus os personagens recebem nomes próprios e
- 3) a atenção dada aos pobres é uma característica particular de Lucas.

77- A PARÁBOLA DA VIÚVA POBRE (MARCOS 12,41-44) É DE AUTORIA EXCLUSIVA DE JESUS?

Não. Esta parábola já existia em diversas outras literaturas sagradas, bem mais antigas do que o cristianismo, particularmente na literatura budista, conforme argumenta muito bem o escritor Holger Kersten, nos seguintes termos:

A esta altura, gostaria de apresentar um dos mais surpreendentes paralelos entre as escrituras hindus e o Novo Testamento: **a parábola da viúva pobre**. Nos textos budistas é costume que pessoas abastadas façam generosas doações a uma congregação religiosa. Uma pobre viúva, entretanto, não possuía mais que duas moedas. É tudo que tem, mas mesmo assim o dá com prazer. O sacerdote, diante de tão nobre atitude, a louva, deixando de mencionar a contribuição dos outros. É este o paralelo que encontramos no Evangelho de São Marcos: “E, sentado frente ao Tesouro do Templo, Jesus observava como a multidão lançava o dinheiro nos cofres; muitos ricos depositavam grandes quantias. Chegando uma pobre viúva, lançou duas pequenas moedas, no valor de um quadrante. E, chamando a si os discípulos, lhes disse: ‘Em verdade eu vos digo que esta pobre viúva lançou mais do que todos os que ofereceram moedas ao Tesouro. Pois todos os outros deram do que lhes sobrava; ela, porém, na sua penúria, ofereceu tudo o que tinha, tudo o que possuía para viver” (Marcos 12,41-44). Além da correspondência da ideia básica, mencionamos agora a extraordinária semelhança entre as duas situações: em ambos os casos, trata-se de uma mulher, de uma mulher pobre; a de uma oferta feita na igreja em meio a gente rica; ambas as mulheres dão tudo o que tinham, isto é, duas moedas; ambas são louvadas por um observador e o sacrifício delas é muito mais apreciado que as

doações dos ricos. E logicamente, por ser mais recente, o texto bíblico depende daquele budista (KERSTEN, 1986, p. 88) (negrito meu).

Em face do incontestável paralelo entre a parábola da **viúva pobre**, supostamente narrada exclusivamente por Jesus, e a existência dessa mesma parábola em outras literaturas sagradas, como na literatura budista, na literatura rabínica e na literatura grega antiga, os pesquisadores do SJ concluem que ela não pode ter sido narrada exclusivamente por Jesus. No dizer desses pesquisadores, “esta parábola é um belo exemplo de como um sentimento ou um costume antigo era falsamente atribuído exclusivamente a Jesus pelos autores dos Evangelhos, quando sabemos que, em qualquer cultura antiga, as doações dos pobres sempre eram vistas como mais agradáveis a Deus do que as exageradas contribuições dos ricos (FUNK, HOOVER & THE JESUS SEMINAR, p. 106-107).

78- A PARÁBOLA DO JOIO (MATEUS 13,24-30) É DE AUTORIA DE JESUS?

Também não, uma vez que esta parábola tem um significado fortemente escatológico intervencionista: “Deixai-os crescer juntos até a colheita [=dia do Juízo Final]. No tempo da colheita, direi aos ceifeiros: Arrancai primeiro o joio e atai-o em feixes para ser queimado; em seguida, recolhei o trigo no meu celeiro” (Mateus 13,30).

Ou seja, o joio representa os maus que, no Juízo Final, serão separados dos bons por Cristo e enviados por ele para o fogo eterno (o inferno), enquanto o trigo representa os bons, que, no Juízo Final, serão separados dos maus por Cristo e enviados para o céu.

Como o Jesus histórico, conforme já foi esclarecido, não era, na visão dos pesquisadores do SJ, um profeta da “escatologia apocalíptica intervencionista”, mas da “escatologia sapiencial” (chamada também de “escatologia participativa ou colaborativa”), nenhuma passagem evangélica de caráter discriminatório escatológico apocalíptico, isto é, da chamada “escatologia sobrenatural” (ou “escatologia intervencionista”) é de autoria de Jesus, mas dos cristãos apocalíptistas, pregadores da “escatologia sobrenatural” ou “escatologia intervencionista” (cf. FUNK, HOOVER & THE JESUS SEMINAR, p. 194; ver também BORG & CROSSAN, 2008, p. 280-281).

79- A PARÁBOLA DA REDE (MATEUS 13,47-50) É DE AUTORIA DE JESUS?

Igualmente não, uma vez que esta parábola também tem um forte significado escatológico intervencionista (separatista): “O Reino dos Céus é ainda semelhante a uma rede lançada ao mar, que apanha de tudo. Quando está cheia, puxam-na para a praia e, sentados, juntam o que é bom em vasilhas, mas o que não presta, deitam fora. Assim será no fim do mundo: virão os anjos e separarão os maus dentre os justos e os lançarão na fornalha ardente [=o inferno eterno]. Ali haverá choro e ranger de dentes” (Mateus 13,47-50) (cf. FUNK, HOOVER & THE JESUS SEMINAR, p. 197).

80- A PARÁBOLA DOS TALENTOS (MATEUS 25,14-30) É DE AUTORIA DE JESUS?

Também não, uma vez que esta parábola tem um forte significado escatológico intervencionista (separatista e condenatório): “Depois de muito tempo, o senhor daqueles servos voltou e pôs-se a ajustar contas com eles” (Mateus 25,19); “**Quanto ao servo inútil, lançai-o fora nas trevas** [=no inferno eterno]. **Ali haverá choro e ranger de dentes!**” (Mateus 25,30) (cf. FUNK, HOOVER & THE JESUS SEMINAR, p. 256) (negrito meu).

81- A PARÁBOLA DO MORDOMO (MATEUS 24,45-51) É DE AUTORIA DE JESUS?

Claro que não, uma vez que esta parábola também tem um forte significado escatológico sobrenatural condenatório: “Feliz daquele servo que o senhor, ao chegar [por ocasião do Juízo Final], encontrar assim ocupado. Em verdade vos digo, ele o constituirá sobre todos os seus bens. Se aquele mau servo disser em seu coração: ‘Meu senhor tarda’, e começar a espancar os seus companheiros, a comer e beber em companhia dos bebedores, o senhor daquele servo virá em dia imprevisto e hora ignorada. Ele o partirá ao meio e lhe imporá a sorte dos hipócritas. Ali haverá choro e ranger de dentes” (Mateus 24, 46-51) (cf. FUNK, HOOVER & THE JESUS SEMINAR, p. 253).

82- O DISCURSO ESCATOLÓGICO SOBRE O JUÍZO FINAL (MATEUS 25,31-46) É DE AUTORIA DE JESUS?

Indubitavelmente, não, por causa de seu fortíssimo significado escatológico sobrenatural, uma vez que sabemos, dentro do ponto de vista do SJ, que nenhuma passagem bíblica escatológica ou apocalíptica (intervencionista, separatista e condenatória) é de autoria do Jesus histórico, mas dos escritores do Novo Testamento: “Quando o Filho do Homem vier em sua glória, e todos os anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória. E serão reunidas em sua presença todas as nações e ele separará os homens uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos, e porá as ovelhas à sua direita e os cabritos à sua esquerda. Então dirá o rei [Jesus] aos que estiverem à sua direita: ‘Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o Reino preparado para vós desde a fundação do mundo’. [...] Em seguida, dirá aos que estiverem à sua esquerda: **‘Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno preparado para o diabo e para os seus anjos’...** [...] **E irão estes para o castigo eterno, enquanto os justos irão para a vida eterna**” (Mateus 25, 31-46) (negrito meu).

Há, nos Evangelhos, muitas outras passagens apocalípticas, semelhantes às que acabei de analisar nas últimas onze questões deste livro, mas creio que essas são suficientes para mostrar aos leitores o caráter fortemente escatológico intervencionista de muitas passagens e parábolas do Novo Testamento falsamente atribuídas a Jesus. Poderia ter citado também a **parábola do ladrão noturno**, que vem, sem avisar, e com o qual Cristo compara seu retorno, concluindo essa comparação com a frase: “Por isso, também vós ficai preparados, porque o Filho do Homem virá numa hora que não pensais (Mateus 24,44). O mesmo se diga da **parábola do servo que dormia**, quando seu amo o surpreende com sua chegada: “O senhor daquele servo virá em dia imprevisto e hora ignorada. Ele o partirá ao meio e lhe imporá a sorte dos hipócritas. Alí haverá choro e ranger de dentes (Mateus 24,50-51).

83- O RETORNO FÍSICO DE JESUS PARA JULGAR A HUMANIDADE É VERDADE OU MENTIRA?

Literalmente interpretado, é uma das maiores mentiras sobre Jesus. Mais explicitamente, a crença literal na segunda vinda física de Jesus para o Juízo Final da humanidade, premiando os justos com o céu e castigando os maus com o inferno eterno, é uma das maiores mentiras sobre Jesus, um mito escatológico intervencionista, isto é, referente às últimas coisas que supostamente deveriam acontecer no final dos tempos, doutrina antiga, segundo a qual Deus poria um fim na história da humanidade, ressuscitando todos os mortos e dando a cada um a sua sentença final, de acordo com as suas obras.

Essa crença apocalíptica torna-se bastante racional, quando interpretada à luz da Doutrina Espírita (cf. KERDEC, *A Gênese*, cap. 17, n. 43-67), a qual nos esclarece que a humanidade não terá um fim, mas uma *transformação*, na época de sua regeneração:

Chegado o momento em que, pelo progresso moral de seus habitantes, o globo terráqueo tem de ascender na hierarquia dos mundos, interdito será ele, como morada, a encarnados e desencarnados que não hajam aproveitado os ensinamentos que uns e outros se achavam em condições de aí receber. Serão exilados para mundos inferiores, como o foram outrora para a Terra os da raça adâmica, vindo substituí-los Espíritos melhores. Essa separação [...] é que se acha figurada por estas palavras sobre o juízo final: “Os bons passarão à minha direita e os maus à minha esquerda” (KARDEC, *A Gênese*, cap. 17, n. 63).

Essa separação entre os bons e os maus não é eterna, mas temporária, pois, como já vimos neste livro (sobretudo na resposta da pergunta nº 4), não existem penas eternas (inferno eterno). Deus seria injusto e cruel se punisse **faltas finitas com penas infinitas**.

Quanto à promessa não cumprida do breve retorno de Cristo para o Juízo Final da humanidade, enquanto ainda alguns de seus discípulos estivessem vivos, esclareço, mais uma vez, que não foi o Jesus histórico quem a fez, mas foram os escritores cristãos – particularmente Paulo – que, baseados em crenças escatológicas intervencionistas (separatistas e condenatórias), existentes no ju-

daísmo (por exemplo, em Daniel 7-10) e em outras culturas mais antigas, criaram essas passagens neotestamentárias, atribuindo a Jesus a sua autoria, para que adquirissem mais valor. O Jesus histórico, porém, não é o autor dessa promessa ou profecia (não cumprida), nem de qualquer passagem neotestamentária relacionada com a figura apocalíptica mítica do “Filho do Homem”.

A profecia do breve retorno de Cristo, para o julgamento final da humanidade, de fato, não se cumpriu. Sua ideia central pode ser resumida nas seguintes passagens do Novo Testamento:

(...) porque logo voltará o Filho do Homem na glória de seu Pai e então retribuirá a cada um, segundo suas obras. Em verdade vos digo que alguns de vocês que estão aqui não provarão da morte até que vejam o Filho do Homem retornar na glória de seu reino (Mateus 16,27; Marcos 9,1; Lucas 9,27).

Aliás, eu vos digo que, dentro de pouco tempo, vereis o Filho do Homem sentado à direita do Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu (Mateus 26,64).

Por isso vos declaramos, segundo a palavra do Senhor: que os vivos, os que ainda estivermos lá para a Vinda do Senhor, não passaremos à frente dos que morreram. Quando o Senhor, ao sinal dado, à voz do arcanjo e ao som da trombeta divina, descer do céu, então os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; em seguida nós, os vivos que estivermos lá, seremos arrebatados com eles nas nuvens para o encontro com o Senhor, nos ares (1 Tessalonicenses 4,15-17).

Em verdade vos digo que esta geração não passará sem que tudo isso aconteça (Mateus 24,34; Marcos 13,30).

Essas e outras passagens semelhantes do Novo Testamento não são, de fato, palavras de Jesus (nem palavras de Deus), mas palavras dos autores cristãos, baseados no mito da parusia (ou parúsia) de Jesus, ou seja, de sua suposta segunda vinda física, gloriosa, no final dos tempos, para estar presente ao Juízo Final.

Sabemos que, para justificar o não cumprimento dessa profecia mítica, foi escrita a segunda epístola de Pedro (o último escrito do Novo Testamento), por volta do ano 150, declarando, de maneira falsa (mentirosa) que **“para Deus um dia é como mil anos e mil**

anos como um dia” (2Pedro 3,8) (negrito meu). A respeito dessa interpretação, o teólogo Franz GRIESE afirma que “a segunda epístola de Pedro é uma carta apócrifa, escrita no ano 150, com o propósito de encobrir o fracasso da referida profecia de Cristo” (GRIESE, p. 50, nota 1).

Reafirmo que a crença literal no retorno físico de Jesus para julgar a humanidade, enviando os bons para o céu e os maus para o inferno eterno, é uma das maiores mentiras sobre Jesus. A crença no Juízo Final, como já vimos neste livro, não é uma doutrina exclusiva do cristianismo mítico, pois ela já existia em religiões bem mais antigas do que o cristianismo, por exemplo, no Egito Antigo, como nos esclarece o escritor Richard Russell Cassaro, em sua referida obra, nos seguintes termos:

As representações de Cristo e Osíris como juízes são notavelmente semelhantes. O quadro de Michelangelo, *O Juízo Final*, tem muitas características em comum com o Dia do Juízo gravado em papiros egípcios e esculpido nas paredes. [...] Como juiz, Osíris era retratado na posição sentada, uma postura que é semelhante à caracterização do tribunal de Cristo nas escrituras cristãs. O que fazer com essas semelhanças notáveis? Os estudiosos cristãos simplesmente tomaram emprestadas as imagens e os símbolos de Osíris da religião egípcia? Ou essas evidências revelam um fenômeno profundo e até agora não admitido que teria influenciado o sentido da civilização humana? Ao revelar as semelhanças comuns entre as religiões egípcia e cristã, na realidade estaríamos redescobrimo os planos sagrados de uma tradição messiânica antiga que apressou o desenvolvimento cultural humano desde o princípio da história? (CASSARO, p. 31-32)

84- NO ENCONTRO COM NICODEMOS (JOÃO 3,3-10), JESUS FALOU DA NECESSIDADE DO “BATISMO”, OU DA “REENCARNAÇÃO”?

Da “reencarnação”. É mais uma grande mentira sobre Jesus afirmar que ele, no encontro com Nicodemos, falou da necessidade do batismo, e não da reencarnação. Em João 3,3-10, Jesus mostra que todos temos que nascer **de novo**, ou seja, **reencarnar**, e não nascer **do alto**, isto é, “nascer da água e do Espírito” – alusão ao batismo e à sua necessidade salvífica.

Mais explicitamente, os cristãos antirreencarnacionistas alegam que, nesse encontro com Nicodemos, Jesus, ao contrário da interpretação dos reencarnacionistas, não falou (cf. João 3, 7) que devemos “nascer de novo” (isto é, que devemos **reencarnar**), para entrar no Reino de Deus, mas sim, que devemos “nascer do alto”, ou seja, que devemos “nascer da água e do Espírito” (João 3,5) – “alusão ao batismo e à sua absoluta necessidade” – (*A Bíblia de Jerusalém*, João 3,5, nota z).

Repito que, em João 3,1-10, Jesus disse que, para entrar no Reino de Deus, é preciso “nascer de novo”, isto é, “reencarnar”. A tradução “nascer do alto” – adotada pela *Bíblia de Jerusalém* (e por outras Bíblias cristãs) – fica totalmente sem nexo em face da pergunta de Nicodemos: “Como pode um homem nascer, sendo já velho? Poderá entrar uma segunda vez no seio de sua mãe e (re)nascer?” (João 3, 4)

Além disso, é preciso esclarecer, com Allan Kardec, o sentido de “água” e “Espírito” na expressão bíblica “**nascer da água e do Espírito**” (João 3,5):

Para compreender o verdadeiro sentido dessas palavras, é necessário reportar à significação da palavra água, que não foi empregada em sua acepção própria. Os antigos tinham conhecimentos imperfeitos sobre as ciências físicas, e acreditavam que a Terra havia saído das águas. Por isso, consideravam a água como o elemento gerador absoluto. É assim que encontramos no Gênesis: “O Espírito de Deus era levado sobre as águas”, “flutuava sobre as águas”, “que o firmamento seja feito no meio das águas”, “que as águas que estão sob o céu se reúnam num só lugar, e que o elemento árido apareça”, que a água produza a terra e debaixo do firmamento”. Conforme essa crença, a água tornara-se o símbolo da natureza material, como o Espírito o era da natureza inteligente. Estas palavras: “Se o homem não renasce da água e do Espírito, ou em água e em Espírito”, significam, pois: “Se o homem não renasce com seu corpo e sua alma.” Neste sentido é que foram compreendidas no princípio. Essa interpretação, aliás, está justificada por estas outras palavras: *o que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é Espírito.[...] O que é nascido da carne é carne* indica claramente que só o corpo procede do corpo, e que o Espírito é independente do corpo (KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. 4.8).

Vamos analisar um pouco mais a pergunta de Nicodemos: “Como pode um homem nascer, sendo já velho? Poderá entrar uma segunda vez no seio de sua mãe e (re)nascer [ou seja, **reencarnar**]” (João 3,4)?

A tradução “nascer do alto”, convém repetir, feita por quem não crê na reencarnação, fica totalmente sem nexos. Respondeu-lhe Jesus: “Em verdade, em verdade, te digo: quem não nascer **da água e do Espírito** não pode entrar no Reino de Deus” (João 3,5) (negrito meu). Esta tradução, como nos esclarece o escritor espírita Severino Celestino da Silva (SILVA, 2000, p. 226), está incorreta, pois, no texto original grego, não há artigo diante das palavras “**água**” e “**espírito**”; portanto, o texto fala em nascer “**de água e de espírito**”, e não nascer **da água do batismo, nem do espírito**, mas **de água** (materialmente, com o corpo denso/físico) e **de espírito** (pela reencarnação do espírito).

Na época em que a Bíblia foi escrita, a água era o símbolo da natureza material, como o espírito o era da natureza inteligente. Por isso, as expressões: “Se o homem não nasce da água e do Espírito, ou melhor, **de água e de espírito**”, significam, pois: “Se o homem não renasce com seu corpo e sua alma”. Em suma, a expressão original grega é “**nascer de água e de espírito**”, que significa “nascer de novo” (**reencarnar**), e não “nascer do alto”.

Concluindo a resposta da presente questão, reafirmo que a expressão “nascer da água e do Espírito”, ou melhor, “**nascer de água e de espírito**”, significa “**nascer de novo**” (**reencarnar**), e não “**nascer do alto**” (João 3,5). O advérbio original grego “*another*” (cf. CHAMPLIN, 2002, p. 304) não significa apenas “do alto”, mas também “de novo” e, nesse contexto, ele só tem sentido correto se for traduzido por “de novo”, e não “do alto”.

85- OS RELATOS DA PAIXÃO-RESSURREIÇÃO DE JESUS SÃO FATOS HISTÓRICOS?

Pouquíssimos são fatos históricos. John Dominic Crossan, em sua obra *Quem Matou Jesus? As Raízes do Antissemitismo na História Evangélica da Morte de Jesus* (CROSSAN, 1995), esclarece que é

preciso distinguir, no Novo Testamento, **História Relembrada** de **Profecia Historicizada**. Ele esclarece que “História Relembrada” refere-se a fatos, enquanto “Profecia Historicizada” refere-se a narrativas inventadas pelos primeiros cristãos para fazer cumprir determinadas escrituras do Antigo Testamento.

Nesse contexto, Crossan afirma (no referido livro *Quem Matou Jesus?*, p. 16), que os relatos da paixão-ressurreição de Jesus são, aproximadamente, 20% “História Relembrada” e 80% “Profecia Historicizada”.

O primeiro exemplo que ele dá de “Profecia Historicizada” é o das **Trevas ao Meio-Dia**, na data da morte de Jesus, narradas em todos os quatro evangelhos canônicos (Mateus, Marcos, Lucas e João), para fazer-se cumprir a profecia do profeta Amós: “Nesse dia, diz o Senhor Deus, farei o sol desaparecer ao meio-dia, e farei surgirem trevas na terra em plena luz” (Amós 8, 9-10).

Crossan (ibid.) argumenta que a expressão “Trevas ao Meio-Dia”, da profecia de Amós, refere-se à catástrofe terrível pela qual iria passar Israel, quando o seu reino do norte foi devastado pelo brutal militarismo do império assírio. “Autores do século I, como Josefo, Plutarco e Plínio, o Velho, afirmam que o mesmo fenômeno acompanhou o assassinato de Júlio César, em 15 de março de 44 d.C.” (ibid.).

Crossan prossegue em sua argumentação, afirmando que “os cristãos, lendo suas Escrituras, encontraram esta antiga descrição da futura punição divina..., e assim criaram aquela narrativa *ficcional* sobre as trevas ao meio-dia para afirmar que Jesus morreu em cumprimento à profecia” (CROSSAN, 1995, p. 16).

Concordo plenamente com o escritor John Dominic Crossan, ao fazer a fundamental distinção entre *fato histórico* e *parábola religiosa*, bem como a crucial distinção entre *história relembrada* e *profecia historicizada*, alertando-nos para o erro perigoso de se interpretar “parábolas” como “fatos históricos” e “profecias historicizadas” como “histórias relembradas” (ou seja, como fatos históricos reais), como tem feito a grande maioria dos cristãos ao longo de dois mil anos.

86- JESUS ANUNCIOU SUA MORTE E RESSURREIÇÃO?

Na visão dos pesquisadores do SJ (que sigo), não. Nos Evangelhos sinópticos (Mateus, Marcos e Lucas), Jesus anuncia, três vezes, sua morte e ressurreição ao terceiro dia. O primeiro anúncio da paixão de Cristo é narrado em Marcos 8, 31-33, Mateus 16, 21-23 e Lucas 9,22; o segundo anúncio de sua paixão é narrado em Marcos 9,30-32, Mateus 17, 22-23 e Lucas 9,44-45; o terceiro anúncio da paixão de Jesus é anunciado em Marcos 10,32-34, Mateus 20,17-19 e Lucas 18,31-33.

Os Evangelhos sinópticos relatam os três anúncios da paixão utilizando quase as mesmas palavras.

O primeiro anúncio da paixão de Cristo é narrado em Marcos 8, 31-33, nos seguintes termos:

E começou a ensinar-lhes que era necessário que o Filho do Homem sofresse muito, e fosse rejeitado pelos anciãos, chefes dos sacerdotes e escribas, e fosse morto e, depois de três dias, ressuscitasse. Dizia isto abertamente. Pedro, chamando-o de lado, começou a adverti-lo. Ele, porém, voltando-se e vendo os seus discípulos, repreendeu a Pedro, dizendo: “Arreda-te de mim, Satanás, porque não pensas as coisas de Deus, mas as dos homens!” (Marcos 8, 31-33).

As passagens sobre o anúncio da paixão de Cristo, bem como a maioria das outras narrativas evangélicas sobre Jesus, como já vimos, não podem ser interpretadas *literalmente* como fatos históricos, mas como verdades de fé dos autores bíblicos, uma vez que os autores bíblicos não tinham interesse algum em narrar fatos históricos sobre Jesus, mas apenas em criar histórias que confirmassem sua fé (sua crença) em Jesus morto e ressuscitado.

Em outras palavras, os Evangelhos não são narrativas históricas sobre o que Jesus disse ou fez, mas são, ao contrário, narrativas míticas que têm o objetivo de fortalecer os fiéis em sua fé. Isso faz muito bem aos que creem. O mal, repito, não é crer, mas interpretar crenças particulares de maneira absoluta e exclusivista.

Nesse sentido, reflitamos um pouco sobre o que escreveu o famoso teólogo, e ex-padre católico, John Dominic Crossan, idealizador e cofundador do Seminário de Jesus, ao esclarecer-nos,

com razão, que um ato de fé é interpretação, e não fato histórico; e que “os cristãos, como todos os outros seres humanos, vivem das profundezas dos mitos e das metáforas”:

Não aceito o argumento de que a própria fé cristã nos diz o que precisamos saber a respeito do Jesus histórico. A fé cristã nos diz como o Jesus histórico (fato) é a manifestação de Deus para nós aqui e agora (interpretação). Não se pode acreditar num fato, apenas numa interpretação. E nenhuma quantidade de fé pode transformar uma interpretação num fato. Aqui ocorre um engano letal que, muitas vezes, transforma em selvagem o coração do cristianismo. Argumentamos que temos fatos e não interpretações, que temos história e não mito, que *nós* temos verdades e *os outros* têm mentiras. Isto não mais funciona, nem para nós nem para ninguém. Precisamos comparar os mitos e as metáforas uns dos outros para vermos quão humana é a vida que eles engendram, mas não podemos negar que *todo mundo* constrói firmemente sobre tais fundações inevitáveis. **Os cristãos, como todos os outros seres humanos, vivem das profundezas dos mitos e das metáforas. Mas ainda permanece, especialmente agora, o desafio urgente de aceitar o nosso próprio mito fundacional sem vergonha ou negação, e os dos outros, sem ódio ou menosprezo** (CROSSAN, 1995, p. 252-253) (negrito meu).

Concordo plenamente com esse renomado teólogo e ex-padre católico, com sua explicação de que um ato de fé é *interpretação*, e não *fato histórico*, e com sua declaração de que “os cristãos, como todos os outros seres humanos, vivem das profundezas dos mitos e das metáforas”, e devem enfrentar o desafio urgente de aceitar seu próprio mito fundacional sem vergonha ou negação, e os dos outros, sem ódio ou menosprezo.

Retornando ao tema central da presente questão, ou seja, o do anúncio de Jesus sobre sua **morte e ressurreição**, repito que esse anúncio não é de autoria de Jesus, mas dos evangelistas (Marcos, Mateus e Lucas), com a finalidade de fortalecer os cristãos em sua fé dogmática central na salvação pela morte e ressurreição de Cristo: **“Porque se confessares com tua boca que Jesus é Senhor e creres em teu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo”** (Romanos 10,9) (negrito meu).

87- O CREDO APOSTÓLICO REFERE-SE AO JESUS HISTÓRICO?

Antes de responder a esta pergunta, leiamos o **Credo Apostólico** (a profissão de fé mais antiga que sintetiza os principais dogmas ou mitos cristãos paulinistas):

CREDO APOSTÓLICO

CREIO EM DEUS PAI,
TODO-PODEROSO,
CRIADOR DO CÉU E DA TERRA,
E EM JESUS CRISTO,
SEU ÚNICO FILHO,
NOSSO SENHOR;
QUE FOI CONCEBIDO PELO PODER DO ESPÍRITO SANTO;
NASCEU DA VIRGEM MARIA;
PADECEU SOB PÔNCIO PILATOS;
FOI CRUCIFICADO,
MORTO E SEPULTADO;
DESCEU À MANSÃO DOS MORTOS;
RESSUSCITOU AO TERCEIRO DIA;
SUBIU AOS CÉUS;
ESTÁ SENTADO À DIREITA DE DEUS PAI,
TODO-PODEROSO,
DE ONDE HÁ DE VIR A JULGAR OS VIVOS E OS MORTOS.
CREIO NO ESPÍRITO SANTO, NA SANTA IGREJA CATÓLICA,
NA COMUNHÃO DOS SANTOS,
NA REMISSÃO DOS PECADOS,
NA RESSURREIÇÃO DA CARNE,
NA VIDA ETERNA.
AMÉM.

(Extraído de TABOR, 2006, p. 336)

Pela leitura desse **Credo Apostólico, derivado da visão paulina**, já podemos responder ao leitor deste livro que ele se refere quase todo ao “Cristo da fé” (“uma pessoa totalmente divina”), e não ao “Jesus histórico” (o “Jesus real”, o “verdadeiro Jesus de Nazaré”, “uma pessoa inteiramente humana”).

Mais explicitamente, no dizer dos pesquisadores do SJ,

o personagem deste Credo é uma figura celeste ou mítica, cuja ligação com o sábio de Nazaré limita-se ao seu sofrimento e morte sob Pôncio Pilatos. Nada entre o seu nascimento e sua morte parece ser essencial à sua missão ou à fé da Igreja. Assim, os evangelhos podem ser compreendidos como correções deste desequilíbrio de fé, que foi indubitavelmente derivado da visão adotada pelo apóstolo Paulo, que não conheceu o Jesus histórico. Para Paulo, Cristo devia ser entendido como um Senhor, morto e ressuscitado, simbolizado no batismo (enterrado com ele, ressuscitado com ele), do tipo que ele conhecia das religiões de mistério do mundo greco-romano. No esquema teológico de Paulo, o Homem Jesus não exerceu nenhum papel essencial. (FUNK, Robert W.; HOOVER, Roy W., and THE JESUS SEMINAR, 1993, p. 7.)

Na minha opinião (e na de muitos outros autores), esse Credo Apostólico é uma prova incontestável da distinção, feita particularmente a partir do século 18, entre o Jesus histórico e o mítico, ou seja, entre o “Jesus da História” (um personagem real, uma pessoa inteiramente humana) e o “Cristo da fé” (um personagem celeste, uma pessoa totalmente divina).

Essa distinção entre **o Jesus histórico** e **o Cristo da fé** sempre foi (e continua sendo) a principal causa de conflitos e divisões entre os próprios cristãos e, mais ainda, entre cristãos e não cristãos.

Até quando os cristãos vão continuar com esses conflitos e divisões, existentes há dois mil anos, a respeito da **verdadeira identidade (ou natureza) de Jesus**? Só Deus sabe!

88- JESUS FOI MORTO PELOS JUDEUS?

“A resposta a essa pergunta resultou em séculos de desentendimento, rancor, ódio e perseguição entre Roma e Jerusalém” (ARIAS, 2001, p. 91).

Resumirei, a seguir, com esse mesmo autor, a polêmica questão em torno de quem matou Jesus: foram os judeus ou os romanos?

É evidente que desde muito cedo, quase desde o século II d.C., tudo contribuiu para que se jogasse exclusivamente nas costas dos judeus do tempo de Jesus o peso do processo, da tortura e da condenação à morte na cruz do grande inocente da história. A Igreja necessitou de muitos séculos – praticamente até a chegada de João XXIII ao trono

de Pedro, em meados do século XX – para apagar de seus livros litúrgicos da Semana Santa a horrível frase que os cristãos rezavam toda Sexta-feira Santa: “**pelos pérfidos judeus**”. Como escreveu recentemente o escritor judeu Amos Oz, “a Igreja Católica, durante milênios, dedicou-se a tachar os judeus de **assassinos de Deus**” (ARIAS, p. 91-92) (negrito meu).

Todos os estudos mais sérios estão chegando à conclusão de que Jesus foi condenado à morte e executado não pelos judeus, mas pelos romanos que naquele tempo ocupavam a Palestina. [...] De fontes históricas não judias, sabe-se, por exemplo, que a crucificação, a pena de morte a que Jesus foi condenado, não estava entre as várias formas que os judeus tinham de infligir a pena capital. Os judeus matavam por apedrejamento, pelo fogo e por decapitação. [...] Portanto, se Jesus tivesse sido condenado à morte pelos judeus – afirma Winter... –, não teria sido condenado à pena de crucificação, que era o suplício que os romanos daquele tempo reservavam aos rebeldes políticos, mas a um dos métodos de execução adotados pelas autoridades judaicas (ARIAS, p. 92-93).

89- JESUS FOI O NOSSO “BODE EXPIATÓRIO”?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. Abordarei nesta resposta o mito antigo e bárbaro do perdão de nossas faltas por meio da oferta de sacrifícios expiatórios a Deus, com o **derramamento de sangue da vítima**, rito esse praticado não somente pelo povo hebreu, mas por muitos outros povos mais antigos. Mediante esse velho rito mítico, seres humanos (principalmente heróis, crianças e moças virgens) eram sacrificados para agradar aos deuses e obter deles favores e perdão dos pecados. Foi esse mito que gerou a doutrina cristã mítica da salvação defendida por Paulo de Tarso e pelo cristianismo dogmático, ou seja, “Paulo diz que os pecados são perdoados se a pessoa acreditar que Jesus morreu na cruz por ela. **É a doutrina da salvação em que o herói derrama seu sangue e todos são perdoados por causa dele**” (VASCONCELOS, Yuri. O Homem que inventou Cristo. *SUPER Interessante*. Edição 195, dez, 2003) (negrito meu).

Com o passar dos tempos, animais (como bois, bodes, cordeiros, ovelhas e pombas) substituíram os seres humanos nos sacrifícios expiatórios.

No judaísmo, anualmente, no Dia da Expição dos Pecados, conforme Levítico 16, um bode era sacrificado como oferecimento pelos pecados dos judeus e outro bode era enviado ao deserto, conduzindo os pecados do povo hebreu.

Foi sobretudo esse mito judaico do “bode expiatório” que deu origem à doutrina cristã dogmática (paulinista) da “expição” do “pecado original” pelo sacrifício de Cristo na cruz, ou seja, Jesus (o mítico) passou a ser interpretado como o bode (ou o cordeiro) expiatório final e definitivo pelos pecados de todos os seres humanos deste planeta.

Mais explicitamente, o Jesus mítico sempre foi visto pelos cristãos dogmáticos (paulinistas) como a personificação da prática mítica antiga de transferir os pecados de um grupo para um animal ou para um bode expiatório humano, que seria banido ou mesmo sacrificado como meio de expurgar as faltas cometidas pelos membros da sociedade.

Esse animal, ou ser humano, era algumas vezes revestido de divindade e, assim, um homem-deus podia morrer como um bode expiatório e transformar-se num “redentor”. Por isso, o Jesus mítico é “o Cordeiro de Deus”, o “redentor” da humanidade pelo seu sangue derramado na cruz.

A doutrina central do cristianismo dogmático da expiação dos pecados da humanidade pelo sangue de Cristo derramado na cruz é vista, com razão, por muitos escritores modernos como cruel, repugnante e masoquista (ou sadomasoquista).

“Masoquista” (ou “sado masoquista”) é uma pessoa que busca o sofrimento, a humilhação, ou até mesmo a morte, sentindo muito prazer (cf. Dicionário HOUAISS da Língua Portuguesa, verbete **masoquismo**). Nesse sentido, reflitamos sobre o que escreveu o escritor Richard Dawkins:

Agora o sadomasoquismo. Deus encarnou-se como homem, Jesus, para que pudesse ser torturado e executado em *expição* do pecado hereditário de Adão. Desde que Paulo expôs essa doutrina repugnante, Jesus vem sendo adorado como o *redentor* de todos os nossos pecados. Não apenas o pecado passado de Adão: pecados *futuros* tam-

bém, decidam ou não as pessoas futuras cometê-los! [...] Se Deus quisesse perdoar nossos pecados, por que não perdoá-los, simplesmente, sem ter de ser torturado e executado em pagamento...? [...] Paulo... estava impregnado do velho princípio teológico judaico de que sem sangue não há expiação. [...] [Em suas epístolas], ele diz exatamente isso. Os estudiosos progressistas da ética hoje em dia já acham difícil defender qualquer tipo de teoria retributiva da punição, imagine então a teoria do bode expiatório – executar um inocente para pagar pelos pecados dos culpados. [...] E, para completar, Adão, o suposto executor do pecado original, nem existiu: [...] Ah, mas é claro, a história de Adão e Eva era apenas *simbólica*, não era? *Simbólica*? Então, para impressionar a si mesmo, Jesus fez-se ser torturado e executado, numa punição indireta por um pecado *simbólico* cometido por um indivíduo *inexistente*? (DAWKINS, 2007, p. 325, 326 e 327)

Mesmo não sendo ateu, concordo plenamente com o que escreveu o escritor ateu Richard Dawkins nesta citação. Como é que Jesus pode ter morrido para pagar o pecado original, cometido por Adão, se nem Adão nem o pecado original existiram historicamente, mas apenas simbolicamente? E se a história de Adão e Eva é apenas *simbólica*, como defendem atualmente, com razão, muitos teólogos cristãos, como é que Jesus pode ter sido sacrificado na cruz para pagar uma culpa apenas *simbólica*, cometida por indivíduos *inexistentes*?

Essa argumentação lógica é mais do que suficiente para desmentir, à luz da “fé raciocinada”, o dogma cristão da redenção de nossos pecados pelo sangue de Cristo derramado na cruz. Essa doutrina mítica, cruel, repugnante e sadomasoquista é, portanto, totalmente falsa, mentirosa.

“Associando a morte do Unigênito de Deus à redenção de nossos pecados, Paulo de Tarso retrocedeu às primitivas religiões semíticas, em que os pais deviam imolar seus primogênitos” (KERSTEN, 1986, p. 35) (negrito meu).

Concluindo a resposta da presente pergunta, reafirmo, à luz da fé raciocinada, que Jesus não é o nosso “bode expiatório”. Ele não foi morto para pagar nossos pecados. Somente o amor-caridade será capaz de nos redimir de nossos pecados, em múltiplas (re)encarnações, neste e em outros planetas, e não o sangue de Cristo derramado na cruz. O que nos salva, o que nos liberta, o que

nos faz evoluir espiritualmente, não me cansarei de repetir, é somente a prática do amor-caridade, e não a fé em Cristo morto e ressuscitado, como defende o cristianismo dogmático (paulinista), há dois mil anos.

90- AS PASSAGENS DO “SERVO SOFREDOR” (ISAÍAS 53) REFEREM-SE AO SOFRIMENTO DE JESUS?

Segundo o ponto de vista que defendo, não. Várias passagens de Isaías, particularmente as referentes ao “servo sofredor” (Isaías 53), são normalmente interpretadas pelos cristãos paulinistas como se referindo ao sofrimento redentor de Jesus por nossos pecados. Isso, porém, não é “história lembrada” (verdade histórica), mas “profecia historicizada” (narrativa inventada pelos escritores cristãos para fazer cumprir determinadas escrituras do Antigo Testamento). Leiamos, a seguir, algumas passagens do chamado Segundo Isaías que parecem referir-se ao suposto sofrimento redentor de Jesus, comentadas pelo escritor Bart D. Ehrman, em sua obra *O Problema com Deus: as respostas que a Bíblia não dá ao sofrimento* (EHRMAN, 2008, p. 75ss):

“Ofereci o dorso aos que me feriam e as faces aos que me arrancavam os fios da barba; não oculte o rosto às injúrias e aos escarros” (Isaías 50,6). [...]

“E no entanto, eram as nossas enfermidades que ele levava sobre si, as nossas dores que ele carregava” (Isaías 53,4). “Mas ele foi trespassado por causa de nossas transgressões, esmagado em virtude das nossas iniquidades. O castigo que havia de trazer-nos a paz caiu sobre ele, sim, por suas feridas fomos curados. Todos nós como ovelhas, andávamos errantes, seguindo cada um o seu próprio caminho, mas lahweh fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós. Foi maltratado, mas livremente humilhou-se e não abriu a boca, como um cordeiro conduzido ao matadouro” (Isaías 53,5-7). [...] “Deram-lhe sepultura com os ímpios, o seu túmulo está com os ricos” (Isaías 53,9).

Passagens como essas, do “servo sofredor” do chamado Segundo Isaías, marcaram o modo como os cristãos contaram erroneamente suas histórias da paixão de Jesus (veja EHRMAN, 2008, p. 74-77). Mateus, por exemplo, escreveu:

“E cuspiram-lhe no rosto e o esbofetearam. Outros lhe davam bordoadas” (Mateus 26,67); [...] “E cuspiendo nele, tomaram o caniço e batiam-lhe na cabeça. Depois de caçoarem dele, despiram-lhe a capa escarlate e tornaram a vesti-lo com as suas próprias vestes, e levaram-no para o crucificar” (Mateus 27,30-31). [...] “Chegada a tarde, veio um homem rico de Arimateia, chamado José, o qual também se tornara discípulo de Jesus. E dirigindo-se a Pilatos, pediu-lhe o corpo de Jesus. Então Pilatos mandou que lhe fosse entregue. José, tomando o corpo, envolveu num lençol limpo e o pôs em seu túmulo novo, que talhara na rocha” (Mateus 27,57-60).

Não é por acaso que os relatos da crucificação e morte de Jesus sejam tão parecidos com Isaías 53: Mateus, baseado em Marcos, estava pensando no “servo sofredor” de Isaías 53, enquanto escrevia sobre o sofrimento de Jesus, embora saibamos que as referidas passagens de Isaías 53 não se referem a Jesus, mas a Israel, que tinha sido levado para o exílio de Babilônia, cerca de seis séculos antes do nascimento de Jesus. **O próprio Isaías afirma claramente que o “servo” de lahweh é Israel: “Tu és meu servo, Israel” (Isaías 49,3); “E tu, Israel, meu servo” (Isaías 41,8)** (EHRMAN, *ibid.*) (negrito meu).

Como continua esclarecendo o escritor Bart D. Ehrman,

em seu contexto original, Isaías 53 estava insistindo na ideia de que o sofrimento dos exilados na Babilônia tinha “pagado” os pecados da nação e de que, conseqüentemente, agora poderia haver a salvação. O povo seria perdoado e retornaria à sua terra, onde teria um relacionamento restaurado com Deus. **O sofrimento do exílio, portanto, era sofrimento substitutivo: a dor e a infelicidade de um contavam como uma espécie de sacrifício por outro** (EHRMAN, 2008, p. 125) (negrito meu).

A afirmação de Mateus de que José de Arimateia depositou Jesus “em seu túmulo novo, que talhara na rocha”, é um acréscimo, pois não se encontra em nenhum outro evangelista. Além disso, tudo indica mesmo que Mateus quis simplesmente fazer cumprir-se aqui, como em muitas outras passagens de seu Evangelho, mais uma “profecia historicizada”, para provar que Jesus era a figura do “servo sofredor” de Isaías 53: “Deram-lhe sepultura com os ímpios, o seu túmulo está com os ricos” (Isaías 53,9).

Em suma, a passagem de Isaías 53 passou a ser erroneamente interpretada pelos escritores cristãos do Novo Testamento como se referindo ao sacrifício redentor de Cristo na cruz. Paulo, por exemplo, fala da “redenção realizada em Cristo Jesus: Deus o expôs como instrumento de propiciação, por seu próprio sangue, mediante a fé” (Romanos 3, 24-25). Convém esclarecer que o termo “propiciação” significa um ritual com que se procura agradar uma divindade, para conseguir seu perdão; é “um sacrifício ou oferenda que se faz para aplacar a ira dos deuses” (Dicionário HOUAISS, verbete **propiciação**).

91- DEUS “AUTOESVAZIOU-SE” NA PESSOA DE JESUS?

O apóstolo Paulo, em sua carta aos Filipenses (Filipenses 2, 6-11), expõe a chamada doutrina da *kenosis* de Cristo, ou seja, a doutrina mítica do “autoesvaziamento” de Deus na pessoa de Jesus,

*o qual, subsistindo na forma de Deus,
não se aferrou a sua igualdade com Deus,
mas aniquilou-se a si mesmo
para assumir a condição de servo,
e se fez semelhante aos homens;
foi ainda mais humilde,
a ponto de aceitar a morte,
e morte na cruz.
Porém Deus o exaltou
e lhe deu o nome
que está acima de todos os nomes,
para que, ao nome de Jesus,
todas as criaturas,
nos céus, e na terra, e debaixo da terra,
e toda língua aclame
Jesus como o Senhor [kyrios]
para a glória de Deus Pai. (Filipenses 2, 6-11) (versão extraída de
ARMSTRONG, 2008, p. 124-125)*

Essa crença mítica (paulinista) é outra grande mentira sobre Jesus. É a doutrina mítica segundo a qual Deus “autoesvaziou-se” temporariamente de seus atributos divinos, ao encarnar-se na pessoa física de Jesus, a fim de que ele sofresse e morresse na cruz para pagar os nossos pecados.

A crença mítica no “autoesvaziamento” temporário de Deus, para encarnar-se num ser humano, era comum a muitas outras culturas religiosas bem mais antigas do que o cristianismo. Segundo esse mito antigo, Deus pode “autoesvaziar-se” temporariamente de seus atributos divinos e encarnar-se na forma de um ser humano, assumindo todas as nossas imperfeições e limitações, o chamado mito da *kenosis*, ou do “autoesvaziamento” de Deus.

Este chamado mito da *kenosis*, ou do “autoesvaziamento” de Deus, é idêntico ao mito do “Deus encarnado”, comum a muitas outras religiões, e não exclusivamente ao cristianismo, em que Deus supostamente se encarna num ser humano, que passa a ser chamado de “avatar” ou “salvador”, o qual vem ao mundo para nos redimir ou nos salvar, inclusive com seu derramamento de sangue.

No cristianismo exclusivista paulinista, conforme já sabemos, Jesus é visto como o único salvador da humanidade, a única encarnação de Deus na história, o único “avatar” enviado por Deus a este mundo para nos redimir de nossos pecados mediante seu sangue derramado na cruz. Para os cristãos dogmáticos paulinistas, **SÓ JESUS SALVA!** Que grande mentira!

O escritor Tom Harpur nos esclarece, em seu livro “O Cristo dos Pagãos”, que os estudos comparativos das religiões (sobretudo das chamadas “religiões de mistérios”) comprovam que quase todas as crenças tradicionais do mundo repousam em um mito central de um “Salvador” (um “avatar”), ou seja, um filho de um rei/deus celestial que desce para o mundo de trevas inferior, sofrendo, morrendo e ressuscitando, antes de voltar ao seu mundo superior de origem (cf. HARPUR, 2008, p. 50-51):

A história nos diz como esse rei/deus conquista a vitória sobre os seus inimigos, tem um cortejo triunfante e é entronizado nas alturas. [...] **Os pesquisadores dedicados ao estudo comparativo das religiões fizeram listas de trinta a cinquenta desses avatares ou salvadores.** Kersey Graves escreveu um livro intitulado *The World's Sixteen Crucified Saviors* [**Os 16 Salvadores Crucificados no Mundo**]. Frank e Gandy mostram que a religião cristã e as religiões de mistério dos períodos anteriores e contemporâneo compartilham praticamente todas as mesmas crenças, doutrinas, rituais e ritos (HARPUR, *ibid.*) (negrito meu).

O mito da salvação cristã, segundo nos esclarece o escritor Ambrogio Donini, também se origina da fórmula antiga de um escravo que adquire a sua liberdade:

O preço do resgate pode ser pago diretamente, ou por um terceiro, sob várias formas, em favor do escravo. A concepção total do mito da salvação cristã já está contida nesta fórmula. [...] Sendo o homem um pecador e incapaz de libertar-se pagando à divindade o preço do seu resgate, intervém um “redentor”, o qual paga por ele com a sua paixão e a sua morte: esta é a essência da doutrina soteriológica entre os primeiros escritores cristãos gregos, latinos e sírios. [...] Para alguns, o “preço do resgate” é pago a Satanás, que tinha o homem em seu poder (DONINI, p. 203).

Conforme venho argumentando, à luz da filosofia espírita da “fé raciocinada”, o que nos salva, ou melhor, o que nos liberta e nos faz evoluir espiritualmente, é a prática da caridade, a qual inclui, obviamente, a “kenosis”, no sentido de “desapego”, “humildade”, “mansidão”, “amor”, “perdão”, mas não a “kenosis” no sentido mítico da crença num avatar ou salvador exclusivista, como o Cristo da fé, que supostamente veio ao mundo para nos salvar, nos redimir, mediante sua morte expiatória com seu derramamento de sangue na cruz.

Para o apóstolo Paulo, como já vimos, a salvação não vem pelas obras de amor-caridade, mas exclusivamente pela fé em Cristo morto e ressuscitado. Segundo essa sua doutrina, se uma pessoa pudesse se salvar apenas pelo cumprimento da lei judaica (incluindo obviamente a Lei do Amor), então não teria sido preciso que o Deus-Jesus se “autoesvaziasse” e viesse morrer na cruz. Logo, o fato de o Deus-Jesus ter se “autoesvaziado” e morrido na cruz tinha de significar, no raciocínio de Paulo, que Deus queria mesmo que Jesus morresse na cruz, pois, para Paulo, **“a salvação exigia sofrimento. Ainda mais que isso, exigia o horrendo sofrimento da crucificação”** (EHRMAN, 2008, p. 128) (negrito meu).

Como aceitar essa doutrina absurda, repugnante, sadista, masoquista e sadomasoquista, ou seja, essa chamada **“teologia do sangue”**, pela qual o Deus antropomórfico dos cristãos parece ter tido prazer com o sofrimento de seu próprio Filho Jesus morto na cruz? O Deus verdadeiro pode deleitar-se com o sofrimento dos outros? Além disso, Deus poderia morrer? Alguns teólogos defen-

dem a tese de que Jesus morreu como homem, e não como Deus, mas esses mesmos teólogos paulinistas se contradizem ao ensinar que **não se pode separar o lado humano de Jesus do seu lado divino!** Logo, segundo essa visão, Jesus teria morrido como homem e Deus. Por isso, “a Igreja Católica, durante milênios, dedicou-se a tachar os judeus de **assassinos de Deus**” (ARIAS, 2001, p. 92) (negrito meu).

Por influência de religiões pagãs mais antigas, os teólogos cristãos paulinistas sempre defenderam a tese absurda de que Deus, tendo ficado aborrecido, por causa do suposto “pecado original”, decidiu enviar seu próprio Filho Jesus Cristo para sofrer e morrer na cruz a fim de pagar nossa culpa original e nos salvar.

Para concluir a resposta da presente pergunta, reafirmo que, segundo o ponto de vista que defendo, não é a crença num avatar ou salvador externo, ou seja, num Deus encarnado, que se “esvaizou” de seus atributos divinos e morreu crucificado, como no caso do Cristo da fé, que nos redime, que nos salva, ou melhor, que nos liberta e nos faz evoluir espiritualmente, mas unicamente a prática do amor-caridade: **FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO**, como prega o espiritismo. O “Jesus histórico” também pregou que não queria sacrifícios, mas a prática do amor-caridade: **“Misericórdia é que eu quero, e não sacrifício”** (Mateus 9,13) (negrito meu).

92- O JESUS DA FÉ DOGMÁTICA É UMA FIGURA RELIGIOSA “EXCLUSIVA”, OU É UM MITO IMPORTADO DAS RELIGIÕES PAGÃS?

É um mito totalmente importado das religiões pagãs, sobretudo das chamadas “religiões de mistérios”, ou seja, das religiões de salvação, em que um deus-homem nasce, morre e ressuscita em três dias, sobe ao céu, de onde retornará para o Juízo Final. Como venho comprovando e continuarei a comprovar neste livro, o Jesus mítico, ou Cristo da fé, não é um personagem “exclusivo”, “excepcional” e “único” do cristianismo dogmático.

O escritor Richard Russell Cassaro mostra, por exemplo, que há profundas semelhanças entre o “Cristo da fé” (divindade cristã) e **Osíris**, a divindade egípcia mais importante de todas **e a primeira**

de que se tem registro como tendo sido ressuscitada dos mortos, o que comprova claramente que o cristianismo dogmático não é uma doutrina original, mas é cópia de outras crenças pagãs bem mais antigas, particularmente do Egito.

Osíris era o personagem central da antiga religião egípcia e os principais fundamentos do seu culto eram (do mesmo modo como no culto paulinista ao “Cristo da fé”) a crença na sua **divindade, morte e ressurreição**.

Caixões representando a imagem de Osíris também exibem um cajado de pastor na mão esquerda, um símbolo inconfundivelmente cristão – Jesus atribuiu a si mesmo o papel de Bom Pastor do rebanho humano e imagens de Cristo mostram-no segurando o cajado de pastor. Objetos de arte egípcios incluem o cajado de pastor nas mãos de Osíris. (Richard Russell Cassaro. O Paralelismo com Osíris. In: KENYON, 2008, p. 30.)

O escritor espanhol Pepe Rodríguez afirma que “a figura de Jesus Cristo foi construída segundo o modelo pagão dos deuses solares” (RODRÍGUEZ, 2001, p. 115). Esse mesmo autor nos fornece os seguintes dados comparativos entre Jesus Cristo e os deuses solares pagãos:

O deus que Saintyves identifica como “o jovem Sol” é obviamente Jesus Cristo, em cuja concepção mítica intervieram todos os elementos simbólicos e lendários característicos de desenvolvimentos religiosos muito anteriores que tiveram os seus primórdios nos cultos agrícolas que divinizaram todas as forças e manifestações da natureza que intervinham na sobrevivência dos homens nesta terra. [...] Nos mitos solares, o papel central pertence a um deus jovem. De origem astral, morre e ressuscita todos os anos, compendiando em si próprio os ciclos vitais da natureza. [...] Na época em que se formou a lenda de Jesus Cristo os cultos solares dominavam inteiramente o espectro religioso do Império Romano. [...] Durante a Antiguidade, o Sol foi em todo o planeta o emblema de todos os grandes deuses, e os monarcas de todos os impérios fizeram-se adorar como filhos do Sol, sempre identificado com a sua divindade principal. Neste contexto, a antropomorfização do Sol num deus jovem tem antecedentes fundamentais na história das religiões. Deuses como Hórus, Mitra, Adónis, Dioniso, Krishna são exemplos desse mesmo processo. O deus egípcio Hórus, filho de Osíris e de Ísis, é o grande dominador do mundo.

[...] Ele é o *Christós* e simboliza o Sol. [...] Mitra, um dos principais deuses da religião iraniana anterior a Zaratustra, era uma divindade de tipo solar. [...] O deus Mitra hindu, como o persa, é igualmente uma divindade solar. [...] Todas as personalidades dos deuses solares acabam por ser vítimas propiciatórias que expiam os pecados dos mortais, carregando com as suas culpas. Morrendo de morte violenta, são posteriormente ressuscitados. Assim, Osíris, que nasceu como um salvador ou libertador e veio ao mundo para pôr fim à tribulação dos humanos, depositado no seu túmulo, ressuscita e, ao fim de três dias (ou de quarenta, noutras versões), ascende aos céus. [...] Baco, outro deus solar destinado a arcar com as culpas da humanidade, também foi assassinado [morto e ressuscitado] [...] Idêntico destino estava reservado a Adónis, a Dioniso, a Atis e a uma extensa lista de seres divinos que, como Krishna – morto atado a uma árvore, com o corpo atravessado por uma flecha – e como Jesus Cristo – morto numa cruz de madeira, penetrado no lado por uma lança –, foram todos eles condenados à morte, chorados e restituídos à vida. São deuses que desceram ao *Hades* e regressaram, de novo, cheios de vigor, como faz a natureza com o seu ciclo anual das estações. [...] Se a Páscoa católica fosse o equivalente de uma celebração onomástica – a da suposta ressurreição de Jesus, a ser um fato, teria ocorrido num dia determinado – realizar-se-ia por norma numa data fixa o que, como se sabe, não acontece. Pelo contrário, varia de acordo com o ano astronômico, prova da origem pagã deste mito fundamental (RODRÍGUEZ, p.115-120).

Muitos mitólogos têm defendido, com muita razão, que o “Jesus mítico” foi um produto criado com elementos das antigas divindades mitológicas, como reflete, corretamente, o escritor vaticanista espanhol Juan Arias (ARIAS, 2001, p. 111-112) nos seguintes termos:

E se Jesus fosse apenas um mito construído com elementos das escatologias egípcias? É o que sustentaram, até o final do século XIX, não poucos mitólogos, como Albert Churchward e Joseph Welles. Os defensores da teoria mítica pensam que se tentou incorporar ao personagem Jesus [...] elementos de outros deuses ou personagens religiosos mitológicos de séculos anteriores a ele. Para esses autores, há coincidências interessantes entre o Jesus que os cristãos apresentam e os personagens e deuses anteriores, como Hórus, do Egito; Mitra, da Pérsia; e Krishna, da Índia. Todos nascem de uma virgem. Hórus e Mitra também nascem em 25 de dezembro. Todos fizeram milagres, todos tiveram 12 discípulos que corresponderiam aos 12 signos do

zodíaco, todos ressuscitaram e subiram aos céus depois de morrer. Hórus e Mitra foram chamados Messias, Redentores e Filhos de Deus. Krishna foi considerado a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade e foi perseguido por um tirano que matou milhares de crianças inocentes. Além disso, Krishna também se transfigurou, como Jesus, diante de seus três discípulos preferidos, foi crucificado e subiu aos céus. Exatamente como o profeta de Nazaré. Os mitólogos se perguntam: “Precisamos de mais coincidência?”

Claro que não. Em face desses e de muitos outros dados históricos que estão sendo apresentados neste livro, ninguém poderá mais duvidar de que o “Jesus mítico” é, de fato, uma incorporação de “elementos de outros deuses ou personagens mitológicos de séculos anteriores a ele” (ARIAS, *ibid.*).

Em minhas obras ecumênicas, mostro que o processo de transformação do “Jesus (ou Cristo) real” no “Jesus (ou Cristo) mítico”, do nascimento à paixão e à morte, vem sendo confirmado por todas as pesquisas contemporâneas, as quais comprovam que a imagem do “Jesus (ou Cristo) mítico” é apenas uma criação fantástica, elaborada no curso dos tempos (cf. DONINI, 1965, p. 283).

Mas o que é “mito”?

A palavra “mito”, infelizmente, até hoje, ainda não possui uma definição de consenso universal na literatura sobre o assunto, embora os mitólogos afirmem que todas as religiões são baseadas em mitos. Há, de fato, vários sentidos para a palavra “mito”, dentre os quais destaco os quatro seguintes:

- 1) O sentido platônico de mito como mentira (cf. BRUNEL, 1997, p. xv);
- 2) O conceito usual de mito como ficção, ilusão, lenda, fábula, invenção (cf. ELIADE, 2006, p. 7-8);
- 3) O sentido arcaico de mito como “tradição sagrada, revelação primordial, modelo exemplar” (ELIADE, *ibid.*, p. 8); e
- 4) O conceito de mito como uma história (uma crença, uma doutrina) que pode ser *metaforicamente* verdadeira, mas que é *literalmente* falsa (cf. HICK, 1977, p. 178).

Adoto em minhas obras ecumênicas esses quatro sentidos de mito, uma vez que um sentido não exclui necessariamente o outro.

93- O JESUS DA FÉ DOGMÁTICA NADA TEM A VER COM O “DEUS HÓRUS” DO EGITO ANTIGO?

O Jesus da fé dogmática (o “Cristo da fé”) tem muito a ver com o deus Hórus do Egito antigo. Como o Cristo da fé, também Hórus era visto como Deus encarnado, o Filho de Deus, o Salvador do mundo, nascido de um parto virginal e filho de uma mãe divina. Como o Cristo da fé, também Hórus era “o Senhor da Luz” [...], “o Caminho, a Verdade e a Vida” (HARPUR, p. 88 e 93).

Eis o que escreveu esse mesmo autor, Tom Harpur, em seu livro *O Cristo dos Pagãos*, mostrando-nos como a história de Jesus (do “Jesus mítico”) não é original:

A história de Jesus não é original como nos parece nos Evangelhos do Novo Testamento. Gerald Massey isolou **180 exemplos de semelhança muito próxima ou identidade real entre Hórus, o Cristo do velho Egito, e o Jesus do Evangelho** (negrito meu). [...] O Egito foi verdadeiramente o berço da figura do Jesus dos Evangelhos. Ali já existia a história de como o filho divino “deixou as cortes celestiais”, conforme Massey descreve, e desceu à terra como o bebê Hórus. Nascido de uma virgem (por meio de quem ele “se fez carne”, ou entrou na matéria), ele depois se torna um substituto da humanidade, desceu ao Hades como o ressuscitador dos mortos, capaz de perdoá-los e redimi-los, “os primeiros frutos”, e líder da ressurreição para a vida futura. [...] Depois que ocorreu a historicização e a literalização do personagem central no mito de Jesus, e que começaram como uma série de dramatizações baseadas em um redentor simbólico ou mítico fortemente cristalizadas nos quatro Evangelhos como histórias reais de um deus disfarçado, as acusações dos inimigos pagãos e dos críticos do cristianismo se fizeram ouvir. Vocês roubaram todas as nossas crenças e os nossos ritos, clamaram eles, e ao transformá-los em eventos concretos, históricos, os reivindicaram como seus. O que vocês escreveram nos seus Evangelhos já estava tudo escrito antes pelos sábios e semideuses a que reverenciamos. Na minha opinião, esse veredicto dos chamados pagãos é hoje inatacável. Quando se lê, por exemplo, sobre o personagem salvador de Hórus fazendo explicitamente afirmações do tipo “Eu sou”, que os cristãos conservadores ensinam enfaticamente como pertinentes integral e exclusivamente a Jesus – em especial no Evangelho de João –, percebe-se o que aqueles críticos pagãos estavam dizendo. Pense no seguinte: Hórus (*O Ritual: O Livro*

dos Mortos egípcio, c. 78) diz: “Eu sou Hórus em glória”; “Eu sou o Senhor da Luz”; “Eu sou o vitorioso (...) Eu sou o herdeiro do tempo eterno”; “Eu, eu mesmo, sou aquele que conhece os caminhos para o céu”. Essas frases todas fortemente remanescentes (ou melhor, talvez se devesse dizer proféticas) das palavras de Jesus: “Eu sou a luz do mundo”, e novamente, “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”. [...] A “vida” de Jesus nos Evangelhos já estava escrita, em essência, pelo menos 5 mil anos antes da vinda dele. Um Jesus egípcio ressuscitou dos mortos um Lázaro egípcio em uma Betânia egípcia, na presença de uma Maria e uma Marta egípcias, nas inscrições daquela terra antiga pelo menos 5 mil anos antes da era cristã (HARPUR, p. 86-89).

94- O “CRISTO DA FÉ” POUCO TEM A VER COM O “DEUS MITRA” DA PÉRSIA?

O “Cristo da fé”, como estamos comprovando neste livro, tem muito a ver com o “deus Mitra da Pérsia. Como o “Cristo da fé”, o deus Mitra (ou Mitras) também é o “Salvador” da humanidade e também é “logos”, ou seja, “emanado de Deus”, “palavra de Deus”, “verbo de Deus”. Como o Jesus mítico, Mitra também nasce milagrosamente de um parto virginal, nasce (como Cristo) no dia 25 de dezembro e, ao nascer, os pastores vieram adorá-lo. Mitra é o porto e a âncora da salvação e, terminada sua missão terrestre, morre, ressuscita e volta ao Céu, permanecendo lá como Protetor Soberano. Os seus adoradores devem servi-lo com absoluta pureza, recebendo sete sacramentos, entre os quais figuram o batismo, a confirmação e a comunhão: pão e vinho consagrados por fórmulas rituais. Depois da morte, os fiéis devem comparecer diante de Mitra e, se tiverem sido bons, gozarão a eterna felicidade e, se tiverem sido maus, irão para o inferno eterno. No fim do mundo, virá Mitra para o Juízo Final. Linha por linha, encontramos aqui o cristianismo do Jesus mítico (não, porém, o cristianismo do Jesus histórico).

95- O “JESUS HISTÓRICO” E O “CRISTO DA FÉ” NADA TÊM A VER COM O DEUS HINDU KRISHNA?

Tanto o “Jesus histórico” como o “Cristo da fé” têm muito a ver com Krishna. Apresento a seguir muitas semelhanças entre Krishna (deus hindu) e Cristo (deus cristão), além de algumas semelhanças

entre o “Jesus histórico” e o “Krishna histórico”, quase todas extraídas da obra *Krishna*, de Édouard Schuré (SCHURÉ, 1986, p. 54-58):

1. Krishna, como Cristo, também era filho de Deus.
2. Krishna, como Cristo, também era Deus encarnado.
3. Krishna, como Cristo, também era a Segunda Pessoa da Trindade.
4. Krishna, como Cristo, também era considerado o único Salvador do mundo.
5. Krishna, como Cristo, também era o Verbo Criador.
6. Krishna, como Cristo, também nasceu miraculosamente (de um parto virginal).
7. Krishna, como Cristo, também era filho de Deus com uma mulher da Terra.
8. **A mãe de Krishna, como a mãe de Cristo, foi fecundada por uma divindade, e não por um homem da Terra** (negrito meu).
9. A mãe de Krishna, como a mãe de Cristo, foi concebida sem pecado.
10. Krishna, como Cristo, também se transfigurou.
11. Krishna, como Cristo, também era considerado o Messias.
12. Krishna, como Cristo, também era a Palavra de Deus.
13. Krishna, como Cristo, também fazia muitas curas e milagres.
14. Krishna, como Cristo, também declarava ser **O CAMINHO, A VERDADE E A VIDA: “Eu sou o caminho [...]; eu sou a vida [...]; sou eu mesmo a luz da Verdade [...]”** (ROHDEN, *Bhagavad Gita*, p. 92, n. 18-19; p. 101, n. 11) (negrito meu).
15. Cinco mil anos antes de Cristo ensinar que o conhecimento da verdade liberta o homem, “conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (João 8, 32), no *Bhagavad Gita* dos hindus – correspondente ao Evangelho dos cristãos – Krishna já ensinava que,
“se alguém se apoderar da Verdade, entrará na mansão da suprema beatitude e repousará na paz da divindade. [...] Quem se integra no Ser Supremo e nele repousa está livre da incerteza e trilha caminho luminoso, do qual não há retorno, porque **a luz da verdade o libertou do mal**” (apud ROHDEN, *Bhagavad Gita*, p. 57, 62) (negrito meu).
16. A mesma verdade religiosa supostamente expressa por Cristo no Apocalipse cristão, “Eu sou o princípio e o fim, o Alfa e o Ômega (cf. Apocalipse 1,8), já havia sido expressa por Krishna

no *Bhagavad Gita*: “Eu sou o princípio dos mundos e sou o seu fim” (ROHDEN, *ibid.*, p. 78).

17. Cinco mil anos antes de Cristo ensinar a chamada “regra de ouro”: “Tudo aquilo, portanto que quereis que os homens vos façam, fazei-o vós a eles...” (Mateus 7, 12), Krishna já ensinava essa mesma “regra de ouro”, nos seguintes termos: “Não faças aos outros aquilo que, se a ti fosse feito, causar-te-ia dor” (apud RAMATIS, 1996, p. 9).
18. Existem semelhanças incontestáveis entre as narrativas evangélicas sobre o suposto nascimento miraculoso de Cristo pela Virgem Maria e as antigas lendas indianas sobre o nascimento extraordinário de Krishna pela Virgem Devanaki, a saudação à Virgem Devanaki por um eremita e a saudação à Virgem Maria por Isabel, o nome de Krishna e o de Cristo etc. Vejamos, por exemplo, o seguinte texto da literatura védica, comparável a algumas passagens do Evangelho de Lucas (cf. Lucas 1, 26-35):
 Vishnu, de acordo com as mais antigas fontes, apareceu sob a forma de homem em 4.000 a.C. à virgem Devanaki (= mulher criada para Deus) que pertencia à casa real. Devanaki caiu em êxtase, ofuscada pelo espírito de Deus, que se uniu a ela em divino e majestoso esplendor. Devanaki concebeu uma criança. Uma profecia no Atharva-Veda narra o acontecimento da seguinte forma: “Bendita és tu, Devanaki, entre todas as mulheres, e bem-vinda sejas entre os sagrados Rishis. Foste escolhida para a obra da salvação [...]. Ele virá com uma coroa de luz e o céu e a terra se encherão de júbilo [...]. Virgem e mãe, nós te saudamos, como a mãe de todos nós, pois darás à luz ao nosso salvador, a quem darás o nome de Krishna” (KERSTEN, 1986, p. 136-137).
19. Krishna, semelhante a Cristo, também foi assassinado por soldados e morreu trespassado por uma seta.
20. Após a morte de Krishna, como após a morte de Cristo, o sol sumiu, um grande vento surgiu de repente e uma tempestade de neve tombou no Himávat sobre a terra. O céu escureceu, um turbilhão negro varreu as montanhas.
21. Krishna, como Cristo, também apareceu ressuscitado aos seus discípulos.

22. Krishna, como Cristo, também subiu aos céus.
23. Krishna, como Cristo, também selou a sua obra com o sacrifício de sua vida.
24. O nome “Krishna” tem a mesma raiz que “Cristo”, palavra derivada do grego *chrestos* que significa “ungido com óleo”. A palavra Cristo remonta ao sânscrito Krsna (Krishna quer dizer “o que tudo atrai”). Este ser, capaz de tudo atrair, é a mais alta personificação de Deus (cf. KERSTEN, p. 137).
25. O Krishna histórico, como o Cristo (ou Jesus) histórico, pregava, acima de tudo, a caridade para com o próximo.
26. O Krishna histórico, como o Cristo (ou Jesus) histórico, também ensinava um código de moral (ou de ética) universal, resumido na lei do amor: a bondade, a retidão, o amor ao próximo (até mesmo ao inimigo), a retribuição do mal com o bem, o desapego, a caridade, a humildade, a esperança, o perdão, a renúncia das riquezas, a união com Deus etc.

Essa comparação entre Krishna e Cristo comprova claramente que o Cristo mítico foi também criado com base na figura igualmente mítica de Krishna, o deus Salvador do hinduísmo. Mas vale ressaltar também que os ensinamentos ético-morais do Krishna histórico são idênticos aos do Cristo (ou Jesus) histórico, o que realmente importa para a evolução espiritual da humanidade.

96- EXISTE POUCA SEMELHANÇA ENTRE JESUS E BUDA?

Existem inúmeras semelhanças entre Jesus e Buda. Do mesmo modo como existem muitas semelhanças, como vimos, entre Osíris e Cristo, Hórus e Jesus, Mitra e Cristo, Krishna e Cristo, do mesmo modo há muitas semelhanças entre Buda e Jesus, embora essas semelhanças sejam normalmente negadas pelos cristãos exclusivistas, os quais ainda acreditam no **mito exclusivista da unicidade cristã**, segundo o qual o cristianismo dogmático (ortodoxo) é uma religião “exclusiva”, “excepcional” e “única”.

A palavra “Buda” é um título que significa “o Desperto” ou “o Iluminado”:

Esse título passou a definir a condição de Sidarta Gautama e ficou ligado ao seu nome, da mesma maneira como o título de “Cristo” (“Salvador”) associou-se ao nome de Jesus (PAULA, 2002, p. 40).

É preciso esclarecer que, do mesmo modo como precisamos distinguir o “Jesus histórico” do “Jesus mítico”, é preciso também distinguir o “Buda histórico” do “Buda mítico”, com a consequente distinção entre duas modalidades antagônicas de budismo: o das origens e o mítico.

97- QUE OUTRAS COMPARAÇÕES SÃO FEITAS ENTRE BUDA E JESUS?

Apresentarei, a seguir, mais evidências acerca da indiscutível semelhança entre Buda e Jesus, esses dois personagens que marcaram profundamente a história religiosa da humanidade. Os dados foram quase todos extraídos e adaptados do livro *Jesus Viveu na Índia: a desconhecida história de Cristo antes e depois da Crucificação*, de autoria do teólogo alemão Holger Kersten. De acordo com esse autor, “encontramos [nos Evangelhos] mais de ‘cem passagens’ claramente enraizadas na antiga tradição budista” (KERSTEN, 1986, p. 83).

O teólogo e ex-padre católico Franz GRIESE informa-nos que, pelo menos, 4 textos do Novo Testamento são cópias do budismo: Simeão no Templo, a tentação do diabo, o milagre da multiplicação de pães e a caminhada de Pedro sobre o mar (GRIESE, 1957, p. 115).

Agora vejamos, resumidamente, mais comparações entre Buda e Jesus feitas pelo famoso teólogo Holger Kersten (cf. KERSTEN, 1986, p. 85-93):

1. Como o Cristo bíblico, Buda também nasceu de maneira miraculosa e foi anunciado por anjos como o salvador.
2. Existe, também, um Simeão budista, que profetizou o nascimento de Buda, de forma semelhante àquela com que o velho e santo Simeão profetizou a vinda do Messias.
3. Mais ou menos com a idade de 30 anos, isto é, com a mesma idade de Jesus, Buda inicia sua carreira espiritual.
4. Durante um jejum e penitência, Buda é tentado pelo mal, da mesma forma como Jesus o foi pelo diabo, após 40 dias e 40 noites de abstinência.
5. Como Jesus, Buda perambula com seus discípulos, na mais completa pobreza, expressando-se através de máximas, imagens e parábolas.

6. Como o Cristo bíblico, também Buda tem doze discípulos.
7. Os primeiros seguidores de Buda são também dois irmãos, exatamente como aconteceu com Jesus.
8. Os primeiros seguidores de Buda estão sentados sob uma figueira (um símbolo do Budismo) quando são chamados. Jesus também encontra um de seus primeiros apóstolos sob uma figueira.
9. Como Jesus, Buda também tem um discípulo favorito e um traidor.
10. Do mesmo modo como Jesus critica os fariseus, Buda critica os brâmanes.
11. A grande afinidade existente entre os ensinamentos éticos de Buda e de Jesus é bem conhecida: Ambos proibem matar, roubar, mentir e ter relações sexuais ilícitas. Ambos mandam respeitar os mais velhos. Ambos louvam a paz interior. Ambos querem pagar o mal com o bem, e recomendam amar os inimigos, não acumular riquezas supérfluas, e optar pela misericórdia em vez do sacrifício.
12. Buda e Jesus apresentam-se como “Filho do Homem”.
13. Buda e Jesus eram chamados de “Profeta”, “Mestre” e “Senhor”.
14. As denominações de Buda, “Olho do Mundo” e “Luz Inigualável”, correspondem àquelas de Jesus: “Luz do Mundo” e “Luz Verdadeira”.
15. O conhecimento que Buda tinha de si mesmo e de sua missão é muito próximo àquele de Cristo.
16. Assim diz Buda: “Aqueles que acreditam em mim e me amam serão certamente recebidos no paraíso. Aqueles que acreditam em mim serão salvos”. No Evangelho de João, as palavras são incrivelmente similares: “Quem ouve minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna...” (João 5, 24). E mais: “Quem crê em mim, viverá” (João 11,25).
17. Buda [como Jesus] diz a seus discípulos: “Quem tiver ouvidos para ouvir, que ouça”. Por sua intercessão acontecem milagres, os doentes são curados, os cegos voltam a ver, os surdos ouvem, os aleijados começam a andar.
18. Buda cruza o rio Ganges, como Jesus cruzou o lago de Genesaré.
19. Se os discípulos de Jesus fazem milagres, o mesmo aconteceu com os discípulos de Buda.

20. Antes de São Pedro, também um discípulo de Buda andou sobre as águas; nesse episódio Pedro afunda quando sua fé começa a ser abalada e o mesmo acontece com o discípulo de Buda ao despertar de uma profunda meditação sobre seu Mestre. São Pedro foi salvo pelo Senhor; o discípulo de Buda, pela renovação de sua confiança no Mestre. É claro que o Novo Testamento importou esses particulares de fora, uma vez que o fenômeno de caminhar sobre as águas era totalmente estranho aos judeus, ao passo que era muito comum na Índia.
21. Buda, como Jesus, nunca realizou milagres para provocar sensacionalismo. Porém, mais tarde, no budismo Mahayana (o budismo mítico, como no cristianismo mítico e no islamismo), o milagre passou a ocupar um lugar de relevo. Em todas as religiões, as massas estão mais inclinadas à magia, aos milagres e garantias materiais que à essência espiritual, ao *ethos*.
22. Um dos mais surpreendentes paralelos entre as escrituras budistas e o Novo Testamento é a **parábola da viúva pobre** (cf. Marcos 12, 41-44). Essa parábola foi copiada da literatura budista.
23. As analogias entre o budismo e o cristianismo continuaram depois da morte de Buda e de Jesus. Mitos e lendas idealizaram estes personagens. Buda e Jesus foram endeusados e colocados acima de todos os deuses. Surgiu uma busca, sem limites, de milagres. Em ambos os credos, a princípio não existe uma igreja organizada mas apenas uma comunidade de simpatizantes. Logo nasceu uma disputa doutrinal entre os conservadores extremistas e adeptos progressistas. Em ambos os casos, reuniu-se um concílio de discípulos, um em Jerusalém e outro em Rajagriha.
24. E, assim como os budistas ortodoxos estabeleceram seus dogmas no Concílio de Patalipurra (241a.C.), cerca de 250 anos após a morte de Buda, os ortodoxos cristãos determinaram os seus no Concílio de Niceia (325), 300 anos após o desaparecimento de Jesus.

Pelas inegáveis semelhanças entre Osíris e Cristo, Buda e Jesus, Hórus e Cristo, Mitra e Jesus, Krishna e Cristo, podemos concluir a resposta da presente pergunta reafirmando que o cristianismo dogmático e mítico dos cristãos (**paulinismo**) é, de fato, uma religião altamente sincretista, uma vez que é o resultado da fusão de diversas crenças e mitos. Essa verdade histórica deveria diminuir (ou mesmo eliminar) as pretensões exclusivistas e espiritualmente arrogantes da grande maioria dos cristãos em torno do **mito da unicidade cristã**.

98- JESUS AINDA PODE SER VISTO COMO UM RELIGIOSO EXCLUSIVO?

De modo algum. Diante de todas as evidências feitas pela comparação entre o Jesus dos cristãos dogmáticos e outras divindades de religiões bem mais antigas do que o cristianismo, Jesus Cristo não pode mais ser visto como um personagem exclusivo, excepcional e único. Defender a exclusividade de Jesus é um grande erro, é uma grande mentira religiosa que precisa ser discutida e debatida na mesa do diálogo inter-religioso.

Pelas evidências mostradas em minhas obras ecumênicas, particularmente neste livro, pode-se concluir, à luz da “fé raciocinada”, que **o cristianismo ortodoxo/dogmático, exclusivista e mítico, não difere essencialmente do paganismo**. Como já dizia o escritor anticatólico Celso (séc. II), “a religião cristã nada contém exceto o que os cristãos têm em comum com os pagãos; nada novo” (apud HARPUR, op. cit., p. 43) (negrito meu).

Conforme já vimos neste livro, mas convém repetir,

os estudos comparativos das religiões revelam que quase todas as crenças tradicionais do mundo repousam em uma história central do filho de um rei celestial que desce para um mundo de trevas inferior, sofrendo, morrendo e ressuscitando, antes de voltar ao seu mundo superior de origem. Representada em um ritual dramático tocante, multifacetado, a história nos diz como esse rei/deus conquista a vitória sobre seus inimigos, tem um cortejo triunfante e é entronizado nas alturas. **Os pesquisadores dedicados ao estudo comparativo das religiões fizeram listas de trinta a cinquenta desses avatares ou salvadores, incluindo Osíris, Hórus, Krishna, Baco, Orfeu, Hermes, Balder, Adônis, Hércules, Átis, Mitra, Tamuz da Síria, Tor (filho de Odin), Bedru do Japão, Deva Tat do Sião, e muitos outros** (HARPUR, p. 50-51) (negrito meu).

O cristianismo tradicional, ortodoxo, dogmático e mítico (**paulinismo**) é, portanto, quase todo, de origem pagã, uma vez que é cópia, repetição ou plágio de temas ou ideias estabelecidas ao longo de muitos séculos ou milênios antes de Cristo, como comprova o escritor Tom Harpur (ex-pastor anglicano), em sua obra *O Cristo dos Pagãos: a sabedoria antiga e o significado espiritual da Bíblia e da história de Jesus* (HARPUR, 2008).

Embora eu discorde desse autor, por ele rejeitar o “Jesus histórico” (como visto pelos pesquisadores do Seminário de Jesus), concordo com as inúmeras evidências apresentadas por ele em seu referido livro referentes à origem pagã do cristianismo dogmático e mítico fundado por Paulo de Tarso (**paulinismo**).

Reflitamos a seguir sobre muitas comparações apresentadas por Tom Harpur entre o cristianismo mítico e as religiões pagãs, particularmente a religião egípcia antiga:

Sigmund Freud, fundador da psiquiatria moderna, já dizia que a Bíblia judaico-cristã era um “plágio total” das mitologias sumérias e egípcias (HARPUR, p. 19). Segundo a Doutora Anna Bônus Kingsford, **“os livros sagrados hebraicos são todos de origem egípcia”** (id., ibid.). **Havia até mesmo um Jesus mítico nas tradições egípcias muitos milhares de anos antes de Cristo. O nome dele era Iusu, ou Iusa, com o significado de “o Filho divino que virá para curar ou salvar”** (id., ibid.) (negrito meu).

O Khristós egípcio, ou Cristo, era chamado Hórus, filho do deus Osiris e da deusa Ísis. Hórus e sua mãe, Ísis, foram os predecessores da Madona com o Filho dos cristãos e juntos constituíam uma imagem dominante na religião egípcia por milênios antes dos Evangelhos (p. 20). Esse Hórus mítico antecipou por milhares de anos a maior parte das palavras e dos milagres de Jesus Cristo; Hórus também fora concebido sem pecado e em um dos seus papéis fora “um pescador de homens com doze seguidores” (id., ibid.). “Marta e Maria figuravam em uma história sobre a ressurreição de El-Asar, ou Lázaro, dentre os mortos, em uma Betânia egípcia cerca de 4 mil anos atrás. O “milagre” descrito no Evangelho de João nunca foi um acontecimento histórico; ao contrário, era um símbolo recorrente, profundamente arquetípico e amplamente usado do poder de Deus de promover a ressurreição dos mortos” (ibid.).

As letras KRST que aparecem em caixões de múmias egípcias antigas séculos antes de Cristo... significam na realidade Karast ou Krist, significando Cristo” (ibid.). **“O fundamento da doutrina cristã no início, a encarnação do espírito na carne humana ou matéria em cada um de nós, é na realidade o mito mais antigo e universal conhecido das religiões. Era comum na religião de Osiris ao menos 4 mil anos antes da era cristã”** (ibid.) (negrito meu).

“A Igreja atual encontra-se numa encruzilhada. Muitos dos seus melhores pensadores advertem que pode haver apenas mais uma geração antes da extinção, por causa de seu fracasso em comunicar-se eficazmente com a época pós-moderna. Richard Holloway, ex-primaz da Igreja Episcopal Escocesa... diz:

O fim da religião cristã está próximo porque há um sistema solapando a tradicional “economia da salvação”, que mais se preocupa em preservar o seu poder do que em discutir a verdade (apud HARPUR, p. 22).

“As religiões judaica e cristã realmente devem as suas origens a raízes egípcias” (id., ibid.) (negrito meu).

Tudo – da estrela no oriente até a caminhada de Jesus sobre as águas, do pronunciamento do anjo até o massacre dos inocentes por Herodes, da tentação no deserto à conversão da água em vinho – já existia nas fontes egípcias. O Egito e o seu povo já se ajoelhavam ante a visão da Madona com o Filho, Ísis e Hórus, por muitos longos séculos antes de qualquer Maria presumidamente histórica amparar nos braços o seu Jesus supostamente histórico. [...] Há provas irrefutáveis de que nenhuma doutrina, rito, princípio ou uso isolado na religião cristã tenha sido na realidade uma contribuição nova ao universo religioso. [...] **Todo o corpo da doutrina cristã é simplesmente um egipcismo adaptado e mutilado** (Ibid., p. 24) (negrito meu).

Por esses dados históricos, podemos reafirmar que o cristianismo mítico dos cristãos (**paulinismo**) é, de fato, uma religião altamente sincretista e pagã, uma vez que é o resultado da fusão de muitos mitos pagãos.

Para concluir a resposta da presente pergunta, reafirmo que concordo plenamente com todas as evidências da grande semelhança entre o “Cristo da fé” (também chamado de “Jesus mítico”) e os outros avatares (ou salvadores do mundo), mas continuo acreditando (com os espíritas e os integrantes do SJ) na existência do “Jesus histórico”, um personagem não mítico, totalmente humano, não exclusivista (mas pluralista, ecumênico e macroecumênico), que realmente existiu historicamente neste planeta, tendo vindo a este mundo com a missão especial de nos ensinar e viver **a verdadeira religião, a religião do amor-caridade, A RELIGIÃO DE DEUS, FORA DA QUAL NÃO HÁ “SALVAÇÃO”, ou melhor, fora da qual não há “evolução espiritual” do ser humano.**

99- A DOCTRINA AUTÊNTICA DE JESUS É A QUE SE ACHA RESUMIDA NA EPÍSTOLA AOS ROMANOS?

Nas palavras do renomado escritor racionalista Ernest Renan,

não é a *Epístola aos Romanos* o resumo do cristianismo, e sim o *Sermão da Montanha*. O verdadeiro cristianismo, que há de durar eternamente, vem dos Evangelhos, não das Epístolas de Paulo. Os textos de Paulo foram um perigo e um obstáculo, a causa dos principais erros da teologia cristã; Paulo é o pai do sutil Agostinho, do árido Tomás de Aquino, do sombrio calvinista, do impertinente jansenista, da teologia irada que danifica e perverte. [...] O personagem histórico que mais semelhança apresenta com Paulo é Lutero. Em um ou em outro existe a mesma violência na linguagem, a mesma paixão, a mesma energia, a mesma nobre independência, o mesmo agarrar-se, frenético, a uma tese considerada como a verdade absoluta (RENAN, 2004, p. 381-382).

Se os cristãos paulinistas não mais confundissem seus dogmas ou mitos exclusivistas e divisionistas com os verdadeiros ensinamentos de Jesus, resumidos no *Sermão da Montanha* (Mateus 5-7), não mais haveria tantas divisões e brigas entre eles, como vem ocorrendo há dois mil anos. Essa verdade é muito bem expressa pelo escritor e ex-padre católico Huberto Rohden, em seu livro *O Sermão da Montanha*, nos seguintes termos:

Há séculos que as igrejas cristãs do Ocidente se acham divididas em partidos, e, não raro, se digladiam ferozmente – por causa de quê? Por causa de determinados dogmas que elas identificam com a doutrina de Jesus – infalibilidade pontifícia, batismo, confissão, eucaristia, pecado original, redenção pelo sangue de Jesus, unicidade e infalibilidade da Bíblia etc. No entanto, seria possível evitar todas essas polêmicas e controvérsias – bastaria que todos os setores do Cristianismo fizessem do Sermão da Montanha o seu credo único e universal. Essa mensagem suprema do Cristo não contém uma só palavra de colorido dogmático-teológico – o Sermão da Montanha é integralmente espiritual, cósmico, ou melhor, “místico-ético”; não é uma teoria em que o homem deva “crer”, mas uma realidade que ele deve “ser”. [...] Quem é proclamado “bem-aventurado” feliz? Quem é chamado “filho de Deus”? Quem é que “verá a Deus”? De quem é o “reino dos céus”? Será de algum crente no dogma A, B ou C? Será o adepto da teologia desta ou daquela igreja ou seita? Será o partidário de um determinado credo eclesiástico? Nem vestígio disso!

Os homens bem-aventurados, os cidadãos do reino dos céus, são os “pobres pelo espírito”, são os “puros de coração”, são os “mansos”, os que “sofrem perseguição por causa da justiça”, são os “pacificadores”, são os “misericordiosos” e “os que choram”, são os que “amam aos que os odeiam” e “fazem bem aos que lhes fazem mal”.

No dia e na hora em que a cristandade resolver aposentar as suas teologias humanas e proclamar a divina sabedoria do *Sermão da Montanha* como credo único e universal, acabarão todas as dissensões, guerras de religião e excomunhões de hereges e dissidentes. Isso, naturalmente, supõe que esse documento máximo de espiritualidade, como Mahatma Gandhi o chama, seja experiencialmente vivido, e não apenas intelectualmente analisado (ROHDEN, 2007, p. 15-16).

100- QUAL É A SÍNTESE DO CÓDIGO DE MORAL (OU DE ÉTICA) UNIVERSAL AUTENTICAMENTE ENSINADO POR JESUS NO SERMÃO DA MONTANHA?

O resumo do código de moral (ou de ética) universal autenticamente ensinado por Jesus no Sermão da Montanha é este:

- 1. A humildade e o desapego:** “Bem-aventurados os pobres em espírito!” (Mateus 5,3), ou seja, felizes os humildes e desapegados dos bens materiais.
- 2. A pureza da alma ou espírito:** “Bem-aventurados os puros de coração” (Mateus 5,8).
- 3. A mansidão:** “Bem-aventurados os mansos...” (Mateus 5,4).
- 4. A caridade:** “Bem-aventurados os misericordiosos” (Mateus 5,7).
- 5. A justiça:** “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça” (Mateus 5,6).
- 6. A paz:** “Bem-aventurados os que promovem a paz” (Mateus 5,9).
- 7. O sofrimento:** “Bem-aventurados os aflitos” (Mateus 5,5). “Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça” (Mateus 5,10).
- 8. O amor aos inimigos:** “Amai os vossos inimigos” (Mateus 5,44).
- 9. A oração pelos perseguidores:** “Orai pelos que vos perseguem” (Mateus 5,44).

- 10. A reconciliação e o perdão:** “Se estiveres para trazer a tua oferta ao altar e ali te lembrares de que o teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa a tua oferta ali diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão; e depois virás apresentar a tua oferta” (Mateus 5,23-24).
- 11. A reencarnação:** “Ninguém deixará de pagar até o último centavo” (Mateus 5,26; Lucas 12,59).
- 12. A oração ecumênica do Pai-Nosso:** “Pai-Nosso que estás nos céus, santificado seja o teu Nome, venha o teu Reino, seja realizada a tua Vontade na terra como é realizada nos Céus. O pão nosso de cada dia, dá-nos hoje. E perdoa-nos as nossas dívidas como também nós perdoamos aos nossos devedores. E não nos exponhas à tentação, mas livra-nos do mal” (Mateus 6, 9-13).

Antes de encerrar esta última questão deste meu 5º livro ecumênico, quero recomendar aos meus leitores a leitura do melhor livro que já li sobre o Sermão da Montanha, intitulado *O Segredo das Bem-Aventuranças: uma leitura do Sermão da Montanha*, de autoria do escritor espírita José Lázaro Boberg, publicado pela Editora EME, Capivari-SP, no ano 2009. É uma obra gigantesca, que enfatiza, em quase cada página, a verdade fundamental (defendida também por Huberto Rohden e por muitos outros escritores), segundo a qual todos nós somos portadores da *chama divina* (o *Eu divino em cada um de nós*, o nosso *Cristo interno*) que habita dentro de cada um de nós, ou seja, **Deus está dentro de nós**. Mas para evoluirmos espiritualmente e sermos felizes, é preciso entrarmos constantemente em *sintonia* com a chama divina que habita dentro de nós, e para entrarmos em sintonia com o *Eu divino* dentro de nós só existe um caminho: **a vivência das virtudes ensinadas por Jesus no Sermão da Montanha, um código divino de moral (ou de ética) universal, resumido na Lei do Amor**.

Sobre a imensa riqueza espiritual e ecumênica do **Pai-Nosso**, oração autenticamente ensinada por Jesus, recomendo a leitura do livro “A Oração Pode Mudar Sua Vida”, do mesmo autor espírita José Lázaro Boberg, publicado pela Editora EME, Capivari-SP, no ano 2009, e, para quem souber inglês, recomendo a leitura do vigésimo sexto livro de John Dominic Crossan, idealizador e cofundador

do Seminário de Jesus, intitulado “*The Greatest Prayer: rediscovering the revolutionary message of THE LORD’S PRAYER*” (‘A Maior Oração: redescobrimo a mensagem revolucionária do PAI-NOSSO’), publicado no ano passado (CROSSAN, 2010). Nessa obra, Crossan defende a ideia de que o Pai-Nosso é uma oração ecumênica e que, portanto, pode ser rezada por seguidores de todas as religiões. Nada nesta oração é exclusivo do cristianismo. O Pai-Nosso, mesmo sendo a oração cristã mais conhecida, é, porém, inteiramente de origem judaica. O termo chave desta oração é a palavra hebraica “Abba” (“Pai”) – a metáfora para Deus como “Chefe de Família”.

Para concluir a resposta da última pergunta deste livro, à luz da filosofia espírita da fé raciocinada e da história das religiões, reafirmo que o **cristianismo do Jesus histórico** (o “cristianismo das origens”), resumido no *Sermão da Montanha*, é a única forma de religiosidade capaz de unir todas as religiões e todas as pessoas deste planeta, enquanto o cristianismo dogmático e mítico dos cristãos, fundado por Paulo de Tarso, nunca uniu (nem terá jamais condições de unir) a cristandade e a humanidade, uma vez que ele está dividido em centenas (para não dizer “milhares”) de igrejas e seitas, todas se digladiando e cada uma considerando-se a única dona da verdade.

Repito que somente o amor-caridade será capaz de nos redimir de nossos erros, em múltiplas (re)encarnações, neste e em outros planetas, e não o sangue de Cristo derramado na cruz. O que nos salva, o que nos liberta, o que nos faz evoluir espiritualmente, é somente a prática do amor-caridade, e não a fé em Cristo morto e resuscitado, como defende erroneamente o cristianismo dogmático (paulinista), há dois mil anos, religião que se considera, segundo Paulo de Tarso, “**a coluna e o fundamento da verdade**” (1Timóteo 3,15) (negrito meu).

Vou concluir minha última resposta deste livro, afirmando exatamente o contrário do que diz esse versículo paulino, ou seja, que a religião cristã dogmática, fundada por Paulo de Tarso (**PAULINISMO**), não é “a coluna e o fundamento da verdade” (1Timóteo 3,15), mas é, pelo contrário, **A COLUNA E O FUNDAMENTO DOS PRINCIPAIS ERROS E MENTIRAS SOBRE JESUS**.

CONCLUSÃO

Abordei neste meu 5º livro ecumênico (*Mentiras sobre Jesus: desafio para o diálogo religioso*), uma série de erros ou mentiras sobre Jesus (o “Jesus histórico”, em contraposição ao “Jesus mítico”, normalmente chamado de “Cristo da fé”), à luz do bom-senso, da “fé raciocinada”, da ciência e da história das religiões.

Mostrei nesta obra que o escritor cristão mais responsável pelos erros e mentiras sobre Jesus foi o apóstolo Paulo, o qual, influenciado pelo conhecimento pagão que tinha de várias outras religiões, bem mais antigas do que o cristianismo, particularmente das chamadas “religiões de mistério(s)”, ou seja, das religiões de salvação, transformou, com exclusividade, o “Jesus histórico” (**uma pessoa inteiramente humana**) no “Jesus mítico” (**uma pessoa totalmente divina**), o próprio Deus encarnado, o único Filho de Deus, nascido por obra e graça do Espírito Santo, o único mediador entre Deus e os homens, também chamado de “Cristo confessional”, “Cristo da fé”, “Cristo cósmico”, “Jesus canônico” e “Jesus ou Cristo mítico”, uma figura celeste, o Filho Unigênito de Deus, o único salvador da humanidade pecadora (mediante sua morte e ressurreição), o único Messias, o único Senhor e o fundador de uma nova e verdadeira religião ou igreja (a Igreja Católica).

Como elucidado, as chamadas “religiões de mistério” pregavam a redenção ou salvação realizada por um “**deus-homem**”, nascido de uma virgem, que morria e ressuscitava no terceiro dia após a sua morte.

Pode-se perceber nas “**religiões de mistério(s)**” planos de salvação ou redenção semelhantes ao do cristianismo dogmático. Por exemplo, segundo comprovam vários estudiosos, as lavagens cerimoniais das religiões de mistério(s) foram precursoras do batismo cristão e a refeição sagrada dessas mesmas religiões foi precursora da Ceia do Senhor.

Como vimos neste livro, o fato de Paulo de Tarso ter recebido grande influência das religiões de mistério(s) é afirmado por muitos especialistas em história do cristianismo.

A figura mítica de um **deus-homem** – “Salvador” – sempre fez parte das religiões de mistérios, e não exclusivamente do cristianismo dogmático.

Nas culturas antigas, uma das condições necessárias para alguém ser “salvador” era ter nascido miraculosamente, sendo ao mesmo tempo **homem e deus** (e **filho de um deus**). Assim, fica mais fácil entender o argumento de muitos pesquisadores críticos do cristianismo, segundo o qual foi Paulo de Tarso quem “divinizou” Jesus, fazendo com que ele possuísse o caráter **humano e divino** de qualquer salvador.

Diante de todas as evidências históricas, não há como não defender a tese, como faço em meu livro “Paulinismo” (SOUZA, 2010b), de que a doutrina de Paulo de Tarso não é original e é radicalmente oposta aos ensinamentos autênticos de Jesus, além de ser também a causa dos principais erros e mentiras da teologia cristã dogmática, como acabamos de comprovar neste livro.

Sem ter pretendido agredir a fé cristã dogmática (a qual merece todo o nosso respeito), nem diminuir o valor histórico do cristianismo e da Igreja Católica, mas apenas contribuir para o diálogo ecumênico e inter-religioso, bem como para o conhecimento da verdade que nos liberta (“*Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará*”), abordei neste livro, sobretudo, a maior polêmica cristã de todos os tempos, que sempre foi (e continua sendo) sobre a verdadeira identidade (ou natureza) de Jesus. Nesse sentido, defendi a corrente cristológica segundo a qual **Jesus é só homem**, em contraposição à corrente cristã dogmática, segundo a qual **Jesus é Deus e homem**.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A BÍBLIA de Jerusalém*. São Paulo: Edições Paulinas, 1981.
- ANDRADE, Jayme. *O Espiritismo e as igrejas reformadas*. 4. ed. São Paulo: EME, 1995.
- ARIAS, Juan. *Jesus, esse grande desconhecido*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- ARMSTRONG, Karen. *Em Nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. *Uma História de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BAIGENT, Michael; LEIGH, Richard; LINCOLN, Henry. *O Santo graal e a linhagem sagrada*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1993.
- BARRERA, Pablo. Fragmentação do sagrado e crise das tradições na pós-modernidade. In: TRASFERETTI, José & GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes (Orgs.). *Teologia na Pós-Modernidade*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- BLAVATSKY, Helena P. *A Doutrina secreta*. São Paulo: Pensamento, 1995.
- BOBERG, José Lázaro. *O Segredo das Bem-Aventuranças: uma leitura do Sermão da Montanha*. Capivari-São Paulo: Editora EME, 2009.
- _____. *A Oração Pode Mudar sua Vida*. 4. ed. Capivari-São Paulo: Editora EME, 2009.
- BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
- _____. *Igreja: carisma e poder: ensaios de eclesiologia militante*. Edição revista. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.
- BORG, Marcus J., & CROSSAN, John Dominic. *A Última Semana: um relato detalhado dos dias finais de Jesus*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- _____. BORG, Marcus J., & CROSSAN, John Dominic. *O Primeiro Natal: o que podemos aprender com o nascimento de Jesus*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- BROWN, Dan. *O Código Da Vinci*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.
- BRUNEL, Pierre. *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1997.

- BULTMANN, Rudolf. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Teológica, 2004.
- CAMPBELL, Joseph. *As Máscaras de Deus: mitologia primitiva*. São Paulo: Palas Athena, 1992. v. 1.
- CASSARO, Richard Russell. O paralelismo com Osíris. In: KENYON, J. Douglas (org.). *O que a Bíblia não nos contou: a história secreta sobre as heresias da religião ocidental*. São Paulo: Pensamento, 2008.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- CHAMPLIN, Russell Norman. *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo: Volume 2: Lucas, João*. São Paulo: Hagnos, 2002.
- CHAVES, José Reis. *A Reencarnação na Bíblia e na ciência*. 7. ed. rev. São Paulo: Editora Bezerra de Menezes, 2006a.
- _____. *A Face oculta das religiões: uma visão racional da Bíblia*. 2. ed. São Paulo: Editora Bezerra de Menezes, 2006b.
- _____. "O que é e o que não é a Bíblia". Coluna no diário O TEMPO, de Belo Horizonte-MG., 27/11/ 2006c.
- _____. Coluna no diário O TEMPO, de Belo Horizonte-MG, 16/6/2008.
- _____. Coluna no diário O TEMPO, de Belo Horizonte, 3/9/2008.
- _____. *A Bíblia e o Espiritismo: artigos teológicos*. Belo Horizonte: Editora Espaço Literarium, 2009.
- COMBY, Jean. *Para ler a história da Igreja I: das origens ao século XV*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *O Que é ecumenismo? Uma ajuda para trabalhar a exigência do diálogo*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2000.
- CONSELHO NACIONAL DE IGREJAS CRISTÃS DO BRASIL & CONSELHO LATINO-AMERICANO DE IGREJAS NO BRASIL. *Diversidade e Comunhão: um convite ao ecumenismo*. 2. ed. São Paulo: Paulinas 1999.
- CORNWELL, John. *Quebra da fé: o papa e o desvio do catolicismo*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.
- CROSSAN, John Dominic. *O Jesus histórico: a vida de um camponês judeu do Mediterrâneo*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- _____. *Quem Matou Jesus? As raízes do antissemitismo na história evangélica da morte de Jesus*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

- _____. *O Nascimento do Cristianismo: o que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- _____. *O Essencial de Jesus: frases originais e primeiras imagens*. São Paulo: Jardim dos livros, 2008.
- _____. *The Greatest Prayer: rediscovering the revolutionary message of THE LORD'S PRAYER*. New York: HarperOne, 2010.
- CROSSAN, John Dominic & WATTS, Richard G. *Who Is Jesus?* New York: HarperOne, 1996.
- DAWKINS, Richard. *Deus, um delírio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- DONINI, Ambrogio. *Breve história das religiões*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965.
- EHRMAN, Bart D. *O Que Jesus disse? O que Jesus não disse?: quem mudou a Bíblia e por quê*. São Paulo: Prestígio, 2006.
- _____. *O Problema com Deus: as respostas que a Bíblia não dá ao sofrimento*. Rio de Janeiro: Agir, 2008.
- _____. *Quem Jesus foi? Quem Jesus não foi?: mais contradições inéditas sobre as contradições da Bíblia*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2010.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. 6. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006.
- ELSBURG, Robert (Org.). *Gandhi e o cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1996.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2.ed. Rev. Aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FRANGIOTTI, Roque. *Histórias das heresias: conflitos ideológicos dentro do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1995.
- FUNK, Robert W.; HOOVER, Roy W., and THE JESUS SEMINAR. *The Five Gospels: what did Jesus really say? The search for the authentic words of Jesus*. New York: Macmillan Publishing Company, 1993.
- FUNK, Robert W., and THE JESUS SEMINAR. *The Acts of Jesus: what did Jesus really do? The search for the authentic deeds of Jesus*. New York: Harper Collins, and Harper San Francisco, 1998.
- GRIESE, Franz. *La Desilusión de un sacerdote: la verdad científica sobre la religión cristiana*. 2. ed. reformada y aumentada. Buenos Aires: Editorial Cultura Laica, 1957.

- HARPUR, Tom. *O Cristo dos pagãos: a sabedoria antiga e o significado espiritual da Bíblia e da história de Jesus*. São Paulo: Pensamento, 2008.
- HASSNAIN, Fida. *Jesus, a verdade e a vida: uma busca histórica pelos caminhos apócrifos, budistas, islâmicos e sânscritos*. São Paulo: Madras, 1999.
- HICK, John (Org.). *The Myth of God incarnate*. London: SCM Press, 1977.
- _____. *Philosophy of religion*. 4. ed. Upper Saddle River, New Jersey: Prentice Hall, 1990.
- _____. *The Metaphor of God incarnate*. London: SCM Press, 1993.
- HICK, John & KNITTER, Paul (Orgs.). *The Myth of christian uniqueness, toward a pluralistic theology of religions*. New York: Orbis Book, 1987.
- HOORNAERT, Eduardo. *Origens do cristianismo: uma leitura crítica*. Brasília: Editora Ser, 2006.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos. A Codificação da doutrina espírita: obras completas de Allan Kardec*. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1997a.
- _____. *O Evangelho Segundo o Espiritismo. A Codificação da doutrina espírita: obras completas de Allan Kardec*. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1997b.
- _____. *O Livro dos Médiuns. A Codificação da doutrina espírita: obras completas de Allan Kardec*. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1997c.
- _____. *O Céu e o Inferno. A Codificação da doutrina espírita: obras completas de Allan Kardec*. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1997d.
- _____. *A Gênese. A Codificação da doutrina espírita: obras completas de Allan Kardec*. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1997e.
- KENYON, J. Douglas (org.). *O que a Bíblia não nos contou: a história secreta sobre as heresias da religião ocidental*. São Paulo: Pensamento, 2008.
- KERSTEN, Holger. *Jesus viveu na Índia: a desconhecida história de Cristo antes e depois da crucificação*. 17. ed. São Paulo: Best Seller, 1986.
- KLOPPENBURG, Frei Boaventura. *Espiritismo: orientação para os católicos*. 6. ed. São Paulo: Loyola, 1997.

- KÜNG, Hans. Is there one true religion? An essay in establishing ecumenical criteria. In: HICK, John & HEBBLETHWAITE, Brian (Orgs.). *Christianity and other religions*. Oxford: Oneworld, 2001.
- _____. *A Igreja Católica*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- LEWIS, H. Spencer. *A Vida mística de Jesus*. 7. ed. Curitiba-Paraná: Biblioteca da Ordem Rosacruz – AMORC, 1997.
- MATHER, George A.; NICHOLS, Larry A. *Dicionário de religiões, crenças e ocultismo*. São Paulo: Vidas, 2000.
- MIRANDA, Hermínio C. *Cristianismo: a mensagem esquecida*. Matão, São Paulo: O Clarim, 1988.
- MIRANDA, Mário de França. *O Cristianismo em face das religiões*. São Paulo: Loyola, 1998.
- NETO, José Barbosa de Sena. *Confissões surpreendentes de um ex-padre*. Niterói - RJ: Editora ADOS, 2004.
- NETO, Eduardo de Castro Bezerra. *Inferno e céu: desafio à inteligência*. Fortaleza: *Premius* Editora, 2010.
- O ALCORÃO. Tradução de Mansour Chalita. Rio de Janeiro: Associação Cultural Internacional Gibran. [s. d.]
- O CÓDIGO DE HAMMURABI. 3.ed. Introdução, tradução (do original cuneiforme) e comentários de E. Bouzon. Petrópolis: Vozes, 1980.
- OLIVEIRA, Francimar de. *O Centurião de Cafarnaum*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1995.
- OSHO. *Tao: o portal dourado*. Poona, Índia: Osho Commune International, 1980.
- PALHANO, L. Jr. *Dicionário de filosofia espírita*. Rio de Janeiro: Edições Celd, 1997.
- PAULA, Caco de. O Iluminado. *Super Interessante*, Edição 174, p. 40, 2002.
- PEDREIRA, Eduardo Rosa. *Do Confronto ao encontro: uma análise do cristianismo em suas posições ante os desafios do diálogo inter-religioso*. São Paulo: Paulinas, 1999.
- PIRES, J. Herculano. *Revisão do Cristianismo*. São Paulo: Paideia, 1977.
- RAMATIS. *Missão do Espiritismo*. Psicografia de Hercílio Maes. 6. ed. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1996.

- RATZINGER, Joseph, Card. *Dominus Iesus: sobre a unicidade e universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja*. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2001.
- RENAN, Ernest. *Paulo: o 13º apóstolo*. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- RODRÍGUEZ, Pepe. *Mentiras Fundamentais da Igreja Católica: uma análise das graves contradições da Bíblia e de como esta foi manipulada em proveito da Igreja*. Lisboa-Portugal, Editora Terramar, 2001.
- ROHDEN, Huberto. *Bhagavad Gita*. 11. ed. Ilustrada. São Paulo: Martin Claret. [s.d.]
- _____. *O Sermão da Montanha*. São Paulo: Martin Claret, 2007
- _____. *Rumo à consciência cósmica*. São Paulo: Martin Claret, [s.d.]
- SANTIDRIÁN, Pedro R. *Dicionário Básico das Religiões*. São Paulo: Santuário, 1996.
- SCHLESINGER, Hugo; PORTO, Humberto. *Dicionário enciclopédico das religiões*. Petrópolis: Vozes, 1995. v. 1 e 2.
- SCHURÉ, Édouard. *Krishna: Coleção Os Grandes Iniciados: esboço da história secreta das religiões*. São Paulo: Martin Claret Editores, 1986.
- SCHUTEL, Cairbar. *O Batismo*. 6. ed. São Paulo: O Clarim, 1986.
- SILVA, Severino Celestino da. *Analisando as Traduções Bíblicas: refletindo a essência da mensagem bíblica*. 2. ed., João Pessoa-Paraíba, 2000.
- SOUZA, José Pinheiro de. *Entrevistas com Jesus: reflexões ecumênicas*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2005.
- _____. *Mitos Cristãos: desafios para o diálogo religioso*. Divinópolis, MG: GEEC Publicações, 2007.
- _____. *Catecismo Ecumênico: 200 perguntas e respostas à luz da "fé raciocinada"*. Fortaleza: Gráfica LCR, 2010a.
- _____. *Paulinismo: a doutrina de Paulo em oposição à de Jesus*. Fortaleza: Gráfica LCR, 2010b.
- _____. *Mentiras sobre Jesus: desafio para o diálogo religioso*. Fortaleza: Gráfica LCR, 2011.
- TABOR, James D. *A Dinastia de Jesus: a história secreta das origens do cristianismo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- TILESSÉ, Caetano Minette. *Revista Bíblica Brasileira*, Fortaleza, ano 5, 1998.

- UBALDI, Pietro. *Problemas atuais*. 3. ed. Campos, Rio de Janeiro: Fundação Pietro Ubaldi, 1986.
- _____. *Cristo*. 3. ed. Campos, Rio de Janeiro: Fundação Pietro Ubaldi, 1988.
- VASCONCELOS, Yuri. O Homem que inventou Cristo. *SUPER Interessante*. Edição 195, dez. 2003.
- VERCRUYSSSE, Jos. *Introdução à teologia ecumênica*. São Paulo: Loyola, 1988.
- WIEBE, Donald. *Religião e verdade*. São Leopoldo – Rio Grande do Sul: Sinodal, 1998.
- WILES, Maurice. Myth in Theology. In: HICK, John (Org.). *The Myth of God Incarnate*. London: SCM Press, 1977.
- WEISER, Alfons. *O Que é milagre na Bíblia: para você entender os relatos dos evangelhos*. São Paulo: Edições Paulinas, 1978.
- WOODWARD, Kenneth L. *O Livro dos milagres: o significado dos milagres no cristianismo, no judaísmo, no budismo, no hinduísmo e no islamismo*. São Paulo: Mandarim, 2000.
- YOUNG, Frances. A Cloud of witnesses. In: HICK, John (Org.). *The Myth of God incarnate*. London: SCM Press, 1977.

APÊNDICE A

PAULINISMO

(Palestra ministrada por José Pinheiro de Souza,
no Centro Espírita Simples Como a Fé, Fortaleza, 28/11/2010)

Bom dia a todos. No dia 9 de julho deste ano, ao terminar minha 4ª palestra no CENTRO ESPÍRITA A CAMINHO DA LUZ, na qual falei sobre meu livro “Catecismo Ecumênico”, recebi o convite do irmão Aluísio Dutra de Melo, presidente da referida casa, para ministrar uma nova palestra lá sobre Paulo de Tarso. Imediatamente, aceitei o convite, sugerindo-lhe que o melhor título para a palestra seria **PAULINISMO**. Ele concordou com esse título, graças ao qual eu tive a inspiração de escrever o livrinho “*Paulinismo: a doutrina de Paulo em oposição à de Jesus*”. Mas o que é **Paulinismo**?

Paulinismo é o termo usado, desde o século passado, por diversos estudiosos do cristianismo, para expressar o ponto de vista segundo o qual a doutrina cristã central defendida por Paulo de Tarso em suas cartas (ou em cartas a ele atribuídas) é radicalmente oposta aos ensinamentos originais e autênticos de Jesus. Por isso, diversos estudiosos críticos do cristianismo julgam ser mais correto dizer que a religião ocidental dominante deste planeta, que existe há dois mil anos, deveria ser chamada de “**PAULINISMO**”, e não de “**CRISTIANISMO**”, a fim de não confundirmos a doutrina de Paulo com a de Jesus, que são frontalmente opostas. Como concordo com esse ponto de vista, resolvi escrever o livrinho “*Paulinismo: a doutrina de Paulo em oposição à de Jesus*”.

Apresentarei, a seguir, um resumo do **PAULINISMO**, a fim de tentar comprovar minha tese de que a doutrina de Paulo de Tarso é frontalmente oposta à de Jesus de Nazaré.

Em primeiro lugar, esclareço que adoto em minhas obras ecumênicas a distinção, feita desde o final do século 18, entre o “Jesus histórico” (uma pessoa inteiramente humana) e o “Jesus mítico” (uma pessoa totalmente divina), chamado também de “Cris-

to da fé”, “Cristo confessional”, “Cristo cósmico”, “Jesus canônico”, “Cristo mítico”, “Deus encarnado”, “Filho de Deus”, “Deus o Filho” etc. Com base nessa distinção, defendo (com muitos outros autores) a tese cristológica segundo a qual o “Jesus histórico” é somente homem, diferentemente do “Jesus mítico” que é interpretado literalmente pelos cristãos paulinistas como Deus e homem (**VERDADEIRO DEUS E VERDADEIRO HOMEM**).

No contexto dessa famosa distinção, defendo a tese de que a doutrina central do cristianismo dogmático, centrada no “Cristo da fé”, é uma doutrina que foi criada pelo apóstolo Paulo e não por Jesus. Ou seja, a doutrina de Paulo de Tarso (que chamo de “**paulinismo**”) é quase toda a respeito do “Jesus mítico”, e não do “Jesus histórico”.

É bom esclarecer que os mitos têm uma força muito grande. O poder dos mitos é enorme. Por exemplo, ainda há muita gente por aí que acredita no mito segundo o qual as mulheres engravidam por meio de cegonhas. Os mitos religiosos são crenças irracionais que têm uma força muito grande e alimentam a fé de muita gente. O grande mal é crer em mitos como se fossem verdades históricas absolutas e exclusivas desta ou daquela religião.

A doutrina mítica central de Paulo de Tarso (“Paulinismo”) é a de nossa redenção (ou salvação) exclusivamente pelo sangue de Cristo derramado na cruz (basta ter fé em Cristo morto e ressuscitado para sermos salvos), enquanto a doutrina central de Jesus (do Jesus histórico) é a de nossa redenção, ou melhor, de nossa libertação, ou evolução espiritual, mediante a prática do amor-caridade em múltiplas (re)encarnações no plano físico. Ou seja, somos libertos pelas nossas próprias obras (ou ações) de amor-caridade ao longo de múltiplas vidas (reencarnações) no plano físico, e não pela morte expiatória de Cristo, com seu sangue derramado na cruz.

Paulo não fala de **reencarnação** (mas de **ressurreição**), enquanto o Jesus histórico ensina a lei da **reencarnação**, em várias passagens do Novo Testamento, por exemplo neste versículo: “Ninguém deixará de pagar até o último centavo” (Mateus 5,26; Lucas 12,59), ou seja, até o espírito se tornar purificado através de múltiplas (re)encarnações, ensinamento este que nega radicalmente as

doutrinas centrais paulinistas da ressurreição dos mortos, do inferno eterno, da salvação pelo sangue de Cristo derramado na cruz, da unicidade de nossa existência no plano físico e do perdão gratuito de nossos pecados.

Como Paulo não defende a **reencarnação**, mas a **ressurreição**, ele nunca ensina que podemos ser salvos somente por nossas boas obras, ou pelo nosso bom caráter, ou por nossa obediência aos mandamentos da Lei de Deus. **Sua doutrina central é a da salvação pela crença na morte e ressurreição de Cristo.** Ninguém, segundo essa doutrina, poderá salvar-se somente pelas obras de amor-caridade, enquanto o Jesus histórico nos ensinou que somente pela prática de boas ações em favor do próximo, em múltiplas (re)encarnações, é que poderemos nos libertar e evoluir espiritualmente.

Paulo prega (cf. Romanos 3,28) que a salvação é obtida exclusivamente pela fé, sem as obras da lei, enquanto Jesus não ensina que é a fé, ou seja, a crença religiosa, que nos liberta e nos faz evoluir. **Ele nos ensina um código de moral (ou de ética) universal, resumido na lei do amor**, expresso no *Sermão da Montanha* (Mateus, capítulos 5-7).

Segundo a doutrina mítica de Paulo de Tarso, todos nós sofremos por causa do “pecado original”, cometido por Adão e Eva, enquanto o Jesus histórico nunca falou desse tal de “pecado original”. Além disso, a ciência comprova que a humanidade não descende de um primeiro casal (Adão e Eva), mas é fruto de uma longa evolução.

O Deus mítico de Paulo é vingativo: “Se alguém destrói o templo de Deus, Deus o destruirá” (1Coríntios 3,17), enquanto o Deus de Jesus é amoroso, misericordioso para com todos, pedindo-nos, no *Sermão da Montanha*, para amar até mesmo os nossos inimigos: “Amai os vossos inimigos” (Mateus 5,44).

O Jesus mítico paulinista é altamente exclusivista, o único Salvador da humanidade (**SÓ JESUS SALVA!**), o único Senhor, o único Caminho e a única Verdade, enquanto o Jesus histórico é pluralista, um Salvador ao lado de muitos outros, um Caminho ao lado de muitos outros, pois o seu código de moral (ou de ética) universal não exclui ninguém.

A doutrina de Paulo é dogmática (isto é, cheia de dogmas de fé, ou seja, de verdades consideradas absolutas, infalíveis, intocáveis), enquanto a doutrina do Jesus histórico não se baseia em dogmas de fé, mas na prática do amor-caridade, como ele mesmo expressa claramente no *Sermão da Montanha* (Mateus 5-7).

A mensagem do Jesus histórico não contém uma só palavra de colorido dogmático-teológico, ou seja, não é uma teoria, uma fé, em que o homem deva “crer”, mas uma realidade que ele deve “ser”.

A doutrina de Paulo é irracional, enquanto a de Jesus é plenamente racional.

A doutrina de Paulo é mítica (isto é, fundada em mitos exclusivistas e divisionistas), enquanto a de Jesus é histórica.

Paulo foi um pregador apocalíptico, afirmando que Jesus retornaria breve e fisicamente, enquanto ainda ele e outros discípulos de Jesus estivessem vivos para serem arrebatados nos ares com Cristo. O Jesus histórico, que não foi um pregador apocalíptico, jamais afirmou que retornaria fisicamente para julgar a humanidade, enviando os bons para o céu e os maus para o inferno eterno.

Paulo prega que a Igreja Católica é “a Igreja de Deus, que ele adquiriu para si pelo sangue de seu próprio Filho” (Atos 20,28), enquanto o Jesus histórico não fundou nenhuma religião ou igreja.

O Deus de Paulo parece ser masoquista, isto é, um Deus que parece gostar de sacrifícios com derramamento de “sangue”, pois envia o seu Filho para ser torturado e morrer crucificado na cruz para perdoar os nossos pecados herdados de Adão e Eva, enquanto o “Jesus histórico” pregou que não queria sacrifícios, mas a prática do amor: **“Misericórdia é que eu quero, e não sacrifício”** (Mateus 9,13) (negrito meu).

A doutrina central de Paulo de Tarso é a da salvação gratuita pela fé em Jesus morto e ressuscitado: **“Porque se confessares com tua boca que Jesus é Senhor e creres em teu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo”** (Romanos 10,9) (negrito meu). “Crê no Senhor Jesus, e serás salvo, tu e os teus” (Atos 16,31). “A justiça de Deus opera pela fé em Jesus Cristo, em favor de todos os que creem – pois não há diferença, sendo que todos pecaram e todos estão privados da glória de Deus – e são

justificados gratuitamente, por sua graça, em virtude da redenção realizada em Cristo Jesus: Deus o expôs como instrumento de propiciação [=sacrifício para aplacar a ira de Deus], por seu próprio sangue, mediante a fé” (Romanos 3, 22-25). “O justo viverá pela fé” (Romanos 1,17). “Ninguém será justificado pelas obras da Lei” (Romanos 3,20). “Nós sustentamos que o homem é justificado pela fé, sem as obras da Lei” (Romanos 3,28).

Paulo é intolerante para com aqueles que ensinam uma doutrina diferente da sua “sã doutrina”: “Se alguém ensinar uma outra doutrina... é porque é cego, nada entende, é um doente à procura de controvérsias e discussões de palavras” (1Timóteo 16, 3-4). “É preciso que o episcopo seja de tal modo fiel na exposição da palavra que seja capaz de ensinar a sã doutrina como também de refutar os que a contradizem” (Tito 1,9). “...não fiquem dando ouvidos a fábulas judaicas ou a mandamentos de homens desviados da verdade” (Tito 1,14). “Quanto a ti, fala do que pertence à sã doutrina” (Tito 2,1). “Se alguém – ainda que nós mesmos ou um anjo do céu – vos anunciar um evangelho diferente do que vos anunciamos, seja anátema [=excomungado/condenado]” (Gálatas 1,8). “É preciso evitar as discussões de palavras: elas não servem para nada, a não ser para a perdição dos que as ouvem” (2Timóteo 2,14). “Pois virá um tempo em que alguns não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, segundo os seus próprios desejos, como que sentindo comichão nos ouvidos, se rodearão de mestres. Desviarão os seus ouvidos da verdade, orientando-os para as fábulas” (2Timóteo 4,3-4).

Paulo acredita no diabo e entrega a Satanás os que naufragam na fé: “Timóteo, meu filho, alguns, rejeitando a boa consciência, vieram a naufragar na fé. Dentre esses se encontram Himeneu e Alexandre, os quais entreguei a Satanás, a fim de que aprendam a não mais blasfemar” (1Timóteo 1, 18-20). “Revesti-vos da armadura de Deus, para poderdes resistir às insídias do diabo” (Efésios 6,11).

Paulo prega um Deus irado: “Ninguém vos engane com palavras vãs, porque por essas coisas vem a ira de Deus” (Efésios 5,6). “...justificados por seu sangue [o sangue de Cristo], seremos por ele salvos da ira [de Deus]” (Romanos 5,9). “Que a ira [de Deus] caia sobre eles [os judeus]” (1Tessalonicenses 2,16).

Eu pergunto: o verdadeiro Deus pode ter ira, raiva, vingança? O Deus de Paulo é, portanto, semelhante ao Deus Javé do Antigo Testamento: um ser superexclusivista, zangado, intolerante e vingativo, cuja ira se manifesta implacavelmente contra os ímpios e pecadores, que não têm como escapar do seu severo juízo final, tal como se lê na Epístola aos Romanos. Este não é o Deus de Amor, revelado por Jesus no Novo Testamento. O Jesus de Paulo (**Deus e Homem**) é, como já foi dito, inteiramente diferente do “Jesus histórico” (**apenas homem**). Em outros termos, o Jesus de Paulo é, como também já foi dito, o “Jesus mítico”, o “Cristo da fé” (**uma pessoa totalmente divina**), e não o “Jesus histórico” (**uma pessoa inteiramente humana**).

Paulo está convicto de que o pecado entrou no mundo por meio de um só homem (Adão) e que a morte é consequência do pecado de Adão: “Eis por quê por meio de um só homem, o pecado *entrou no mundo* e, pelo pecado, a morte, e assim a morte passou a todos os homens, porque [em Adão] todos pecaram...” (Romanos 5,12). Ora, a ciência comprova que Adão nunca existiu historicamente e que os seres humanos não descendem de um primeiro casal (Adão e Eva). Somos todos frutos de uma longa evolução.

Paulo crê que no “batismo” morremos com Cristo, mas, como Cristo ressuscitou, também nós seremos ressuscitados: “Não sabeis que todos os que fomos batizados em Cristo Jesus, é na sua morte que fomos batizados? Pois pelo batismo nós fomos sepultados com ele na morte para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também nós vivamos vida nova” (Romanos 6, 3-4). “Mas se morremos com Cristo, temos fé de que também viveremos com ele, sabendo que Cristo, uma vez ressuscitado dentre os mortos, já não morre, a morte não tem mais domínio sobre ele” (Romanos 6,8-9).

Paulo prega que os impuros e os avarentos não herdarão o Reino de Deus: “Nenhum fornicário ou impuro ou avarento – que é um ídólatra – tem herança no Reino de Cristo e de Deus” (Efésios 5,5).

Paulo condena os perturbadores: “Aquele, porém, que vos perturba, sofrerá a condenação, seja lá quem for” (Gálatas 5,10).

Paulo prega a submissão das mulheres aos maridos: “As mulheres estejam sujeitas aos seus maridos, como ao Senhor, porque o homem é cabeça da mulher, como Cristo é cabeça da Igreja e o salvador do corpo. Como a Igreja está sujeita a Cristo, estejam as mulheres em tudo sujeitas aos seus maridos” (Efésios 5, 22-24). O Jesus histórico nunca pregou essa tal de submissão das mulheres aos seus maridos.

Paulo proíbe as mulheres de falarem nas assembleias: “Como acontece em todas as igrejas dos santos, estejam caladas as mulheres nas assembleias, pois não lhes é permitido tomar a palavra” (1Coríntios 14,34). O Jesus histórico nunca discriminou ninguém.

Paulo condena os homossexuais: “Os efeminados não herdarão o Reino de Deus” (1Coríntios 6,10). O Jesus histórico nunca condenou ninguém.

Paulo aconselha aos solteiros e às viúvas que não se casem: “É bom ao homem não tocar em mulher” (1Coríntios 7,1). “Digo às pessoas solteiras e às viúvas que é bom ficarem como eu. Mas, se não podem guardar a continência, casem-se...” (1Coríntios 7,8-9).

Paulo condena os judeus: “Que a ira de Deus acabe por cair sobre eles [os judeus]” (1Tessalonicenses 2,16). O Jesus histórico, repito, nunca condenou ninguém.

Paulo condena quem não ama o Senhor: “Se alguém não ama o Senhor, seja anátema” (1Coríntios 16,22).

Paulo especifica “os que não herdarão o Reino de Deus: os que praticam a fornicação, impureza, libertinagem, idolatria, feitiçaria, ódio, rixas, ciúmes, ira, discussões, discórdia, divisões, invejas, bebedeiras, orgia e coisas semelhantes a estas...” (Gálatas 5,19-21). Eu pergunto: Será que existe alguém neste planeta que não pratique nenhuma dessas ações?

Paulo declara que “a Igreja [Católica] é a coluna e o fundamento da verdade” (1Timóteo 3,15). Eu pergunto: Como pode ser a Igreja Católica a coluna e o fundamento da verdade, se ela tem ensinado mais mentiras que verdades ao longo de dois mil anos? Isso é comprovado por muitas obras críticas do catolicismo, como, por exemplo, no livro “Mentiras Fundamentais da Igreja Católica”, de autoria do escritor espanhol Pepe Rodríguez; eu também acabei de escre-

ver meu 5º livro ecumênico, intitulado “Mentiras sobre Jesus: desafio para o diálogo religioso”).

Paulo de Tarso está convicto de que “se Cristo não ressuscitou, vazia é a nossa pregação, vazia também é a vossa fé” (1Coríntios 15,14). Nesse contexto, argumento que a fé e a pregação de Paulo são realmente vazias, pois Jesus não ressuscitou com seu corpo físico glorioso, incorruptível, transformado, como defendem os cristãos paulinistas.

Paulo faz apologia da escravidão: “Eras escravo quando foste chamado? Não te preocupes com isto. Ao contrário, ainda que te pudesses tornar livre, procura antes tirar proveito da tua condição de escravo” (1Coríntios 7,21). “Servos, obedecei, com temor e tremor, em simplicidade de coração, a vossos senhores nesta vida, como a Cristo” (Efésios 6,5).

Paulo prega a dependência da mulher em relação ao homem: “Pois o homem não foi tirado da mulher, mas a mulher, do homem. E o homem não foi criado para a mulher, mas a mulher para o homem” (1Coríntios 11,8-9).

Paulo ensina que toda autoridade vem de Deus e que, portanto, todo homem deve submeter-se às autoridades constituídas, senão será condenado: “Todo homem se submeta às autoridades constituídas, pois não há autoridade que não venha de Deus, e as que existem foram estabelecidas por Deus. De modo que aquele que se revolta contra a autoridade opõe-se à ordem estabelecida por Deus. E os que se opõem atrairão sobre si a condenação” (Romanos 13,1-2). “É também por isso que pagais impostos, pois os que governam são servidores de Deus” (Romanos 13,6).

Para Paulo, o lado humano de Jesus não pode ser separado do seu lado divino: **“Pois nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade”** (Colossenses 2,9) (negrito meu). Sendo assim, Cristo, sendo Deus e homem, na unidade de sua personalidade completa (que Paulo jamais divide), ao morrer na cruz, não se despojou de sua natureza divina. Ou seja, ele não morreu apenas como homem, mas como homem e Deus. Por isso, os judeus sempre foram tachados pelos cristãos paulinistas como “assassinos de Deus”. Eu pergunto: Deus pode morrer? Como aceitar essa doutrina absurda, re-

pugnante, sadista e masoquista, ou seja, essa chamada “**teologia do sangue**”, pela qual o Deus antropomórfico dos cristãos parece ter tido prazer com o sofrimento de seu próprio Filho Jesus morto na cruz? O Deus verdadeiro pode deleitar-se com o sofrimento dos outros? De modo algum.

Alguns teólogos defendem a tese de que Jesus morreu apenas como homem, e não como Deus, mas esses mesmos teólogos paulinistas se contradizem ao ensinar que não se pode separar o lado humano de Jesus do seu lado divino! Logo, segundo essa visão paulina, Jesus teria morrido como homem e Deus.

Por influência de religiões pagãs mais antigas, os teólogos cristãos paulinistas sempre defenderam a tese absurda de que Deus, tendo ficado aborrecido, por causa do suposto “pecado original”, decidiu enviar seu próprio Filho Jesus Cristo para sofrer e morrer na cruz a fim de pagar nossa culpa original e nos salvar.

Segundo o ponto de vista que defendo, não é a crença num avatar ou salvador externo, ou seja, num Deus encarnado, que morreu crucificado, como no caso do Cristo da fé, que nos redime, que nos salva, ou melhor, que nos liberta e nos faz evoluir espiritualmente, mas unicamente a prática do amor-caridade: **FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO**, como prega o Espiritismo. O “Jesus histórico” também pregou, como já foi dito, que não queria sacrifícios, mas a prática do amor: “**Misericórdia é que eu quero, e não sacrifício**” (Mateus 9,13) (negrito meu).

Paulo pregava que o fim do mundo estava bem próximo, o qual ocorreria ainda na mesma era em que ele vivia, e que já tinha sido iniciado pela morte e ressurreição de Jesus: “Eis que vos dou a conhecer um mistério: nem todos morreremos, mas todos seremos transformados. Num instante, num abrir e fechar de olhos, ao som da trombeta final, pois a trombeta tocará, e os mortos ressurgirão incorruptíveis, e nós seremos transformados” (1Coríntios 15,51-52). “Por isso vos declaramos, segundo a palavra do Senhor: que os vivos, os que ainda estivermos lá para a Vinda do Senhor, não passaremos à frente dos que morreram. Quando o Senhor, ao sinal dado, à voz do arcanjo e ao som da trombeta divina, descer do céu, então os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; em seguida

nós, os vivos que estivermos lá, seremos arrebatados com eles nas nuvens para o encontro com o Senhor, nos ares” (1 Tessalonicenses 4,15-17). Dois mil anos já se passaram e esta famosa profecia paulina ainda não se cumpriu, nem vai jamais se cumprir, pois a humanidade, na visão espírita (que sigo), não terá um fim, mas uma *transformação*, na época de sua **regeneração**. Será o fim do mundo velho, a decadência das ideias antigas.

Paulo prega em suas epístolas o velho princípio teológico judaico de que sem sangue não há expiação: “A justiça de Deus opera pela fé em Jesus Cristo, em favor de todos os que creem – pois não há diferença, sendo que todos pecaram e todos estão privados da glória de Deus – e são justificados gratuitamente, por sua graça, em virtude da redenção realizada em Cristo Jesus: **Deus o expôs como instrumento de propiciação, por seu próprio sangue, mediante a fé**” (Romanos 3, 22-25). “**Paulo diz que os pecados são perdoados se a pessoa acreditar que Jesus morreu na cruz por ela. É a doutrina da salvação em que o herói derrama seu sangue e todos são perdoados por causa dele**” (VASCONCELOS, 2003) (negrito meu). “**Associando a morte do Unigênito de Deus à redenção de nossos pecados, Paulo de Tarso retrocedeu às primitivas religiões semíticas, em que os pais deviam imolar seus primogênitos**” (KERSTEN, 1986, p. 35) (negrito meu).

Paulo de Tarso é o mais antigo escritor cristão. Dos 27 livros do Novo Testamento, 13 são atribuídos a ele. Convém esclarecer também que os evangelhos canônicos (Mateus, Marcos, Lucas e João) são quase todos baseados na doutrina central de Paulo de Tarso da **salvação pela fé em Cristo morto e ressuscitado**. Também o livro dos Atos dos Apóstolos é, quase todo, uma defesa do lugar central de Paulo como o “décimo terceiro” apóstolo.

É preciso esclarecer também que a doutrina de Paulo de Tarso não é puramente original, pois ela sofreu muita influência de outras religiões bem mais antigas do que o cristianismo, principalmente das chamadas “**religiões de mistério**” (ou “**religiões de mistérios**”) ou seja, das religiões que pregavam a redenção ou salvação realizada por um “**deus-homem**”, nascido de uma virgem.

Pode-se perceber nas “**religiões de mistério(s)**” planos de salvação ou redenção semelhantes ao do cristianismo paulinista.

Segundo vários estudiosos, as lavagens cerimoniais das religiões de mistério(s) foram precursoras do batismo cristão e a refeição sagrada dessas mesmas religiões foi precursora da Ceia do Senhor. Também o conceito do “deus” que morre e ressuscita das religiões de mistério(s) influenciou a doutrina cristã paulinista a respeito de Cristo. Quase todas as religiões de mistério(s) giravam em torno da ideia de salvadores que morriam e retornavam à vida, isto é, ressuscitavam.

O fato de Paulo de Tarso ter recebido grande influência das religiões de mistério(s) é afirmado por vários especialistas em história do cristianismo, dentre os quais cito o renomado professor de História das Religiões Ambrogio Donini, em seu livro *Breve História das Religiões*, no qual ele escreve o seguinte: “A fé no deus-redentor das religiões de mistério é absorvida no cristianismo por **Paulo de Tarso**, ao qual se deve notadamente a representação de Jesus como *salvador*” (DONINI, 1965, p. 287) (negrito meu).

Outra prova da grande influência das religiões de mistério sobre a doutrina de Paulo se encontra no **Credo Apostólico** dos cristãos. No dizer dos pesquisadores do Seminário de Jesus,

o personagem deste Credo é uma figura celeste ou mítica, cuja ligação com o sábio de Nazaré limita-se ao seu sofrimento e morte sob Pôncio Pilatos. Nada entre o seu nascimento e sua morte parece ser essencial à sua missão ou à fé da Igreja. Assim, os evangelhos podem ser compreendidos como correções deste desequilíbrio de fé, que foi indubitavelmente derivado da visão adotada pelo apóstolo Paulo, que não conheceu o Jesus histórico. Para Paulo, Cristo devia ser entendido como um Senhor, morto e ressuscitado, simbolizado no batismo (enterrado com ele, ressuscitado com ele), **do tipo que ele conhecia das religiões de mistério do mundo greco-romano**. No esquema teológico de Paulo, o Homem Jesus não exerceu nenhum papel essencial. (FUNK, Robert W.; HOOVER, Roy W., and THE JESUS SEMINAR, 1993, p. 7.) (Negrito meu)

A figura mítica de um **deus-homem** – “Salvador” – sempre fez parte de quase todas as religiões, e não exclusivamente do cristianismo paulinista. A esse respeito, leiamos o que escreveram os autores do *Dicionário Enciclopédico das Religiões* – DER (verbetes **salvação**): “A salvação é prometida por todas as religiões. [...] O

Salvador, o *Soter* dos gregos, é um homem e, ao mesmo tempo, um deus, e vem a ser um símbolo universal, pois para salvar o homem é preciso ser homem e também um deus. [...] Em muitas religiões é o filho que traz a salvação. Entre os egípcios foi Hórus [filho do deus Osíris e da deusa Ísis].

Nas culturas antigas, uma das condições necessárias para alguém ser “salvador” era ter nascido miraculosamente, sendo ao mesmo tempo **homem e deus** (e **filho de um deus**). Ora, se nas culturas antigas, uma das condições necessárias para alguém ser “salvador” era ter nascido miraculosamente, sendo ao mesmo tempo **homem e deus** (e **filho de um deus**), fica mais fácil entender o argumento de muitos pesquisadores críticos do cristianismo, segundo o qual foi Paulo de Tarso quem “divinizou” Jesus, fazendo com que ele possuísse o caráter **humano e divino** de qualquer salvador.

Diante de todas essas evidências históricas, não há como não defender a tese de que a doutrina de Paulo de Tarso não é original e é radicalmente oposta aos ensinamentos autênticos de Jesus, além de ser também a causa dos principais erros da teologia cristã dogmática. Por isso, concordo plenamente com o ponto de vista segundo o qual é mais correto dizer que a religião ocidental dominante deste planeta, que existe há dois mil anos, é, de fato, um “**PAULINISMO**”, e não um “**CRISTIANISMO**”.

O Cristianismo de Jesus é a única forma de religiosidade capaz de unir todas as religiões e todas as pessoas deste planeta, enquanto o cristianismo de Paulo nunca uniu (nem terá jamais condições de unir) a cristandade e a humanidade, uma vez que ele está dividido em centenas (para não dizer “milhares”) de igrejas e seitas, todas se digladiando e cada uma considerando-se a única dona da verdade. Se os cristãos paulinistas não mais confundissem seus dogmas ou mitos exclusivistas e divisionistas com os verdadeiros ensinamentos de Jesus, resumidos no *Sermão da Montanha* (Mateus 5-7), não mais haveria tantas divisões e brigas entre eles, como vem ocorrendo há dois mil anos. Essa verdade é muito bem expressa pelo ex-padre católico Huberto Rohden, em seu livro *O Sermão da Montanha*, nos seguintes termos:

Há séculos que as igrejas cristãs do Ocidente se acham divididas em partidos, e, não raro, se digladiam ferozmente – por causa de quê? Por causa de determinados dogmas que elas identificam com a doutrina de Jesus – infalibilidade pontifícia, batismo, confissão, eucaristia, pecado original, redenção pelo sangue de Jesus, unicidade e infalibilidade da Bíblia etc. No entanto, seria possível evitar todas essas polêmicas e controvérsias – **bastaria que todos os setores do Cristianismo fizessem do Sermão da Montanha o seu credo único e universal. Essa mensagem suprema do Cristo não contém uma só palavra de colorido dogmático-teológico – o Sermão da Montanha é integralmente espiritual, cósmico, ou melhor, “místico-ético”; não é uma teoria em que o homem deva “crer”, mas uma realidade que ele deve “ser”.** [...] Quem é proclamado “bem-aventurado” feliz? Quem é chamado “filho de Deus”? Quem é que “verá a Deus”? De quem é o “reino dos céus”? Será de algum crente no dogma A, B ou C? Será o adepto da teologia desta ou daquela igreja ou seita? Será o partidário de um determinado credo eclesiástico? Nem vestígio disso! (ROHDEN, op. cit., p. 15). [...] Os homens bem-aventurados, os cidadãos do reino dos céus, são os “pobres pelo espírito”, são os “puros de coração”, são os “mansos”, os que “sofrem perseguição por causa da justiça”, são os “pacificadores”, são os “misericordiosos” e “os que choram”, são os que “amam aos que os odeiam” e “fazem bem aos que lhes fazem mal” (ROHDEN, p. 16). No dia e na hora em que a cristandade resolver aposentar as suas teologias humanas e proclamar a divina sabedoria do *Sermão da Montanha* como credo único e universal, acabarão todas as dissensões, guerras de religião e excomunhões de hereges e dissidentes. Isso, naturalmente, supõe que esse documento máximo de espiritualidade, como Mahatma Gandhi o chama, seja experiencialmente vivido, e não apenas intelectualmente analisado (ROHDEN, *ibid.*) (negrito meu).

RESUMO DO CÓDIGO DE MORAL (OU DE ÉTICA) UNIVERSAL ENSINADO POR JESUS NO SERMÃO DA MONTANHA:

1. **A humildade e o desapego:** “Bem-aventurados os pobres em espírito!” (Mateus 5,3), ou seja, felizes os humildes e desapegados dos bens materiais.
2. **A pureza da alma ou espírito:** “Bem-aventurados os puros de coração” (Mateus 5,8).
3. **A mansidão:** “Bem-aventurados os mansos...” (Mateus 5,4).

4. **A caridade:** “Bem-aventurados os misericordiosos” (Mateus 5,7).
5. **A justiça:** “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça” (Mateus 5,6).
6. **A paz:** “Bem-aventurados os que promovem a paz” (Mateus 5,9).
7. **O sofrimento:** “Bem-aventurados os aflitos” (Mateus 5,5). “Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça” (Mateus 5,10).
8. **O amor aos inimigos:** “Amai os vossos inimigos” (Mateus 5,44).
9. **A oração pelos perseguidores:** “Orai pelos que vos perseguem” (Mateus 5,44).
10. **A reconciliação e o perdão:** “Se estiveres para trazer a tua oferta ao altar e ali te lembrares de que o teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa a tua oferta ali diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão; e depois virás apresentar a tua oferta” (Mateus 5,23-24).
11. **A reencarnação:** “Ninguém deixará de pagar até o último centavo” (Mateus 5,26; Lucas 12,59).
12. **A oração ecumênica do Pai-Nosso:** “Pai-Nosso que estás nos céus, santificado seja o teu Nome, venha o teu Reino, seja realizada a tua Vontade na terra como é realizada nos Céus. O pão nosso de cada dia, dá-nos hoje. E perdoa-nos as nossas dívidas como também nós perdoamos aos nossos devedores. E não nos exponhas à tentação, mas livra-nos do mal” (Mateus 6, 9-13).

Para concluir esta minha palestra, à luz da filosofia espírita da “fé raciocinada”, reafirmo que, diante das inúmeras evidências apresentadas pelos estudos comparativos das religiões, torna-se racionalmente impossível continuar a crer que a doutrina de Paulo de Tarso (**paulinismo**) seja idêntica à de Jesus (do Jesus histórico). São duas doutrinas frontalmente opostas. Muito obrigado.

APÊNDICE B

ECUMENISMO

(Palestra ministrada por José Pinheiro de Souza,
no Centro Espírita Casa do Caminho, Fortaleza, 1/12/2010)

1. CONCEITO DE ECUMENISMO, DE DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO E DE SUA CRUCIAL NECESSIDADE

O “ecumenismo” é a proposta do diálogo para a reaproximação dos cristãos divididos, aberto também à aproximação com religiões não cristãs, através do chamado **diálogo religioso** ou **diálogo inter-religioso** (às vezes, designado pelos termos **macroecumenismo** e **diálogo macroecumênico**).

O papa João Paulo II afirmava insistentemente que o ecumenismo era uma das principais prioridades pastorais de seu pontificado, como nos informa Jos Vercruysse na seguinte passagem:

Por ocasião do 25º aniversário do *Secretariado para a Unidade dos Cristãos*, em 28 de junho de 1985, João Paulo II afirmava com insistência e vigor perante a Cúria romana: “Tenho de reafirmar que *a Igreja Católica está empenhada no movimento ecumênico com uma decisão irrevogável* e que deseja contribuir com ele com todas as suas possibilidades. Para mim, bispo de Roma, isso constitui uma das prioridades pastorais” (VERCRUYSSSE, Jos. *Introdução à teologia ecumênica*. São Paulo: Loyola, 1988, p. 11) (itálicos do original).

A respeito da necessidade do diálogo inter-religioso, o Arcebispo Dominique Mamberti, ministro das Relações Exteriores do Vaticano, fez, há quatro anos, a seguinte afirmação: “O papa Bento XVI tem dito e repetido: ‘o tema do diálogo entre as culturas e as religiões é um dos pontos cruciais desta era’.” (Jornal *O Povo*, Fortaleza, CE., 16 de setembro de 2006, p. 32.)

2. O ECUMENISMO COMO DEFINIDO PELA CNBB

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) lançou, em 1997, um documento sobre o ecumenismo, intitulado *O Que é ecumenismo?* (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *O Que é ecumenismo?* Uma ajuda para trabalhar a exigência do diálogo. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2000) .

Nesse documento, a CNBB distingue dois subtipos de ecumenismo: o **ecumenismo propriamente dito** e o **diálogo inter-religioso**. O “ecumenismo propriamente dito” é definido nesse documento como “a aproximação, a cooperação, a busca fraterna da superação das divisões entre as diferentes igrejas cristãs: os católicos, os ortodoxos e os evangélicos” (p.12). O “diálogo inter-religioso” é conceituado no documento (p.13) como

o contato e o relacionamento respeitoso com grupos religiosos não cristãos (religiões orientais, judaísmo, islamismo, **espiritismo** etc.). Alguns usam para expressar esse diálogo a palavra “macroecumenismo” (negrito meu).

Fiz questão de grifar **espiritismo** para mostrar que, segundo a CNBB, diferentemente do que pensam muitos outros segmentos cristãos, os católicos devem estar abertos ao diálogo inter-religioso com os **espíritas**.

3. ORIGEM DA PALAVRA “ECUMENISMO”

A palavra “ecumenismo” (do grego *oikoumene*, “mundo inteiro”) era o termo usado pela Igreja Católica para designar “o conjunto dos cristãos” (SANTIDRIÁN, Pedro R. *Dicionário Básico das Religiões*. São Paulo: Santuário,1996, verbete **ecumenismo**).

Daí o emprego do adjetivo “ecumênico” para referir-se a eventos de interesse de todos os cristãos, como, por exemplo, os famosos CONCÍLIOS ECUMÊNICOS da cristandade: NICEIA I (325); CONSTANTINOPLA I (381); ÉFESO (431); CALCEDÔNIA (451); CONSTANTINOPLA II (553); CONSTANTINOPLA III (680-81); NICEIA II (787); CONSTANTINOPLA IV (869-70) etc.

No nosso tempo, o termo “ecumenismo” é empregado para designar o movimento para a unidade [...]. Fundamenta-se na necessidade real e

efetiva das Igrejas separadas [...] de chegar à unidade plena entre os cristãos (SANTIDRIÁN, obra citada, verbete **ecumenismo**).

4. SURGIMENTO DO ECUMENISMO

O ecumenismo surgiu por causa das escandalosas divisões entre os cristãos. O cristianismo está, de fato, fragmentado em inúmeras igrejas, denominações e seitas que, não obstante estarem unidas por um certo credo comum, divergem, contudo, em vários pontos doutrinários fundamentais que rompem a unidade cristã: o primado e a infalibilidade do papa; o magistério da Igreja; a maioria dos sacramentos; o culto aos santos e a Maria; a interpretação e a autoridade da Bíblia etc.

Foi percebendo as divergências doutrinárias, causadoras de escândalos entre os fiéis cristãos, que nasceu, no meio dos missionários protestantes, no final do século XIX, o movimento ecumênico.

É que eles verificavam que as pessoas que eles evangelizavam ficavam chocadas ao ver que o 'Jesus' de um grupo não servia para o outro e que os cristãos que pregavam o amor universal estavam divididos entre si (Documento da CNBB, p. 13).

O movimento nasceu pequeno, mas foi crescendo aos poucos e já conta com a participação de várias igrejas cristãs e com vários organismos ecumênicos, como o Conselho Mundial de Igrejas, criado em 1948, que reúne hoje mais de 300 igrejas cristãs; o Conselho Latino-Americano de Igrejas, fundado oficialmente em 1978, que reúne hoje mais de 150 igrejas evangélicas, inclusive pentecostais; e no Brasil o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC), criado em 1982, que congrega hoje as seguintes igrejas:

Igreja Católica Ortodoxa Siriana do Brasil

Igreja Cristã Reformada do Brasil

Igreja Presbiteriana Unida do Brasil

Igreja Católica Apostólica Romana

Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

Igreja Metodista

Igreja Episcopal Anglicana do Brasil

Foram essas sete igrejas do CONIC que lançaram no ano 2000 a primeira Campanha da Fraternidade ecumênica, com o tema DIGNIDADE E PAZ e o lema “Novo Milênio sem Exclusões”.

Nota: As informações sobre esses conselhos ecumênicos foram extraídas do livro: CONSELHO NACIONAL DE IGREJAS CRISTÃS DO BRASIL & CONSELHO LATINO-AMERICANO DE IGREJAS NO BRASIL. *Diversidade e Comunhão: um convite ao ecumenismo*. 2. ed. São Paulo: Paulinas 1999, p. 24, 30-31.

5. FALSOS CONCEITOS DE ECUMENISMO

Ecumenismo não é **unionismo** (o retorno dos “irmãos separados” à religião de origem) nem **proselitismo** (a procura de novos adeptos para a própria religião). Ecumenismo também não é **sincretismo** religioso (fusão de crenças religiosas diferentes) nem **irenismo** enganador (atitude facilmente conciliadora e compreensível para com os crentes de outras religiões ou seitas).

6. ECUMENISMO: A BUSCA DA UNIDADE NA DIVERSIDADE

Unidade é a palavra-chave do movimento ecumênico. Mas unidade não é a mesma coisa que uniformidade.

Deus não nos quer iguais, ele nos quer unidos. Ele não exige que expressemos fé, sentimentos, conhecimentos, de uma mesma maneira, ele quer que nas diferenças encontremos o que nos une e nos torna um (CONSELHO NACIONAL DE IGREJAS CRISTÃS DO BRASIL & CONSELHO LATINO-AMERICANO DE IGREJAS NO BRASIL, 1999, p. 30-31).

Ecumenismo é a busca da unidade na diversidade. Os seres humanos, apesar de serem individualmente muito diferentes, são *essencialmente* iguais, pois são todos *seres humanos*. São um porque têm a mesma natureza e dignidade humanas e são diferentes porque cada um tem a própria identidade como pessoa, como ser histórico individual e/ou como membro de um grupo social, cultural e/ou religioso. Todos fazem parte da mesma família humana e por isso são todos irmãos, filhos do mesmo Deus Pai.

Em um nível ainda mais profundo, podemos afirmar, holisticamente, que somos um na diversidade imensa de seres que compõem o universo. Não estamos separados do cosmos. Tudo está unido, ligado, interligado no universo, do micro ao macrocosmo.

7. DIVERGÊNCIAS RELIGIOSAS QUE EXIGEM O DIÁLOGO ECUMÊNICO E INTER-RELIGIOSO

A título de exemplificação, relaciono a seguir algumas “doutrinas religiosas inconciliáveis” para dar uma visão panorâmica das principais divergências de crenças religiosas responsáveis por muitos conflitos e divisões entre as religiões e até mesmo dentro de uma mesma tradição religiosa (como o cristianismo), e que justificam plenamente a necessidade do diálogo ecumênico e/ou inter-religioso:

- 1) Enquanto algumas religiões (por exemplo, o cristianismo dogmático e o islamismo) acreditam num “inferno eterno”, as religiões e filosofias espiritualistas reencarnacionistas rejeitam essa crença.
- 2) Enquanto o cristianismo tradicional e o islamismo acreditam no “Juízo Final” e na “ressurreição da carne”, as religiões e filosofias espiritualistas reencarnacionistas rejeitam essas doutrinas.
- 3) Enquanto o cristianismo convencional crê nos mitos da unicidade da existência da alma neste plano físico e da “salvação” pelo sangue de Cristo derramado na cruz, as religiões e filosofias espiritualistas reencarnacionistas acreditam na pluralidade de existências da alma (ou espírito) e na doutrina da autolibertação do ser humano mediante sua evolução moral ao longo de muitas encarnações no plano físico.
- 4) Enquanto as religiões antirreencarnacionistas acreditam que as pessoas que nascem cegas, mudas, surdas, aleijadas, paráliticas etc. nascem assim por vontade de Deus, as doutrinas reencarnacionistas explicam esses fenômenos pela Lei do Carma (Lei de Causa e Efeito), lei universal da justiça divina, segundo a qual a sementeira é livre, mas a colheita é obrigatória (colhemos necessariamente o que plantamos, de bem ou de mal, sem perdão gratuito).

- 5) Enquanto a maioria dos cristãos defende a doutrina segundo a qual a alma humana é criada no momento da concepção, os reencarnacionistas defendem a crença na preexistência da alma.
- 6) Enquanto a maioria dos cristãos tradicionais nega a mediunidade (“comunicação com os mortos”), os espíritas defendem que ela é uma verdade científica.
- 7) Enquanto o cristianismo dogmático define Deus como “pessoa”, ou melhor, como três pessoas, Deus uno e trino (dogma da Santíssima Trindade), outras doutrinas religiosas estão convictas de que Deus não é uma “pessoa” e, conseqüentemente, não é trino. Definir Deus como “pessoa” é um antropomorfismo.
- 8) Enquanto a grande maioria dos cristãos acredita no mito da encarnação divina de Jesus, os teólogos cristãos liberais e pluralistas normalmente negam que Jesus tenha sido “literalmente” Deus encarnado.
- 9) Enquanto a grande maioria dos cristãos acredita que não se deve fazer distinção alguma entre o “Jesus histórico” e o “Cristo da fé”, os teólogos liberais e pluralistas sustentam, com razão, que o “Jesus histórico” deve ser visto como uma pessoa inteiramente humana, enquanto o “Cristo da fé” continua sendo visto pela maioria dos cristãos como uma pessoa totalmente divina.
- 10) Enquanto a grande maioria dos cristãos não aceita a distinção entre o “Cristo cósmico” e o “Jesus histórico”, vários cristãos (e espiritualistas reencarnacionistas) argumentam em favor dessa distinção.
- 11) Enquanto os cristãos fundamentalistas defendem a crença de que a Bíblia não pode ter erros, porque é a “Palavra de Deus”, os cristãos liberais e pluralistas provam que a Bíblia contém muitos erros e contradições, além de retratar, sobretudo no Antigo Testamento, a imagem de um Deus vingativo, violento, assassino, irascível, o oposto do Deus de Amor revelado por Jesus no Novo Testamento.
- 12) Enquanto o cristianismo tradicional defende a crença exclusivista e mítica de que a “Revelação de Deus” terminou

com Jesus, muitas outras doutrinas religiosas sustentam, com razão, que Deus se revelou depois a outros profetas ou mensageiros e continua se revelando, sempre que necessário, de acordo com o nível evolutivo da humanidade e que cada revelação está adaptada ao nível de maturidade moral e intelectual de cada época da história humana.

- 13) Enquanto a maioria dos protestantes defende a ideia de que a verdade revelada por Deus está total e exclusivamente contida na Bíblia protestante (*scriptura sola*), os católicos sustentam que o Magistério da Igreja e a Tradição também são fontes de verdades infalíveis.
- 14) Enquanto os cristãos fundamentalistas interpretam os evangelhos *literalmente*, como palavras autênticas de Jesus, os cristãos liberais e pluralistas asseguram, com razão, que muitos relatos evangélicos não são históricos, mas profissões de fé da igreja primitiva ou criações dos evangelistas para defender seus pontos de vista dogmáticos e míticos sobre Jesus.
- 15) Enquanto a maioria dos cristãos crê na autenticidade total do Novo Testamento, muitos estudiosos críticos dos evangelhos canônicos (os oficialmente reconhecidos pelos cristãos) asseguram que a Igreja primitiva fez muitas alterações, acréscimos, supressões, interpolações, acomodações, montagens etc. aos textos originais.
- 16) Enquanto a maioria dos cristãos afirma que Jesus fundou uma nova religião, muitos grupos espiritualistas argumentam, apropriadamente, que Jesus não propôs uma nova religião, mas “religião” em seu sentido mais profundo de **vivência do amor a Deus e ao próximo**.
- 17) Enquanto a grande maioria dos cristãos sustenta que Jesus fundou uma **igreja**, muitos protestantes liberais e vários teólogos católicos (como Alfred Loisy, Hans Küng e Eduardo Hoornaert) argumentam que Jesus não fundou nenhuma igreja.
- 18) Enquanto a grande maioria dos católicos defende a ideia de que a verdadeira igreja fundada por Jesus é a Igreja Católica Romana, os protestantes rejeitam tal pretensão exclusivista.

- 19) Enquanto a grande maioria dos católicos sustenta que Jesus prometeu a Pedro que tudo o que ele e os seus sucessores (os papas) ligassem na Terra estaria automaticamente ligado ao céu, os protestantes (e vários teólogos católicos) argumentam, com muita propriedade, que Jesus nunca fez tal promessa.
- 20) Enquanto os católicos acreditam que Jesus instituiu **sete sacramentos** indispensáveis à salvação, a grande maioria dos protestantes defende a posição de que Jesus só instituiu o sacramento do batismo. Nem isso também é verdade, pois Jesus, como ensina o espiritismo, não instituiu nenhum sacramento.
- 21) Enquanto os católicos argumentam que Jesus não teve irmãos, os protestantes estão convictos de que Jesus teve irmãos e irmãs.
- 22) Enquanto os católicos sustentam que a mãe de Jesus (Maria) foi virgem antes, durante e após o parto, os protestantes negam que ela tenha sido virgem após o parto.
- 23) Enquanto os batistas rejeitam o batismo de crianças, os católicos sustentam que o batismo de crianças é uma necessidade.
- 24) Enquanto a grande maioria dos cristãos acredita que o batismo é necessário para apagar o “pecado original”, muitos teólogos cristãos argumentam, com razão, que **o batismo é um mito**.
- 25) Enquanto os católicos veneram imagens e santos, os protestantes alegam que tais práticas constituem idolatria proibida por Deus na Bíblia.
- 26) Enquanto os católicos creem no purgatório e rezam pelas almas que lá se encontram, os protestantes negam a existência do purgatório e, por conseguinte, não oram pelos mortos.
- 27) Enquanto os católicos veneram a mãe de Jesus como a **Mãe de Deus**, intercessora e (segundo muitos católicos) “corredentora”, nenhum protestante admite tais dogmas míticos.
- 28) Enquanto os católicos acreditam na “transubstanciação” do pão e do vinho no corpo e sangue de Jesus, os protestantes negam esse mito.

- 29) Enquanto os católicos alegavam (pelo menos até o Concílio Vaticano II) que todos os protestantes eram “hereges”, por terem fundado “seitas” ou “denominações heréticas”, muitos protestantes, por sua vez, ainda hoje veem a Igreja Católica Romana como o “anticristo”.
- 30) Enquanto algumas seitas derivadas do protestantismo negam os mitos da Trindade e da divindade de Cristo (por exemplo, os Mórmons e as Testemunhas de Jeová), a grande maioria dos cristãos não abre mão, por hipótese alguma, desses dogmas ou mitos centrais de sua fé.
- 31) Enquanto os cristãos ortodoxos professam que o Espírito Santo só procede do Pai, os católicos e protestantes aderem ao mito segundo o qual o Espírito Santo procede do Pai e do Filho.
- 32) Enquanto os cristãos ortodoxos só reconhecem sete concílios ecumênicos, os católicos reconhecem vinte e um concílios ecumênicos (uma diferença, portanto, de um terço contra dois terços).
- 33) Enquanto os católicos romanos professam os dogmas marianos da Imaculada Conceição e da Assunção, os veterocatólicos rejeitam tais dogmas míticos.
- 34) Enquanto os sacerdotes católicos romanos continuam praticando o celibato e a confissão auricular, os veterocatólicos suprimiram essas práticas, logo que romperam com Roma, depois do Concílio Vaticano I (iniciado em 1869 e concluído em 1870).
- 35) Enquanto a Igreja Católica Romana aceita o papa como chefe, a Igreja Católica Apostólica Brasileira (ICAB) rejeita ter o papa como seu chefe.
- 36) Enquanto a Igreja Católica Romana ordena a indissolubilidade do matrimônio, a ICAB aceita a sua dissolubilidade.
- 37) Enquanto a Igreja Católica Romana obriga seus fiéis a irem à missa e a receberem os outros sacramentos como atos necessários para a salvação, a ICAB prega que esses atos são desnecessários para a salvação.
- 38) Enquanto a grande maioria dos cristãos é exclusivista, defendendo o mito segundo o qual Jesus é o único caminho de

salvação (repetindo constantemente o *slogan*: **SÓ JESUS SALVA!**), os cristãos pluralistas argumentam, com muita razão, que Jesus é um caminho entre muitos outros.

- 39) Enquanto a grande maioria dos cristãos acredita no mito da ressurreição dos mortos, muitos teólogos liberais, mediante sua pesquisa crítica moderna dos evangelhos, asseguram que jamais um morto de verdade retornou alguma vez à existência terrena (com o mesmo corpo físico que tinha antes de morrer).
- 40) Enquanto a grande maioria dos cristãos acredita no mito da unicidade cristã, pelo qual veem o cristianismo como a única religião verdadeira (autenticamente revelada por Deus de maneira exclusiva e definitiva) e a Bíblia judaico-cristã como a única Palavra de Deus, os cristãos liberais e pluralistas argumentam, com toda razão, que as Escrituras Sagradas das outras religiões também podem conter revelações autênticas de Deus, e que o exclusivismo atribuído ao cristianismo e às suas sagradas escrituras é inegavelmente contraditado pela História das Religiões, a qual comprova que quase tudo no cristianismo tradicional e na Bíblia judaico-cristã foi copiado, adaptado ou plagiado (para não dizer roubado) de tradições religiosas bem mais antigas do que o cristianismo.

Essa relação de divergências entre as religiões não é exaustiva, mas creio que é suficiente para termos uma visão panorâmica de crenças religiosas conflitantes. Creio também que as numerosas diferenças doutrinárias entre os cristãos relacionadas nesta palestra são mais do que suficientes para confirmar não somente a distinção entre o “cristianismo de Jesus” (o “cristianismo das origens”) – **um código de moral (ou de ética) universal, resumido na Lei do amor** – e o “cristianismo dos cristãos” (ou os “cristianismos dos cristãos”, já que existem vários), mas também para mostrar a urgente necessidade do diálogo ecumênico entre as múltiplas igrejas cristãs, bem como o diálogo religioso entre o cristianismo dogmático e as outras religiões. Somente através do diálogo inter-religioso, aberto e sincero, é possível chegar-se a algum tipo de consenso. Do contrário, o abismo das divisões religiosas tenderá a crescer cada vez mais. MUITO OBRIGADO A TODOS.

APÊNDICE C

**SUMÁRIO DAS MATÉRIAS PUBLICADAS NO *BLOG DO PINHEIRO*,
POR DATA DE PUBLICAÇÃO (NOME DO *BLOG*: *BLOG DO PINHEIRO*:
DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO. ENDEREÇO DO *BLOG*:
www.jpinheirosouza.blog.uol.com.br)**

- 1 – INAUGURANDO O *BLOG DO PINHEIRO* (1/4/2008)
- 2 – SITE DO PINHEIRO, PARA QUEM QUISER ADQUIRIR O LIVRO *ENTREVISTAS COM JESUS: REFLEXÕES ECUMÊNICAS* (1/4/2008)
- 3 – ARTIGO DO JORNALISTA PAULO EDUARDO MENDES SOBRE O LIVRO *MITOS CRISTÃOS*, PUBLICADO NO JORNAL DIÁRIO DO NORDESTE (1/4/2008)
- 4 – SITE DA EDITORA PANORAMA ESPÍRITA, PARA QUEM QUISER ADQUIRIR O LIVRO *MITOS CRISTÃOS* (1/4/2008)
- 5 – MITOS E MITOS CRISTÃOS (2/4/2008)
- 6 – O GRANDE MAL DA INTERPRETAÇÃO LITERAL DOS MITOS (2/4/2008)
- 7 – CAPA DO LIVRO *ENTREVISTAS COM JESUS* (3/4/2008)
- 8 – ARTIGO DO JORNALISTA PAULO EDUARDO MENDES SOBRE O LIVRO *ENTREVISTAS COM JESUS* (3/4/2008)
- 9 – CAPA DO LIVRO *MITOS CRISTÃOS* (3/4/2008)
- 10 – ETIMOLOGIA DE “RELIGIÃO” E A VERDADEIRA RELIGIÃO (3/4/2008)
- 11 – É POSSÍVEL E LÍCITO AVALIAR MITOS? (5/4/2008)
- 12 – O MITO DO NASCIMENTO VIRGINAL DE JESUS (5/4/2008)
- 13 – FÉ CEGA X FÉ RACIOCINADA (6/4/2008)
- 14 – HÁ DOIS CRISTIANISMOS? (7/4/2008)
- 15 – JESUS MÍTICO X JESUS HISTÓRICO (8/4/2008)
- 16 – SIMPATIZANTE DO ESPIRITISMO (9/4/2008)
- 17 – E-MAIL DE WANDER SENA (10/4/2008)
- 18 – ESPIRITISMO KARDECISTA X CENTROS ESPÍRITAS DE UMBANDA (13/4/2008)
- 19 – DIVISÕES NO ESPIRITISMO (14/4/2008)
- 20 – OS LIVROS DO PINHEIRO SÃO “ANTICRISTÃOS”? (15/4/2008)

- 21 – JESUS NASCEU EM BELÉM? (16/4/2008)
- 22 – JESUS É UMA PESSOA DIVINA? (17/4/2008)
- 23 – O DEUS DA BÍBLIA JUDAICO-CRISTÃ (18/4/2008)
- 24 – O MITO DA TRINDADE CRISTÃ (19/4/2008)
- 25 – A BÍBLIA COMO “PALAVRA DE DEUS”? (22/4/2008)
- 26 – CONTRADIÇÕES NA BÍBLIA (23/4/2008)
- 27 – ALTERAÇÕES NA BÍBLIA (24/4/2008)
- 28 – O MITO DA UNICIDADE CRISTÃ (25/4/2008)
- 29 – DEUS É “PESSOA”, “PAI” E “FILHO”? (28/4/2008)
- 30 – INERRÂNCIA DA BÍBLIA? (29/4/2008)
- 31 – PENSAMENTOS ECUMÊNICOS (30/4/2008)
- 32 – JESUS RESSUSCITOU? (1/5/2008)
- 33 – SÓ JESUS SALVA? (2/5/2008)
- 34 – JESUS FUNDOU UMA IGREJA? (3/5/2008)
- 35 – PAULINISMO (5/5/2008)
- 36 – A MAIOR POLÊMICA CRISTÃ DE TODOS OS TEMPOS (6/5/2008)
- 37 – VALOR DOS MITOS (7/5/2008)
- 38 – MILAGRES NA VISÃO ESPÍRITA (8/5/2008)
- 39 – O MITO DO DEUS ENCARNADO (9/5/2008)
- 40 – A TRANSIÇÃO DE “FILHO DE DEUS” PARA “DEUS O FILHO” (10/5/2008)
- 41 – O MITO DO PECADO ORIGINAL (12/5/2008)
- 42 – O MITO DO BATISMO (13/5/2008)
- 43 – O MITO DO PARTO VIRGINAL (14/5/2008)
- 44 – O MITO DA SALVAÇÃO (15/5/2008)
- 45 – INTERPRETAÇÃO LITERAL DOS MITOS? (16/5/2008)
- 46 – INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA (19/5/2008)
- 47 – DEMITIZAÇÃO OU DEMITOLOGIZAÇÃO (20/5/2008)
- 48 – SUMÁRIO DAS MATÉRIAS PUBLICADAS ATÉ A PRESENTE DATA (21/5/2008)
- 49 – O MITO DA CEIA EUCARÍSTICA (22/5/2008)
- 50 – DOM HÉLDER REENCARNACIONISTA (23/5/2008)
- 51 – O JESUS HISTÓRICO E O MÍTICO (ARTIGO DE REIS CHAVES) (24/5/2008)
- 52 – A VERDADEIRA RELIGIÃO (26/5/2008)

- 53 – O MITO DO JUÍZO FINAL (27/5/2008)
- 54 – O MITO DO INFERNO ETERNO (28/5/2008)
- 55 – A RELIGIÃO DE JESUS E A DOS CRISTÃOS (29/5/2008)
- 56 – O ESPIRITISMO É UMA RELIGIÃO? (30/5/2008)
- 57 – O MITO DA “MÃE DE DEUS” (2/6/2008)
- 58 – O MITO DE SATANÁS E DOS DEMÔNIOS (3/6/2008)
- 59 – UM (E NÃO O) ESPÍRITO SANTO (4/6/2008)
- 60 – “EU E O PAI SOMOS UM” (5/6/2008)
- 61 – ORIGEM DOS MITOS CRISTÃOS (6/6/2008)
- 62 – POLISSEMIA DO TERMO “MITO” (7/6/2008)
- 63 – CONCEITO DE “MITOS CRISTÃOS” (9/6/2008)
- 64 – RELIGIÃO E CIÊNCIA (10/6/2008)
- 65 – POR QUE SOFREMOS? (11/6/2008)
- 66 – MEU DEUS E MEU JESUS (12/6/2008)
- 67 – CRENÇAS X AMOR (13/6/2008)
- 68 – NÃO IMPORTA O CAMIMNHO (16/6/2008)
- 69 – PLURALISMO X EXCLUSIVISMO (17/6/2008)
- 70 – FORA DA IGREJA NÃO HÁ SALVAÇÃO? (18/6/2008)
- 71 – O ECUMENISMO E O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO (19/6/2008)
- 72 – CRÍTICAS AO ECUMENISMO CATÓLICO (20/6/2008)
- 73 – O LIVRO *ENTREVISTAS COM JESUS* (Apresentação por Cid Carvalho) (21/6/2008)
- 74 – O LIVRO *ENTREVISTAS COM JESUS* (Opiniões de leitores) (23/6/2008)
- 75 – FORA DO AMOR NÃO HÁ SALVAÇÃO (24/6/2008)
- 76 – DIVERGÊNCIAS RELIGIOSAS (25/6/2008)
- 77 – DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II (26/6/2008)
- 78 – FÉ E RAZÃO (27/6/2008)
- 79 – PALESTRA SOBRE O LIVRO *MITOS CRISTÃOS* (27/6/2008)
- 80 – SUMÁRIO DAS MATÉRIAS PUBLICADAS ATÉ A PRESENTE DATA (28/6/2008)
- 81 – O DOCUMENTO *DIÁLOGO E ANÚNCIO* (30/6/2008)
- 82 – “REVOLUÇÃO COPERNICANA” EM MINHA FÉ (1/7/2008)
- 83 – POR QUE ME TORNEI REENCARNACIONISTA (2/7/2008)

- 84 – ARGUMENTOS A FAVOR DA REENCARNAÇÃO (3/7/2008)
- 85 – REENCARNAÇÃO X MITOS CRISTÃOS (4/7/2008)
- 86 – OBJEÇÕES À REENCARNAÇÃO (5/7/2008)
- 87 – ADEPTOS DA REENCARNAÇÃO NO MUNDO (7/7/2008)
- 88 – EQUIVALÊNCIA FUNCIONAL DAS RELIGIÕES (8/7/2008)
- 89 – RELIGIÃO X SEITA (9/7/2008)
- 90 – E OS “HEREGES” TINHAM RAZÃO (10/7/2008)
- 91 – MITRAÍSMO E CRISTIANISMO (11/7/2008)
- 92 – KRISHNA E CRISTO (14/7/2008)
- 93 – BUDA E JESUS (15/7/2008)
- 94 – O AMOR ACIMA DAS CRENÇAS (17/7/2008)
- 95 – CONCEITO DE DEUS (18/7/2008)
- 96 – “A FÉ SEM OBRAS É MORTA” (21/7/2008)
- 97 – POR QUE TANTAS RELIGIÕES E SEITAS? (22/7/2008)
- 98 – RESUMO DOS PRINCIPAIS MITOS CRISTÃOS (24/7/2008)
- 99 – POR QUE DEIXEI A FÉ CATÓLICA (25/7/2008)
- 100 – O SEMINÁRIO DE JESUS (28/7/2008)
- 101 – JESUS NÃO É UM SÓ? (29/7/2008)
- 102 – O CRISTIANISMO DE JESUS NÃO É UM SÓ? (30/7/2008)
- 103 – JESUS NUNCA SE DISSE DEUS (31/7/2008)
- 104 – GANDHI E O CRISTIANISMO (1/8/2008)
- 105 – O CRISTIANISMO DE PAULO E O DE JESUS (4/8/2008)
- 106 – O DEUS VIOLENTO DO ANTIGO TESTAMENTO (5/8/2008)
- 107 – O “PAI” DOS FUNDAMENTALISTAS (6/8/2008)
- 108 – OS DOIS CRISTIANISMOS (7/8/2008)
- 109 – COMBATE AO FUNDAMENTALISMO (11/8/2008)
- 110 – ALGUMAS PROVAS DA IDENTIDADE DE TEXTOS SAGRADOS DA ÍNDIA E DA BÍBLIA JUDAICO-CRISTÃ (12/8/2008)
- 111 – A DOCTRINA MÍTICA DE PAULO DE TARSO (22/8/2008)
- 112 – A MAIOR PROVA DE QUE CRISTO NÃO É DEUS (25/8/2008)
- 113 – O MITO DO RETORNO DE CRISTO (1/9/2008)
- 114 – O MITO DO MESSIAS (2/9/2008)
- 115 – MITOS MARIANOS (3/9/2008)
- 116 – O MITO DA INFALIBILIDADE PAPAL (4/9/2008)

- 117 – OS MILAGRES EUCARÍSTICOS COMPROVAM O DOGMA DA TRANSUBSTANCIAÇÃO? (5/9/2008)
- 118 – POR QUE DOCTRINAS VIRARAM DOGMAS? (9/9/2008)
- 119 – JESUS FOI MORTO PELOS JUDEUS? (10/9/2008)
- 120 – O MITO DO “POVO ELEITO” (11/9/2008)
- 121 – SUMÁRIO DAS MATÉRIAS PUBLICADAS ATÉ A PRESENTE DATA (12/9/2008)
- 122 – ORIGEM DA CEIA EUCARÍSTICA CATÓLICA (15/9/2008)
- 123 – ORIGEM PAGÃ DA IGREJA CATÓLICA (16/9//2008)
- 124 – O PECADO ORIGINAL NA VISÃO ESPÍRITA (17/9/2008)
- 125 – O RETORNO DE JESUS NA VISÃO ESPÍRITA (18/9/2008)
- 126 – O JUÍZO FINAL NA VISÃO ESPÍRITA (19/9/2008)
- 127 – OS GÊNIOS NA VISÃO ESPÍRITA (22/9/2008)
- 128 – AS REVELAÇÕES DO MENINO BORIS (23/9/2008)
- 129 – JESUS EXCLUSIVISTA X JESUS PLURALISTA (24/9/2008)
- 130 – JESUS: CAMINHO, VERDADE E VIDA (25/9/2008)
- 131 – TÍTULOS MÍTICOS ATRIBUÍDOS A JESUS (26/9/2008)
- 132 – PLURALISMO X SINCRETISMO RELIGIOSO (29/9/2008)
- 133 – CRISTIANISMO X MOVIMENTO NOVA ERA (30/9/2008)
- 134 – COMENTÁRIOS AO *BLOG DO PINHEIRO* (1/10/2008)
- 135 – JESUS INSTITUIU A CONFISSÃO? (6/10/2008)
- 136 – DECLÍNIO DA IGREJA CATÓLICA (13/10/2008)
- 137 – CRISTIANISMO X MAÇONARIA (20/10/2008)
- 138 – CRISTIANISMO X ORDEM ROSACRUZ (27/10/2008)
- 139 – CRISTIANISMO X LBV (3/11/2008)
- 140 – CRISTIANISMO X ISLAMISMO (10/11/2008)
- 141 – CRISTIANISMO X HINDUÍSMO (17/11/2008)
- 142 – CRISTIANISMO X BUDISMO (24/11/2008)
- 143 – CRISTIANISMO X CONFUCIONISMO (1/12/2008)
- 144 – CRISTIANISMO X TAOÍSMO (8/12/2008)
- 145 – CRISTIANISMO X TEOSOFIA (15/12/2008)
- 146 – O MITO DO NASCIMENTO DE DEUS (22/12/2008)
- 147 – NASCIMENTO DO FILHO DE DEUS (29/12/2008)
- 148 – QUEM ENDEUSOU JESUS? (5/1/2009)
- 149 – POR QUE PAULO MITIFICOU JESUS? (12/1/2009)
- 150 – CONSTANTINO TORNOU-SE CRISTÃO? (19/1/2009)
- 151 – O HOMEM QUE INVENTOU CRISTO (26/1/2009)

- 152 –A PÁGINA NEGRA DO CRISTIANISMO (2/2/2009)
- 153 –O PAPA DO JESUS HISTÓRICO (9/2/2009)
- 154 –MAIS PROFECIAS HISTORICIZADAS (16/2/2009)
- 155 –INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA DOS MITOS (24/2/2009)
- 156 –JESUS É O OU UM SALVADOR? (2/3/2009)
- 157 –O DEUS JESUS: VERDADE OU MITO? (9/3/2009)
- 158 –PAULO FOI O APÓSTOLO DO AMOR? (16/3/2009)
- 159 –A FÉ CEGA PAULINA (23/3/2009)
- 160 –SALVAÇÃO PELA FÉ OU PELAS OBRAS? (30/3/2009)
- 161 –O SERMÃO DA MONTANHA (1/4/2009)
- 162 –SUMÁRIO DAS MATÉRIAS PUBLICADAS ATÉ A PRESENTE DATA (2/4/2009)
- 163 –ERROS DO CRISTIANISMO DOGMÁTICO (TÍTULO DE MEU NOVO LIVRO ECUMÊNICO, EM ANDAMENTO) (7/5/2009)
- 164 –O MAIOR ERRO DO CRISTIANISMO DOGMÁTICO (8/5/2009)
- 165 –CRISTO NÃO É DEUS (9/5/2009)
- 166 –A CEIA EUCARÍSTICA: RITO DE ANTROPOFAGIA E TEOFAGIA (10/5/2009)
- 167 –O PAPA É INFELÍVEL? (11/5/2009)
- 168 –METÁFORAS PARA FALAR DE DEUS (18/5/2009)
- 169 –ERROS DO CRISTIANISMO DOGMÁTICO (PREFÁCIO) (25/5/2009)
- 170 –O SEGUNDO MAIOR ERRO DO CRISTIANISMO DOGMÁTICO (1/6/2009)
- 171 –ERROS DO CRISTIANISMO DOGMÁTICO (INTRODUÇÃO) (8/6/2009)
- 172 –SALVAÇÃO X EVOLUÇÃO (15/6/2009)
- 173 –CRISTO ERROU (22/6/2009)
- 174 –A BÍBLIA CONDENA O ESPIRITISMO? (29/6/2009)
- 175 –OS ESPÍRITAS NÃO SÃO CRISTÃOS? (6/7/2009)
- 176 –POR QUE SE DIZ QUE LUTERO É A REENCARNAÇÃO DE PAULO? (13/7/2009)
- 177 –PALESTRA: FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO (20/7/2009)
- 178 –COMENTÁRIO AO *BLOG* DO PINHEIRO (18/7/2009)

-
- 179 – A CARIDADE NA VERDADE (CARTA ENCÍCLICA DE BENTO XVI) (27/7/2009)
- 180 – JESUS É NOSSO BODE EXPIATÓRIO? (3/8/2009)
- 181 – TEXTOS BÍBLICOS REENCARNACIONISTAS (10/8/2009)
- 182 – QUEM FUNDOU A IGREJA CATÓLICA? (17/8/2009)
- 183 – O SOFRIMENTO DE JESUS NA VISÃO ESPÍRITA (24/8/2009)
- 184 – DIÁLOGO ENTRE CATÓLICOS E ESPÍRITAS (TEMA: OBJEÇÕES À REENCARNAÇÃO) (31/8/2009)
- 185 – DIÁLOGO ENTRE CATÓLICOS E ESPÍRITAS (TEMA: A CEIA EUCARÍSTICA CATÓLICA) (4/9/2009)
- 186 – CATECISMO ECUMÊNICO (14/9/2009)
- 187 – A QUESTÃO DA VERDADE (18/9/2009)
- 188 – *BLOG DO PINHEIRO: UM ANO E MEIO DE ANIVERSÁRIO* (1/10/2009)
- 189 – CONCLUSÃO DO LIVRO CATECISMO ECUMÊNICO (1/10/2009)
- 190 – O MITO DA RESSURREIÇÃO DE LÁZARO (5/10/2009)
- 191 – ORIGEM PAGÃ DO CRISTIANISMO DOGMÁTICO (13/10/2009)
- 192 – CATECISMO ECUMÊNICO: APRESENTAÇÃO (19/10/2009)
- 193 – HÁ QUATRO CRISTOS (26/10/2009)
- 194 – O MITO DO DEUS HOMEM, JESUS (3/11/2009)
- 195 – JESUS FOI UM PROFETA APOCALÍPTICO? (9/11/2009)
- 196 – A RELIGIÃO DO FUTURO: AMOR A DEUS E AO PRÓXIMO (16/11/2009)
- 197 – ARGUMENTOS A FAVOR DA REENCARNAÇÃO (23/11/2009)
- 198 – ADORAR JESUS: CULTO DE IDOLATRIA (30/11/2009)
- 199 – INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA DA BÍBLIA (7/12/2009),
- 200 – VALOR DA INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA DOS MITOS (14/12/2009)
- 201 – O VERDADEIRO SENTIDO DO NATAL (17/12/2009)
- 202 – SUMÁRIO DAS MATÉRIAS PUBLICADAS ATÉ A PRESENTE DATA (27/12/2009)
- 203 – A IGREJA É A DONA DA VERDADE? (12/1/2010)
- 204 – O MITO DE NASCIMENTOS VIRGINAIS (16/1/2010)

- 205 – CRISTIANISMO EXCLUSIVISTA X CRISTIANISMO PLURALISTA (21/1/2010)
- 206 – VERDADE ABSOLUTA X VERDADE RELATIVA (27/1/2010)
- 207 – “CATÓLICOS CONSERVADORES” X “CATÓLICOS PROGRESSISTAS” (3/2/2010)
- 208 – O Credo APOSTÓLICO REFERE-SE AO JESUS HISTÓRICO? (10/2/2010)
- 209 – SEMELHANÇAS ENTRE CRISTO E OSÍRIS (19/2/2010)
- 210 – QUAL É A RELIGIÃO DE DEUS? (25/2/2010)
- 211 – A REENCARNAÇÃO É UM FATO (3/3/2010)
- 212 – 12 ANOS NAS CASAS DE Dom Bosco (10/3/2010)
- 213 – CONVITE LANÇAMENTO DE LIVRO (24/3/2010)
- 214 – BLOG DO PINHEIRO: SEGUNDO ANIVERSÁRIO (1/4/2010)
- 215 – CARTA CORAJOSA (12/4/2010)
- 216 – ALGUMAS FOTOS DO LANÇAMENTO DO LIVRO “CATECISMO ECUMÊNICO” (16/4/2010)
- 217 – “CATECISMO ECUMÊNICO”: ARTIGO DE PAULO EDUARDO MENDES (17/4/2010)
- 218 – MINIPALESTRA SOBRE O LIVRO “CATECISMO ECUMÊNICO” NA NOITE DE SEU LANÇAMENTO (21/4/2010)
- 219 – PALAVRAS DE SALIM IBRAIM SAID NA NOITE DE LANÇAMENTO DO LIVRO “CATECISMO ECUMÊNICO” (4/5/2010)
- 220 – APRESENTAÇÃO DO LIVRO “CATECISMO ECUMÊNICO” NA NOITE DE SEU LANÇAMENTO PELO JORNALISTA PAULO EDUARDO MENDES (16/4/2010)
- 221 – É O SANGUE DE CRISTO QUE NOS REDIME? (9/5/2010)
- 222 – O MITO DO “ESVAZIAMENTO” DE DEUS (14/5/2010)
- 223 – TRÊS PREGADORES APOCALÍPTICOS (17/5/2010)
- 224 – LANÇAMENTO DO ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DO CEARÁ (21/5/2010)
- 225 – FOTOS DO LANÇAMENTO DO ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DO CEARÁ (22/5/2010)
- 226 – A VERDADE É UMA SÓ (25/5/2010)
- 227 – “CREDO QUIA ABSURDUM”? (28/5/2010)

- 228 – A MAIOR PROVA DA REENCARNAÇÃO (8/6/2010)
- 229 – MAIS EVIDÊNCIAS A FAVOR DA REENCARNAÇÃO (16/6/2010)
- 230 – PROVAS FÍSICAS DA REENCARNAÇÃO (17/6/2010)
- 231 – JOSÉ SARAMAGO ERA ATEU? (21/6/2010)
- 232 – APRESENTAÇÃO DO LIVRO “ENCONTRO COMIGO” DE EDMILSON MICHILES (25/6/2010)
- 233 – O DOGMA DO PECADO ORIGINAL (30/6/2010)
- 234 – O INFERNO ETERNO EXISTE? (5/7/2010)
- 235 – CRIACIONISMO NÃO, EVOLUCIONISMO SIM! (8/7/2010)
- 236 – SENTIDOS DE “FILHO DO HOMEM” NA BÍBLIA (15/7/2010)
- 237 – MAIS PROVAS FÍSICAS DA REENCARNAÇÃO (23/7/2010)
- 238 – LEMBRANÇAS DE VIDAS PASSADAS: UMA VARIEDADE DE EXPLICAÇÕES (30/7/2010)
- 239 – PAULINISMO: a doutrina de Paulo em oposição à de Jesus (100 perguntas e respostas) (6/8/2010)
- 240 – A CAPA DO LIVRO “PAULINISMO” (8/8/2010)
- 241 – PAULINISMO: ALGUNS PONTOS POLÊMICOS (13/8/2010)
- 242 – AS 100 PERGUNTAS DO LIVRO “PAULINISMO” (22/8/2010)
- 243 – JESUS É UM E NÃO O SALVADOR (27/8/2010)
- 244 – PAULINISMO/PALESTRA (9/9/2010)
- 245 – FOTOS DO LANÇAMENTO DO LIVRO “PAULINISMO” (12/9/2010)
- 246 – PAULINISMO: UMA “RELIGIÃO DE MISTÉRIO” (17/9/2010)
- 247 – SOLICITAÇÃO DE LIVRO (20/9/2010)
- 248 – DEUS PODE SER HOMEM? (20/9/2010)
- 249 – COMENTÁRIO SOBRE O LIVRO “PAULINISMO” (27/9/2010)
- 250 – BLOG DO PINHEIRO: DOIS ANOS E MEIO DE ANIVERSÁRIO (1/10/2010)
- 251 – A VERDADE TRIUNFARÁ (7/10/2010)
- 252 – FREI BETO, SOBRE DILMA (12/10/2010)
- 253 – DEUS ESTÁ DENTRO DE NÓS (22/10/2010)
- 254 – O LIVRO “MENTIRAS SOBRE JESUS” (INTRODUÇÃO) (5/11/2010)
- 255 – O LIVRO “MENTIRAS SOBRE JESUS” (perguntas 1-3) (10/11/2010)

- 256 – PAULINISMO: ARTIGO DE PAULO EDUARDO MENDES
(13/11/2010)
- 257 – O LIVRO “MENTIRAS SOBRE JESUS” (PREFÁCIO)
(16/11/2010)
- 258 – O LIVRO “MENTIRAS SOBRE JESUS” (pergunta 4)
(18/11/2010)
- 259 – O LIVRO “MENTIRAS SOBRE JESUS” (perguntas 5-6)
(18/11/2010)
- 260 – UNICIDADE DA VERDADE (30/11/2010)